



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

JOSUEL STENIO DA PAIXÃO RIBEIRO

**TRAJETÓRIAS IMPROVÁVEIS: A INSERÇÃO AO MUNDO DO TRABALHO PARA
JOVENS DE UM CURSINHO COMUNITÁRIO DA PERIFERIA**

Campinas
2021

JOSUEL STENIO DA PAIXÃO RIBEIRO

***Trajetórias improváveis: a inserção ao mundo do trabalho para
jovens de um cursinho comunitário da periferia***

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Orientadora: Márcia de Paula Leite.

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA
PELO ALUNO JOSUEL STENIO DA PAIXÃO
RIBEIRO, E ORIENTADA PELA PROFA.
DRA. MÁRCIA DE PAULA LEITE.

Campinas
2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

R354t Ribeiro, Josuel Stenio da Paixão, 1983-
Trajetórias improváveis : a inserção ao mundo do trabalho para jovens de um cursinho comunitário da periferia / Josuel Stenio da Paixão Ribeiro. –
Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Márcia de Paula Leite.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Bourdieu, Pierre, 1930-2002. 2. Depoimento. 3. Mercado de trabalho. 4.
Capital social (Sociologia). 5. Capital cultural. 6. Estudantes - Emprego. 7.
Formação profissional. I. Leite, Márcia de Paula, 1948-. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Improbable trajectories : insertion into the world of work for young people from a community course in the periphery

Palavras-chave em inglês:

Testimony

Labor market

Social capital (Sociology)

Cultural capital

Students - Employment

Occupational training

Área de concentração: Ciências Sociais

Titulação: Doutor em Ciências Sociais

Banca examinadora:

Márcia de Paula Leite

Angela Maria Carneiro Araújo

Liliane Bordignon de Souza

André Luis Scantimburgo

André Pires

Data de defesa: 28-07-2021

Programa de Pós-Graduação: Ciências Sociais

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-5439-0102>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7030168073473074>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 28/07/2021, considerou o candidato Josuel Stenio da Paixão Ribeiro aprovado.

Profa. Dra. Márcia de Paula Leite
Profa. Dra. Ângela Maria Carneiro Araújo
Profa. Dra. Liliane Bordignon de Souza
Prof. Dr. André Luis Scantimburgo
Prof. Dr. André Pires

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Dedico este trabalho a todos os que insistem em lutar diariamente por trajetórias improváveis.

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho recebi, de diferentes pessoas, três bens imprescindíveis: informação, tempo e afeto. Contudo, contei em diferentes tempos e modos, com o apoio e auxílio de várias pessoas, algumas vinculadas ao meio acadêmico, outras não. Porém, a todas agradeço imensamente pela parceria.

Começo agradecendo aquele que sempre foi o meu maior suporte, minha inspiração, um homem que me ensinou desde cedo dois grandes valores: a persistência e a solidariedade, pois nunca recuou frente às adversidades e sempre se mostrou preocupado com o bem-estar do próximo em busca de um mundo mais justo e menos desigual. Perdê-lo durante este trabalho foi meu maior golpe e ainda tento me reerguer com base em sua primeira lição. Meu pai, Fernando José (Em memória), um grande homem de quem eu só tenho orgulho;

Agradeço também àquela que foi minha primeira professora e continua a me ensinar até hoje com sua paciência, carinho e afeto imensurável, minha querida mãe, Geronilda Paixão, que não apenas me ensinou as primeiras letras, mas me ensinou a amar me amando e sendo meu porto seguro;

A todos os meus irmãos e sobrinhos que fazem todas as minhas jornadas um pouco mais leves por me apoiarem;

A meus amigos de sempre, dentre eles em especial agradeço a Leonardo Milani e Leandro Rosa, sobretudo pelas discussões que desde a época da graduação são muito profícuas;

À minha querida esposa, Anie Caroline, agradeço a paciência e, mais que tudo, o carinho e incentivo que me fortalece. Uma vez que, sem este apoio, seria impossível a realização deste trabalho;

Ao meu garotinho Fernandinho, filho amado e alegria de minha vida, agradeço a sua existência que traz sentido a minha;

Quero agradecer também ao meu parceiro de doutorado José Douglas com quem dividi disciplinas, trabalhos, ideias, angústias e sonhos;

Meu imenso agradecimento a Rômulo Ornelas, Rozalvo Alves, Patrícia Milani e a toda coordenação do projeto CCP por me receber e serem extremamente prestativos e amigáveis, pessoas que fizeram deste trabalho possível, a quem sempre serei grato;

Aos ex-alunos do CCP que compartilharam suas vidas nos depoimentos para que este trabalho pudesse acontecer, não tenho palavras para dizer o quanto sou grato. Não colocarei seus nomes, pois nesta tese utilizei apenas pseudônimos para manter seus anonimatos;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, que financiou esta pesquisa sob o número de processo 140680/2016-0. Aqui ainda deixo claro a importância e a necessidade de se defender as agências de fomento para garantir a pluralidade e a permanência das mais diversas pesquisas e pesquisadores;

À Secretária do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH – por serem sempre muito prestativos, em especial a Beatriz Tiemi Suyama;

A todo o corpo docente do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Unicamp pelas contribuições ao longo desta jornada;

Agradeço à Professora Doutora Clélia Aparecida Martins por ter orientado minhas primeiras pesquisas, pelo tempo que me dispensou com prejuízo de vários dos seus fins de semana e pelos incentivos e motivações que me dirigiu em cada um de nossos encontros se tornando uma inspiração (Em memória);

À Professora Doutora Ana Maria Fonseca de Almeida, não apenas por suas contribuições na disciplina cursada, mas também pela atenção e colaboração empregadas na avaliação deste trabalho na qualificação;

Agradeço à Professora Doutora Ângela Maria Carneiro Araújo pela colaboração na banca de qualificação e defesa e atenção empregada neste trabalho e por todo incentivo neste caminhar;

Agradeço imensamente o pronto aceite dos professores Profa. Dra. Magda Barros Biavaschi; Prof. Dr. Jose Dari Krein e Prof. Dr. Luciano Pereira em estarem na suplência da banca.

A todos os demais professores que trouxeram contribuições muito ricas ao compor esta banca de defesa, Profa. Dra. Liliane Bordignon de Souza, Prof. Dr. André Luís Scantimburgo e Prof. Dr. André Pires, contribuições que serão levadas em considerações inclusive em trabalhos futuros.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à minha orientadora Professora Doutora Márcia de Paula Leite, a quem devo contribuições de extrema relevância, uma atenção

significativa e a quem eximo de qualquer erro conceitual ou falha preponderante que possa haver neste trabalho. Agradeço-lhe por sua crença neste trabalho enquanto ele era apenas uma ideia, pois sua disposição e incentivo o tornou efetivo, e os poucos, mas frutíferos encontros, foram-me muito úteis e por isso sou imensamente grato.

"tem que acreditar.
Desde cedo a mãe da gente fala assim:
'filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor.'
Aí passado alguns anos eu pensei:
como fazer duas vezes melhor, se você tá pelo menos cem vezes atrasado pela escravidão,
pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses...
por tudo que aconteceu. Duas vezes melhor como?
Ou melhora, ou você é o melhor ou o pior de uma vez.
E sempre foi assim.
Você vai escolher o que tiver mais perto de você,
o que tiver dentro da sua realidade.
Você vai ser duas vezes melhor como?
Quem inventou isso aí? [...]"

RACIONAIS MC'S

RESUMO

Esta tese diz respeito a uma análise da história social da vida de alunos com trajetórias improváveis. A partir da teoria de Pierre Bourdieu buscamos compreender como os ex-alunos de pré-vestibular comunitário da periferia da Grande São Paulo e egressos de graduações advindos de uma condição de desfavorecimento socioeconômico podem ou não superar os entraves impostos a partir do capital simbólico, que eles não detêm, como a superação ocorre, se de fato ela ocorre, sobretudo em relação a inserção no mercado de trabalho a estes ex-alunos que demonstram ser trajetórias improváveis. Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de depoimentos com entrevistas semiestruturadas, para tanto ouvi, sete egressos e três alunos do último ano de suas graduações, retornando a ouvi-los depois de formados, sendo sete homens e três mulheres, além dos membros fundadores do Cursinho Comunitário Pimentas. Esta tese foi realizada sob a perspectiva da teoria desenvolvida pelo sociólogo Pierre Bourdieu, com isso é fundamental conhecer o conceito de Capital Simbólico, que se caracteriza pelo reconhecimento que um agente social detém a partir da posse do conjunto de outros capitais. Compondo o Capital Simbólico estão o capital econômico, capital social e capital cultural que se desdobram na existência do *habitus*, que é estruturante e estruturado em um determinado campo social que, por sua vez, é sempre um campo de lutas de classes. Estes conceitos são trabalhados ao longo da tese, o que nos permite junto com os depoimentos confirmar nossa hipótese inicial, que a posse do capital simbólico é primordial para alcançar o sucesso no mundo do trabalho, assim como as trajetórias improváveis são mais frequentes quando os jovens se direcionam para o setor público por meio de concursos. Os jovens presentes nesta pesquisa demonstram ter trajetórias improváveis justamente porque conseguiram mudar seus “destinos” que seriam de mão-de-obra barata e pouca consciência de suas condições sociais, para cidadãos com comprometimento com a comunidade/sociedade e qualificação para o trabalho de modo que tiveram suas condições socioeconômica transformadas significativamente para melhor. Sendo assim, trata-se de uma análise sobre como as formas simbólicas dominantes na sociedade capitalista contemporânea podem orientar as expectativas da juventude e suas trajetórias de formação, reproduzindo ou resistindo aos caminhos pré-estabelecidos pela condição de origem. Dessa forma, esta pesquisa buscou, por meio dos depoimentos destes ex-alunos do Cursinho Comunitário Pimentas, compreender suas relações com os capitais mencionados, e quais as influências do CCP na formação destes alunos.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu; Depoimento; Mercado de trabalho; Capital Social; Capital Cultural; Estudantes – Emprego; Formação Profissional.

ABSTRACT

This thesis concerns an analysis of the social history of the lives of students with improbable trajectories. Based on Pierre Bourdieu's theory, we seek to understand how former community college entrance exam students from the periphery of Greater São Paulo and graduates from a socioeconomic disadvantaged condition may or may not overcome the obstacles imposed by symbolic capital, which they do not detain, as the overcoming occurs, if in fact it occurs, especially in relation to the insertion in the labor market of these ex-students who prove to be unlikely trajectories. This research was developed from testimonies with semi-structured interviews, for which I heard seven graduates and three students from the last year of their graduations, returning to hear them after graduation, seven men and three women, in addition to the founding members of the Cursinho Comunitário Pimentas. This thesis was carried out under the perspective of the theory developed by the sociologist Pierre Bourdieu, thus it is essential to know the concept of Symbolic Capital, which is characterized by the recognition that a social agent has from the possession of a set of other capitals. Composing Symbolic Capital are economic capital, social capital and cultural capital that unfold in the existence of the habitus, which is structuring and structured in a particular social field which, in turn, is always a field of class struggles. These concepts are worked on throughout the thesis, which allows us, together with the testimonies, to confirm our initial hypothesis, that the possession of symbolic capital is essential to achieve success in the world of work, as well as unlikely trajectories are more frequent when young people target the public sector through competitions. The young people present in this research demonstrate unlikely trajectories precisely because they managed to change their "destinies" from cheap labor and little awareness of their social conditions, to citizens with commitment to the community/society and qualification for work in a way who had their socioeconomic conditions significantly changed for the better. Thus, it is an analysis of how the dominant symbolic forms in contemporary capitalist society can guide the expectations of youth and their educational trajectories, reproducing or resisting the paths pre-established by their condition of origin. Thus, this research sought, through the testimonies of these former students of the Cursinho Comunitário Pimentas, to understand their relationships with the aforementioned capitals, and what are the influences of CCP in the training of these students.

Keywords: Pierre Bourdieu; Testimony; Job market; Share capital; Culture Capital; Students – Employment; Professional formation.

LISTA DE IMAGENS/ILUSTRAÇÃO

Imagem 1 – Frente da sede da Educafro São Paulo R. Riachuelo, 342 - Sé, São Paulo - SP, 01007-000, maio de 2019.....	56
Imagem 2 – Frente do Cursinho Comunitário Pimentas, Rua do Poente, 148 – Conjunto Marcos Freire - Guarulhos, - SP, 07263-721.....	57
Imagem 3 – Sala onde ocorreram as primeiras reuniões e aulas do CCP - I. Foto de 2014.....	60
Imagem 4 – Sala onde ocorreram as primeiras reuniões e aulas do CCP - II.....	61
Imagem 5 – Almoço de Sábado.....	64
Imagem 6 – Djamila Ribeiro em um encontro no CCP sobre Feminismo Negro....	73
Imagem 7 – Espaço destinado à separação dos reciclados.....	73
Imagem 8 – Voluntários cuidando da horta do CCP.....	74

QUADRO/TABELA

Tabela 1 – Diferença Salarial em Porcentagem.....	58
Quadro 1 – Quadro dos entrevistados	93

LISTA DE SIGLAS

CCP – Cursinho Comunitário Pimentas.

COVID-19 – Corona Vírus Disease.

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho.

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

ECA – Escola de Comunicação e Arte da USP.

EDUCAFRO – Educação para Afrodescendentes e Carentes.

FAPEPE – Faculdade de Presidente Prudente.

FGV – Fundação Getúlio Vargas.

FIES - Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior.

FUVEST – Fundação Universitária para o Vestibular.

IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

ITA – Instituto Tecnológico de Aeronáutica.

MACKENZIE – Universidade Presbiteriana Mackenzie.

OAB – ordem dos advogados do Brasil.

OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PEB-II – Professor de Educação Básica de Ensino Fundamental II e Médio.

PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego.

PROUNI – Programa Universidade para Todos.

PUC – Pontifícia Universidade Católica.

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

SISU - Sistema de Seleção Unificada.

SP – São Paulo.

SUS – Sistema Único de Saúde.

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos.

UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

UFABC - Universidade Federal do ABC.

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas.

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo.

UNIP – Universidade Paulista.

USP – Universidade de São Paulo.

SUMÁRIO

A – APRESENTAÇÃO MEMORIALÍSTICA	17
A.1 - Da infância à universidade.....	17
A.2 – A graduação.....	21
A.3 – A pós-graduação.....	23
B. INTRODUÇÃO	28
B.1 – Intencionalidade do trabalho	28
B.2 – Aspectos Teórico-Methodológicos	34
Capítulo I ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA TEORIA BOURDIEUSIANA	42
I.1 Capital Social e Campo	42
I.2 <i>Habitus</i>	53
Capítulo II CARACTERIZANDO O CCP – CURSINHO COMUNITÁRIO PIMENTAS –	56
II.1 Contextualizando a história do Cursinho Comunitário Pimentas (CCP).....	56
II.2 Entrevistas com o professor Rômulo, idealizador do Cursinho Comunitário Pimentas, com o professor Rozalvo, o mais antigo colaborador e com a psicóloga Patrícia Milani, voluntária desde a primeira turma.....	63
II.3 Sobre raças, vivências e percepções: delineando conceitos e seus contextos.	77
Capítulo III - DEPOIMENTOS	93
III.1 Depoimentos, ex-alunos/entrevistas semiestruturadas.....	93
III.2 Uma educação não reprodutora é possível? Sob quais condições?	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	151
Apêndice	158

I – Entrevistas com as lideranças	158
II – Depoimento dos ex-alunos do CCP	171
III – Entrevistas dos alunos que se encontram no último ano de graduação.....	219
IV – Entrevistas dos alunos que se encontravam no último ano em sua primeira entrevista, mas que agora estão formados.	232

A - APRESENTAÇÃO MEMORIALÍSTICA

Nesta seção procuro salientar o que há de mais significativo tanto em minha vida pregressa quanto em minha vida acadêmica no que se refere àquilo que me direcionou a esta pesquisa. Pois, esta tese investiga por meio de uma metodologia qualitativa como jovens ex-alunos de um pré-vestibular comunitário da “periferia da periferia” da cidade de Guarulhos, egressos de diversas universidades, saíram de uma vivência socioeconômica subalterna e de distanciamento do capital simbólico para uma condição de superação os colocando a serem identificados como trajetórias improváveis, sobretudo em um contexto de inserção no mercado de trabalho.

Com isso, para alcançar o objetivo desta seção foi necessário retratar um pouco de minha infância e por consequência a vida escolar e minha história no Cursinho Comunitário dos Pimentas, assim como, permear toda a trajetória da graduação e pós-graduação, o que me levou a conhecer, me identificar e querer compreender a teoria de Pierre Bourdieu.

A.1 – Da infância à universidade

Até este trabalho, eu nunca havia conseguido explicar por que não escolhi outra profissão dentre as tantas que há no catálogo (guia de profissões). Desde criança, o processo de aprendizado era a coisa mais intrigante que eu conseguia vislumbrar, tornar-me professor era como continuar no mesmo jogo, no movimento de ensino e aprendizado, mas, logo no fim de minha adolescência, comecei a questionar como poderia ensinar sem compreender as estruturas nas quais estava envolvido. E hoje, mais do que em qualquer outro período de minha vida, compreendo o porquê da escolha pelas Ciências Sociais, que ajudam a desnaturalizar a vida social em que sempre estive inserido, assim como este projeto que tem como proposta revelar as trajetórias improváveis de jovens que estavam fadados ao fracasso.

Faz-se relevante compreender o fato gerador da escolha pelo projeto de pesquisa proposto, a motivação de uma vida inteira. Como salienta Renato Ortiz, já na capa de seu livro *A Sociologia de Pierre Bourdieu*, ao citar Octávio Ianni, “todo intelectual tem um demônio e, sem essa presença obsessiva, seu trabalho seria inócuo”.

No meu caso, meu demônio é compreender como se estabelece e se perpetua a desigualdade social, imposta a mim e aos meus pares no que concerne a um grupo social

específico, “unidos” pelo desfavorecimento em uma sociedade dita democrática e meritocrática. E, desse modo, estabelecer os elementos de superação. Cabe salientar que este trabalho não tem a pretensão e nem as condições necessárias para responder as questões referentes à desigualdade e justiça social, assim como a questão de mérito, mas entender como ocorrem as trajetórias improváveis para o sucesso¹ de jovens estudantes certamente pode ser um alicerce para responder às questões anteriores em outros trabalhos futuros.

Nesta seção, procuro rememorar, em ordem cronológica, elementos biográficos que influenciaram meu desenvolvimento intelectual e a escolha pelo projeto em questão. Começo com algumas experiências da infância, passo pelos estudos do ensino fundamental e médio, pelo cursinho, pela graduação, pelos estudos de pós-graduação e, por fim, a inserção no mundo do trabalho (este último item já estava presente desde o ensino médio).

Negro, carregando na pele e na história de vida as marcas que decorrem desta condição, sou o sétimo e último filho de um casal pobre. Nasci em janeiro de 1983, na capital de Pernambuco, onde meu pai era trabalhador da construção civil e minha mãe dona de casa. Além das tarefas domésticas, ela exerceu por muitos anos, antes de meu nascimento, a função de auxiliar de enfermagem no Hospital da Restauração, um dos maiores do Nordeste brasileiro.

Embora tenha frequentado a pré-escola, fui alfabetizado por minha mãe, entre os cinco e seis anos de idade, quando “brincava” de “estudo escola” com um quadro negro, cadernos, alguns manuais e horários relativamente rígidos de estudos diários permitindo o reconhecimento e a reprodução de letras, palavras e operações numéricas. Desse modo, não tive dificuldades de aprendizado ao cursar os primeiros anos do ensino fundamental. Contudo, cursei duas vezes o segundo ano, porque minha família migrou-se de Pernambuco para São Paulo, transição que me fez sair da escola no segundo semestre por ocasião da mudança.

A mudança de estado foi uma alternativa na busca por uma vida melhor, uma vez que, no início do ano de 1992, minha família passava por uma forte crise financeira decorrente do desemprego e de uma crise que também era sistêmica². Essa migração trouxe para minha família uma melhora em relação ao momento de crise, mas ainda tínhamos uma condição de vida menos consistente do que a que tínhamos nos anos oitenta, e essa nova

¹ Nesta tese a ideia de sucesso quando não especificada aparece como êxito não só no mundo do trabalho, mas como um reconhecimento de que os envolvidos se encontram felizes dentro de sua conjuntura de modo consciente, pois alcançaram posições que antes seria difícil e conhecem da importância de suas ações.

² Uma crise sistêmica pode ser caracterizada pelo estado de incerteza ou declínio de uma estrutura, para compreender melhor a crise em que o Brasil passava em 1992 ler: BALTAR, P. E. A. Estagnação da economia, abertura e crise do emprego urbano no Brasil, Economia e Sociedade, Campinas, 75-111, jun. 1996.

conjuntura influenciou diretamente meu desenvolvimento intelectual e escolar no ensino fundamental, inclusive com certo afastamento do acompanhamento direto existente anteriormente pela minha mãe, que nesse momento se desdobrava com outras preocupações mais imediatas.

Vivendo na periferia de Guarulhos e frequentando a escola do mesmo bairro em que morava, não encontrei dificuldades para acompanhar o currículo proposto, porém a escola pouco oferecia a seus alunos e pouco exigia deles. Mesmo sendo apenas uma criança, eu já observava a precariedade do ensino da escola em que era aluno, mas isso não incomodava, mesmo sendo tão evidente, apenas me envaidecia por acreditar ser acima da média, de tal modo que em uma ocasião a professora, que aqui chamarei de Gláucia, para preservar sua identidade, disse que morávamos dentro do globo terrestre e eu, observando o erro patente, perguntei como poderíamos morar dentro do globo e ter a incidência dos raios solares em nossa pele (não com essas palavras exatamente). A professora Gláucia pediu licença e voltou uns cinco minutinhos depois assumindo que foi pedir “consultoria” à professora da sala ao lado que sabia um pouco mais de Ciências.

O incontestável é que eu não era acima da média, no entanto, a vantagem que eu tinha sobre os meus pares e a facilidade em desenvolver as atividades de um segundo ano de um ensino fundamental precário provinha do fato de não ter sido negligenciado no momento inicial da alfabetização. Porém, esse foi exatamente o marco temporal em que começa a falta de cuidado efetivo em minha formação intelectual e educacional, sobretudo no que concerne à responsabilidade do Estado.

Cabe salientar que, quanto mais o tempo passava, mais os signos e símbolos exigidos no campo escolar menos faziam sentido, assim como eram menos familiares para mim.

Ao chegar ao ensino médio, mesmo com todas as deficiências que o colégio demonstrava ter, como a falta frequente de professores, por exemplo, eu amava o processo educacional e nutri um desejo de não sair da escola e de fazer diferença enquanto professor.

Embora houvesse uma aspiração em ser professor, pode-se dizer que, mesmo no último ano do ensino médio, eu ainda não sabia como fazer do sonho uma realidade. Acreditava que existia apenas um caminho possível e este passava por trabalhar e, com dificuldade, pagar a graduação de um curso de Licenciatura (no caso Licenciatura de História).

O trabalho já fazia parte de minha vida há algum tempo e por diversas vezes era ajudante de meu pai em suas atividades, como quando fui servente de pedreiro na construção de parte da Penitenciária II "Desembargador Adriano Marrey" de Guarulhos. Na época estava acabando o Ensino Fundamental e iniciando o Ensino Médio, não recebia nenhuma remuneração pelo trabalho, porém sabia que meu pai precisava de ajudante e “não” poderia me eximir. Meu maior aprendizado da época foi que não queria ser presidiário ou pedreiro.

Foi no segundo semestre do segundo ano, porém, que eu comecei a trabalhar de forma remunerada. Ironicamente, esse momento de “passagem” da adolescência e de um mundo mais lúdico para a vida adulta e em um contexto de mais responsabilidades ocorreu em uma famosa fábrica de brinquedos, onde fui contratado como “jovem aprendiz” com uma remuneração pífia de R\$65,00 (sessenta e cinco reais). Na época, o salário-mínimo era de R\$180,00 (cento e oitenta reais).

No final do terceiro ano do Ensino Médio, o trabalho assalariado era minha atividade principal. Ajudante geral no setor de carregamento de uma grande transportadora localizada na cidade de Guarulhos, eu trabalhava no período noturno, entrava às 21h e saía às 06h, indo direto para a escola.

Mesmo trabalhando, eu não tinha como pagar o curso de graduação em licenciatura, visto que meu salário era baixo e, após pagar a mensalidade, sobraria apenas R\$ 5,00 (cinco reais), o que não custearia nem mesmo dois dias completos de transporte entre a residência de meus pais e a faculdade. Ao final do terceiro ano, por intermédio de minha professora da disciplina de História, descobri a existência de universidades públicas em tempo de fazer a inscrição no vestibular, mas não com tempo hábil de me preparar. Em dezembro de 2001, prestei o vestibular, sem sucesso.

Coincidentemente, no início do ano de 2002, chegou ao meu conhecimento que, no mesmo bairro em que eu morava, dois professores estavam criando um cursinho comunitário sem fins lucrativos, vinculado à Educafro – Educação para Afrodescendentes e Carentes –, um movimento social que tem como principal objetivo a luta pela inserção de jovens carentes na educação superior. Já no primeiro dia de formação do cursinho, eu estava presente discutindo as melhores formas de funcionamento daquele novo projeto que demonstrava ser colaborativo e democrático.

Da experiência malograda do vestibular surgia a ambição em superá-la e, logo nos primeiros dias de cursinho, a certeza de que iria precisar ser muito disciplinado para tanto.

Assim nascia um grupo de estudos formado com mais três amigos, agora com desejos e necessidades comuns: passar no vestibular. Minha rotina mudaria consideravelmente.

Meus dias, semanas e meses seguintes ficaram distribuídos da seguinte forma: por trabalhar no período noturno, eu acordava às 19h, jantava rapidamente e saía para trabalhar no centro de Guarulhos em uma transportadora onde exercia a função de ajudante geral. Saía do trabalho às 6h da manhã, passava em casa, tomava café e um banho, e logo às 8h da manhã, depois de caminhar por pouco mais de dois quilômetros, me juntava a meus amigos na residência de um deles e estudava até 12h. Antes das 13h eu já estava em casa almoçando, visto que tinha que ir dormir até as 14h para levantar às 19h e começar tudo outra vez, exceto aos sábados, quando saía do trabalho e me dirigia direto ao cursinho onde permanecia até às 17h. Aos domingos, o cursinho funcionava das 8h às 12h.

No final do ano de 2002, meus esforços não foram correspondidos com a vaga tão esperada na universidade pública. Contudo, além de alguns alunos do CCP terem passado no vestibular um de meus amigos do grupo de estudo semanal ingressou na UNESP, fato que indicou que estávamos no caminho certo. No ano de 2003, minha rotina continuou a mesma, mas acumulei o papel de coordenador dos grupos de estudos que haviam se formado entre os alunos do cursinho. Também passei a ministrar as aulas de história, visto que conseguia as melhores notas da disciplina nos simulados e o cursinho estava com essa necessidade.

Os vestibulares do final de 2003 proporcionaram-me resultados satisfatórios. Eu ingressei na UNESP no campus de Marília. Essa é a parte que eu chamo de contradição. O paradoxo estava formado: alegria por ter chegado à Universidade Pública, de um lado, e, de outro, preocupação de saber que quase todos de minha casa estavam desempregados, inclusive eu, que havia saído do trabalho havia dois meses. Apenas minha irmã mais nova estava empregada. Sem poder contar com a ajuda financeira de minha família e sem nenhuma reserva econômica, tudo que eu tinha, além da passagem, eram R\$ 150,00 (pouco mais da metade de R\$ 240,00, salário-mínimo da época). Então foi com uma quantia irrisória, uma mala e “um sonho” que me mudei para Marília.

A.2 A graduação

Ao chegar à UNESP de Marília, para cursar a graduação em Ciências Sociais, logo percebi que não poderia pleitear a bolsa moradia e a bolsa auxílio concomitantemente.

Tendo que escolher entre uma das duas, solicitei a bolsa auxílio por me permitir usar parte do dinheiro para pagar o aluguel na república em que morava e parte para custear a alimentação. Mesmo sendo um valor muito baixo, a bolsa auxílio me possibilitou mais do que sobreviver, abriu-me o caminho para a pesquisa.

Logo no primeiro ano, comecei uma pareceria com a Prof.^a Dra. Clélia Aparecida Martins que perdurou até o final de minha graduação. Vinculada à bolsa de apoio ao estudante, em 2004, desenvolvemos uma pesquisa intitulada *Uma análise da temática 'paternalismo' nos direitos humanos na filosofia de Habermas*, a qual duraria até final de 2005, possibilitando a apresentação de diversos trabalhos em eventos científicos.

Ainda no ano de 2005, tive a felicidade e o desafio de ser membro-fundador do Grupo de Pesquisa "*Filosofia contemporânea: Habermas*" vinculado ao *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq*, liderado pela Dra. Clélia Aparecida Martins.

Nos anos de 2006 e 2007, já ligado ao *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq*, desenvolvi uma pesquisa intitulada *Ontologia e política na fundamentação dos direitos humanos*, ainda sob a orientação da Prof.^a Dra. Clélia Aparecida Martins. Essa pesquisa nos proporcionou bons frutos, dentre eles a continuidade com uma nova pesquisa com o nome de "*Fundamentação Filosófica dos Direitos Humanos*", financiada também pelo *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq*, durante parte do ano de 2007 e ano de 2008.

Finalizada a Licenciatura em Ciências Sociais, em dezembro de 2007, iniciava-se um novo processo com o Bacharelado durante o ano de 2008, ano em que defendi a monografia "*Direitos Humanos e Sociedades Pós-convencionais: Conceitos Interdependentes?*" também com a supervisão da Prof.^a Dra. Clélia Aparecida Martins.

Contudo, devido à dificuldade em pagar as contas necessárias para me manter na universidade, a partir de meados do terceiro ano de graduação, comecei um estágio como educador social na prefeitura de Marília-SP, em um horário reduzido de 4h diárias de trabalho e salário reduzido de pouco mais de um terço do salário-mínimo da época.

Mesmo com todas as dificuldades inerentes às condições socioeconômicas em que estava inserido nos anos de graduação, fui extremamente atuante, fiz diversos cursos de formação complementar, publiquei 03 artigos em revistas científicas da área, além de alguns trabalhos (completos e resumos expandidos) em eventos científicos, assim como apresentei

vários trabalhos em eventos. Ainda participei de um segundo grupo de estudos atrelado ao programa de educação sobre direitos fundamentais e educação.

Nos dois primeiros anos de graduação, costumava viajar para Guarulhos quase todos os meses, o que permitia que o vínculo com o Cursinho Comunitário Pimentas se mantivesse forte, porém, nos três últimos anos, minhas idas se restringiram a aproximadamente duas por ano, nas férias de julho e dezembro quando o cursinho costumava estar em recesso. Isso fez com que eu me afastasse do projeto, embora ainda mantivesse contato com alguns de seus voluntários.

A.3 A pós-graduação

No ano seguinte da graduação (2009), desvinculei-me parcialmente da Prof.^a Dra. Clélia Aparecida Martins, porque ela era do departamento de filosofia e passei no processo seletivo do mestrado em Ciências Sociais na UNESP de Marília, onde tive como orientador o Prof. Dr. Aloísio Almeida Schumacher. Igualmente, pude contar com ótimas conversas sobre o tema com outros professores do departamento de Sociologia para a realização do trabalho “*Políticas públicas e direitos humanos em Jürgen Habermas*” que obtive, a partir da metade do segundo ano, financiamento pelo *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq*.

Em 2011, buscando outras conexões e possibilidades de compreensão e de ensino das Ciências Sociais, iniciei uma especialização no Ensino de Sociologia pela Universidade de São Paulo-USP, tendo como orientadora a Prof.^a Dra. Carmen Silvia Andriolli que me conduziu no trabalho intitulado “*Racismo, Preconceito e Discriminação: uma questão de aprendizado*” defendido no ano de 2012. Esse trabalho foi a realização de uma intencionalidade antiga de pensar a questão racial e os suportes das relações de preconceito e discriminação.

Nesse período de pós-graduação, participei de cursos de formação complementar. Escrevi artigos em revistas científicas da área, apresentei trabalhos em eventos científicos e participei de eventos científicos.

Sendo um período de muito aprendizado, foi uma época também de muito trabalho, tanto na pesquisa quanto na docência, pois, no ano de 2009, além de começar o mestrado, iniciei minha carreira como professor.

Trabalhei o primeiro ano (2009) como professor temporário e professor substituto da rede pública. Nesse mesmo ano, no segundo semestre, comecei a trabalhar na FAPEPE – Faculdade de Presidente Prudente, faculdade em que atuei até fim de 2015, quando pedi demissão por não ser possível conciliar com o doutorado na Unicamp, que comecei no ano de 2016 na cidade de Campinas. Por uma questão de autoformação, sempre busquei trabalhar a cada ano com cursos e disciplinas diferentes das anteriores.

No ano de 2011, passei em primeiro lugar na região de Presidente Prudente no concurso PEB-II (professor de educação básica – Ensino Médio) em Sociologia. Escolhi a Escola Tanel Abbud por ser uma escola física e “ideologicamente” mais aberta à comunidade. Seguindo a perspectiva de um ensino e aprendizado voltado à coletividade, no início de 2011, orientei um projeto premiado de cunho filosófico junto aos alunos dessa unidade com o tema “*A caverna não pode ser na escola*”, que visava ao desenvolvimento do protagonismo juvenil motivado por estudos de Sociologia e Filosofia a partir da realidade dos alunos.

Recebi alguns prêmios pelo trabalho desenvolvido na escola e com discentes da FAPEPE. Dentre eles, nesse período, recebi da Câmara Municipal de Presidente Prudente congratulações pelo trabalho como Professor e Sociólogo no município de Presidente Prudente. Iguais a esses vieram outros reconhecimentos pelo trabalho, porém essas conquistas foram frutos de trabalhos árduos e uma dedicação que exigia quase meu tempo integral.

Contudo, quando terminei o mestrado, senti que havia duas necessidades mais imediatas, a primeira financeira e afetiva, porque precisava conquistar uma condição mais confortável, como mobiliar a casa, comprar um carro e apoiar integralmente os estudos de minha esposa. A segunda, adquirir experiência profissional e maturidade no trato com a(s) teoria(s) e com o(s) método(s) para só depois buscar o meu grande sonho que era o doutorado e, posteriormente, à docência em uma universidade pública.

Nesse momento, eu me reaproximei de um autor a quem fora apresentado ainda na graduação. E tem sido a principal orientação teórica para esta tese.

Ainda no final do segundo ano de graduação, iniciei um diálogo silencioso com o sociólogo e filósofo francês Pierre Bourdieu, diálogo que ficou adormecido até depois do fim

do mestrado. Naquele primeiro contato com um capítulo do livro “Os Herdeiros” fiquei muito impressionado com a leitura perspicaz e genuína que Bourdieu fez da sociedade atual, sobretudo, do sistema de ensino. Ao mesmo tempo, fiquei muito temeroso de dar sequência às leituras sobre esse autor, em razão de ele me parecer muito pessimista quanto às possibilidades de superação para uma emancipação “social-intelectual”, o que me afetaria diretamente³. Contudo, a grandeza do trabalho de Bourdieu, mesmo que em um único capítulo, não me deixaria esquecê-lo, até porque a postura de um intelectual deve sempre ser de investigação em detrimento das primeiras impressões.

Sendo minha obsessão compreender como se estabelece e se perpetua a desigualdade social imposta a mim e aos meus pares no que concerne a um grupo social específico, unidos pelo desfavorecimento em uma sociedade dita democrática e meritocrática, mas que impõe aos mais pobres e discriminados uma vida de falta de oportunidades passei a pensar sobre a temática das trajetórias improváveis. Desse modo, a preocupação em compreender a história social da vida egressa estudantil e a inserção ao mundo do trabalho para jovens de um cursinho comunitário da periferia que tiveram trajetórias improváveis se tornou meu objeto de pesquisa.

Em o *Método científico e a hierarquia social dos objetos* (1975), publicado no primeiro número de *ARSS* e citado em *Escritos de Educação* (2015, p. 08), fica evidente a concepção crítica que Bourdieu tem sobre como se constituem as escolhas dos objetos, sendo essa crítica aquilo que também corrobora minha escolha, uma escolha despreocupada em satisfazer mecanismos ideológicos, mas não alheia a eles,

a definição dominante das coisas boas de se dizer e dos temas dignos de interesse é um dos mecanismos ideológicos que fazem com que coisas também muito boas de se dizer não sejam ditas e com que temas não menos dignos de interesse não interessem a ninguém, ou só possam ser tratados de modo envergonhado ou viciosos.

Assim, depois de mergulhar com maior profundidade nas leituras de Bourdieu, descobri que algumas de minhas impressões não eram verossímeis, mas que, de fato, a teoria e método desse autor, um dos mais representativos e influentes de nosso tempo, é de extrema importância para a compreensão das sociedades complexas, tanto em um plano

³ É interessante observar que algumas leituras de Bourdieu no Brasil, são como a de Saviani, que não vê espaço de disputa nas teorias que nomeou de crítico-reprodutivistas (movimento intelectual nascido na Europa, sobretudo na França, nas décadas de 1960 e 1970 com uma orientação crítica especialmente sob a perspectiva intelectual marxista). Diferente dessa leitura existem outras das quais eu me aproximo como é o caso de Maria Alice Nogueira, que entende que Bourdieu vai além da crítica a reprodução e propõe elementos à emancipação.

macroestrutural, quanto em um plano microestrutural, e reler sua teoria na busca por compreender a sociedade em que vivo se tornou minha necessidade.

Torna-se relevante observar que a análise sociológica de Bourdieu também parte da educação e que a escola e as instituições de ensino são centrais, “a escola figura em toda a sua análise sociológica como ponto fulcral das dinâmicas de reprodução social e de dominação simbólica” (MENDES; SEIXAS, 2003, p. 103).

Acredito ser pertinente comentar de forma breve como retomei o contato com o CCP e qual a minha situação atuação atual com a tese finalizada, sobretudo com relação ao trabalho.

Assim que fui aprovado no doutorado me mudei para a cidade de Campinas/SP, o que me deixou mais perto de minha família, 135km de distância, bem mais próximo do que os 600km anteriores, motivando um número maior de viagens e visitas aos meus pais e sogros que moram no distrito dos Pimentas⁴.

Com isso, passei a frequentar o CCP umas duas vezes ao mês, antes de iniciar o trabalho de coleta de dados, primeiro porque é um ambiente que me traz muita saudade e havia alguns anos que eu não frequentava porque só podia ir aos Pimentas em épocas em que o pré-vestibular se encontrava de férias, segundo porque me permitiria compreender quais metodologias seria mais bem adequada ao início da pesquisa.

Devo acrescentar que este foi um período muito profícuo para o desenvolvimento das ações e estudos primários da pesquisa, além de se reaproximar de velhos amigos e de meus familiares. Pude estar perto fisicamente de meu pai por quase dois anos, já que éramos bastante ligados, um presente, pois ele faleceu quando eu estava no início do terceiro ano do doutorado.

Mesmo tendo sido um momento muito difícil, pós falecimento de meu pai, lembro com prazer de em vida homenageá-lo dando o seu nome ao neto que ele não chegaria a conhecer, mas chegou a saber que em breve meu filho carregaria o nome de Fernando.

Todas essas mudanças trouxeram impacto significativo a continuidade da tese, depois de um certo tempo retomei a pesquisa, inclusive para horar todo o incentivo que ele (meu pai) sempre me proporcionou.

⁴ Pimentas é um distrito de Guarulhos que é comumente chamado de bairro.

Em relação ao trabalho, durante o período de doutorado eu trabalhei como professor PEB-II de Sociologia para o ensino médio na rede pública de São Paulo em que sou concursado, no último ano assumi a coordenação pedagógica da mesma escola. Agora com a pesquisa finalizada buscarei outras possibilidades de trabalho, inclusive na iniciativa privada enquanto os concursos para uma melhor colocação estiverem escassos.

B. INTRODUÇÃO

Na introdução deste trabalho procuro demonstrar o porquê é importante conhecer e compreender como ocorrem as trajetórias improváveis de jovens que alcançam sucesso em áreas que são inimagináveis.

Com isso, apresento brevemente Pierre Bourdieu e qual a metodologia que foi utilizada ao longo da tese, sendo esta desenvolvida como uma resposta as necessidades da pesquisa.

B.1 Intencionalidade do trabalho

Este trabalho, antes de tudo, também é uma forma de buscar ler como ocorrem as trajetórias improváveis de jovens que estariam fadados ao fracasso escolar/educacional. Para tanto, buscamos trabalhar com Bourdieu que, ao longo de sua trajetória de vida e intelectual, denunciou as formas de reprodução da desigualdade.

Passeron, parceiro de Bourdieu, em uma de suas mais importantes obras *Os herdeiros*, que tem por subtítulo *Os estudantes e a cultura*, ao descrever a motivação em escrever o livro, disse:

[...] no total, foi a associação entre um desejo de [realizar] pesquisa científica e uma vontade de esvaziar a ilusão pedagógica dominante na França, as representações da escola, que haviam suscitado em nós a organização de um programa de pesquisas sobre as desigualdades de chances escolares e sobre os fatores sociais e culturais da sua perpetuação [...] (2004, p. 23).

Não apenas esse livro, mas boa parte da obra de Bourdieu é na realidade uma reação ao que Passeron chamou de ilusão pedagógica e, sobretudo, sobre os fatores sociais e culturais que perpetuam a desigualdade.

Pierre Bourdieu nasceu em agosto de 1930, em Denguin, interior da França. Faleceu em janeiro de 2002, aos setenta e um anos, em Paris, capital francesa. Filho de camponeses, trilhou os caminhos mais improváveis para atingir o sucesso acadêmico e graduar-se em Filosofia no ano de 1954 na Escola Normal Superior. Passou por todos os níveis da docência até alcançar o magistério superior no mais renomado instituto de ensino

superior da França, o Collège de France. Escreveu trinta e sete livros e mais de quatrocentos artigos.

Sua teoria busca compreender as estruturas sociais e como elas sustentam a hierarquia de um ou mais grupos sociais em relação a outros. Procurando evidenciar e validar suas descobertas teóricas, de modo rigoroso, ele desenvolve diversos conceitos que serão apropriados por sociólogos e antropólogos de todo o mundo: conceitos como o de Capital Cultural, Capital Econômico e Capital Social, que compõem o Capital Simbólico, além de conceitos como de Campo, Espaço Social, *Habitus* e Violência Simbólica, entre outros, que, de alguma forma, podem aparecer de modo isolado, mesmo sendo interdependentes.

Sendo um dos cientistas sociais mais bem sucedidos de todos os tempos, Bourdieu tem em sua trajetória de vida um exemplo de superação e de batalhas vencidas dentro de um campo social que não era o seu. Fazendo uso dos mecanismos que antes seriam para sua própria dominação, ou seja, dominando a cultura que é entendida como a adequada, Bourdieu denunciou todo um sistema de capital simbólico.

O capital simbólico pode ser compreendido como o conjunto de outras formas de capital, ou seja, a junção de capital econômico, cultural e social. Assim, tudo aquilo que proporciona reconhecimento social, que proporciona vantagens nas relações sociais, de algum modo, contribui para a composição do capital simbólico.

Nesse sentido, o capital econômico engloba as propriedades (recursos financeiros) que o indivíduo possui, tais como terras e cartas de crédito (recursos patrimoniais), que possam proporcionar rendas.

Já o capital cultural, engendra-se, ao longo do tempo, por meio do ensino-aprendizagem, de um modo sutil ou não, podendo ainda ser informal, transmitido pela família e pelo círculo social do indivíduo ou formalmente transmitido pelo sistema escolar que, ao longo do tempo, passa a ser um *habitus*⁵.

Esse modelo de capital cultural apresenta-se de três formas distintas e complementares, embora não exista uma obrigatoriedade de coexistência. A primeira, em estado objetivo, é caracterizada pelos bens culturais materiais, como livros, máquinas, obras de arte e instrumentos diversos que, de algum modo, tenham potencialidade de proporcionar

5 Desse modo, “*Habitus* é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano” (SETTON, 2002, p. 63).

um conhecimento específico; a segunda está ligada ao estado incorporado, que corresponde ao modo de conduta e domínio das ações e regras sociais, concedendo àquele que o detém uma vantagem sobre os demais ou uma condição de destaque como, por exemplo, o uso tido como adequado da linguagem ou do corpo; por fim, o estado institucionalizado, que nada mais é do que os títulos institucionais adquiridos ao longo da vida⁶. Mesmo não sendo uma regra, o capital cultural geralmente está associado ao capital econômico.

Ainda para compor o capital simbólico, temos o capital social que nada mais é que as conexões sociais estabelecidas, como amizades, contatos de trabalho, familiares, entre outros. Quanto mais renomado e mais valorizado esse capital pode ser, mais vantagens são possíveis de ele auferir. Desse modo, devemos observar que as vantagens adquiridas com as correlações sociais também dependem da quantidade e da influência das conexões existentes que podem ser constituídas de modo consciente como um investimento, ou formando-se inconscientemente, sem pretensões.

A teoria e o método de Pierre Bourdieu demonstram-se de fundamental importância para a compreensão das sociedades complexas, tanto em um plano macroestrutural quanto microestrutural.

Desse modo, entendemos que é possível fazer uma leitura da realidade informada, da história/contexto dos alunos do “Cursinho Comunitário Pimentas” do bairro dos Pimentas a partir da teoria de Bourdieu. Localizado na periferia de Guarulhos, seus alunos também tinham suas esperanças frustradas pela imposição de suas condições sociais. No entanto, contrariando todas as expectativas, conseguiram ascender às melhores universidades do Brasil.

Investigamos como foi a trajetória de formação até a graduação para aqueles que foram alunos do cursinho Pimentas, assim como buscamos dimensionar o grau de dificuldade para a inserção no mundo do trabalho depois de egressos da graduação. Considerando os conceitos desenvolvidos por Bourdieu e as condições de existência desses jovens da periferia de Guarulhos, a hipótese inicial se confirmou, pois as melhoras mais relevantes na vida e no que se refere à inserção no mercado de trabalho dos ex-alunos do CCP acontecem quando estes se direcionam para o setor público, principalmente por meio de concurso, ou seja, as melhoras menos significativas acontecem quando há uma maior dependência de setor privado,

⁶ Esta discussão aparece em BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Afrânio Catani e Maria Alice Nogueira (Orgs.) Petrópolis: Vozes, pp 73-79, 1998. Assim como aparece em Bourdieu, Pierre. “The Forms of Capital.” 1986, pp. 241-258.

especialmente porque existe uma necessidade em portar capitais em maior quantidade e valor, principalmente o capital social.

Com isso, uma das preocupações desta pesquisa consiste em observar e identificar os motivos dos sucessos ou insucessos posteriores aos cursos de graduação dos alunos que cursaram seu pré-vestibular no cursinho comunitário Pimentas. Dessa forma, consideramos a trajetória dos ex-alunos do Cursinho Comunitário Pimentas (CCP), como eles enfrentaram as condições de desfavorecimento socioeconômico para alcançar melhores oportunidades no mercado de trabalho.

Em busca de superar a condição desfavorável imposta a jovens que cresceram na “periferia da periferia” da cidade de Guarulhos (SP), um cursinho comunitário foi idealizado por dois professores de uma escola pública da região. A proposta ganhou corpo quando se agregou a sonhos de diversos jovens. No dia 14 de janeiro de 2002, foi lavrada a ata de fundação do Cursinho Comunitário Pimentas.

Desde o seu surgimento, o Cursinho já tornou possível a centenas de estudantes carentes o ingresso em algumas das melhores universidades do país, como a USP, UNICAMP, UNESP, UFSCar, UNIFESP, entre outras.

Ainda é relevante ressaltar que daqueles que ingressaram em universidades privadas – de alto renome como PUC, Mackenzie e FGV – quase em sua totalidade possuem bolsas integrais.

É de conhecimento comum que historicamente o maior número dos estudantes das universidades públicas (consideradas as melhores por meio dos índices oficiais) são oriundos de escolas privadas, sendo detentores de maior poder aquisitivo, tendo acesso a recursos que lhes garantem sucesso escolar e acesso às instituições de renome do ensino superior do país. Essa informação é corroborada pela criação da Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, chamada informalmente de lei de cotas que obrigou que dessa data até 2016 as universidades, institutos e centros federais reservem metade de suas vagas a candidatos cotistas, advindos de escolas públicas, ainda seguindo critérios raciais e de renda.

O que a lei de cotas por si só não esclarece é o que buscamos investigar a partir da teoria de Pierre Bourdieu, ou seja, como os ex-alunos do CCP e egressos de graduações advindos de uma condição de desfavorecimento⁷ socioeconômico podem ou não superar os

⁷ É importante ter em mente que em sociedades democráticas de direito não deve haver espaço para a existência de favorecidos e por consequência desfavorecidos.

entraves impostos a partir do capital simbólico, que eles não detêm, como a superação ocorre, se de fato ela ocorre, sobretudo em relação a inserção no mercado de trabalho a estes ex-alunos que demonstram ser trajetórias improváveis.

Como Bourdieu representa um dos cientistas sociais mais significativos de todos os tempos, faz-se importante pesquisarmos se sua teoria permite compreender a questão social e educacional desse grupo de ex-alunos do CCP a partir da amostragem selecionada. Desse modo,

a prática é trazida para o território de confronto entre, de um lado, um contexto definidor das condições sociais de produção do *habitus* que as engendrou e, de outro, uma conjuntura das condições de operação desse mesmo *habitus*, representando um estado particular do contexto. Apesar de se haver ampliado o terreno de surpresa, ora dotado de uma espécie de contingência previsível em certa medida, o *habitus* estaria na raiz das possibilidades de apreensão dessa matriz de práticas de um grupo ou de uma classe, assimilável ao que Bourdieu define como lei imanente, internalizada por cada agente por meio de sua primeira educação (MICELI, 2003, p. 71).

Nesse sentido, o *habitus* e o capital simbólico que proporciona o poder simbólico é de extrema importância, tendo em vista justamente a função de manutenção do *status quo* e de assegurar a pouca possibilidade de mobilidade social.

Daí, então, a categoria de poder simbólico, definida como a habilidade para conservar ou transformar a realidade social pela formação de suas representações, isto é, pela inculcação de instrumentos cognitivos de construção da realidade que escondem ou iluminam suas arbitrariedades inerentes, toma o centro do palco (WACQUANT, 2002, p. 99).

Por conseguinte, é indispensável compreender como se estabelecem os objetos de dominação por meio de elementos que se demonstram tão sutis que mesmo o dominado os reproduz e os defende de modo a nem os perceber. O reconhecimento, a denúncia e a elaboração de mecanismos de superação cabem principalmente aos intelectuais, aqueles que têm por “natureza” o papel de teorizar, investigar e muitas vezes o papel de propor.

Esse intelectual deve cumprir primeiramente funções negativas, críticas, trabalhando para produzir e disseminar instrumentos de defesa contra a dominação simbólica armada atualmente, o mais das vezes, pela autoridade da ciência; forte pela competência e autoridade do coletivo reunido, ele pode submeter o discurso dominante a uma crítica lógica, mas também à argumentação, e em particular ao uso das metáforas; pode submetê-lo a uma crítica sociológica que prolonga a primeira, trazendo à luz os determinantes que pesam nos produtores do discurso dominante (BOURDIEU, 2001b, p. 39).

Fica explícita a defesa que Bourdieu faz do intelectual como um homem público, inclusive com o dever da luta social, sobretudo, a partir das novas formas assumidas pela dominação. Nesse contexto, ainda podemos observar que

o modelo teórico não se apresenta aí acompanhado de todos os signos nos quais comumente reconhecemos a "grande teoria", a começar pela ausência de qualquer referência a uma realidade empírica qualquer. As noções de espaço social, de espaço simbólico ou de classe social não são, nunca, examinadas em si mesmas e por si mesmas; são utilizadas e postas à prova em uma pesquisa inseparavelmente teórica e empírica (BOURDIEU, 2008, p. 14).

É exatamente com essa proposição de estabelecer elementos de compreensão crítica da realidade que a pesquisa presente propõe uma releitura da teoria de Pierre Bourdieu, tendo como aporte o trabalho de campo junto aos ex-alunos do Cursinho Comunitário Pimentas.

O capital simbólico é composto por diversas outras formas de capital que estão presentes inclusive na própria academia, que busca dar legalidade e legitimidade ao processo de inculcação de signos e significados, podendo corroborar o processo de dominação, embora também seja da universidade o dever de promover uma crítica social que possa expor e/ou criar elementos de emancipação.

É o que fica evidenciado no texto de Bourdieu “*Para uma sociologia da ciência*” quando este retrata a relação existente no campo científico:

O espaço das posições, quando percebido através de um *habitus* adaptado (competente, dotado do senso do jogo), funciona como um espaço de possíveis, das formas possíveis de fazer ciência, entre as quais se pode fazer uma escolha; cada um dos agentes envolvidos no campo tem uma percepção prática das diferentes realizações da ciência, que funciona como uma problemática. Essa, percepção, essa visão, varia segundo as disposições dos agentes e é mais ou menos completa, mais ou menos ampla; pode deixar de lado – classificar como sem interesse ou sem importância – e desprezar alguns setores (as revoluções científicas têm, muitas vezes, como consequência a transformação da hierarquia das importâncias) (BOURDIEU, 2004, pp 85-86).

Nesse sentido, existe um problema substancial que norteia esta pesquisa: a partir da vida social e processo de formação desses jovens, compreender como ocorreu a inserção no mundo do trabalho de alunos oriundos de um cursinho pré-vestibular comunitário da periferia da grande São Paulo e hoje egressos das consideradas melhores universidades do país que tiveram trajetórias improváveis.

Nesse espaço, ainda podemos salientar a análise da interlocução educação/trabalho por meio da teoria bourdieusiana, correlacionando de forma minuciosa a teoria de Bourdieu e a sua relação intrínseca com a prática.

Desse modo, o objetivo específico desta tese é analisar a trajetória de formação dos alunos oriundos do cursinho comunitário que por sua vez são trajetórias improváveis, a partir de seus próprios relatos e do conceito de capital simbólico. E, ainda a partir dos conceitos desenvolvidos por Bourdieu, observar quais os motivos dos sucessos ou insucessos na inserção no mercado de trabalho, posterior aos cursos de graduação, dos alunos que cursaram seu pré-vestibular no Cursinho Comunitário Pimentas, localizado na periferia de Guarulhos.

B.2 Aspectos Teórico-Methodológicos

Tomou-se como pressuposto para esta pesquisa a definição de Minayo e Sanches (1993, p. 240) de que “o conhecimento científico é sempre uma busca de articulação entre uma teoria e a realidade empírica; o método é o fio condutor para se formular esta articulação. O método tem, pois, uma função fundamental”. Assim, entende-se que a metodologia empregada deve ser definida a partir da necessidade de que a pesquisa apresente, para responder às questões existentes, tanto as que deram início à investigação, quanto as que surgiram no decorrer do trabalho.

Partindo do significado do vocábulo *método*, que tem sua origem no grego e significa caminho para se chegar a um fim, a primeira tarefa desta tese foi definir de modo claro o problema e em que consiste o objeto de estudo.

De modo geral, o método científico pode ser definido como aquele que inclui uma evidência empírica, experimentação (isto é, a manipulação proposital de um dado ou de eventos a fim de se aferir seus efeitos), e o uso de uma lógica indutiva – inferência de uma afirmação mais geral a partir de um acontecimento particular, geralmente uma observação – ou dedutiva – inferência que segue necessariamente de uma premissa a uma conclusão (COUTINHO, 2006, p. 66).

Desse modo, a preocupação primária consistia em responder à seguinte questão: Considerando a trajetória dos ex-alunos do CCP, como eles enfrentaram as condições de

desfavorecimento socioeconômico e do distanciamento do capital simbólico para alcançar melhores oportunidades no mercado de trabalho?

A partir dessa questão inicial e de um conhecimento prévio sobre o encaminhamento de vida de muitos dos ex-alunos do CCP foi possível estabelecer como hipótese que melhoras mais significativas nas possibilidades de inserção no mercado de trabalho ocorrem quando esses ex-alunos se dirigem para o setor público, sobretudo, via concurso, sendo uma melhora menos efetiva quando dependem do setor privado para se colocar no mercado de trabalho.

Em um primeiro momento, procuramos fazer uma pesquisa bibliográfica sobre os principais trabalhos científicos já realizados em relação ao tema e às questões correlatas, como Capital Cultural, Capital Econômico, Capital Social, Capital Simbólico, Campo, Espaço Social e *Habitus*.

Já a tarefa de coleta de dados ora foi simples, ora um pouco mais complicada. Inicialmente cabe destacar que houve muita colaboração da coordenação do cursinho e de todos lá envolvidos, permitindo o acesso ao livro ata, às dependências de modo geral, predispondo-se a participar das entrevistas, entre outras necessidades mais imediatas. Contudo, os dados dos contatos (como telefones e endereços) dos ex-alunos dos anos menos recentes foram extraviados e não houve uma preocupação da coordenação do cursinho em recuperá-los, com a justificativa de que o relevante era saber que, ao longo dos anos, muitos jovens e adultos foram beneficiados com a existência do pré-vestibular, cabendo a eles a iniciativa ou não de voltar a procurar o cursinho durante a graduação e/ou depois de formados, seja como voluntário ou mesmo para motivar os alunos.

Dessa forma, alguns nomes foram indicados pelos coordenadores, que foram entrevistados primeiro (prof. Rômulo e prof. Rozalvo com quem tratei sobre o contexto de formação e manutenção do cursinho). A partir deles, escolhi de modo aleatório alguns nomes, o que suscitou a possibilidade de trabalhar a partir do sistema de rede. Esse sistema considera “todas ou algumas unidades sociais (indivíduos ou grupos) com as quais um indivíduo particular ou um grupo está em contato” (BOTT, 1976, p. 299) aproximando o pesquisador de seu objeto. Essa prática demonstrou-se a mais indicada devido à falta de documentos em que se encontrassem todos os ex-alunos.

Em uma conversa com o professor Rozalvo, no início desta pesquisa, em 28-02-2016, ele disse que uns dois anos antes da criação do Cursinho Pimentas havia pedido

transferência para a E.E. Pimentas II, uma das mais desprestigiadas da região, justamente para tentar fazer a diferença para quem mais precisava. Essa conversa, além de trazer à memória a época de quando era aluno dessa mesma escola, trouxe a preocupação de tornar tudo a respeito da pesquisa, que é familiar, em algo estranho, ou seja, fazer um esforço em direção a um olhar sem pré-juízos, sem antecipar julgamentos, e, por outro lado, em transformar tudo que é novo e estranho no campo desta pesquisa em algo familiar, mas sempre buscando o máximo de isenção possível nas análises presentes.

Seguir esse pressuposto é se manter enquanto um pesquisador que preza em garantir um trabalho sem vícios e com o distanciamento necessário como indica o Antropólogo François Laplantine

Nossa abordagem, que consiste antes em nos surpreender com aquilo que nos é mais familiar (aquilo que vivemos cotidianamente na sociedade na qual nascemos) e em tornar mais familiar aquilo que nos é estranho (os comportamentos, as crenças, os costumes das sociedades que não são as nossas, mas nas quais poderíamos ter nascido) (2003, p. 19).

Embora este trabalho tenha as suas particularidades metodológicas que diferem das práticas apresentadas por Laplantine ao descrever os procedimentos antropológicos para uma etnografia, procuramos colocar em prática a busca pelo distanciamento de tudo que já era conhecido e nos aproximar do que era desconhecido, considerando a nossa proximidade com o objeto estudado.

O olhar distanciado, exterior, diferente, do estranho, é inclusive a condição que torna possível a compreensão das lógicas que escapam aos atores sociais. Ao familiarizar-se com o que de início parecia estranho, o etnólogo vai tornar estranho para esses atores o que lhes parecia familiar. (LAPLANTINE, 2003, p.150).

Buscamos, então, a partir da observação e da interação com os primeiros ex-alunos com quem falei e com os coordenadores, chegar a outros ex-alunos que tivessem disponibilidade para o depoimento com os quais eu ainda não tinha contato. Algumas vezes as indicações eram as mesmas, mas partindo de pessoas diferentes, não conseguimos entrevistar todos, e por isso, as escolhas continuaram aleatórias dentre os contatos que eu tinha. Cabe deixar claro que não havia nenhum critério para selecionar os depoentes, a não ser serem ex-alunos do CCP e graduados ou no último ano de suas respectivas graduações, e os informantes sabiam que todas as histórias, independentemente de seus desfechos, eram significativas para a pesquisa.

Contudo, no início escolhemos fazer uso das redes sociais para uma primeira aproximação com os ex-alunos. Os primeiros contatos ocorreram inicialmente pelo Facebook, em que é mantido um grupo (de ex-alunos que estão na graduação ou já são formados) com pouco mais de duzentos e cinquenta membros, dos quais um grande número é de ex-alunos que também já terminaram suas graduações e estão no mercado de trabalho, objeto desta pesquisa.

Apenas para aqueles já graduados enviamos, de modo aleatório, cinquenta questionários, com algumas questões primárias referentes à formação e inserção no mercado de trabalho. No entanto, só houve o retorno de sete desses questionários, entre 25 de março e 25 de abril de 2017, número que, embora possa parecer baixo, é significativo tendo em vista que experiências de outros pesquisadores também indicaram muitas dificuldades em ter retorno de questionários via Internet⁸.

Esse primeiro questionário com sete devolutivas foi relevante para repensar alguns aspectos da abordagem da pesquisa e a necessidade de compreender como esses jovens vivenciavam e compreendiam suas experiências de formação educacional e inserção no mundo do trabalho. Para tanto, fez-se necessário acessar a subjetividade intrínseca ao contexto de vida e as relações desses jovens com todos que nela exerciam papel de relevância.

Nesse momento da pesquisa, tivemos que fazer a escolha entre trabalhar com História de Vida ou Depoimento e optamos por trabalhar com “Depoimentos” pelo caráter singular da experiência em que se transformou o CCP ao longo de sua existência. O modo como buscamos realizar as tomadas de depoimentos pode facilmente se confundir com a forma que Marconi e Lakatos fazem suas definições de trabalho com a técnica de história de vida:

A história de vida tenta obter dados relativos à experiência íntima de alguém que tenha significado importante para o conhecimento do objeto em estudo.

Por meio dessa técnica, procuram-se captar as reações espontâneas do entrevistado, em face de certos acontecimentos fundamentais de sua vida (MARCONI e LAKATOS, 1999, p. 135).

⁸ Castro (2012, p. 103), por exemplo, em um trabalho muito reconhecido sobre o impacto da flexibilização do trabalho nas trajetórias dos profissionais de TI, teve um retorno de 137 questionários de um universo possível de 7.817; embora esse número representasse 1,7% do total, esse retorno foi fundamental para sua pesquisa, mesmo não tendo sido sua única fonte de dados.

Contudo, por mais que o contexto da história de vida de todos os entrevistados seja relevante, e tudo que foi mencionado nas entrevistas foi considerado na construção da tese, cabe esclarecer que a técnica de história de vida ocorre por meio de sucessivas entrevistas que buscam reconstituir de modo global a vida dos entrevistados. No caso desta pesquisa, as entrevistas foram semiestruturadas, procurando garantir a compreensão de aspectos específicos da entrada no mercado de trabalho dos jovens ex-alunos do CCP, caracterizando-se como depoimentos.

Queiroz entende que o depoimento está na condição de entrevista que “supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador” (1988, p. 20) em que o tema é escolhido pelo pesquisador.

Se, na história de vida, o entrevistado não segue um roteiro de questões, pelo contrário, é ele quem direciona a narrativa de sua vida, a fim de que em um dado momento o contexto de sua história se entrecruze com o objeto/necessidade da pesquisa, no depoimento, o roteiro é prévio e o pesquisador, o guia da entrevista. Sendo assim, o que configura a diferença entre história de vida e depoimento é a “forma específica de agir do pesquisador ao utilizar cada uma destas técnicas, durante o diálogo com o informante. Ao colher um depoimento, o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador” (QUEIROZ, 1988, p. 21).

Isso ocorre porque o depoimento pode se esgotar em uma única visita, a história de vida não; enquanto o primeiro pode ser roteirizado pelo pesquisador, o segundo não; e se na história de vida “é o narrador que assume o personagem de timoneiro pois o que interessa é a experiência do informante [...] é ele quem conduz o barco”, no depoimento, por diversas vezes, “o pesquisador é o timoneiro num mar que ele conhece bem, pois presenciou, foi testemunha, experimentou. Assim, interfere, interrompe, faz perguntas e julga a oportunidade ou não do que está sendo dito” (HELOANI e CAPITÃO, 2007. p. 30).

Uma vez que conhecíamos de modo íntimo a rotina do cursinho e de muito de seus membros ao longo do tempo, o que permitia indagações que vislumbrassem responder de modo mais adequado as questões da pesquisa, escolhemos os depoimentos. Também acreditamos que, via depoimentos, seria possível entrevistar um maior número de ex-alunos e assim encontrar as similaridades e divergências existentes em suas histórias, o que pode revelar informações importantes para compreender suas inserções no mercado de trabalho.

Como dito anteriormente, os depoimentos ocorrem via entrevistas e, em nosso caso, optamos pelas entrevistas semiestruturadas para os ex-alunos, que combinam perguntas

abertas e fechadas, possibilitando ao entrevistado ter uma maior condição de indicar e responder questões que nem mesmo foram feitas, embora exista certo número de perguntas pré-estabelecidas e, inclusive, tendo perguntas adicionais de acordo com o desenrolar das entrevistas.

Com os coordenadores fundadores do CCP, a opção foi por entrevistas não estruturadas, ou seja, não houve um roteiro prévio, apenas questões iniciais que motivaram a discussão.

As entrevistas mais comumente utilizadas nas pesquisas qualitativas são as semiestruturadas e as não-estruturadas. A opção por uma delas está relacionada com o nível de diretividade que o pesquisador pretende seguir, variando desde a entrevista na qual o entrevistador introduz o tema da pesquisa e deixa o entrevistado livre para discorrer sobre o mesmo, fazendo apenas interferências pontuais (FRASER; GONDIM, 2004, p.144).

Ainda considerando que trabalhar com entrevistas semiestruturadas não é uma tarefa simples, devido à necessidade de manter ao mesmo tempo conexões formais e informais com os entrevistados, buscamos sempre deixar claro que as questões que eram apenas para nortear a pesquisa, mas que eles (os entrevistados) poderiam estar posicionando informações e contextos que achassem interessante por algum motivo, sem se aterem necessariamente às questões, “de forma a ‘provocar’ um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigado e academicamente relevante” mesmo compreendendo que essa “é uma tarefa bem mais complexa do que parece à primeira vista” (DUARTE, 2004, p. 216).

No entanto, ainda cabe observar as vantagens em trabalhar em pesquisas qualitativas com entrevistas semiestruturadas,

[...] uma delas é a de favorecer a relação intersubjetiva do entrevistador com o entrevistado, e, por meio das trocas verbais e não verbais que se estabelecem neste contexto de interação, permitir uma melhor compreensão dos significados, dos valores e das opiniões dos atores sociais a respeito de situações e vivências pessoais (FRASER; GONDIM, 2004, p. 140).

É importante salientar, porém, que este trabalho em nenhum momento se preocupou em ser o porta-voz daqueles que concederam entrevistas, considerando que

[...] um “mito” muito comum relacionado ao uso de entrevistas na pesquisa de campo é o de que elas servem para legitimar a fala de interlocutores com pouco poder social ou para “dar voz” a comunidades silenciadas, oprimidas, vítimas de arbitrariedades etc. Essa é uma ideia enganosa: por mais engajado, politizado e sensível aos problemas sociais que um pesquisador

seja, ele é o idealizador e o condutor de um trabalho científico, construído a partir de regras e pressupostos definidos à revelia do contexto social que ele analisa (DUARTE, 2004, p. 217).

Portanto, não é objetivo desta pesquisa ser a “caixa de ressonância” das ideias dos indivíduos envolvidos, mas de fazer uma análise consistente e profissional, embora não possa ser isenta de paixões, sendo nossa preocupação não confundir o discurso dos entrevistados com a análise sociológica que requer um rigor acadêmico. E mesmo entendendo que não exista uma neutralidade científica, compreendemos também que existe a necessidade de uma busca incessante por ela⁹.

Assim, tomar depoimentos como fonte de investigação implica extrair daquilo que é subjetivo e pessoal neles o que nos permite pensar a dimensão coletiva, isto é, que nos permite compreender a lógica das relações que se estabelecem (estabeleceram) no interior dos grupos sociais dos quais o entrevistado participa (participou), em um determinado tempo e lugar (DUARTE, 2002, p. 148).

Sendo este trabalho de base qualitativa, o número de entrevistados e de entrevistas foi definido no decorrer das análises do material coletado nos depoimentos, a partir do momento em que começaram a ocorrer recorrências das informações, ou seja, chegamos ao “ponto de saturação”, identificando padrões; isso porque “a partir de um determinado número de entrevistas percebe-se o esgotamento das respostas quando elas tendem a se repetir e novas entrevistas não oferecem ganho qualitativo adicional para a compreensão do fenômeno estudado” (FRASER; GONDIM, 2004, p. 147).

Do mesmo modo que Ribeiro (2008, p. 141), compreendemos a entrevista como:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

Nesta pesquisa, os depoimentos consideraram as vidas dos depoentes (no que se refere à formação profissional) e os contextos em que eles estavam inseridos, deixando os entrevistados livres para comentar sobre o que quisessem, mesmo sobre aquilo que não foi

⁹ A ciência não consegue ser neutra pois é fruto de perspectivas sociais e históricas, além de, está atrelada ao pesquisador, mas é dever deste ter consciência de seu papel e de seu lugar neste contexto e buscar se afastar de análises viciadas e agir com rigor metodológico para contribuir de forma idônea ao debate científico, por isso, a busca constante, ainda que inalcançável pela neutralidade.

perguntado, embora existindo um direcionamento para o momento de suas vidas, que de algum modo interferiu em sua inserção no mundo do trabalho.

Para tanto, a metodologia empregada neste trabalho é primordialmente qualitativa. A pesquisa qualitativa assume diversos significados e, portanto, várias definições no campo das ciências sociais. Tal fato ocorre porque abarca diferentes técnicas interpretativas que buscam compreender e explicar os componentes de um sistema complexo de significados, tendo por objetivo revelar o sentido dos fenômenos do mundo social, reduzindo ainda os possíveis distanciamentos entre dados, teoria e contextos da ação.

Para Martins (2004, p. 292), “é preciso esclarecer, antes de mais nada, que as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais”. Nesse caso, buscamos, com a análise da trajetória de formação educacional (acadêmica e egressa) dos alunos oriundos do Cursinho Comunitário Pimentas, interpretar os vínculos entre dados e fatos, signos e significados, conhecimento teórico e fenômeno.

Os dados objetivos, como documentos (digitados, manuscritos e fotográficos) do Cursinho Comunitário Pimentas e dos alunos egressos do cursinho, foram analisados na medida em que tínhamos acesso eles.

I. ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA TEORIA BOURDIEUSIANA

Dedico este capítulo a desvelar os principais conceitos da teoria bourdieusiana no que se refere à necessidade imposta por este trabalho, na elucidação do problema em questão. Mas, cabe evidenciar que são também conceitos centrais na obra de Bourdieu, sendo eles os conceitos de Capital Social, Campo e *Habitus*, contudo, na tese apresentada relaciono por diversas vezes outros conceitos que ratificam e dão validades a estes, assim como estes também são bases de sustentação aos demais conceitos.

I.1 Capital Social e Campo

Bourdieu não pensa o capital apenas como o valor material estando atrelado diretamente e tão somente ao valor econômico. “Na verdade, é impossível explicar a estrutura e o funcionamento do mundo social a menos que reintroduzamos o capital em todas as suas formas e não apenas na forma reconhecida pela teoria econômica. (BOURDIEU, 1986, p. 242). Para sua teoria, é preciso também considerar o capital como tudo que atribui valor e ganho, de modo consciente ou não, a um indivíduo ou grupo em suas relações sociais.

Segundo Valle (2008, p. 104-105),

um dos elementos fundadores da sociologia do poder simbólico é o *capital*. [...] existem diferentes espécies de capital e não apenas o *capital econômico* no sentido estrito (riqueza material, dinheiro, bens, valores simbólicos); *capital social* (ligado ao acesso durável de uma rede de relações ou ao fato de pertencer a um grupo estável, no qual o indivíduo pode mobilizar suas estratégias e multiplicar seu capital inicial); *capital cultural* (constituído pelos saberes, competências e outras aquisições culturais, esse capital revela as desigualdades de desempenho segundo a classe social de origem); *capital simbólico* (representado pela acumulação do prestígio e das honrarias, esse capital assinala as diferenças e reafirma a distinção de classes sociais); *capital linguístico* (a variedade linguística do grupo dominante se impõe como marca de prestígio, qualificando a maneira de falar e de se expressar dos dominados); *capital escolar* (exemplo da distribuição diferenciada dos diversos capitais, contribui com a legitimação e reprodução da posição no espaço social. A maior ou menor posse desses capitais oferece os meios de conversão em outros capitais, mas também as possibilidades de sua multiplicação e transmissão.

O capital social é muito significativo porque ele é um balizador de todos os demais capitais, materiais ou não, uma vez que o espaço frequentado e as associações feitas entre as pessoas dependem literalmente de seu capital econômico, simbólico, cultural etc., de

forma concomitante ou não, e frequentar o mesmo espaço e/ou ter interesses comuns é aquilo que forma o capital social, pois esse pode ser um recurso de trocas recíprocas dentro de um grupo munido de bens.

Por exemplo, ao tratar do campo científico,

segundo Kropf & Ferreira (1998), na concepção de Bourdieu, a ideia de um capital social permite justamente compreender como os cientistas se posicionam desigualmente no campo científico. A partir destas posições, eles assumem diferentes movimentações nesse campo, investindo seu capital científico de forma a ocupar novas posições (ARAÚJO; ALVES; CRUZ, 2009, p. 36).

Com isso, podemos entender que o *capital social* nada mais é do que as relações sociais que podem proporcionar vantagens e ganhos de outros capitais, ou seja, são relações que podem ser capitalizadas.

Enquanto as posições de poder definem o espaço social, é o espaço social que, de certa forma, regula as oportunidades e trajetórias dos indivíduos e grupos em um movimento cíclico. Assim a família e as instituições de ensino são primordiais para a manutenção e a consagração das divisões sociais; a primeira, pelo seu papel na socialização e inserção do indivíduo nos grupos dos quais faz parte, e a segunda, pela reprodução e a legitimação do capital simbólico/cultural considerável aceitável por todos.

Sato (2012), em seu estudo, se coloca a analisar alguns aspectos que compõem a herança familiar a partir das influências nas trajetórias escolares de ingressos da Universidade Federal de Santa Catarina. Chega a concluir que a proximidade com os espaços de formação educacional, assim como o valor que as famílias atribuem ao sistema de educação, favorece diretamente o trânsito dos seus descendentes na escola e, sobretudo, no acesso às instituições de ensino superior mais concorridas e de maiores qualidades, que, no caso brasileiro, quase em sua totalidade são universidades públicas.

Esta pesquisa colabora com a compreensão de que as formas de se relacionar com o saber são diversas e vão sendo construídas ao longo da vida a partir das interações sociais, tendo a família papel fundamental não apenas na socialização primária, mas nas interlocuções que pode fazer em toda socialização secundária¹⁰ que ocorre por toda a vida. Com isso,

¹⁰ Socialização Primária: consiste nos primeiros momentos de socialização, na etapa da vida em que a criança começa a incorporar valores com sua família/tutores, esta ocorre na primeira infância, nos primeiros anos de vida, geralmente atrelada aos ensinamentos sociais básicos de interação. Socialização Secundária: por sua vez é aquela que ocorre durante toda vida posterior a socialização primária, começa quando a criança passa a interagir

integrantes de famílias de reduzido capital cultural tendem a ter uma relação com as obras de cultura veiculadas pela escola como algo distante, que requer muito esforço para a compreensão, algo laborioso, de alto grau de dificuldade, enquanto, para os indivíduos de origem de meios culturalmente privilegiados, a relação existente é inversa, é permeada pela “naturalidade” em que os conceitos escolares se apresentam, proporcionando facilidade e aparente desenvoltura e elegância no desenvolvimento e na apropriação dos conteúdos escolares.

Esta maneira desigual de se relacionar com os conhecimentos interfere nas representações dos alunos ao longo dos diferentes processos de aprendizagem, com consequências imediatas sobre a avaliação escolar, ainda mais porque, consciente ou inconscientemente, os agentes das instituições organizam os métodos e meios utilizados, objetivando determinados resultados. As famílias que concebem com mais clareza as regras desse jogo educativo (*illusio*) fazem uso de estratégias para que seus descendentes respondam com maior habilidade e competência ao que a escola espera (SATO, 2012, p. 03).

Desse modo, alguns estudiosos compreendem que as instituições educacionais exercem um papel muito maior na reprodução da desigualdade do que de transformação. Não são um aporte por si só à mobilidade social, ou seja, podemos entender que a mobilidade social pelo acesso à educação em instituições para esse fim não garante o sucesso. Pelo contrário, “esses espaços contribuem mais fortemente para a preservação do que para uma ascensão dos grupos menos favorecidos econômica e culturalmente” (SATO, 2012, p. 03).

E tudo isso ocorre porque a escola cobra aquilo que faz parte da cultura dos grupos hegemônicos, que por sua vez se faz extremamente complexo ser desenvolvido apenas no ambiente escolar, pois para o aprendizado com maior fluidez existe uma dependência em relação ao capital cultural incorporado, que demanda uma relação muito forte com o *habitus* e a sua forma de aquisição/inculcação.

A maioria das propriedades do capital cultural pode ser deduzida do fato de que, em seu estado fundamental, ele está ligado ao corpo e pressupõe incorporação. A acumulação do capital cultural em estado incorporado, ou seja, na forma daquilo que se chama cultura, *Bildung*, pressupõe um processo de incorporação, que, por envolver um trabalho de insinuação e assimilação, custa tempo, tempo esse que precisa ser investido pessoalmente pelo investidor (BOURDIEU, 1997, p. 244).

Os capitais embora não sejam subordinados uns aos outros, podem ter uma intercorrelação, pois geralmente quem detém mais de um capital também mantém outros em maior quantidade, principalmente quando se trata de capital econômico e cultural.

No caso da pesquisa com os calouros da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, ficou evidenciado que o capital econômico da família é preponderante para o acesso à instituição, uma vez que, no ano de 2010, 71% dos ingressantes eram originários de famílias com renda superior a dois salários-mínimos. Sendo que 21% tinham renda familiar superior a dez salários-mínimos, chegando a ser um percentual três vezes maior do que aqueles que têm famílias com renda de até dois salários-mínimos, apenas 7%, considerando ainda que 22% não responderam ao questionário aplicado aos calouros. Esse é um indicativo de que o *capital econômico* da família muitas vezes viabiliza e promove outros *capitais*, como o cultural, o social e o simbólico.

Nesse modelo explicativo do caso dos alunos ingressantes na UFSC, uma das formas de análise parte do capital econômico, como demonstrado acima, porém, não se restringe a ele. Sabe-se que, embora haja correlações, não existe uma interdependência de um capital em relação a outro, ou mesmo uma hierarquia. Também se observou, sob a ótica do capital social e cultural das famílias, responsáveis diretas pela herança desses capitais, que, quando incorporados aos mais jovens, tais capitais colaboram com a formação do *habitus*.

Ainda em tempo se faz importante esclarecer do porquê Bourdieu escolheu o termo *habitus*:

Por que ir buscar essa velha palavra? Porque essa noção de *habitus* permite enunciar algo que se apresenta ao que a noção de hábito evoca, distinguindo-se desta num ponto essencial. O *habitus*, como diz a palavra, é aquilo que se adquiriu, mas que se encarnou no corpo de modo durável sob a forma de disposições permanentes. Essa noção lembra então, de maneira constante, que se refere a algo de histórico, ligado à história individual, e que se inscreve num modo de pensamento genético, em oposição a modos de pensamento essencialistas [...]. Aliás, a escolástica designava também com o nome de *habitus* algo como uma propriedade, um capital. (BOURDIEU, 1983, p. 105).

Além do conceito de *habitus* o uso do termo herança é muito comum na obra de Bourdieu, adquirindo condição de conceito, que não difere de seu sentido genérico, patrimônio deixado por alguém aos seus descendentes, contudo agrega valor ao significado original quando atribui ao patrimônio herdado não apenas o que se relaciona a capital

econômico, mas também o conjunto de bens culturais e sociais que é passado de geração para geração, ou seja, os *habitus* também são considerados heranças.

Cabe salientar que o livro *Os herdeiros*, que tem por subtítulo *Os estudantes e a cultura*, é na verdade um ensaio que se baseia em pesquisas desenvolvidas por Bourdieu e Passeron com a contribuição de alguns outros pesquisadores, em ampla maioria orientandos, e de alguns professores universitários que tiveram uma participação colaborativa. Esses professores, além de repassar os questionários em suas classes, também fizeram pesquisas “paralelas”. Tal foi o caso de Marcel Maget professor em Dijon; Paul de Gaudemar, em Toulouse; Jean-René Tréanton, em Lille, e Guy Vincent professor em Lyon, todos chegaram à conclusão de que a origem do estudante influencia sua trajetória de sucesso ou insucesso.

O livro busca romper com as ideias presentes na época, e que ainda são reproduzidas nos dias atuais, de que as aptidões dos indivíduos, a motivação e o interesse são o que determina o fracasso ou sucesso na vida escolar.

O livro se distancia também dos trabalhos realizados no *Institut national d'études démographiques* (Ined) [Instituto Nacional de Estudos Demográficos] por Alain Girard e Henri Bastide, que seguiam um coorte de alunos desde o final dos estudos secundários e que insistiam sobre a vontade ou falta de vontade das famílias entre os fatores de sucesso ou fracasso escolar (ALMEIDA; PEROSA; ERNICA, 2015, p. 184).

Tanto *Os herdeiros* quanto *A reprodução*, livros escritos em parceria com Passeron, questionam a ideia da escola democrática em seus diversos níveis, inclusive o ensino superior, pois até então não se pensava no modelo formal de ensino como estruturas de reprodução da desigualdade.

Mendes e Seixas, ao discutirem o processo de reprodução, afirmam que “a escola e a família aparecem como duas instituições aliadas, como cúmplices no processo de reprodução social das famílias e, por conseguinte, no processo de reprodução social alargada” (2012, p. 104).

Assim se evidencia a importância que tem a estrutura do espaço social e, consequentemente, a noção de classe social na teoria bourdieusiana, sendo a análise de Bourdieu sobre o espaço social estruturalista construtivista, pois não nega a perspectiva objetivista que entende as condições objetivas como sendo aquelas que estruturam as práticas individuais, assim como não nega o subjetivismo que parte da experiência primeira do

indivíduo, do papel ativo do sujeito na criação e modificação de suas representações do objeto do conhecimento.

Enquanto o estruturalismo denota uma relação de dependência do indivíduo à estrutura, o construtivismo indica que o conhecimento se forma pela interação entre o meio físico e social, a partir das relações sociais, não havendo uma determinação prévia.

Com isso, por um lado, existe uma busca por compreender e romper com os pensamentos e estruturas sociais, por outro, existem estruturas objetivas, que independem da vontade e da consciência dos agentes, norteando e/ou coagindo os indivíduos para determinadas ações e representações sociais. Contudo,

a sua ideia central é que a verdade da interação social nunca está na forma como esta se apresenta à observação, sendo que as representações e os pontos de vista devem ser sempre reportados à posição dos agentes na estrutura social. As diferentes práticas e representações dos indivíduos adquirem uma certa integração e estabilidade pelo efeito do *habitus* (MENDES; SEIXAS, 2012, p. 105).

Com isso, as estruturas estruturadas tendem a funcionar também como estruturas estruturantes, o que causa uma sensação de dinâmica e mudança, mesmo dentro da continuidade, que está de acordo com as estratégias de cada grupo social, pois, “a estratégia é, assim, a relação inconsciente entre um *habitus* e um campo, estando objetivamente orientada para um fim que pode não ser aquele que é definido subjetivamente” (MENDES; SEIXAS, 2012, p. 105). Por isso, o *habitus* e campo são indissociáveis.

A relação entre o *habitus* e o campo é primeiramente uma relação de condicionamento: o campo estrutura o *habitus* [...]. Mas ela é também uma relação de conhecimento ou de construção cognitiva: o *habitus* contribui à constituição do campo como mundo significativo (BOURDIEU & WACQUANT, 2005, pp 102-103)

Contudo, tanto os *habitus* quanto o campo não são estáticos e se reorganizam em busca de conservação ou mudança a depender das forças dos grupos hegemônicos envolvidos.

A depender da posição que ocupam na estrutura do campo, ou seja, na distribuição do capital simbólico específico, os agentes usam de estratégias, que são tomadas de posição, que podem ser de legitimação (conservação) ou de subversão (LIMA, 2010, p 16).

Para tanto, o campo pode ser compreendido como um ‘campo de forças’, por constranger os agentes que a ele pertencem, como pode ser compreendido como um ‘campo

de lutas', em que os agentes atuam conforme suas posições, modificando ou mantendo sua estrutura.

A divisão do campo em dominantes e dominados implica uma distinção entre ortodoxia e heterodoxia. Ao pólo dominante correspondem as práticas de uma ortodoxia que pretende conservar intacto o capital social acumulado; ao pólo dominado, as práticas heterodoxas que tendem a desacreditar os detentores reais de um capital legítimo. Pode-se, desta forma, instituir um processo de legitimação dos bens simbólicos, assim como estabelecer um sistema de filtragem que determine aqueles que devem ou não ascender na hierarquia cultural (ANDRADE, 2012, p. 112).

Esta concepção pode ser observada nas próprias palavras de Bourdieu ao descrever o campo quando dissecava as relações referente à televisão:

Um Campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdades, que exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de força. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias (BOURDIEU, 1997, p 57).

Desse modo, cabe compreendermos que a estrutura do campo é como um jogo que não cessa, em que, cientes das regras estabelecidas, embora agindo diversas vezes de modo inconsciente, os agentes participam, disputando posições e vantagens específicas (ARAÚJO; ALVES; CRUZ, 2009, p. 35).

Catani (2011, p. 200) salienta que a teoria dos campos sociais

contribui para desvendar os mecanismos de dominação vigentes na sociedade francesa. Mas esse aparato epistêmico-prático pode, através do estabelecimento de relações de homologia, ser trabalhado com eficácia para o estudo de campos sociais brasileiros.

Observamos, ainda, que as estruturas dos campos pressupõem luta, por manutenção ou modificação, e, com isso, todos que participam na luta dentro do campo participam do jogo e contribuem para a reprodução do jogo. Desde que haja investimento dos agentes sociais, a crença e o reconhecimento no valor do jogo persistem. Considerando a teoria bourdieusiana, os campos e subcampos não perdem valor e deixam de existir sem que haja transformação de interesse em investimentos de capital, sendo que esses interesses algumas vezes podem ser transferidos de um subcampo para outro.

O espaço social global subdivide-se em campos (económico, social, educacional, cultural, político, literário, etc) e em todos estes campos encontramos uma luta, com formas e leis de funcionamento próprios, à volta de interesses específicos, sendo que o capital específico de cada campo vale nesse campo, e só em certas condições é convertível noutra espécie de capital (MENDES; SEIXAS, 2012, p. 106).

A importância de um determinado campo vai depender do tempo e do espaço em que está inserido, onde as ações tanto individuais quanto coletivas ocorrem por meio de uma normatização, pois o interesse despendido no campo é fundamental para seu funcionamento e sua importância na sociedade de que faz parte.

Todas as lutas internas ao campo envolvem a distribuição e posse de um capital específico. A luta ocorre entre aqueles que pretendem assumir posições e aqueles que desejam mantê-las. Em geral, novatos disputam, dentro das regras estabelecidas, o lugar daqueles que ocupam posições dominantes. Para que um novato seja admitido em um determinado campo, é preciso que ele tenha efetuado os investimentos necessários (ARAÚJO; ALVES; CRUZ, 2009, p. 36).

E é justamente por isso que os campos sociais persistem a partir dos interesses nas posições de privilégios existentes nele, o que proporciona sentido ao jogo.

O campo, no seu conjunto, define-se como um sistema de desvio de níveis diferentes e nada, nem nas instituições ou nos agentes, nem nos atos ou nos discursos que eles produzem, têm sentido senão relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções (BOURDIEU, 2012, p. 179).

Embora o conceito de campo apareça “tardiamente” na teoria de Bourdieu, depois de alguns outros conceitos já terem sido desenvolvidos, como, por exemplo, o conceito de *habitus*, e de alguma forma até se confundam inicialmente, logo se tornou mais evidente sua necessidade para a compreensão dos desdobramentos das relações sociais e de suas variáveis em determinados espaços físicos e de poder. Catani entende que

Bourdieu começou a elaborar a noção de campo no início dos anos de 1960, sendo ela o resultado da convergência entre reflexões desenvolvidas em seminários de pesquisa sobre a sociologia da arte por ele dirigidos na *École Normale Supérieure* e uma releitura do capítulo sobre a sociologia da religião de *Economia e sociedade*, de Max Weber. Foi a partir de então que seus trabalhos orientaram-se para a análise de diferentes campos, muitos situados na esfera da vida simbólica (2011, p. 193).

Roger Chartier, historiador francês e amplo conhecedor da teoria bourdieusiana, explica que

os campos, segundo Bourdieu, têm suas próprias regras, princípios e hierarquias. São definidos a partir dos conflitos e das tensões no que diz respeito à sua própria delimitação e construídos por redes de relações ou de oposições entre os atores sociais que são seus membros (CHARTIER, 2002, p. 140).

Com isso, Bourdieu deixa claro que o conceito de campo sustenta os demais conceitos, como *habitus* e poder simbólico, ao passo que esses também justificam a necessidade do conceito de campo para compreendermos a pluralidade dos aspectos que organizam a realidade do mundo social, e toda sua diversidade, que estabelecem os modos operacionais dos diversos mundos sob as conexões que os agentes fazem com os espaços sociais construindo sentidos comuns e legitimando as ações sociais.

A gênese do conceito de campo pode ser pensada como o resultado de uma necessidade de situar os agentes portadores de um *habitus* dentro do espaço no qual esse mesmo *habitus* havia sido engendrado sob o pecado original da dominação e que, para tanto, pressupõe um arcabouço estável no qual essa dominação se reproduziria (ÂNGELO MONTAGNER; INEZ MONTAGNER, 2011, p. 259).

Cada campo vai apresentar de modo objetivo agentes em posições antagônicas com interesses que concorrem entre si, ou agentes concorrendo pelo poder ocupado por aqueles que mantêm o domínio, sendo o campo “estruturado pelas relações objetivas entre as posições ocupadas pelos agentes e instituições, que determinam a forma de suas interações” (LIMA, 2010, p. 15).

Bourdieu faz uma diferenciação entre o que ele denomina “campo do poder” e “campo da produção” dos bens simbólicos. Para ele um campo carrega em si mesmo elementos e meios de sua própria reprodução, ou seja, é portador das condições de recrutamento, formação e manutenção de novos agentes, e isso através de grupos formais como escolas e universidades, por exemplo.

O campo só funciona na medida em que existem indivíduos compatíveis, que sofreram a aprendizagem. Dito de outro modo, ele é definido como o conjunto de 'traços' distintivos (gestos, comportamentos, símbolos, vestimentas, linguagem etc.) de um determinado grupo social, em oposição a outros grupos ou segmentos (ANDRADE, 2012, p. 109).

Desse modo, Bourdieu reconhece que existem vários campos na sociedade,

e eles estão numa cadeia de relações assimétricas e hierarquicamente situadas. Pode-se mesmo afirmar que os campos são áreas concretas do mundo social e suas relações são historicamente construídas. Dessa forma,

as relações entre os campos são entre campos dominantes e campos dominados, e os agentes podem usar a estratégia migratória entre eles, através da “conversão” (ÂNGELO MONTAGNER; INEZ MONTAGNER, 2011, p. 263).

Como dito antes, há uma disputa entre campos e subcampos seguindo uma lógica de confronto entre dominados e dominantes, e esses confrontos ocorrem via diversas estratégias com o uso de capitais simbólicos que são despendidos a fim de garantir o poder ou conquistar o poder. Para orientar a construção do conceito de campo, Bourdieu também busca na teoria de Weber os tipos de dominação: tradicional, racional e carismática.

As grandes linhas de força que sempre delimitaram as dinâmicas dos campos baseiam-se nos três tipos de dominação propostos na obra weberiana, a dominação tradicional, a racional-legal e a carismática. Essas formas de dominação são baseadas em formas específicas de crenças, que as legitimam e fundamentam (ÂNGELO MONTAGNER; INEZ MONTAGNER, 2011, p. 266).

O campo tem as bases de sua existência na circulação de um capital simbólico, que todos do jogo reconhecem. Portanto, o campo é onde ocorrem as relações de poder, em que a oposição de dominados e dominantes se manifesta, o que configura a estrutura dicotômica de disputa e muitas vezes dialética.

A posição na estrutura das relações de força, inseparavelmente econômicas e simbólicas, que define o campo da produção, ou seja, na estrutura da distribuição do capital específico (e do capital económico correlato) orienta, por intermédio de uma avaliação prática ou consciente das oportunidades objetivas de lucro, as características dos agentes ou instituições, assim como as estratégias que eles acionam na luta que os opõe. Do lado dos dominantes, todas as estratégias, essencialmente defensivas, visam conservar a posição ocupada, portanto, perpetuar o *status quo*, ao manter e fazer durar os princípios que servem de fundamento à dominação. Os dominantes têm compromisso com o silêncio, discrição, segredo, reserva: quanto ao discurso ortodoxo, sempre extorquido pelos questionamentos dos novos pretendentes e imposto pelas necessidades da retificação, não passa nunca da afirmação explícita das evidências primeiras que são patentes e se portam melhor sem falar delas. [...] Quanto aos dominados, estes só terão possibilidades de se impor no mercado através de estratégias de subversão que não poderão prodigalizar, a prazo, os ganhos denegados a não ser com a condição de derrubarem a hierarquia do campo sem contrariarem os princípios que lhe servem de fundamento (BOURDIEU, 2008b, p. 31-32).

Pode-se concluir que as estruturas estruturadas estabelecem mecanismos de preservação porque se vinculam às estruturas estruturantes que mantêm um jogo que é de interesse de todos que jogam, independentemente se dominados ou dominantes. Com isso, o

conceito de campo se torna valioso para compreender as dinâmicas sociais relacionadas à manutenção e à conquista de poder.

Para resumir um pouco daquilo que foi discutido sobre o conceito de campo de Bourdieu, faremos uso da síntese elaborada por Bernard Lahire.

- Um campo é um microcosmo incluído no macrocosmo constituído pelo espaço social (nacional) global.
- Cada campo possui regras do jogo e desafios específicos, irreduzíveis às regras do jogo ou aos desafios de outros campos (o que faz “correr” um matemático – e a maneira como “corre” – nada tem a ver com o que faz “correr” – e a maneira como “corre” – um industrial ou um grande costureiro).
- Um campo é um “sistema” ou um “espaço” estruturado de posições.
- Esse espaço é um espaço de lutas entre os diferentes agentes que ocupam as diversas posições.
- As lutas dão-se em torno da apropriação de um capital específico do campo (o monopólio do capital específico legítimo) e/ou da redefinição daquele capital.
- O capital é desigualmente distribuído dentro do campo e existem, portanto, dominantes e dominados.
- A distribuição desigual do capital determina a estrutura do campo, que é, portanto, definida pelo estado de uma relação de força histórica entre as forças (agentes, instituições) em presença no campo.
- As estratégias dos agentes são entendidas se as relacionarmos com suas posições no campo.
- Entre as estratégias invariantes, pode-se ressaltar a oposição entre as estratégias de conservação e as estratégias de subversão (o estado da relação de força existente). As primeiras são mais frequentemente as dos dominantes e as segundas, as dos dominados (e, entre estes, mais particularmente, dos “últimos a chegar”). Essa oposição pode tomar a forma de um conflito entre ‘antigos’ e ‘modernos’, ‘ortodoxos’ e ‘heterodoxos’ (...).
- Em luta uns contra os outros, os agentes de um campo têm pelo menos interesse em que o campo exista e, portanto, mantêm uma “cumplicidade objetiva” para além das lutas que os opõem.
- Logo, os interesses sociais são sempre específicos de cada campo e não se reduzem ao interesse de tipo econômico.
- A cada campo corresponde um *habitus* (sistema de disposições incorporadas) próprio do campo (por exemplo, o *habitus* da filologia ou o *habitus* do pugilismo). Apenas quem tiver incorporado o *habitus* próprio do campo tem condições de jogar o jogo e de acreditar na importância desse jogo.

- Cada agente do campo é caracterizado por sua trajetória social, seu *habitus* e sua posição no campo.
- Um campo possui uma autonomia relativa; as lutas que nele ocorrem têm uma lógica interna, mas o seu resultado nas lutas (econômicas, sociais, políticas...) externas ao campo pesa fortemente sobre a questão das relações de força internas (LAHIRE, 2002, p. 47-48 apud CATANI, 2011, p. 192-193).

I. 2 *Habitus*

Campo e *habitus* são conceitos valiosos para compreendermos a obra de Bourdieu, e um dá sustentação ao outro, em uma relação de composição do mundo social.

No universo bourdieusiano as práticas são condicionadas pelo campo e geradas pelo *habitus*, o qual faz com que os agentes que o possuem comportem-se de uma maneira orquestrada em determinadas circunstâncias. O conceito de *habitus* nessa perspectiva permite pensar a relação, as mediações entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos agentes. Tal conceito expressa o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades (ANDRADE, 2012, p.115).

Essa troca constante entre o mundo objetivo e o subjetivo pode ser observada por meio de como adquirimos e mantemos o gosto por alguns sabores, como o nosso paladar é moldado pelas receitas de família, que, por sua vez, estão inseridas há muito tempo em uma comunidade, ou mesmo a preferência por celebrar determinados marcos históricos/culturais, de frequentar um espaço cultural/social em detrimento de outro, as escolhas musicais, os modos de vestir, são *habitus*,

práticas socialmente percebidas, classificáveis e reproduzidas. Esses hábitos de vida legitimados são reflexos do capital social herdado dos pais e da família unidos na relação estreita com o capital escolar, adquirido durante a formação educacional legitimada pelos diplomas emitidos pelas instituições escolares – escolas, universidades etc. Este é um dos modelos de distinção apontados por Bourdieu. (SCHOLZ, 2007, p. 89).

A predisposição a um gosto em detrimento de outro é o que Bourdieu chama de *capital cultural incorporado*, pois as escolhas por determinados filmes, músicas, livros, espaços culturais são todas representações da dimensão do *habitus* do sujeito, algo que não é estabelecido pela genética, pelo contrário, é incorporado, interiorizado, inculcado por meio de

um processo de assimilação e valorização de certa cultura da qual fazemos parte. Em toda sociedade, seus valores e seus significados são estabelecidos de modos diversos, podendo ter variação de uma sociedade para outra e mesmo de grupos diferentes da mesma sociedade, ou seja, os valores e significados estão correlacionados ao campo social. Para Bourdieu,

os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los (BOURDIEU, 2011, p. 87).

Sendo assim, o conceito de *habitus* “recupera a dimensão individual e simbólica dos fenômenos sociais, a dimensão do agente que interage com a realidade social” (ARAÚJO; ALVES; CRUZ, 2009, p. 38).

De mesmo modo Andrade recupera as contribuições de Durkheim e Weber na obra de Bourdieu para salientar o processo de formação do agente e de como esse interfere no contexto social, sendo formado por ele e formador dele.

A partir do *conhecimento praxio/ógico* Bourdieu repensou a noção escolástica de *habitus*,’ Elaborada a partir da síntese e tentativa de superação dos métodos *objetivista* (Durkheim) e *fenomenológico* (Weber) da ação social, esta noção deve ser compreendida como uma *gramática gerativa* de práticas conformes com as estruturas objetivas que o produz. Juntando dois aspectos, um objetivo (estrutura) e outro subjetivo (percepção, classificação, avaliação), pode-se dizer que o *habitus* não só interioriza o exterior, mas também exterioriza o interior (ANDRADE, 2012, p. 103).

Entendemos com isso que o agente é resultado das estruturas sociais, mas não somente, ele é também aquele que as modifica e/ou reproduz, sendo que o conceito de *habitus* evidencia o papel ativo do agente refutando a ideia de um determinismo social.

Construir a noção de *habitus* como sistema de esquemas adquiridos que funciona no nível prático como categorias de percepção e apreciação, [...] como princípios organizadores da ação, significava construir o agente social na sua verdade de operador prático de construção de objetos (BOURDIEU, 1990, p. 26).

O senso prático do indivíduo é o encontro do campo com o *habitus* em um processo dialético. Ainda seguindo a definição clássica de Bourdieu, o *habitus* deve ser pensado “como sistema das disposições que são socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do

conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”. (BOURDIEU, 2013, p. 191).

Como dito anteriormente, as instituições educacionais são espaços de formação que funcionam promovendo *habitus*, pois têm uma força legitimadora em relação à cultura tida como a aceitável e a desejável.

Enquanto força formadora de hábitos, a escola propicia aos que se encontram direta ou indiretamente submetidos à sua influência, não tanto esquemas de pensamento particulares e particularizados, mas uma disposição geral geradora de esquemas particulares capazes de serem aplicados em campos diferentes do pensamento e da ação aos quais pode-se dar o nome de *habitus* cultivado (BOURDIEU, 2013, p. 211).

Portanto a cultura compreendida como aquela a ser seguida é fruto de muita luta e imposição daqueles que detêm o poder; com isso, as instituições formadoras serão espaços de luta constantes em função de manutenção ou subversão da ordem.

A abordagem sociológica de que há um campo de lutas entre as classes sociais tende à manutenção da disputa na continuidade ou na redefinição da classe, e, conforme as disputas, as classes visam conservar e transformar ou transformar para conservar seus estilos, *habitus* e gosto. Isso significa que existe, na visão de Bourdieu, uma dialética da desclassificação e da reclassificação (SCHOLZ, 2009, p. 90).

Desse modo, a teoria de Bourdieu nos permite pensar como jovens da periferia que pouco tiveram acesso à educação formal e aos bens culturais considerados adequados, jovens que durante a vida foram distanciados do capital simbólico, tiveram suas vidas modificadas após fazerem parte do CCP e chegarem a grandes universidades.

Capítulo II CARACTERIZANDO O CCP – CURSINHO COMUNITÁRIO PIMENTAS

Recriar a história do Cursinho Comunitário Pimentas (CCP) é fundamental para compreender como os jovens que dele fizeram parte superaram as expectativas e seguiram trajetórias improváveis. Assim, contamos a história do cursinho e como os seus idealizadores se organizaram para desenvolver este projeto, além de suas percepções sobre ele.

II.1 Contextualizando o Cursinho Comunitário Pimentas (CCP)

O Cursinho Comunitário Pimentas (CCP) se inicia como um núcleo da Educafro-SP (educação para afrodescendentes e carentes), no começo os voluntários fundadores tinham como principal objetivo levar o cursinho para uma região da periferia onde havia iniciativas que levassem aos jovens oportunidades reais ligadas à educação. Isto porque só existiam as escolas que formavam até o Ensino Médio e mesmo estas se viam como fim em seus processos educacionais. Foi dentro desta conjuntura que o CCP nasce permitindo que jovens pobres do bairro dos Pimentas não mais precisassem se locomover para a região central em busca de esperança e de vislumbrar um futuro melhor via educação.

Frente da sede da Educafro São Paulo R. Riachuelo, 342 - Sé, São Paulo - SP, 01007-000, maio de 2019.



Imagem 1

Fonte: Foto disponível na internet (google).

Considerando que mesmo os cursinhos comunitários para famílias de baixa renda ficavam em bairros muito distantes, o CCP se apresentava como uma necessidade urgente e

teve o apoio imediato das lideranças da Educafro/SP em sua formação, embora o apoio tenha sido muito pequeno devido às limitações.

Segundo a própria Educafro, seu objetivo geral é reunir pessoas voluntárias, que sejam solidárias, assim como, beneficiárias desta causa e que participem da luta para inclusão de negros e pobres em geral, nas universidades públicas ou em uma universidade particular com bolsa de estudos, com o objetivo de possibilitar empoderamento e mobilidade social para população pobre e afro-brasileira. (EDUCAFRO, S/D).

Como o propósito da Educafro é organizar e provocar o surgimento de núcleos de pré-vestibular nas periferias e o professor Rômulo era voluntário em um dos seus núcleos em Bonsucesso, (que é um distrito da Região Norte da Grande São Paulo, e embora também pertencente a uma área pobre do município de Guarulhos tem difícil acesso ao Bairro dos Pimentas), logo soube a quem recorrer. Sendo nas reuniões de final de ano e início de ano entre 2001 e 2002 que conseguiu contatos que viabilizaram a criação de um núcleo pré-vestibular no bairro dos Pimentas.

Frente do Cursinho Comunitário Pimentas, Rua do Poente, 148 – Conjunto Marcos Freire - Guarulhos, - SP, 07263-721, maio de 2019.



Imagem 2

Fonte: Foto disponível na internet (google).

O Cursinho Comunitário Pimentas (CCP) não nasceu pronto; pelo contrário, surgiu como um processo utópico, primeiro no imaginário do professor de Ensino Fundamental e Médio Rômulo Ornelas insatisfeito não apenas com o rendimento escolar dos seus alunos, mas com sua falta de perspectivas para o futuro. Como vislumbrava apenas possibilidades de transformação via educação, logo se juntou a outro sonhador e também

professor da rede pública do Ensino Fundamental e Médio, Rozalvo Alves, que foi convidado a acompanhá-lo na coordenação desse projeto comunitário, o Cursinho Pimentas.

Cabe salientar que no Brasil existe muita esperança nos diplomas universitários como forma de ascender econômica e socialmente já que a distância dos ganhos (remuneração) entre quem tem diploma universitário e quem não tem é muito grande.

No Brasil de agora do final da segunda década do século 21, mesmo com um amplo aumento das oportunidades de se chegar às universidades, tomando como referência o início do século, ainda existe uma diferença salarial gritante entre trabalhadores com ensino superior e aqueles que não foram aos bancos universitários e, portanto, não têm diploma universitário. Quem tem diploma superior recebe em média 149% a mais do que quem não tem segundo dados do estudo intitulado Resumo da Educação (Education at a glance) da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

O estudo proporcionou um relatório que analisa 35 países membros da OCDE e integra mais outros 11 que não fazem parte da OCDE, mas que compõem o grupo formado pelas 19 maiores economias do mundo mais a União Europeia (G20). Abaixo verificamos um gráfico com alguns destes países em que a Suécia é aquele que possui menor diferença.

Diferença Salarial em Porcentagem

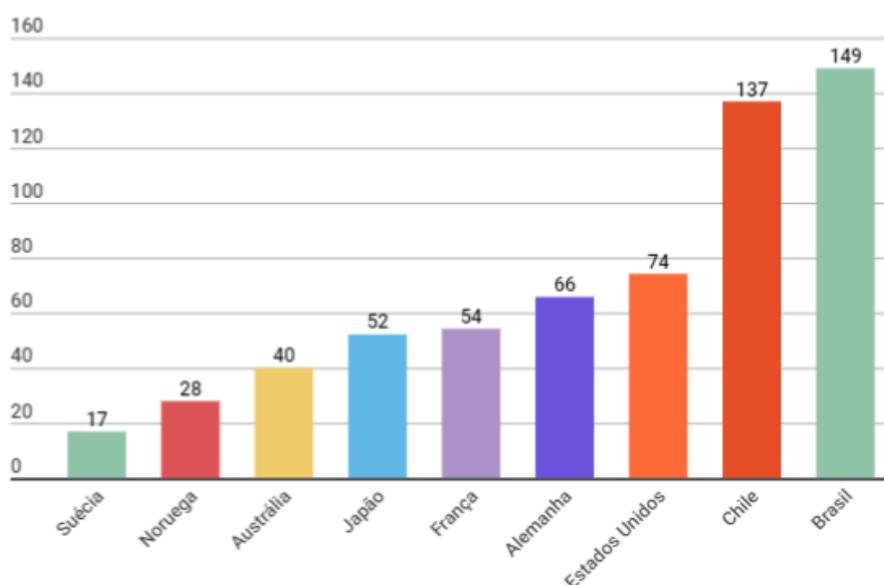


Tabela - 1

Fonte: Education at a Glance, OCDE.

Entre todos os países estudados o Brasil é aquele que demonstra ter maior diferença entre os que possuem e os que não possuem diploma no Ensino Superior, sendo que

a média entre todos os países analisados é de 56% de vantagem dos trabalhadores que possuem diploma universitários, ou seja, na média geral quem possui este tipo de diploma recebe 56% a mais sobre quem não tem.

No Brasil, ter educação superior traz um enorme benefício em termos de renda e empregabilidade. Na média, a educação superior mais do que duplica a renda no mercado de trabalho em relação à educação média. (SCHWARTZMAN, 2018, p. 334).

Existem lugares onde a diferença entre quem tem e quem não tem diploma universitário não é tão alarmante como podemos observar aqui no Brasil, basta verificar o caso da Suécia.

Embora o caso brasileiro ainda seja diferente, é interessante compreender que em países mais desenvolvidos a educação formal, institucionalizada ao longo do tempo tem perdido peso quanto a suas possibilidades em relação à mobilidade e social, ou seja, a classe de destino tem cada vez menos sofrido influências dos diplomas dos aspirantes à ascensão social ou daqueles que buscam a manutenção de posição da classe de origem e de privilégio na hierarquia social; isso ocorre, sobretudo, nas economias avançadas por se considerar outras variáveis, como, por exemplo, o *habitus* e acúmulo dos capitais econômico, social e o cultural que independe da institucionalização.

Embora a educação formal possa ser questionável como um ponto de mudança socioeconômico muitos estudos ainda demonstram sua validade para tal.

Nas palavras do próprio professor Rômulo, embora ele tenha nascido e crescido na cidade de Comercinho na Mesorregião do Vale do Jequitinhonha-MG, um dos lugares mais pobres do país, sua família tinha algumas posses, o que lhe permitiu estudar, fazendo toda diferença em seu futuro. Saiu do Estado de Minas Gerais e veio para São Paulo aos dezessete anos com a intenção de jogar futebol em um grande time e estudar. O futebol não foi adiante e a Licenciatura em História deu um rumo a sua vida¹¹.

Já o professor Rozalvo Alves conviveu com a pobreza desde sua infância na região periférica de Guarulhos. Inconformado com a falta de oportunidades, logo aceitou se juntar ao projeto Cursinho Pimentas.

Assim, as entrevistas possibilitaram compreender que depois de conseguir o espaço de uma sala no centro comunitário do bairro a partir de contatos inesperados e alguma

11 Entrevista do programa “Ponto de Vista Vereadores Eleitos – Prof. Rômulo Ornelas (PT) – 23/01/2017”.

persistência com aqueles que administravam o local, ambos os professores, Rômulo e Rozalvo, que anteriormente eram voluntários em um outro cursinho comunitário ligado à Educafro, passaram a mobilizar esforços para conseguir voluntários que abraçassem a causa de trabalhar como professores(as), cozinheiros(as), entre outras tarefas em seus fins de semana.

Rômulo recebeu de uma senhora também voluntária que participava de uma reunião na sede da Educafro/SP próximo ao final do ano de 2001 a indicação de uma pessoa da secretaria de assistência social do município de Guarulhos a quem ele poderia recorrer para obter um espaço; posteriormente ele também conversou com membros da associação de moradores e, tendo um pequeno apoio no início, chegou ao centro de convivência do Marcos Freire¹². Embora não havendo receptividade por parte daqueles que trabalhavam nas dependências do centro comunitário durante a semana¹³, o CCP começou com suas atividades aos finais de semana.

Com alguns poucos voluntários, a primeira reunião que deu início ao Cursinho aconteceu em 14 de fevereiro de 2002, com aproximadamente cem (100) pessoas, a grande maioria jovens recém-saídos do Ensino Médio, em uma sala com pouca estrutura, mas que continha muitas carteiras universitárias (desiguais, adquiridas por meio de doações) e uma lousa de giz.

**Sala onde ocorreram as primeiras reuniões e aulas do CCP - I.
Foto de 2014.**



Imagem 3. Fonte: <http://cursinhopimentas.org.br/> acesso em 15 fev de 2017.

¹² Localizada no Conjunto habitacional Marcos Freire criado pela CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano – do Estado de São Paulo o Centro de Convivência foi um espaço que concentrava atendimento de assistência social e aulas diversas como artesanato e costura para moradores locais.

¹³ Não temos uma explicação real para esta aversão ao CCP por parte dos servidores que utilizavam o ambiente durante a semana, mas acreditamos que isso ocorria por um sentimento equivocado de posse de um espaço que é público e para servir ao público.

Hoje a sala central, ou sala maior – salona, como é conhecida, conta com duas lousas e um sistema multimídia. Na época, era a única sala disponível para o uso do cursinho em toda a estrutura.

Sala onde ocorreram as primeiras reuniões e aulas do CCP - II¹⁴.



Imagem 4. Fonte: <http://cursinhopimentas.org.br/> acesso em 15 fev de 2017.

Quando o CCP nasce não havia uma programação muito bem definida, não havia um estatuto, ele foi construído aos poucos e coletivamente ao longo do ano, mas nesse mesmo dia (14/02/2002) algumas questões já foram se delineando, como a necessidade de comprometimento coletivo daqueles que fossem se manter no projeto.

Já no início ficou definido e constando em Ata que as aulas aconteceriam durante os sábados e domingos. Aos sábados, as aulas seriam das 8h (oito horas) às 17h (dezessete horas), com intervalo para o café da manhã das 9h (nove horas) às 9h30 min (nove e trinta minutos) e almoço das 12h (doze horas) às 13h (treze horas). Aos domingos, o horário era das 8h (oito horas) às 13h (treze horas) com um intervalo para café da manhã igualmente das 9h (nove horas) às 9h30 min (nove e trinta minutos), este modelo seguia rigorosamente a mesma cronologia do Cursinho de Bonsucesso, distrito de Guarulhos/SP, onde os fundadores do Cursinho Pimentas foram voluntários anteriormente.

Junto com Rômulo e Rozalvo, idealizadores do Cursinho Pimentas, vieram alguns alunos do cursinho da Educafro de Bonsucesso, precisamente quatro, que voluntariamente se tornaram coordenadores e alunos no Cursinho Pimentas trazendo suas experiências

¹⁴ Foto tirada em 2014 da mesma sala que começa as primeiras aulas do CCP e que se mantém até os dias atuais.

vivenciadas em um cursinho comunitário, mesmo o CCP já nascendo maior em proporção de atendimento a alunos em relação a Bonsucesso, que atendia pouco mais que vinte jovens.

Uma das dificuldades que o cursinho viveu em seu primeiro ano foi conseguir voluntários para preparar o café da manhã e o almoço. Isso porque os alunos não poderiam se ausentar das aulas para essas ou outras finalidades e o cursinho ainda era muito desacreditado e obtinha pouco apoio, mesmo dos parentes dos beneficiados.

Bourdieu distingue frequentemente três conjuntos de disposições e de estratégias de investimento escolar que seriam adotadas tendencialmente pelas classes populares, classes médias (ou pequena burguesia) e pelas elites. O primeiro desses grupos, pobre em capital econômico e cultural, tenderia a investir de modo moderado no sistema de ensino. Esse investimento, relativamente baixo, se explicaria por várias razões. Em primeiro lugar, a percepção, a partir dos exemplos acumulados, de que as chances de sucesso são reduzidas (faltariam os recursos econômicos, sociais e, sobretudo, culturais necessários para um bom desempenho escolar). Isso tornaria o retorno do investimento muito incerto e, portanto, o risco muito alto. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 23).

Era difícil de obter voluntários, até mesmo entre os familiares que dispusessem de seu tempo para ajudar na causa, e os recursos também eram escassos, pois havia a dificuldade em obter os alimentos para as duas refeições que eram feitas no cursinho, não tendo nenhum apoio da iniciativa privada ou pública. Desse modo, para a compra de alimentos, havia uma doação voluntária, aos sábados, de cada aluno em um valor preestabelecido, que não deveria ultrapassar R\$ 2.00 (dois reais), que era complementado com doações externas nas raras vezes em que havia.

Contudo, a limpeza do local era efetuada exclusivamente pelos alunos, como foi acordado desde o primeiro encontro. Havia grupos de limpeza que se revezavam para deixar o local limpo depois das aulas aos domingos; isso também era uma forma de desenvolver o espírito de pertencimento, coletividade e cidadania, prática que se mantém até a atualidade, segundo os entrevistados.

Ter acesso a material de estudo também era um problema para quase todos os alunos, uma vez que, em sua totalidade, eram oriundos de escolas públicas e não tinham livros e apostilas voltadas aos vestibulares, e a maioria nem mesmo tinha livros e apostilas. Contudo, uma parceria com a Educafro e a Editora CPV viabilizou aos alunos o acesso a apostilas com “conteúdos bimestrais” a preços abaixo do custo (eram adquiridas pelo valor de R\$ 10,00 (dez reais) cada uma); elas continham os conteúdos de estudos de um bimestre, totalizando quatro por ano, ficando a critério do aluno se iria comprá-las ou não. Alguns

alunos mais próximos chegavam a dividir as apostilas. Nos anos seguintes, foi sendo criado um acervo que era disponibilizado a todos alunos, com o material daqueles que haviam passado no vestibular e com novas doações.

Desde o primeiro momento, o Cursinho Comunitário Pimentas se estabeleceu com muita luta. Contudo, hoje conta com uma estrutura que possibilita aos alunos melhores condições de estudo que em seu início.

II. 2 Entrevistas com o professor Rômulo, idealizador do Cursinho Comunitário Pimentas, com o professor Rozalvo, o mais antigo colaborador e com a psicóloga Patrícia Milani, voluntária desde a primeira turma

Preliminares para as entrevistas:

Desde o início de 2016 passamos a frequentar novamente o ambiente do cursinho aproximadamente uma vez ao mês e, nessas idas, mantivemos algumas conversas que tratavam de minha tese com alguns dos voluntários, sobretudo aqueles que participavam do projeto há muito tempo. Também houve diversas outras conversas transversais as quais, embora a tese não fosse objeto do diálogo, proporcionaram muitos *insights* tanto para as entrevistas a seguir quanto para a compreensão dos objetivos e problemas que a tese se propunha a cumprir e entender.

Na sexta feira dia 03-03-2017 mandei uma mensagem de texto ao professor Rômulo e outra ao professor Rozalvo. O primeiro respondeu prontamente indicando que não poderia ir no sábado, porque estava com virose, mas que no domingo, mesmo que não estivesse bem, iria ao cursinho e que poderíamos encontrá-lo lá. De fato, estava e encontrei-o um pouco debilitado, com a voz “cansada” e sentado no sofá que fica próximo ao portão principal. Não era habitual vê-lo apenas delegando algumas tarefas, porque os jovens/participantes do projeto tinham autonomia (exceto questões coletivas de maior complexidade) para tomar decisões e agir para a melhoria de diversas questões, mas também por causa da compreensão de que quem propõe tem que ser atuante no que propõe. Foi um momento atípico que deu a oportunidade de recordar um pouco o passado e criar uma perspectiva para o futuro próximo dos jovens frente ao momento político atual.

Alguns minutos depois de chegar ao cursinho, o professor Rômulo se retirou da conversa e foi passar alguns recados para os novos alunos. Enquanto isso fui convidado junto

com outros jovens pelo professor Rozalvo para organizar a mesa do café da manhã dos alunos e voluntários. Esse foi mais um momento de descontração com ele indicando que alguns objetos estão lá desde 2002, quando fui aluno, e que muitos não resistiram ao tempo, ou mesmo falando da dificuldade que tínhamos na época e de como hoje (2017) está mais tranquilo. Nessa conversa, ele ainda me mostrou algumas fotos recentes, dentre elas a que está abaixo.

Almoço de Sábado¹⁵



Imagem 5.

Fonte: Facebook do CCP.

Acesso em 20 de janeiro 2020.

Depois do café da manhã comunitário, fomos a uma sala simples com um jogo de sofá e alguns prêmios na parede que o cursinho recebera, sendo um espaço que está sempre em uso pelos estudantes, ex-alunos, voluntários e visitantes quando querem manter um pouco de privacidade.

Ao acabar a entrevista com o professor Rômulo, chamei o professor Rozalvo para um “bate-papo”, como ele preferiu, mas que, na prática, foi uma entrevista semiestruturada.

As entrevistas de Rômulo e Rozalvo¹⁶:

A entrevista começou com o Rômulo lembrando que no início dos anos noventa havia aula de artesanato onde se localiza o cursinho hoje, na época um centro comunitário que

¹⁵ Este almoço também foi uma comemoração aos 16 anos do Cursinho Comunitário Pimentas.

¹⁶ Rômulo Ornelas e Rozalvo Alves serão mencionados nas citações diretas como Ornelas e Alves.

oferecia aulas de pintura, crochê, tricô, entre outras atividades, mas que pouco tempo depois de ser inaugurado já não ofertava essas ações, permanecendo a atuação apenas da assistência social que era bem pouco efetiva segundo o entrevistado. Para dar início à entrevista, perguntamos como foi para o cursinho ocupar o espaço em que ele se encontra hoje.

Rômulo explica que era professor voluntário no cursinho comunitário da Educafro localizado em Bonsucesso, um distrito da cidade de Guarulhos, e já nutria o desejo de criar um cursinho nos Pimentas, um bairro pobre de Guarulhos onde ele era professor da rede pública de ensino. Fala também que em uma reunião na sede da Educafro em São Paulo entra em contato com uma senhora que se comprometeu em conseguir um espaço para ele. Trocaram telefone e “depois ela conseguiu mesmo”, pois indicou quem ele “deveria procurar e as coisas começaram a acontecer”.

Como comentado anteriormente o CCP nasce no espaço do centro comunitário de um conjunto de casas construídas pelo CDHU – Centro de Desenvolvimento Habitacional e Urbano. Conta Rômulo que “era um espaço semi ocupado, meio abandonado”. E que no início o local era utilizado pelo CCP apenas aos finais de semana. Só depois de muito tempo é que houve a ocupação total para ampliar as atividades e inclusive cuidar do local. O CCP passou a usar todas as dependências do prédio e ter controle sobre ele no ano de 2006.

Até chegar ao ponto de ter controle sobre todo o prédio, a ocupação foi acontecendo aos poucos, porque a prefeitura tinha um trabalho no mesmo espaço durante a semana, que era pouco efetivo e poucas pessoas o conheciam, “o trabalho que aparecia era o trabalho do cursinho” disse Rômulo na entrevista. E mesmo com o reconhecimento de que já usufruía, o cursinho era muito segregado, não tendo acesso às dependências do prédio e por diversas vezes teve suas necessidades negligenciadas.

Os entrevistados contam que no início eles usavam apenas a cozinha e a sala, além dos banheiros, mas até mesmo para ter acesso aos banheiros havia dificuldades por se acharem fechados por várias vezes aos finais de semana, pois os funcionários da prefeitura, que usavam o prédio durante a semana, deixavam fechados e levavam as chaves.

Então tentamos o diálogo para usarmos toda a instalação, mas não conseguimos, cheguei a conversar com o pessoal da Secretaria da Assistência Social que na verdade não fazia quase nada, não tinha nenhuma função aqui, só ficava atendendo algumas coisas muito raramente (Entrevista realizada com ORNELAS, 05/03/2017).

Depois de várias negociações sem sucesso, e com as dificuldades impostas pelos

obstáculos ao acesso a locais básicos da estrutura do espaço como os próprios banheiros, os alunos se organizaram com a coordenação e pegaram os pertences da prefeitura e colocaram para fora do prédio; com isso, notificaram os responsáveis que foram e buscaram.

Rômulo revela na entrevista (05/03/2017) que deixaram as “coisas” da prefeitura “na calçada, e falamos para eles virem buscar porque não iriam ficar mais por aqui. Isso foi um movimento de resistência, pois nós cuidávamos daqui, tínhamos e temos um apreço e não era justo não poder usar de modo adequado” (Ibid).

A fim de dar sequência à entrevista e perceber como surge o CCP, pergunto como começou o vínculo com a Educafro. Rômulo lembra que foi um pedido de alguns alunos da escola em que lecionava, e por isso ele foi contribuir com um cursinho da Educafro em que faltava professor de história em Bonsucesso, distrito de Guarulhos. A partir disso, passou a pensar em trazer o projeto para Os Pimentas (conhecido como bairro dos Pimentas), outro distrito de Guarulhos que comporta vários bairros, todos ocupados por moradores de baixa renda.

Na sequência ele continua relatando como foi bom a parceria com a Educafro, mas também, como em sua visão foi necessário o rompimento.

Conhecido como linha dura entre os jovens pela forma de apresentar como deve ser a preparação para o vestibular, Rômulo diz que se afastou da Educafro porque discordava da linha de trabalho deles,

é uma linha franciscana, muito preza à bondade, à benevolência, e como lidamos com jovens, pessoas dessa faixa etária temos que sermos duros, diretos e permitir que eles percebam as dificuldades e façam parte das soluções e não aceitem nossas “fraquezas”, porque lidamos com pessoas fragilizadas, sem recursos e que acreditam que não podem, que não são para eles... desse modo, temos que sermos duros e diretos, aí eles andam (Entrevista realizada com ORNELAS, 05/03/2017).

A relação do CCP com a Educafro era de ajuda mútua. O apoio da Educafro foi fundamental, inclusive para a formação do núcleo (como eram chamados os diversos cursinhos vinculados à Educafro); contudo, em pouquíssimo tempo, o CCP estava se desdobrando para dar conta das demandas dos demais cursinhos com ligação com a Educafro.

Neste momento os membros do CCP estavam entendendo que dispendiam muito tempo e esforço para manter a relação com a Educafro e seus outros núcleos sem trazer ganhos substanciais para qualquer das partes. Rômulo lembra a partir de sua fala que “no final

era nós que éramos a referência deles, nós quem entrávamos com mandados de segurança exigindo isenção para os exames pré-vestibulares, entre outras coisas” (Entrevista realizada com ORNELAS, 05/03/2017).

No início dos anos 2000 o número de isenções destinadas a alunos carentes para os vestibulares das universidades públicas era bastante limitado e alguns cursinhos comunitários se organizavam para requerer mais por meio de mandados de segurança.

Outro fator que proporcionou o distanciamento entre o CCP e a Educafro é que, enquanto o CCP insistia que seus alunos deveriam buscar a universidade pública, que, por princípio, é um espaço que pertence aos mais pobres, a Educafro tinha como preocupação inserir os jovens o mais rápido possível na universidade, o que levava seus alunos a recorrerem a bolsas distribuídas pelas faculdades privadas à Educafro, mesmo que na teoria o foco principal também fosse a universidade pública.

É possível perceber que depois da consolidação do PROUNI – Programa Universidade para Todos – o CCP passou a ter um olhar mais amistoso à ideia de bolsas em universidades privadas, mas sempre orientando os alunos a escolherem as mais conceituadas e tendo como primeira opção as universidades públicas, ou seja, a orientação principal continuava sendo a ocupação dos espaços nas universidades públicas e quando as universidades privadas oferecessem cursos de renome e qualidade, sobretudo financiadas pelo Estado, o estudante do CCP deveria buscar estar presente.

Neste caso, a resistência a universidade privada era muito mais uma busca por reconhecimento da necessidade da população mais carente de fazer uso daquilo que é público, sobretudo, daquilo que é público e de qualidade, pois se entende que os mais abastados fazem uso do privado quando este tem mais qualidade que o público e faz uso do público quando este demonstra mais qualidade que o privado, relegando as classes mais pobres aquilo que é precário.

O professor Rozalvo ratifica que a ideia principal do cursinho foi efetivamente cumprida, “que é fazer com que os jovens acessem as universidades públicas”. Ele ainda diz que, “hoje no bairro dos Pimentas, assim como em Guarulhos, o cursinho é um patrimônio público, um patrimônio cultural” (Entrevista realizada com ALVES, 05/03/2017).

Ao longo de seus dezenove anos de existência, o CCP conseguiu mudar as relações de diversos jovens e seus familiares no que se refere à perspectiva de formação universitária e entrada dos jovens no mercado de trabalho, pois, antes, começar a trabalhar,

mesmo que em subemprego, era a única obsessão possível e permitida, uma vez que a necessidade de ajudar no orçamento familiar é uma realidade frequente. A necessidade de trabalhar, somada à dificuldade de entrar e cursar uma universidade, colocava obstáculos aos sonhos dos jovens.

O objetivo maior do cursinho é viabilizar e possibilitar o acesso dos jovens que vivem na periferia às universidades públicas que até então era impossível em uma visão imediata desse acesso dos jovens. Já havia outros cursinhos aqui na cidade de Guarulhos, mas nenhum com as características inclusivas deste, e o surgimento do cursinho estrategicamente aqui na região dos Pimentas, foi para criar circunstâncias para que os jovens pudessem acessar essas universidades públicas (Entrevista realizada com ALVES, 05/03/2017).

Essa consciência de ocupação de espaço daquilo que é público leva os alunos do cursinho a se planejarem cada vez melhor em estarem nas mais diversas universidades públicas, criando inclusive uma rede de apoio¹⁷. Já a consciência sobre o dever social que o aluno acaba desenvolvendo motiva os ex-alunos a serem voluntários e retornarem ao CCP nas mais diversas atividades, além de conhecerem melhor os caminhos de estudo e aula referente ao vestibular. Desse modo, entre o segundo e o terceiro ano do CCP todos os professores passaram a ser alunos ou ex-alunos do próprio projeto. Hoje, apenas um dos professores não é ex-aluno do projeto, todos os demais são formados e até pós-graduados em diversas áreas nas mais renomadas universidades públicas do país.

Existe uma explicação bem simples para isso, conquistar voluntário é uma situação difícil, ninguém está disposto a ser voluntário, o voluntário só é voluntário se você trabalhar a consciência deles, ele não é por beleza, por isso ou por aquilo, e nesse caso houve um trabalho da consciência. No primeiro ano de cursinho, quem veio dar aula foram meus amigos professores e eu, então esse pessoal foi me ajudando no início, mas já sabíamos que o voluntariado tem que ser construído e a própria Educafro dizia muito isso e bebíamos nessa fonte, que o ex-aluno tem que ser o voluntário, senão o projeto não sobrevive (Entrevista realizada com ORNELAS, 05/03/2017).

Essa mentalidade é o que motivou diversos alunos a integrarem o quadro de coordenadores ainda no começo do CCP. Isso também foi importante para o envolvimento das famílias dos alunos com o projeto, no início os familiares eram céticos e por isso não

¹⁷ Os alunos do CCP que foram passando nas universidades estabeleceram mecanismos de apoio a quem passava na mesma universidade (*campus*), como acolhimento e recepção na cidade, ajuda com a documentação para requerer os benefícios de auxílio permanência, encontrar república quando fosse o caso e hospedagem entre outras questões.

colaboravam, mas depois passaram a ser ativos, mesmo porque os pais dos alunos não têm condição de ministrar aulas pela falta de recursos para tal, mas ajudavam a fazer o café e o almoço, e essa ação os aproxima da compreensão do que é o pré-vestibular para jovens da periferia que ousam pleitear vaga em universidade pública.

Rozalvo explica que no início era um pouco mais difícil porque quase toda a carga de trabalho era feita por um número muito pequeno de voluntários, que assumia funções múltiplas, desde ministrar as aulas até organizar o café. Isso, porém, foi mudando aos poucos, “as pessoas observando a credibilidade do cursinho e percebendo a importância desse trabalho, acabaram aderindo a esse processo ideológico e assumiram uma postura de voluntariado; mas isso foi uma ação continuada que também precisou ser construída” (ALVES, op. cit.). Hoje o cursinho é bastante assistido por diversos voluntários, que inclusive promovem aulas de cidadania, que é outro meio de desenvolver a solidariedade e a responsabilidade no que diz respeito ao coletivo.

Ao longo da pesquisa e vivência no CCP, compreendemos que nos engajar em um projeto que tem na educação o caminho para a transformação social é muito complicado quando o trabalho é visto como a única alternativa legal e digna para a comunidade e quando a própria educação é desacreditada por ser distante da realidade deles, pela falta de exemplos e pela falta de efetividade.

Nós estamos inseridos em uma região que tem o IDH – índice de desenvolvimento humano – mais baixo da cidade, em uma cidade que está abaixo da média estadual, ou seja, aqui é uma região pobre e que não tem uma cultura de estudo, nunca teve, aqui até o “moleque” tinha o despertar dele para estudar, mas ele encontrava uma barreira, a família. A família queria que ele trabalhasse, arrumasse um emprego, ganhasse dinheiro e quem sabe pagasse uma faculdade, e isso logo no primeiro ano de projeto eu já percebia e por isso eu comecei a fazer um trabalho junto com a psicóloga para ganhar os alunos e eles tomarem consciência que as universidades públicas também são deles, então para isso tínhamos que melhorar a autoestima deles. E além das reuniões com os alunos introduzimos reuniões com os pais, com a família, com aqueles que são os responsáveis direto pelos jovens para que esses entendam o que é um pré-vestibular e o que significa entrar em uma universidade pública, o que ela oferece, qual a importância dela para a sociedade e compreender que elas são mantidas com dinheiro público e elas são nossas, daí temos que convencer a família que elas pertencem a eles, mas era muito difícil porque a resistência era muito grande e essa foi uma das maiores dificuldades que encontramos depois da questão financeira (Entrevista realizada com ORNELAS, 05/03/2017).

A autoestima é uma das questões mais relevantes quando se trabalha com jovens que tiveram por toda a vida sequências de fracassos e como exemplos a seguir apenas mais

fracassos ao se espelharem nas histórias de vida de seus familiares e amigos próximos. Então romper com esse ciclo exige mudanças nas formas de oportunidade e aprender a lidar com a realidade acreditando que a superação é possível mesmo que ela exija substancialmente mais do que exige daqueles que fazem parte da elite para se manterem em suas posições. Ou seja, no caso dos jovens da periferia do Bairro dos Pimentas, uma das oportunidades ocorre por meio do CCP e passa diretamente pela autoestima dos envolvidos, alunos e familiares.

[...] por se tratar de um projeto voluntário em uma periferia onde as pessoas por serem vítimas de um processo social perverso elas não acreditam no potencial delas e de um trabalho sério que proponha mudanças. E isso nós estamos transformando ao elevar a autoestima dessas pessoas (ALVES, op. cit.).

A cada ano, com novos alunos, a resistência das famílias se renova, ou seja, é necessário conscientizar toda a família do que é o pré-vestibular e da universidade e das consequências/resultados em passar ou não por esse processo. Contudo, a resistência que se tem hoje é muito menor que aquela que havia no início do projeto, pelos resultados obtidos por aqueles que passaram pelo CCP. Mas ainda é muito difícil tanto para a família quanto para o jovem abdicar da busca pelo emprego imediato em função do vestibular e da formação.

A periferia, por uma demanda econômica, social e por não ter acesso a certos padrões financeiros, a necessidade essencial é o trabalho, o emprego. Então eles valorizam o trabalho, até por questão moral [...]. Então, os pais trabalharam jovens e pensam que os filhos devem trabalhar jovens porque o trabalho constrói; dessa forma, as famílias por não terem informação e formação não entendiam o sistema social e enxergavam no trabalho uma fonte de libertação, quando na verdade o trabalho na caracterização de subemprego é a alienação (ALVES, op. cit.).

Cabe considerar que as estratégias ou ausências de estratégias nas camadas populares em relação ao sucesso via educação geralmente são muito frágeis, pois embora se reconheça e valide a educação como um diferencial se pensa nela como algo próprio ou exclusivo das classes mais abastadas.

Considerando a educação como um caminho para a formação cidadã e para ter acesso a melhores condições sociais, “o filho do trabalhador que é da periferia também tem direito de acesso à universidade e trilhar o caminho da educação” (ALVES, op. cit.). Com o passar do tempo, o CCP passou a ter cada vez mais visibilidade na comunidade e com isso

os pais passaram a valorizar mais a vinda dos seus filhos para o cursinho. E é claro que hoje ainda se tem resistência, mas bem menos do que havia no início; hoje o cursinho é muito conhecido, é uma referência e buscamos

trabalhar para que todos entendam que essa luta é uma luta de combate à injustiça social (ALVES, op. cit.).

O CCP nasce com funcionamento apenas aos finais de semana, mas com um diferencial que é a orientação de como os alunos devem se organizar e estudar durante a semana, criando uma rede de apoio uns com os outros em forma de grupo de estudos. Isso acontecia em diversos espaços, nas casas, em escolas, quando essas cediam alguma sala, mas as escolas não eram muito amistosas em terem os alunos em contraturnos, ou ex-alunos, e as casas dos alunos em geral não tinham o ambiente necessário para que se concentrassem nos estudos, o que comprometia o rendimento.

Com o passar do tempo, outro espaço em um bairro do lado foi cedido para que os alunos pudessem estudar durante a semana tanto no período da tarde quanto da noite. Quando o CCP passou a ter o controle total do local onde se encontra, os alunos começaram a estudar a qualquer horário no espaço do projeto, “os alunos usam esse espaço vinte e quatro horas, até de madrugada tem aluno estudando aqui; então, o aluno que quer estudar de madrugada ele pode vir para cá que ele estuda, é direto, o estudo é permanente, pois buscamos dar condições para eles” (Entrevista realizada com ORNELAS, 05/03/2017). Junto a isso, outras melhorias foram feitas no local para melhor atender as necessidades do aluno pré-vestibulando: “hoje temos aqui uma biblioteca, muitos materiais sobre vestibular, como apostilas, livros, videoaulas, provas anteriores de diversas universidades e processos seletivos. Temos computadores e a rede de *wi-fi* livre que ajuda muito no desenvolvimento do aluno” (Ibid).

Este espaço extra foi possível graças ao mandato de vereador do professor Rômulo, mas vale observar que mesmo hoje o cursinho concentra quase que todos os seus alunos estudando no espaço do CCP no contraturno das aulas do pré-vestibular que também ocorrem no mesmo local.

Todos que acompanhavam o CCP sabem que o envolvimento do professor Rômulo com a política profissional¹⁸ ocorreu com muita relutância, pois precisou de muita insistência da comunidade para que ele aceitasse se “aventurar” na política profissional. Antes de aceitar essa incumbência, Rômulo indicou outros nomes para o pleito. Contudo, depois de alguns anos de CCP e passadas as eleições de 2004 ele se candidatou e assumiu; após ter ficado como vereador suplente em 2008, já na eleição seguinte foi o sexto candidato mais votado do município, e em 2016 o quarto mais votado mesmo em uma “onda” antipetista que

¹⁸ Entendemos aqui política profissional como a atividade política remunerada pelo Estado ou entidades partidárias.

dificultou a campanha de todos que tinham vínculo com o partido, mas sua atuação em prol da educação e sua luta em diversas áreas de atuação garantiu amplo reconhecimento da comunidade.

Ao ser questionado sobre sua inserção no mundo da política Rômulo responde “eu sempre pensei a política como um movimento de todos, de ação por melhorias, por cobrança etc., mas nunca pensei em ser candidato a nada, na verdade, não queria” (Entrevista realizada com ORNELAS, 05/03/2017).

O mandato nunca foi pensado para manter o CCP, mas acabou ajudando por lutar por mais concursos na região em detrimento de cargos comissionados como era comum na prefeitura. O fato de concorrer em concursos na mesma região em que moram passou a ser um motivador para os jovens da região que estudavam no CPP; outro fator que teve muita contribuição foi a luta em outras frentes em favor da educação na região, como a luta pela criação da Unifesp-Pimentas. No entanto, o maior ganho e o que motivou a comunidade do CCP a querer eleger um vereador não foi o seu projeto do cursinho em si e os desdobramentos para os jovens que frequentavam o CCP, mas poder ter um alcance em áreas que o CCP não tinha para ajudar a sociedade local, por exemplo, na saúde, no esporte, na recuperação de dependentes químicos, em ações em prol do meio ambiente entre outras causas:

Aqui tem um viés de movimento social, um movimento que protesta, que questiona; a gente participa principalmente de ações de defesa de direitos das minorias, participamos do grito dos excluídos, temos um compromisso com o movimento negro, a maioria de nossos alunos são negros. Os alunos criaram um grupo de estudo de gênero, abraçamos a causa do meio ambiente com diversas atividades entre outras coisas, então, já estávamos fazendo política. Eu não queria ser o candidato, mas o pessoal me empurrou e fui, não para promover ou cooptar o cursinho, mas para defender outras demandas da comunidade que o cursinho não tinha e não tem alcance (Entrevista realizada com ORNELAS, 05/03/2017).

Ao longo dos últimos anos os alunos do CCP têm se engajado cada vez mais em causas de coletivos minoritários e de necessidades humanitárias e do meio ambiente.

Djamila Ribeiro em um encontro no CCP sobre Feminismo Negro



Fonte: Foto de 20 agosto de 2017 - Facebook do CCP – acesso em 16 de fev. de 2019.
Imagem 6.

O CCP já recebeu diversos prêmios referentes à preservação do meio ambiente, tanto em relação à reciclagem, captação da água da chuva, criação de cisternas, energia solar, sempre a partir de iniciativas e projetos inovadores de alunos e ex-alunos, assim como tem sido premiado em estudos sobre o meio e impactos ao meio ambiente.

Espaço destinado à separação dos reciclados



Imagem 7. Fonte: Facebook foto de jul. de 2017. Acesso em 18 de fev. 2018.

Os projetos do CCP ou projetos em que o cursinho passa a agregar sempre têm um viés político que se posiciona à esquerda, mas sempre buscando se descolar do partidarismo político.

Voluntários cuidando da horta do CCP



Fonte: Foto de jun. 2017 Facebook do CCP. Acesso em 18 fev. 2018.
Imagem 8.

Com a necessidade de pensar outras questões que vão além de entrar em uma universidade via vestibular, Rômulo chama atenção para o fato de que em nenhum momento em sua história, o CCP foi partidarizado e que sempre prezou pelo respeito e pluralidade de todos os segmentos¹⁹.

Nunca partidarizamos o cursinho, porque eu sou professor antes de qualquer coisa, todos podem perguntar para qualquer envolvido com o projeto, aluno ou não, que saberá que não há partidarização do cursinho. Pelo contrário, existe uma liberdade de pensamento, opiniões e tendências aqui, e prezamos muito a não vinculação do cursinho com nenhum partido político (Entrevista realizada com ORNELAS, 05/03/2017).

Contudo, torna-se relevante observar que o mandato possibilitou a Rômulo um maior tempo de dedicação ao CCP, além de facilitar ações que antes eram feitas um pouco mais arduamente porque era necessário encontrar alguém que intercedesse pelo CCP junto a órgãos públicos. Não que estes (órgãos públicos) hoje facilitem diretamente o cotidiano dos alunos, mas, ao menos, existe um vereador e uma equipe que intercede quando necessário em favor do projeto.

Mesmo com uma busca inicial de separar o CCP de uma política institucional

¹⁹ Em uma sociedade democrática de direito não existem problemas em cidadãos se organizarem em suas atividades e vincularem a elas demandas políticas e partidárias. No caso do CCP, embora exista esta preocupação de não vinculação, é notório que boa parte da base eleitoral do Prof. Rômulo sai do cursinho. Contudo, vale ressaltar que enquanto vereador ele criou várias outras ações permanentes na cidade de Guarulhos que aumentou e solidificou sua base eleitoral o transformando em um dos candidatos mais bem votados do município.

cabe compreender que no contexto democrático não existe problemas em se organizar politicamente, e dentro do campo de uma política profissional.

Em minha vivência no campo desta pesquisa pude observar que nos últimos meses o CCP embora não tenha adotado um partido para fazer defesa houve um sentimento e uma mobilização muito grande no que se refere às perdas de direitos e ao desdobramento do impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Vale ressaltar também que é observável uma postura à esquerda desde sua criação, o que se justifica pela importância que se dá às questões sociais que envolvem a comunidade, e neste caso, essa postura à esquerda não ocorre de modo vertical vindo das lideranças para os demais integrantes do CCP, mas é um sentimento comum que se projeta em boa parte da comunidade pré-vestibular do projeto, embora não se possa desconsiderar o papel das lideranças que em certa medida são espelhos para os jovens.

Entrevista 3: Patrícia Milani

Ao entrevistar a psicóloga que presta serviço voluntário ao CCP, começo perguntando se seu trabalho com os jovens desse projeto tem alguma especificidade e ela respondeu que há alguns trabalhos diferenciados, por exemplo, o que ela chama de trabalhar o luto. Ela explica que quando o jovem decide pelo vestibular se dedicando aos estudos por meio do cursinho, ele não tem apenas ganhos, existem perdas, ou seja, “se perde o tempo que antes era dedicado à família e amigos, muitos perdem inclusive os amigos, porque ficam focados demais nos estudos para compensar os anos de defasagem escolar” (Entrevista realizada com MILANI, 18/03/2017). Com isso, a psicóloga ainda chama atenção para as perspectivas culturais, de como se portar e se ver na sociedade.

Se perde o lazer entre outras coisas, mas o que é mais significativo é que pode haver uma espécie de perda da identidade cultural que agora não é mais a que era antes e nesse caso muitos deixam de reconhecê-los, e eles deixam de se reconhecer em muitos aspectos no que se refere à cultura local. Essa transformação ocorre quando os jovens passam pelo cursinho e pelas universidades. (Entrevista realizada com MILANI, 18/03/2017).

A minha segunda pergunta foi se seria possível a partir do trabalho que ela estava fazendo como psicóloga identificar qual a maior dificuldade dos alunos; a resposta corroborou o início de sua fala na questão anterior: “uma das maiores dificuldades que os alunos têm é romper com a cultura em que estão inseridos, da estrutura do local e da perspectiva da própria família inclusive, pois, o estudo não é visto como estratégia ou meio para ascensão social e

transformação de vida”. (MILANI, op. cit.). Ainda segundo ela, fazer parte deste meio sociocultural e conviver com as contradições existentes ao imergir em uma busca de muitas dificuldades por vagas nas universidades seria a causa da baixa autoestima por não se enquadrarem nas qualificações que normalmente se espera, mas esse é um desafio que ao longo do ano é relativamente superado com muito esforço e trabalho por parte dos alunos.

Os conflitos que esses jovens passam são diversos, com histórias distintas, não lineares, mas com problemas semelhantes “eles não foram criados tendo o estudo e suas capacidades intelectuais como algo relevante e ainda tem o momento de decidir a profissão” (MILANI, op. cit.), o que para quase todos é incomum, pois não seriam eles quem escolheriam a profissão, pelo contrário os subempregos que conseguissem definiriam em que cada um trabalharia podendo ainda ser de modo transitório.

Para quem nunca teve ou acreditou que poderia ter uma escolha é muito difícil entender uma proposta diferente, em que os jovens da periferia possam ir à universidade cursar graduações em que tenham afinidades, “escolher o curso que irão fazer é muito tenso, antes eles não pensavam que poderiam ter a possibilidade de escolha, eles eram os escolhidos, e sempre ou quase sempre para os subempregos como seus familiares e amigos mais velhos” (MILANI, op. cit.).

Neste ponto procurei saber qual a motivação em trabalhar com os jovens em função destes alcançarem a formação superior, mas a resposta que tive surpreendeu, pois o que ficou claro é que o apoio psicológico não é necessariamente na busca pela universidade, mas na busca da felicidade, seja ela vinculada a um curso superior ou não. Com experiências anteriores na docência para jovens do ensino médio, Patrícia esclarece que sempre buscou mostrar os “caminhos que eles pudessem ter possibilidade de escolha e não apenas de serem escolhidos, de modo que se quisessem trabalhar no boteco do pai que fizesse isso conscientemente e tentasse transformar o boteco em algo cada vez melhor” (MILANI, op. cit.).

É difícil, temos que trabalhar para que os alunos não desejem apenas tomar a posição do opressor, mas que possam sair daqui e ir para as universidades públicas não porque são as melhores simplesmente, não porque lhes trarão maiores chances na vida, mas porque a universidade é de todos e a periferia não pode ficar tão distante dela, essa é uma questão de ocupação de espaço, a periferia precisa ocupar os espaços para lutar pela própria periferia, e nesse caso já tivemos alunos que passaram e se achavam melhores do que aqueles que faziam universidades privadas, isso acendeu um alerta e trabalhamos cada vez mais forte essa questão para que não volte a acontecer. (MILANI, op. cit.).

Existe todo um cuidado para que os jovens compreendam sua responsabilidade para com a sociedade de que fazem parte, que não ocorra um deslumbre ao alcançar posições de relativo destaque. Deste modo, há um trabalho com os alunos individualmente e coletivamente, tanto porque eles mesmos procuram por orientação de modo individualizado, quanto pela dinâmica empregada aos alunos que estão a mais tempo no CCP.

Nós trabalhamos o coletivo e o individualmente sempre, inclusive por meio das aulas de cidadania. Mas temos dois grupos de alunos, aqueles que estão no primeiro ano e por isso o trabalho com eles é um pouco diferente e aqueles que estão há mais tempo; para esse segundo grupo é um pouco mais difícil, pois eles se cobram mais e são mais cobrados pelos amigos e principalmente pela família que muitas vezes querem que eles trabalhem e pague a faculdade por não acreditarem que eles irão conseguir sua vaga. E, internamente, entre eles, que estão aqui há mais de um ano e se preparando em um grupo menor com o sistema de grupo de estudos, também há maior tensão e *stress* (MILANI, op. cit.).

Entender a condição de existência e coexistência com os familiares, com os colegas, com toda comunidade se faz necessário para o próprio desenvolvimento do aluno e isso o coloca em uma condição de autoconhecimento e de responsabilidade, o que permite que os alunos também escolham os cursos para sua formação com maior clareza quanto à identificação e aptidão.

II . 3 Sobre raças, vivências e percepções: delineando conceitos e seus contextos

Com o desenrolar da tese e das entrevistas dos depoentes (como veremos no próximo capítulo) ocorreu a necessidade de tratar da questão racial e neste ponto passou a ser fundamental conceituar Raça e Cor para só depois dimensionar o impacto que estas categorias causam na sociedade e nos indivíduos.

Poderemos observar nos depoimentos dos ex-alunos do CCP que a percepção de termos e conceitos ligados ao que é ser negro/preto ainda são muito difusos, mesmo que o CCP tenha nascido como parte da Educafro e se mantenha firme em estudos e envolvidos com as questões raciais.

E ainda muito sucintamente buscamos indicar parte do caminho para a superação da desigualdade promovida pelo racismo. Digo parte, porque entendemos que a

multiplicidade de fatores que sustentam o racismo pode ser compreendida como algo estrutural, que envolva mais aspectos do que os que são mencionados nesta seção.

O conceito de raça e o conceito de cor são temáticas extremamente caras por tratarem de questões que estão no centro de disputas ideológicas e de narrativas, não sendo uma preocupação nova, embora atual e muito necessária ao tempo presente.

Há grande controvérsia sobre a etimologia do termo *raça*. O que se pode dizer com mais segurança é que seu significado sempre esteve de alguma forma ligado ao ato de estabelecer classificações, primeiro, entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos. A noção de *raças* como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remota aos meados do século XVI. (ALMEIDA, Silva. 2020, p. 24)

Por não serem conceitos estáticos e receberem novas configurações ao longo do tempo e terem definições diversas em lugares distintos Guimarães em seu trabalho “Cor e Raça: raça, cor e outros conceitos analíticos” (2008) foi bastante esclarecedor ao demonstrar como estes conceitos se constroem, para tanto ele trouxe à discussão a distinção existente entre dois tipos de categorias de conceitos: os analíticos e os “nativos”.

Um conceito ou categoria analítica é o que permite a análise de um determinado conjunto de fenômenos, e faz sentido apenas no corpo de uma teoria. Quando falamos de conceito nativo, ao contrário, é porque estamos trabalhando com uma categoria que tem sentido no mundo prático, efetivo. (GUIMARÃES, 2008, p. 63.)

Enquanto o conceito ligado a categoria analítica faz parte de uma teoria e tem uma perspectiva científica, pois sua base é a ciência, o conceito quando atrelado ao sentido nativo, por sua vez é particularizado a um determinado grupo de pessoas com um sentido próprio, mas ambas as categorias só têm validade em um momento histórico específico, criando um determinado sentido.

Antes de trabalharmos o conceito de raça e cor no contexto da tese sobre os ex-alunos do CCP buscaremos pensar em um contexto mais amplo. E com isto, podemos dizer que buscaremos fazer uma síntese do conceito raça e cor.

Existem mais de um sentido para o conceito de “raça” em termos analíticos e aqui nos ateremos a dois, aos sentidos antropológico e biológico.

Tanto a Biologia quanto a Antropologia Física estabeleceram a teoria da existência de raças humanas, o que na prática é subdividir em grupos aqueles que compõem

características semelhantes, o que os diferencia de outros grupos que também se assemelham entre si, e isto os qualifica ou desqualifica os hierarquizando, de modo imutável por se tratar de aspectos naturais.

A biologia e a antropologia física criaram a ideia de raças humanas, ou seja, a ideia de que a espécie humana poderia ser dividida em subespécies, tal como o mundo animal, e de que tal divisão estaria associada ao desenvolvimento diferencial de valores morais, de dotes psíquicos e intelectuais entre os seres humanos. (GUIMARÃES, 2008, p. 64.)

Se durante séculos a ciência por meio da Antropologia e Biologia ratificavam a ideia de raças superiores e inferiores que justificavam a exploração de povos Europeus sobre colonos africanos, ameríndios e asiáticos, a própria Antropologia com o passar do tempo provou que não há validade nas teorias que estabelecem hierarquias entre os povos. Pois, o rigor científico e o comprometimento de cientistas sociais com a ontologia, além de, todo um contexto histórico que por meio da luta dos povos subjugados impulsionou a necessidade de revisão científica, permitiu uma melhor compreensão sobre a estrutura dos conceitos e sua validade.

Desta forma as ciências foram trabalhando e chegaram a conclusões semelhantes quanto a não validade da perspectiva da existência de raças que diferenciam e hierarquizam os grupos humanos.

A biologia entende que as diferenças internas (ligadas ao genótipo) não são maiores que as diferenças externas (fenótipo, que são aquelas características visíveis como cor da pele e tonalidade dos olhos), ou seja,

é impossível definir geneticamente raças humanas que correspondam às fronteiras edificadas pela noção vulgar, nativa, de raça. Dito ainda de outra maneira: a construção baseada em traços fisionômicos, de fenótipo ou de genótipo, é algo que não tem o menor respaldo científico. (GUIMARÃES, 2008, p. 64.)

Ou seja, a ciência não pode e não consegue de forma fidedigna ratificar teorias nativas que indicam a existência de raças, muito menos a existência de fatores hierárquicos que posicionam grupos humanos em condições de desigualdades psíquicas, morais e de caráter fruto de sua construção genética, as construções sociais não podem ser compreendidas como dependentes e subalternas a genes do indivíduo.

Não sendo diferentes de outros, estes conceitos estão subordinados às perspectivas teóricas que por sua vez estão subordinados ao tempo vivenciado, e ao rigor das leis

científicas, no entanto, estas últimas, as leis, são universais e ahistóricas. Desta forma, os conceitos estão sempre em processo de formação, reformulação ou dissolução, mesmo que estes conceitos tenham sido tratados por muitos equivocadamente como algo natural, que faz parte da natureza de modo a ser imutável.

Outro conceito que merece atenção ao se tratar de raças é o conceito de cor, pois os fenótipos na maioria das vezes são fundamentais para ratificar a ideia de raças, vez que, são os elementos visíveis que proporcionam distinção, embora a origem seja também item relevante para estabelecer uma determinada raça.

Os europeus se definiram como brancos a partir do contato com outros povos que foram denominados de negros (pretos), amarelos (asiáticos) e vermelhos (indígenas), o que proporcionou uma classificação baseada em cores, mas esta concepção pode ser inadequada por algumas questões que serão tratadas a seguir demonstrando que este conceito está carregado de percepções nativas.

Temos que dar tratos à bola para compreender este que é o mais naturalizado de todos os discursos. E quando falo naturalizado, estou querendo dizer totalmente nativo, pois quanto mais nativo é um conceito mais ele é habitual, menos ele é exposto à crítica, menos conseguimos pensar nele como uma categoria artificial, construída, mais ele parece ser um dado da natureza. É isso que quer dizer “naturalizado”. Cor é um discurso desse tipo, uma categoria totalmente nativa. Na mais longínqua antiguidade, essa metáfora das cores já se aplicava à classificação dos seres humanos. Como todo o conceito, a “cor” pode ser pensada de dois modos: o analítico e o nativo. (GUIMARÃES, 2008, p. 68.)

A perspectiva analítica encontramos na pintura, na estética, na fotografia, em que podemos definir uma determinada paleta de cores em suas diversidades e suas variações de tonalidades. Já em relação à atribuição de cores aos seres humanos de modo a classificá-los como parte de um grupo específico como brancos e negros, por exemplo, é um equívoco e só pode ser pensado como categorias nativas, pois a existência de uma variedade de tonalidades extremamente alta é o que impossibilita uma classificação em grupos, as tonalidades são tantas quantas podemos imaginar.

O que podemos observar é que não são as cores que orientam as raças e sim o contrário, são as ideias de raças que estabelecem as distinções por meio das cores criando grupos hierárquicos que são arbitrários.

Aqui saliento a importância do estudo de Guimarães ao afirmar que cor não deve ser tratada como uma categoria objetiva, primeiro por se tratar de uma multiplicidade de

tonalidades e aspectos e depois por ser uma categoria racial, “pois quando se classificam as pessoas como negros, mulatos ou pardos é a ideia de raça que orienta essa forma de classificação” (GUIMARÃES, 2008, p. 77). Contudo é importante dominar a linguagem nativa, seus contextos e percepções para partir daquilo que os sedimentam, em um processo de desconstrução que permita compreender cientificamente a sociedade em questão e seus meandros.

Esta posição de Guimarães se justifica justamente porque raças e cores humanas são categorias estabelecidas culturalmente e que se transformam a partir da necessidade dos grupos hegemônicos de cada sociedade em um dado momento histórico, e é a mesma conclusão observada no trabalho de Silvio Almeida.

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da *raça* sempre há contingências, conflito, poder e decisão de tal sorte que se trata de um conceito *relacional e histórico*. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas. (ALMEIDA, Silva. 2020, p. 24-25).

Mesmo com um discurso que nega, nós vivemos em uma sociedade muito racista, em que a ideia de raça é muito importante e pauta as relações, desta forma vamos considerar aqui na tese como o conceito de raça e cor nativamente é pensado e reproduzido. Desta forma usamos na tese o modo usual e formal de como são classificadas e referidas as cores ao se tratar de seres humanos no Brasil.

Ao discutirmos as questões étnico-raciais a partir da formação cultural que em grande medida se dá na escola, se faz relevante, ainda que sucintamente, repensarmos “as diferenças marcadas pelo processo de racialização e colonização” tendo em vista as problematizações teóricas e políticas “das consequências desse processo no sistema educacional brasileiro” (SILVÉRIO, 2010, p. 113) e, conseqüentemente, em nossa cultura.

Cabe lembrar que nossa sociedade ainda sofre por ter construído o mito da democracia racial²⁰, tão presente em nossa sociedade, que por vezes só serve para culpabilizar o próprio preto que se sente inferiorizado, colocando nele a responsabilidade pelo preconceito existente. Esta concepção dentre outras também é fruto da educação formal, não formal e

²⁰ O mito da democracia racial foi construído ao longo do tempo e tem como premissa que não existe racismo e as relações entre as raças são harmoniosas, no Brasil muitos acreditam que o livro *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, de 1933 que expõe uma suposta relação cordial entre negros e brancos motivou estudos e teorias que se enraizaram seguindo esta ideia e foi disseminada pelo senso comum.

informal²¹, que embora distintas, têm em comum o fato de serem produtos e produtoras de cultura.

Embora se trate de uma temática muitíssimo discutida, ainda há muito o que ser compreendido, justamente por agregar conceitos e premissas ilusórias e falsas que modelam a sociedade em que vivemos por ser tomadas como verdadeiras e corretas. No entanto, somente conhecendo como ocorre o processo de naturalização do preconceito e do estereótipo em nossa subjetividade, que faz com que todos, voluntária ou involuntariamente, se tornem cúmplices de sua perpetuação, é que é possível construir o caminho inverso para a desnaturalização.

O Brasil de hoje é um dos países mais miscigenados do mundo; graças a sua formação recente e diversa, vários povos contribuíram para a formação do Brasil, a saber, os nativos (os índios de diversas etnias), os colonizadores “principais” (os portugueses), os “demais colonizadores” em forma de imigrantes como (franceses, holandeses, posteriormente Italianos, Japoneses, alemães entre outros), e na história mais recente com maior intensidade temos coreanos, nigerianos, bolivianos, peruanos e haitianos, além daqueles aqui não mencionados, e ainda os que são objeto de nossa discussão, (os considerados negros) que vieram para o Brasil de forma compulsória a datar do início da colonização até final do século XIX.

Exatamente por sermos um país miscigenado onde há uma interação entre as diversas etnias aqui existentes é que foram criadas três categorias para definir o “fruto” das relações entre os pretensos brancos, negros e índios, sendo o *mameluco* a descendência do índio(a) com o branco(a), em que nos primeiros tempos, geralmente era, a índia com o branco por meio de relações sexuais forçadas; o *cafuzo* que é relativo a descendência do negro(a) com o índio(a) e por fim o *mulato* que é relativo à descendência do negro(a) com o branco(a), sendo que no início de nossa colonização a “regra” era que os mulatos eram filhos bastardos de senhores escravistas brancos com negras escravas que quase sempre eram violentadas. (RIBEIRO, 2001, p. 106-133).

Cabe salientar que a diversidade na paleta de cores existentes se tornou ainda mais ampla entre os seres humanos a partir da globalização, e no caso brasileiro se torna bem

²¹ Educação Formal é aquela desenvolvida em instituições como escolas, com conteúdo previamente demarcados, ou seja, é uma educação institucionalizada que acontece em espaços sistematizados; já a Educação Não Formal ocorre em espaços de ações coletivas cotidianas em que os modelos de aprendizagem não cumprem exigências legais, e mesmo apresentando intenção explícita de educar está mais caracterizada pelas trocas de experiências entre os indivíduos. No outro extremo da Educação Formal se encontra a Educação Informal, que se caracteriza por se casual e empírica, descartando a intencionalidade e a organização, sendo carregada de vivências espontâneas.

evidente também por todo seu contexto histórico, de modo que hoje é difícil classificar quem quer que seja como parte de um grupo específico, senão usando critérios motivados por posições políticas que o indivíduo se identifique, pois se auto identificar com uma determinada cor de modo objetivo, como branco, negro ou pardo é também assumir um posicionamento de luta política, sobretudo para aqueles que notoriamente carregam na pele as marcas da miscigenação.

É possível dizer também que em todos os demais momentos da história a definição de grupos sociais por meio de cores com critérios objetivos foram definições políticas, e com a intencionalidade patente de explorar e subjugar as sociedades mais fragilizadas o que difere um pouco do momento atual pela existência da miscigenação fruto da globalização, mas não podemos deixar de observar a presença de subgrupos que mantêm a lógica inicial.

Ainda sobre a miscigenação podemos observar que além dos *índios* que tiveram o seu território invadido, suas crenças violentadas, seus hábitos transformados e sofreram diversas investidas contra a sua liberdade, o que promoveu em último grau até mesmo o extermínio de diversas nações indígenas, temos ainda, os *negros* que foram trazidos para o Brasil de forma compulsória, arrancados de sua terra natal, de suas famílias, de seus povos. Ainda nos navios negreiros que faziam o tráfico de escravos, os negros com os mesmos dialetos eram separados, a fim de não se comunicarem uns com os outros e assim não promoverem movimentos de resistência, além de se tornar ainda mais frágeis em sua condição recente de escravo (RIBEIRO, 2001).

Segundo Darcy Ribeiro, em sua obra O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil, “O espantoso é que os índios como os pretos, postos nesse engenho deculturativo, consigam permanecer humanos” (2001, p.118). Nesta frase, o autor fez explicitamente uma alusão a todo sofrimento e imposições feitas pelos colonizadores ao povo negro trazido da África.

É relevante lembrarmos que nos primeiros anos de colonização os indígenas eram escravizados para as tarefas mais árduas, porém por conhecerem bem o território, eles conseguiam se articular mais facilmente, tanto para a defesa quanto para o resgate de índios aprisionados, além de estarem habituados com uma dinâmica de trabalho totalmente diferente daquela a que eram submetidos (RIBEIRO, 2001, p. 111). Além de outras questões relevantes que envolve esta conjuntura, é necessário observar que é neste cenário que ocorreu a opção de escravizar os negros que, por serem trazidos de terras distantes, tinham mais dificuldades para

se articular. O fato é que no Brasil, desde a colonização, quanto mais escuro é o tom da pele, mais os indivíduos são passíveis de sofrer discriminação.

Com o “fim”²² da escravidão legal em 1888, se instalou no Brasil uma falsa ideia de convívio harmônico entre as diversas etnias. Quando na realidade, até os dias atuais são corriqueiras as práticas de etnocentrismo, preconceito e discriminação.

O etnocentrismo, tão presente até nos dias de hoje, é uma postura vinculada ao modo do(s) indivíduo(s) verem o mundo exclusivamente a partir de seu próprio ponto de vista, pelo qual tendem, a rejeitar, negar, recusar e até mesmo agir com preconceito e discriminar qualquer cultura que não seja igual a sua (QUEIROZ, 2012, p. 9-12).

Uma das facetas do etnocentrismo se manifesta por meio do preconceito que é um juízo preestabelecido, baseado na simples crença ou opinião que é formada através de um olhar imediatista, inflexível e acrítico, exatamente por não conhecer de forma efetiva a realidade analisada e se valer de conceitos prévios sem intenção de colocá-los a prova.

O ato de discriminar passa longe de ser apenas o ato de criar e separar com base em categorias. Por exemplo, ao criar a categoria cor e discriminá-la, agregando valores, cria-se, por consequência, hierarquias.

É a partir dessa ação que a discriminação racial tem tomado corpo em nossa sociedade, hierarquizando as pessoas tendo como base sua cor da pele. Com isso, a consequência é a ofensa, a exclusão, o menosprezo e o desprezo com vistas a inferiorizar uma determinada etnia.

É importante compreender que as ações de discriminação podem ocorrer por meio de atos explícitos ou velados, dirigidos diretamente à pessoa ou a grupos (tendo como alvo um determinado coletivo), ou de forma indireta atacando instituições, corporações, crenças ou hábitos vinculados a uma etnia em particular.

O etnocentrismo e o preconceito se mostram evidente no Brasil quando observamos o conteúdo da programação da televisão, das revistas, dos meios de comunicação como um todo. Esses excluem ou colocam os negros de uma maneira bem singular, quase não fazendo menção sobre temas ou assuntos vinculados às culturas negras. Por fim, o que se

²² O fim da escravidão foi anunciado em 1888 com a assinatura da Lei Áurea. No entanto, os livros de histórias, documentos, noticiários e o nosso cotidiano nos mostra que na prática a escravidão continuou, assim como, ocorre até os dias atuais com a chamada escravidão contemporânea, ou a conhecida situação similar a escravidão.

evidencia é um contraste entre o número de negros em nossa sociedade e sua representatividade.

O preconceito racial e o racismo no Brasil a partir de seus meandros nativos se manifestam no cotidiano das relações pessoais, materializando-se nas empresas privadas, nas repartições públicas, nos locais de moradias, prédios, condomínios e casas de diversas famílias, assim como, nos locais de formação, como, universidades, cursos técnicos, escolas de formação inicial com seus livros didáticos que retratam o negro geralmente de modo pejorativo. Esses materiais colocam os negros como sujeitos passivos da história, tendo apenas as pessoas consideradas brancas como referências e protagonistas e, quase sem exceção, os negros aparecem exclusivamente para delinear o período escravista do Brasil ou retratar atos ilícitos e criminosos.

Com isto, ainda convivemos com situações de discriminação e preconceito racial. Convivemos com essas ações entre os alunos e professores, profissionais da saúde e seus pacientes, vendedores e clientes, empregador e empregado, vizinhos, parentes, sendo o mais grave a naturalização desses atos e relações sociais deturpadas pela intolerância a diversidade. Esta formação que nos impõe a desigualdade racial promove em certa medida a desigualdade de renda.

Se podemos salientar que raças não existem para a ciência, também podemos ratificar que elas estão bem presentes na perspectiva nativa. Nesse sentido, mesmo carregada de subjetividade, a raça torna-se objeto de pesquisa nas Ciências Sociais.

Quando comparados aos autodeclarados brancos, os autodeclarados negros sofrem pela desigualdade social que é a somatória de uma educação desigual, até mesmo com acessos desiguais à educação, a salários mais baixos, ou falta de oportunidades no mundo do trabalho, assim como, a má alimentação, a má condição de moradia e programas de saúde precários.

Toda essa desigualdade econômica e de situações nos permite compreender que embora o Brasil seja um país com leis que prezam pela igualdade *formal*, o que dá margem para a ideia de democracia racial, de *fato* a igualdade, inclusive de oportunidades, não é o que vivenciamos.

Essas desigualdades refletem e são frutos de concepções culturais que promoveram e promovem uma história de exploração e subjugação de um grupo racial sobre o outro: concepções que são forjadas de formas paulatina e aparentemente despreziosas, como é o caso do uso do termo negro.

Para fazer esta análise sobre o uso linguístico do termo negro é importante compreender que a língua pode ser analisada sob duas perspectivas, a diacrônica, segundo a qual buscamos a origem da palavra, por meio da etimologia, ou a análise sincrônica, segundo a qual fazemos um “recorte” no tempo, usando um dado momento e um dado local explicitando as influências culturais. E neste contexto, verificamos como a palavra negro aparece no contexto do Brasil.

Ao pensarmos a formação do povo brasileiro e sua imensa diversidade étnica atrelada a uma postura de preconceito centenária que data da época da colonização deve-se procurar buscar as raízes desses preconceitos, além de observar como eles se perpetuam. Com isso, trago como o termo negro é retratado recentemente em alguns dos dicionários mais utilizados apenas para uma breve reflexão.

No minidicionário Luft, temos a seguinte definição: NEGRO: De cor escura; preto. 2.(fig) sombrio; ameaçador. S.m 3. Homem da raça negra; preto. (BARBOSA e PEREIRA [org. Lya Luft], 2000).

No renomado Dicionário Escolar Silveira Bueno, que é de amplo acesso, o termo encontra-se assim definido:

NEGRO: adj. Que é de cor escura; preto; muito escuro; sombrio; escurecido pelo tempo ou pelo sol; lúgubre; triste; funesto; (surperl. Abs. Sint.: negríssimo e nigérrimo); s.m. homem de raça negra; escravo; homem que trabalha muito. (BUENO, 1996).

O minidicionário escolar wkids, que se destina à educação de crianças em anos iniciais, tem a seguinte definição:

NEGRO: (ê), adj 1) Que recebe luz e não reflete, preto. 2) Escuro. 3) Sombrio. 4) Denegrado. 5) Lutuoso, fúnebre, funesto. 6) Que causa sombra. 7) Tenebroso. 8) Tempestuoso. 9) Indivíduo de raça negra; preto. 10) Escravo. 11) Poét. Escuridão, trevas. (Equipe ciranda cultural, s/d).

O dicionário brasileiro Globo em sua 34ª edição nos traz uma definição que ratifica e soma as anteriores:

NEGRO: (ê), adj. De cor escura; muito escura; preto; que pertence à raça negra; escurecido pelo tempo ou pelo Sol; (fig.) sombrio; triste; infeliz; lúgubre; funesto; execrado; maldito; tétrico; ameaçador; ver tudo negro: ser pessimista; s.m. indivíduo de raça negra; cor negra; (fig) homem que trabalha muito [...]. (FERNANDES; LUFT e GUIMARÃES, 1993).

Em se tratando do dicionário Aurélio, um dos mais bem-conceituados da língua portuguesa, e considerando ainda sua ampla utilização em nosso país, e mesmo pela sua definição, se faz relevante transcrever o conceito feminino e masculino da palavra negro:

NEGRA: (ê). [fem. De negro.] S. f. 1. Mulher de cor preta. 2. Escrava, cativa. 3. A terceira partida, que desempata, num torneio, campeonato, competição, etc. [...] NEGRO (ê). [Do lat. Nigru.] adj. 1. De cor preta. 2. Diz-se dessa cor; preto: terno de cor negra; preto. 4. Preto (6). 5. Sujo, encardido [...] (FERREIRA, 1975).

Diferindo um pouco dos anteriores temos os dicionários Houaiss e Ruth Rocha que, embora muito conceituados, não são tão utilizados pelo grande público.

A definição empregada pela autora Ruth Rocha aplica o termo negro da seguinte forma: “Negro: (ê) De cor totalmente escura, como o carvão. 2. De pele muito escura. sm 3. Homem negro”. (ROCHA, 1996)

Já o dicionário Houaiss descreve da seguinte maneira: “Negro: \ê\ adj. s.m. 1 (indivíduo) que tem a pele escura. s.m. 2ª cor preta. [...]”. (org. Instituto Houaiss, 2004).

Cabe salientar que as reivindicações dos movimentos sociais por revisões e transformações sociais fez com que, inclusive alguns dos dicionários mencionados em suas reedições mais novas trouxessem o termo negro de modo mais técnico, sem vincular a percepções sociais que não sejam científicas.

Devemos lembrar que os dicionários retratam a cultura social por meio da linguagem, enquanto também forma e dá validade à cultura, graças ao poder de ratificar o que é aceitável ou mesmo tido como correto em determinado idioma.

No início da colonização brasileira se criou uma crença de que, intrinsecamente ao índio, estava a condição de sujeito preguiçoso, sendo que, diferente do índio, a natureza do homem negro o levava a ser propício ao trabalho físico por sua força e desprendimento, e por fim, o homem Branco haveria nascido com uma habilidade especial para o mando e a administração. Essa concepção do senso comum²³ ainda está presente nos dias atuais e são representadas acima quando é observada a frase “homem que trabalha muito” ao tratar do negro, e no que se refere à INverdade histórica com a associação da condição de “escravo, cativo” ao negro, uma vez que ser negro não era e não é condição para ser escravo.

²³ Senso comum: é caracterizado por ser imediatista, superficial, acrítico, cheio de sentimento (carregado de emoção) e cheio de preconceito.

No caso brasileiro coincidiu que as pessoas cativas e tornadas escravas advinham de uma região da África em que predominavam pessoas negras, ou seja, nem todo negro é ou era escravo, assim como nem todo escravo ao longo da história fora negro; a exemplo, tivemos escravos na Grécia, no Egito, na Índia, na Ásia e na própria Europa em momentos distintos, sendo escravos originários desses mesmos lugares, com os caracteres físicos/biológicos inclusive de seus algozes, distintos dos negros africanos que vieram escravizados para o Brasil.

É a partir de concepções como estas, que definem o homem negro ou o próprio conceito de ser negro no senso comum, que o processo de naturalização do preconceito e do estereótipo em nossa subjetividade passa a fazer parte de modo constante em todos nós, e ainda, voluntária ou involuntariamente, nos torna colaboradores de sua reprodução e perpetuação, o que nos é confirmado com termos que são usados em nosso cotidiano sem nenhum questionamento, embora promovam uma ação muito maior do que o mero ato objetivo de identificação direta dos signos com seus significados por carregarem uma multiplicidade de sentidos.

E assim existem diversos termos pejorativos como “câmbio negro” (mercado; paralelo de dinheiro não oficial, ilegal); “lista negra” (lista daquilo que é condenado, reprovado); “magia negra” (magia que é feita visando o mal de alguém); “mercado negro” (mercado ilegal); “humor negro” (piadas de mau gosto); “denegrir” (diminuir a pureza, o valor de; conspurcar-se, manchar-se.) Todos esses termos associam o negro a algo nefasto e de modo a que todos usem, mesmo sem compreender que o simples uso destes termos nos coloca em uma situação de voluntariado da discriminação e do preconceito; pior que isto, algumas das vezes a arquitetura da linguagem, que é subordinada à cultura, não nos permite ter outra opção que não o uso dos termos que reproduzem e dão força à engrenagem da hierarquização “racial” via preconceitos.

Uma das questões pouco discutida e que não é objeto de muitas reflexões são os motivos que levam um grupo ou etnia a introduzir um conceito que inferioriza o outro, porém por traz das intencionalidades aparentemente inofensivas e sem propósitos está o objetivo de dominação, carregado de conceitos etnocêntricos.

Por isso, é importante também que seja demonstrado como se apresenta o “oposto” do termo negro, ou seja o significado do termo “branco”. Escolhemos dois dicionários de grande circulação, o Globo e o Aurélio:

[...] Cor branca; homem de raça branca; substância com que se pinta de branco; (bras.) senhor, patrão [...]. (FERNANDES; LUFT e GUIMARÃES, 1993).

[...] Diz-se do indivíduo de raça branca. 9. Fig. Sem mácula; inocente, puro, cândido, ingênuo [...]. (FERREIRA, 1975).

Pode-se observar, então, que a discriminação e o preconceito que ora aparecem explícita, ora acontecem de modo velado, são extremamente significativos no que concerne à formação e manutenção da desigualdade social, política e econômica, ou seja, é de muita relevância e abrange todo arcabouço cultural de uma sociedade pela potência de transformação ou manutenção social.

Existem algumas formas de perceber e interagir em busca de transformação e superação. A primeira medida é compreender como os conceitos primários como raça, racismo e cor, que dão vida à discriminação e segregação, são forjados e alimentados.

Embora exista um trabalho bastante significativo no CCP, é possível constatar por meio das respostas dos entrevistados, que ainda se faz necessário o desenvolvimento de projetos/ações que demonstrem a inexistência legítima de cores e raças ao se tratar de seres humanos, e que essa só pode ser pensada de modo nativo, o que significa, por sua vez, que ela pode e deve ser pensada politicamente.

Os alunos do CCP e o próprio projeto demonstram engajamento nos movimentos e nas causas sociais que envolvem as questões da negritude e isto aparece, inclusive como DNA do próprio cursinho, mas a falta de entendimento de como é forjado o conceito de cor leva os alunos a caírem na armadilha de buscar responder cientificamente se fazem parte ou não de uma determinada cor, o que os coloca em outra armadilha recentemente presente nos movimentos sociais que é o medo de se posicionar em um lugar de fala que não seja seu.

Por que eu chamo de duas armadilhas? Primeiro por não ser possível determinar cientificamente nem mesmo a existência das cores e raças humanas e menos ainda definir cientificamente de qual categoria de cor o indivíduo faz parte, elas (as cores e raças) existem nativamente e assim devem ser pensadas; com isto, o posicionamento de cada um, e apenas nativamente (localmente/culturalmente), só é possível a partir de uma contextualização política. A segunda armadilha é que o lugar de fala é um lugar de familiaridade, mas não pode ser e não é um lugar de exclusividade, pois se fosse não haveria espaço para a solidariedade e alteridade.

Desta forma, o reconhecimento dos alunos de fazerem parte de um grupo fenotipicamente inferiorizado social, cultural e economicamente por outros grupos hegemônicos faz-se necessário, para que possam se posicionar e lutar politicamente por transformação. Como mencionado anteriormente, cor e raça são criações nativas e racismo, preconceito, etnocentrismo e discriminação também são aspectos motivados culturalmente e por isso é possível mudanças e conquistas que levem à igualdade.

Na busca por uma sociedade mais igualitária uma das saídas é o relativismo que é uma doutrina segundo a qual os valores morais não apresentam validade universal e absoluta, diversificando-se ao sabor de circunstâncias históricas, políticas e culturais. Nesse sentido a antropologia é a ciência da diferença, da alteridade, uma vez que a alteridade se opõe à identidade; o radical (*alter*), em latim, significa “outro”, portanto, se o EU define a identidade e o Outro caracteriza a alteridade, é justamente por perceber e se colocar no lugar do outro que se faz possível estabelecer o relativismo cultural.

A alteridade é um estado ou qualidade que se constitui através de relações de contraste, distinção, diferença relegada ao plano de realidade não essencial pela metafísica antiga, a alteridade adquire centralidade e relevância ontológica na filosofia moderna (hegelianismo) e contemporânea (pós-estruturalismo).

Quando nós nascemos não temos inserido em nós o conceito de alteridade, o processo de internalização é desenvolvido lentamente; a exemplo disso podemos lembrar que as crianças recém-nascidas só reconhecem as suas próprias necessidades, e para elas não existem o antes, sendo elas mesmas a razão da existência do mundo, por não conceber o outro como igual, mas como aquele que está para satisfazer suas carências. Somente ao compreender que o mundo existe antes e continuará a existir depois de si e que o outro é um possível dele mesmo é que o sujeito alcança um determinado grau de alteridade.

A relação de cada membro de uma cultura é de “identidade”, porque se trata de iguais; já a relação de membros de culturas diferentes, ou grupos diferentes, deve ser de “alteridade”.

Para Tugendhat (1999, p. 362), um conceituado filósofo alemão da contemporaneidade, a ética tem um pressuposto universal justamente por entender que a conduta ética consiste em reconhecer o outro como sujeito de direitos iguais e, deste modo, os compromissos que temos em relação ao outro correspondem, por sua vez, a direitos que não firam a particularidade de cada um e devem ser respeitados.

Assim, é preciso perseguir o relativismo cultural que é um antídoto ao etnocentrismo, por tratar as múltiplas sociedades e grupos sociais enquanto iguais de direitos ao passo em que se respeitam as suas diferenças. Dessa forma, o relativismo cultural metodologicamente se posiciona de modo contrário à postura defendida pelo etnocentrismo; propõe uma postura de compreensão e aceitação do outro.

Deste modo, para superar as mazelas criadas pelo sentimento e teorias eurocêntricas, etnocêntricas e racistas se faz preciso que ocorram debates intensos que contemplem a realidade local dos envolvidos, sem deixar de contextualizar com a totalidade ou pelo menos interpor com um grupo distinto. Para isso, a visão daquele que introduz o tema, enquanto alguém que respeita, valoriza, incorpora e problematiza as experiências diferentes de todos, é fundamental.

Somente o conhecimento sobre o processo de naturalização do preconceito e do estereótipo em nossa subjetividade, que faz com que todos, voluntária ou involuntariamente, se tornem cúmplices de sua perpetuação, é que possibilita construir o caminho inverso, caminho para a desnaturalização.

É nesse contexto que muitos estudiosos compreendem como necessidade o fortalecimento da identidade dos negros brasileiros, estimulado pelo conhecimento do continente africano e de sua cultura. E é exatamente isso que motivou o projeto Lei 10.639 que torna obrigatório o estudo da História e Cultura Afro-brasileira, bem como da Educação para Relações Étnico-Raciais no currículo obrigatório do ensino fundamental e médio.

Essa postura de compreender a história do negro enquanto sujeito de nossa sociedade e do mundo tem como função corrigir os diversos equívocos cometidos pelo fato de a história oficial ter quase sempre relegado aos negros uma significância secundária, esquecendo seus heróis ou mesmo deturpando os acontecimentos para transformá-los em insubordinados ou contraventores.

Como mencionado anteriormente, vivencia-se no Brasil, por meio da hipocrisia, o *mito da democracia racial*, ou seja, boa parte das manifestações racistas ocorre de modo velado, enquanto muitos propagam que efetivamente vivemos em uma sociedade livre do preconceito racial e do racismo em relação aos negros, há na realidade uma desvalorização, que se junta à desqualificação e desumanização e culmina com o não reconhecimento simbólico das tradições, saberes e fazeres do povo afrodescendente que vive neste país.

Essa conjuntura dificulta a autoestima e o autorreconhecimento do negro em relação a sua condição étnica. Contudo, ao contrário do que se costuma dizer, exatamente para ferir a imagem do negro, não é uma questão de preconceito sobre si mesmo, mas de “autoproteção” e mesmo de busca da inserção na sociedade de forma plena, algo que o negro hoje não desfruta. Prova disso é o baixo índice de protagonistas negros em novelas, filmes e programas televisivos, assim como nos cargos de chefia das diversas áreas de atuação. Porém é importante salientar a necessidade de romper com esse recurso de não afirmação da sua própria condição e buscar superar os limites impostos a essa parcela da população por meio do diálogo, da interação, da conscientização e do direito efetivo, de forma que o direito à igualdade deixe de ser meramente formal e passe a ser existente de fato.

Um exemplo dessa tentativa de perpetuação do negro enquanto um sujeito vitimizado pode ser observado no que se refere à formação de nossas crianças e jovens por meio dos nossos livros didáticos, que destinados ao ensino-aprendizagem dos estudantes, costumam trazer a imagem dos negros sempre oprimidos, selvagens, incultos, submissos, explorados e, por fim, sempre derrotados. Entretanto, é crucial mudar a postura, o material e, sobretudo a forma de abordagem da história desse povo que hoje constitui a maioria da população brasileira.

É preciso que ao estudar, discutir ou teorizar sobre o racismo se perceba que não se trata de algo distante e que está “lá” na sociedade, e que não compromete a todos diretamente, ou mesmo as diversas instituições, sejam elas religiosas, políticas, econômicas, familiares entre outras.

Pode-se compreender, uma vez que houve uma hierarquização cultural nas sociedades ocidentais atuais, que seguir uma postura que busque o relativismo cultural constitui a possibilidade de (re)conhecer e compreender o diferente, não apenas entre as diferentes culturas do mundo ocidental, mas também, na sociedade em que vivemos.

Não é ignorando essa discussão, e muito menos criando uma fantasia de que não existem problemas a serem resolvidos que se chega às melhores soluções para a questão “racial”; é necessário superar a condição acrítica, superficial e do senso comum que essa temática carrega como legado.

Capítulo III – ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS

Trazemos neste capítulo por meio dos depoimentos as histórias de vida dos ex-alunos do CCP contextualizando com a proposta da tese de analisar as trajetórias destes jovens, e ainda articulamos com uma das maiores problemáticas existentes na teoria de Bourdieu: Uma educação não reprodutora é possível? Sob quais condições?

III. 1 Depoimentos, ex-alunos/entrevistas semiestruturadas

Quadro dos entrevistados

Nome	Idade na época da entrevista	Ano que entrou no curso	Ano que entrou faculdade (graduação)	Ano que Saiu da faculdade e (graduação)	Curso de graduação	Instituição	Trabalha na área em que se formou?	Trabalha no setor público ou privado?	Cor autodeclarada
Carlos	26	2008	2009	2013	Matemática	Unicamp	Sim	Público	Pardo
João	33	2005	2006	2009	Gestão de Políticas Públicas	USP	Sim	Público	Pardo
Antônio	33	2002	2003 (Inacabado) 2004	2010	Processamento de Dados; Física	Fatec USP	Não	Público	Branco *
Adriana	36	2002	2003	2007	Direito	USF	Sim	Privado	Negra
Pedro	33	2002	2003	2008	Publicidade e Propaganda	USP	Não	Público	Pardo
Davi	33	2002	2003 (Inacabado) 2005 (Inacabado) 2007	2012	Processo de Produção; Física; Engenharia Mecânica.	Fatec USP USP	Não	Público	Branco
Simoni	35	2003	2005	2008	Fonoaudiologia	Unesp	Sim	Público	Negra

Gabriel	21	2012	2013 2013	2019 Em anda- mento.	1ª gradua- ção: En- genharia; 2º gradua- ção: Física.	UFABC; 33 UFABC	Não, mas é relacion- ado a segunda formação em an- damento	Público	Branco **
Bruna	26	2010	2012	2018	Lazer e Turismo	USP	Sim, na época da 1ª entre- vista; Parcial- mente, na época da 2ª entrevis- ta.	Público época da 1ª entrevis- ta; Parcial- mente, na épo- ca da 2ª entrevis- ta.	Não sou branca, mas não me declaro negra ***
Matheus	27	2011	2013	****	Direito	Unesp	-----	-----	Mulato

* “É sempre muito complicado porque se a gente for buscar no passado a nossa ascendência tem de todas as cores, de diversas etnias, mas eu acho que sou branco pela minha pele, não por uma questão cultural propriamente, mas pelo fenótipo que é o termo mais correto”.

** “Eu me coloco como branco embora eu já tenha me perguntado sobre esta definição antes, pois ficava sempre na dúvida em me posicionar como pardo, mas entendendo que as pessoas se definem como pardo muito mais para fugir de se definirem como preto, e não é a minha condição, então passei a olhar mais o fenótipo, minha aparência é predominantemente de branco e o tom de minha pele”.

*** “A cada dia que se passa me declaro mais negra, pois compreendo o que significa isso, não se refere apenas à tonalidade da pele, não sou muito escura, mas tenho muitas características de negra e carrego o bônus e o ônus disso”.

**** Houve diversas tentativas de um novo contato com Matheus sem sucesso.

A maior parte dos ex-alunos do CCP recebeu alguma orientação de alguém para procurar o cursinho, outros buscaram o CCP após conhecer alguém que estudava ou estudou lá. No caso de Carlos, foi seu irmão que apresentou o cursinho, ele conhecia o Rozalvo e um pouco do projeto e acreditava que talvez fosse uma saída para que seu irmão tivesse uma vida melhor. Órfão desde criança, Carlos não tinha muita referência de sucessos profissionais para

seguir. Um de seus irmãos é dependente químico, o que o impossibilita até de trabalhar por causa das sequelas do uso prolongado. Sua irmã e o cunhado, que eram seus tutores legais, são trabalhadores em funções que exigem pouca formação e não o incentivavam ao estudo, pelo contrário, colocavam empecilhos. O único em sua família que lhe dava incentivo para investir no estudo e em uma carreira profissional era o irmão que apresentou o cursinho.

Carlos, ao lembrar do irmão que projetava um futuro melhor para ele, disse: “esse meu irmão é segurança até hoje e ele me apresentou o cursinho porque queria que eu tivesse uma profissão, diferente dele, para não ter que trabalhar doze horas por dia, todos os dias, igual ele trabalha” (Entrevista realizada com CARLOS, 12/07/2017).

Adriana também encontrou o CCP por meio de um familiar e um conhecido próximo, “eu fiquei sabendo por meio de um amigo de meu irmão, os dois começaram a fazer planos de frequentá-lo” (Entrevista realizada com ADRIANA, 15/07/2017). Hoje, além dela, dois outros membros da família já passaram pelo CCP e chegaram à universidade. Ela foi bolsista de uma universidade privada e os outros dois familiares além do amigo foram para a pública. No começo havia a desconfiança, e o apoio familiar não era o mais apropriado, mas depois do sucesso escolar e de um certo tempo, toda a família passou a apoiar.

Já a aproximação de João com o CCP é bem peculiar, pois um problema de saúde que tirou dele a possibilidade de trabalhar o reaproximou dos estudos e dos sonhos de uma vida acadêmica. Ele já conhecia o cursinho porque uma colega dos tempos de escola havia passado pelo CCP e comentado sobre o mesmo com ele.

A aproximação de Gabriel ao CCP, que é aluno do último ano da Universidade Federal do ABC em época do primeiro depoimento, traz vários aspectos da relação da comunidade com o CCP. Primeiro havia a resistência da família, depois do sucesso de um membro da própria família ela passa a apoiar.

Embora muitos alunos do CCP antes de chegarem ao cursinho, nem mesmo têm expectativa, ainda que pequena, de cursar uma faculdade, muitos têm o sonho, as vezes como algo utópico.

Um de meus irmãos junto com meu primo queria entrar no CCP, meu irmão precisava trabalhar e não conseguiria se manter no pré-vestibular, então só meu primo entrou e conseguiu provar para a família que dá resultado, coisa que até então era só para rico, ele passou na UNIP, na Federal de Minas Gerais e preferiu ficar na Mackenzie com uma bolsa integral em Economia. Aí depois dele entrar meu irmão passou a me incentivar constantemente para que eu

entrasse para conseguir uma bolsa via Prouni como meu primo, eles não queriam que eu repetisse o mesmo caminho que eles de fazer uma faculdade local tendo que se sacrificar trabalhando para pagar, e eles tinham uma concepção que eu era inteligente, mas isso se dava por eu ter tido a oportunidade que eles não tiveram de fazer curso de idiomas e um profissionalizante que me preparou melhor, com isso meu irmão praticamente me obrigou a entrar no CCP porque eu queria trabalhar e seguir a lógica do jovem da periferia. Assim cheguei no CCP, mas lá o pessoal é muito acolhedor e logo entendi que havia outras possibilidades, não tem como comparar minha vida antes e depois do CCP. (Entrevista realizada com GABRIEL, 12/08/2017).

Alguns alunos já estudavam para o vestibular mesmo antes de ir ao CCP; o problema é que não sabiam como se preparar para esse desafio. Antônio é exemplo dessa condição, e chegou ao CCP depois de uma indicação de um de seus clientes, pois ele trabalhava fazendo “bicos”²⁴, vendendo jornais, e jogos como o de raspadinhas. Fazia isso de bicicleta indo aos locais, comércios de modo geral, principalmente bares onde tinha a maior clientela. Ia do bairro onde morava até próximo ao cursinho.

Um desses comerciantes, de um depósito de material de construção, que havia feito certa amizade com Antônio, sabia que ele estava se preparando para o vestibular e comentou que ficara sabendo que existia um cursinho no bairro. Essa informação mudou o destino de Antônio, que, ao chegar ao CCP, foi instruído a procurar a sede da Educafro em São Paulo e deixar seu nome na lista de espera do CCP, que no momento estava sem vagas. Dessa forma, durante dois meses, ele ia todos os sábados de bicicleta até a cidade vizinha a um núcleo da Educafro em que foi indicado pela sede. Depois desse período, ingressou como aluno no CCP e lá permanece até os dias de hoje, agora como voluntário, mas não sem passar por uma das melhores universidades públicas do país.

Matheus também passou pela Educafro e já estava estudando para o vestibular antes de vir para o CCP, mas também começou a estudar tardiamente por não pensar no ensino de modo estratégico para ter sucesso, “no ensino médio eu não era um bom aluno, eu faltava demais e repeti, e não tinha muita ideia de como seria, foi nesse momento em que entrei em uma crise existencial sobre o que eu faria e descobri a universidade” foi o que disse Matheus em seu depoimento. (Entrevista realizada em 05/08/2017). A inquietude dos jovens pela falta de perspectiva após o ensino médio poderia levá-los a alguns caminhos, dentre eles

24 Trabalhos informais e de pouca renda, geralmente exigem poucas qualificações.

a “inércia” e entrega ao roteiro marcadamente mais esperado que é do desemprego e/ou subempregos alimentando os cargos mais indesejados da indústria e do comércio, ou para trajetórias ilícitas que permitissem sonhar além do “permitido”, mas com consequências danosas, e por fim, outra possibilidade era enfrentar o desconhecido de uma vida de busca de realizações improváveis por meio da qualificação profissional e da educação, algo que só era conhecido através das sombras das ficções.

Muitos dos primeiros alunos do CCP foram alunos na escola em que seus idealizadores lecionavam. Tanto Rômulo quanto Rozalvo convidaram diversos alunos para fazer parte do projeto; esse contexto é o que abrange Pedro, jovem que estava acabando ensino médio em 2001 e passou a frequentar o CCP logo após sua formação.

O contexto de inserção de Simoni ao CCP revela muito sobre como os jovens da periferia estão submetidos a uma relação de distanciamento do ensino como parte do projeto de vida, ou mesmo como caminho de superação da pobreza, e como o trabalho é central em suas vidas. Ela que havia acabado o ensino médio a pouco tempo, desde muito cedo já estava inserida no mercado de trabalho, de forma precária e informal na cantina da escola em que o professor Rômulo lecionava e esta foi a ligação que a aproximou do CCP; em seu relato lembra que “conversava muito nos intervalos das aulas e ele me falou do CCP e me interessei, já era final de ano e iria começar a próxima turma, aí fui lá conhecer, na época havia processo seletivo e participei” (Entrevista realizada com SIMONI, 30/11/2019).

Com o passar do tempo, a procura pelo CCP se tornou maior e sua divulgação nem mesmo era mais necessária. Os resultados positivos dos alunos motivavam outros jovens a procurar o projeto, pois eles passaram a ter referências que antes não tinham.

Bruna exemplifica bem como o CCP foi se tornando conhecido e reconhecido pela comunidade local. Em seu depoimento, ela disse: “o meu pai tinha uma amiga de trabalho que era mãe de uma ex-aluna do CCP, então, quando eu ingressei no ensino médio, meu pai já falava que aqui na região existia esse cursinho e dizia que eu deveria procurar saber sobre para estudar aqui” (Entrevista realizada com BRUNA, 29/07/2017). Além de seu pai, ela também convivia com algumas conhecidas que participavam do projeto, “eu tinha duas amigas da igreja que, um ano antes de minha entrada no cursinho, elas estudavam aqui e eu já vinha com elas para os eventos que aconteciam, como as apresentações de documentários, aulas de reforço, de cidadania [...]” (Ibid.).

O reconhecimento positivo do CCP se deu pela postura dos voluntários e dos alunos e suas conquistas, como o sucesso nos vestibulares e, por trazer esperança e resultados efetivos nas vidas dos jovens que passaram pelo projeto.

Outro questionamento importante, feito em todos os depoimentos, diz respeito às expectativas da vida dos ex-alunos do CCP antes de ingressar no projeto. Essa questão é relevante para mensurar o quanto a falta de capital cultural e social é decisiva no que se refere a estímulos que se convertem em ações do cotidiano que têm o desempenho educacional como base para o sucesso no mundo do trabalho.

Ao falar sobre a expectativa da vida, sobretudo para o mundo do trabalho, Carlos foi bem claro: “eu não tinha, o cursinho mudou minha vida nesse sentido porque eu não fazia ideia do que eu faria, eu queria ser professor, mas era um sonho que eu não tinha a menor ideia de como alcançar” (CARLOS, op. cit.). Quando existe o mínimo de expectativa, a licenciatura passa a ser uma das melhores opções para muitos desses jovens pelo fato de ser a única referência de sucesso que eles conhecem, e geralmente com empregos estáveis o que também justifica o interesse na carreira pelos jovens do CCP. Assim, alguns dos professores que eles tiveram foram um oásis de incentivo na vida dos jovens e adolescentes da comunidade.

Na quinta série do Ensino Fundamental, Carlos teve uma professora de Educação Física que mudou sua vida. Sendo integrante do time de basquete que essa professora dirigia, pôde perceber como um professor é importante na vida do aluno, e como ele pode mudar a vida de uma pessoa. Desde aquela época passou a querer ser professor.

Simoni evidencia em sua fala e em seu contexto de vida que o que havia de experiência de sucesso mais próximo para ela eram os profissionais da educação, e isto nutria um desejo de também fazer um curso superior, mesmo não tendo um planejamento para esta finalidade.

Eu tinha vontade de fazer faculdade, mas eu não me via empregada no setor público com as garantias que tenho, nunca, eu achava que com muito esforço um dia talvez fosse professora de português, mas eu sempre imaginei empregos mais simples mesmo, atendendo em supermercado, trabalhando como caixa, trabalhando no comércio local, era o que eu esperava. (Entrevista realizada com SIMONI, 30/11/2019).

Simoni hoje é Fonoaudióloga, profissão com a qual passou a sonhar depois de ingressar no CCP.

No caso de João, embora existisse o desejo de uma carreira proveniente de um curso superior, por condição imposta pela pobreza e falta de tempo adequado, fruto de seu trabalho exaustivo, esse desejo era tão antagônico quanto poderia ser em relação à existência de um jovem da periferia.

Quando questionado sobre seu sonho em ir à universidade, João evidencia a contradição entre trabalho e estudo, sobretudo quando o primeiro não exige um conhecimento especializado.

O sonho já existia, só que naquele trabalho ao qual estava, eu trabalhava das oito da manhã até às vinte horas e tinha uma folga a cada quinze dias, então quando eu sofri o acidente eu estava negociando um horário para poder sair mais cedo, só que para entrar em uma universidade pública há a necessidade de se dedicar muito para passar no vestibular e com o horário que eu tinha, o máximo que eu conseguiria fazer era uma faculdade privada e a que fosse mais próximo possível de casa (Entrevista realizada com JOÃO, 22/07/2017).

Ao ser questionado sobre as expectativas e sonho de vida antes do cursinho, o próprio João faz a análise que ratifica a falta de oportunidades a que foi submetido: “eu vim de uma família muito pobre, eu saí da escola e fui trabalhar para a gente ter alimento, o que comer literalmente, então [...] conseguir comprar uma casa e ter um carro, isso era o auge, o máximo para minha vida seria isso” (Entrevista realizada com JOÃO, 22/07/2017). Desse modo, ele ainda procura diferenciar sonho de expectativa.

Havia sonho, mas não expectativa de realidade em relação a isso, eu tinha um sonho de estudar na USP, mas era um sonho, não havia condições materiais que me possibilitasse isso; o máximo que eu conseguiria naquela época era fazer a graduação em uma instituição privada e mesmo assim colocando a minha subsistência em risco, porque naquela época a mensalidade de administração era o valor de todo meu salário, até faltaria um pouco de meu salário para complementar (Entrevista realizada com JOÃO, 22/07/2017).

Há pouco espaço para sonhos na periferia e menos espaço ainda para expectativas em lugares em que a população de jovens é excluída tanto de investimento público quanto de privado, o que pouco viabiliza o acesso a capital cultural, econômico e social que de fato possa trazer vantagens ao cotidiano e, por consequência, na busca por uma formação no ensino superior e pela inserção no mercado de trabalho em funções que exijam conhecimento especializado.

Mesmo Antônio, um jovem que já estudava para o vestibular antes de ingressar no cursinho, não se difere muito dos demais, pois, como ele disse em depoimento, desconhecia os caminhos a trilhar, até porque só passou a saber da existência de universidades públicas quando cursava o segundo ano do ensino médio.

Ainda que tivesse muita vontade de continuar estudando e mesmo acreditando em seu potencial para fazer qualquer coisa, ele desconhecia como transformar seu desejo de ir à universidade em planejamento, e em realidade, o sonho de ter uma vida diferente daquela levada pelos jovens da periferia.

Eu não sabia era para onde eu ia, não tinha uma trajetória definida, talvez porque o meu pai era pedreiro, nunca estudou, minha mãe sabe escrever muito mal, tem a quarta série só, então que futuro que eles planejavam para a gente? Se terminássemos a escola e arrumássemos um emprego de caixa de supermercado estaria bom. Nossos pais não conseguiam vislumbrar um futuro para a gente muito além disso, então como a gente sem informação, sem conhecimento, sem referência iria formular, planejar um futuro, a gente só aceito o que têm. Assim, a gente começa a pensar nisso quando entra no cursinho (Entrevista realizada com ANTÔNIO, 02/08/2017).

Uma síntese das expectativas de vida desses jovens está na fala de Adriana. Nela evidencia-se que os jovens pobres não têm projetos porque a sociedade já lhes impõe um, que é o de serem sujeitos subordinados às necessidades de um mercado que precisa de mão de obra barata e desqualificada, que se submeta a trabalhar muito e receber pouco.

Com a sua fala, ela ainda corrobora a tese de que o capital cultural é preponderante para o sucesso no mercado de trabalho, porque, sem o contato com a cultura tida como a adequada, até mesmo as esperanças, os desejos, as projeções de uma vida melhor são subestimados, ou seja, são negados como algo que não existe para essa população de jovens ou são considerados inapropriados para eles. Desse modo, ela ratifica a tese ao dizer: “a minha expectativa de vida era sobreviver e não viver, daí o termo sobreviver que estou empregando é no sentido de levar a vida de modo que o que aparecesse estaria bom, porque não havia projeto, não havia expectativas” (ADRIANA, op. cit.), e isso porque não se reconhece os elementos estratégicos relevantes para uma ascensão socioeconômica.

Não havia um foco, primeiro porque eu achava impossível ter algum horizonte diferente daquele que se apresentava no contexto social ao qual eu estava inserida, eu achava que se eu achasse um trabalho para fazer qualquer coisa que me remunerasse para eu comer, se vestir e cumprir as necessidades básicas seria o suficiente para minha sobrevivência (ADRIANA, op. cit.).

Alguns poucos jovens até estabelecem certo planejamento, embora que tardio o fato de terem feito algum curso profissionalizante permite que vislumbrem uma carreira profissional. Foi o caso de Davi que mesmo antes de conhecer o CCP já pensava em cursar Engenharia Mecânica porque trabalhava na área da Mecânica depois de ter feito SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – que foi o que o motivou.

Mas, mesmo havendo uma expectativa maior em relação à continuidade educacional por parte destes jovens, a necessidade do emprego e de ter uma renda se posiciona como prioridade em detrimento da formação. A fala de Davi nos permite exemplificar a questão quando comenta sobre sua Universidade de escolha que “tinha sido o ITA – Instituto Tecnológico de Aeronáutica – porque escolhendo uma carreira militar eu teria uma remuneração durante o curso, o que mais me motivou a querer fazer o ITA” (Entrevista realizada com DAVI, 18/06/2017).

Além disso, os poucos jovens que conseguiam vislumbrar um futuro em que a educação ia além do ensino médio tinham como meta deixar a periferia, esquecer o passado e buscar uma vida de mais recursos longe do bairro dos Pimentas, embora não soubessem como fazer isso. O que referenda o ideal de que o sucesso está longe, nesses casos, tanto fisicamente quanto no nível de uma projeção.

Bruna, como muitos outros jovens no início da adolescência, pensava em fazer um curso superior. Mas, esse desejo vai morrendo aos poucos, ao passo que a percepção de que seguir estudando depois do ensino médio é algo extremamente improvável, basicamente inatingível. Contudo, Bruna toma conhecimento do CCP e não apenas fomenta o desejo de chegar à universidade, transforma em projeto, estabelece um futuro de sucesso na periferia somando benefícios a ela e ao seu lugar de origem.

Quando adolescente, ela pensava que, depois de entrar no ensino superior, “arrumaria um bom emprego e ganharia muito dinheiro com o objetivo principal de sair dos Pimentas, porque na infância e na adolescência o fato de morar em um bairro como o Pimentas era uma coisa que pesava muito” (Entrevista realizada com BRUNA, 29/07/2017). Se a ideia de se formar para deixar o bairro é um objetivo de adolescente e algo até corriqueiro para os jovens que chegam ao cursinho, logo aspectos de pertencimento, coletividade e cidadania permitem que pensem na comunidade como um espaço a ser transformado. Com isso, a prioridade de Bruna mudou.

Este aspecto de comunidade, coletividade, pertencimento e responsabilidade com o próximo é um dos diferenciais do CCP, pois os alunos passam a compreender que pensar solidariamente e no conjunto é a forma mais fácil de ter sucesso e que cada um que alcança o objetivo não é apenas uma parte do todo, mas é o todo em crescimento o que dá significado ao *slogan* que o CCP adotou “juntos somos melhores”.

O que também pode ser observado é que até mesmo quando os planos da época de pré-vestibular ou graduando(a) não são exitosos, esses ex-alunos reconhecem ou entendem que suas passagens pelo CCP tiveram efeito positivo em suas vidas e que elas melhoraram, que eles têm oportunidades que não teriam caso não tivessem passado pelo CCP, e alguns ainda entendem que o maior ganho foi na construção de uma mentalidade comunitária.

Pedro esperava que a situação financeira em que se encontra deveria ser melhor depois de alguns anos de formado pela ECA – Escola de Comunicação e Arte da USP. Embora tivesse uma dimensão de que Publicidade e Propaganda era um mercado um pouco saturado, esperava estar trabalhando na área em que se formou, e sobretudo, no setor privado, que considera ser mais promissor que o setor público para esses profissionais. Hoje ele trabalha no setor público em uma área distinta daquela em que se formou; porém o fato de ter cursado o nível superior o qualificou para o concurso que realizou, mesmo não estando satisfeito plenamente por não exercer a profissão que escolheu: “não que eu esteja reclamando, hoje eu até prefiro a estabilidade do setor público, mas se eu for pensar sob a questão da realização profissional, não era a aspiração que eu tinha” (Entrevista realizada com PEDRO, 11/07/2017).

Gabriel que foi entrevistado pela primeira vez quando estava no último ano do curso de graduação nutria algumas expectativas bem diferentes da que encontrou ao se deparar com o mercado de trabalho ao fim da graduação, deixando claro que não se encontra realizado trabalhando em uma área para a qual não se formou e, mesmo empregado, pensa em mudar de emprego. Mas, mesmo enquanto estava em sua primeira graduação já se preparava para se reinventar caso fosse preciso e começou a fazer disciplinas extras que o habilitavam em requerer um segundo diploma em pouquíssimo tempo e esta nova graduação lhe habilitou para o trabalho que desempenha hoje.

Faço essa graduação na mesma universidade, a UFABC. Lá é possível realizar até três cursos através do ingresso pelo SISU. A Licenciatura iria terminar no final deste ano, mas a pandemia me atrasou. Desde o começo da minha graduação em engenharia eu já fazia as matérias livres todas relacionadas à licenciatura em física, por isso que a conclusão de

ambas as graduações está próxima. (Entrevista realizada com Gabriel, 02/05/2020).

Cabe salientar que Gabriel tem pouquíssimo tempo de formado da primeira graduação, apenas seis meses, dentre os quais parte deles em um momento de retração econômica por conta da pandemia que assolou o mundo, a Covid-19.

Ao discutirmos se o CCP teria algum aspecto negativo, ele responde prontamente que acredita “que o *status* da universidade pública é superestimado porque a universidade não garante sucesso direto como as vezes o cursinho parece idealizar”, mas quando questionado se o CCP cumpriu seu papel disse “certamente, pois mesmo atualmente sem trabalhar como engenheiro, eu tive a opção de mudar de área e ter novas oportunidades”. (Entrevista realizada com Gabriel, 02/05/2020).

E mesmo quando as expectativas pessoais são alcançadas o que se evidencia é o senso de responsabilidade social com a comunidade.

Quando a gente se forma é bem sonhador, então as expectativas que eu tinha era me formar, trabalhar no serviço público e devolver o que eu aprendi para a sociedade e essa opinião eu formei dentro do CCP, aprendi lá, e deu certo: eu me formei, fiz uma pós-graduação em saúde coletiva, trabalho na minha região e com isso cumpri os objetivos. (Entrevista realizada com SIMONI, 30/11/2019).

Sendo uma das preocupações compreender o porquê das escolhas das graduações cursadas pelos entrevistados, logo que começamos a questioná-los ficou evidente que a afinidade com as áreas de conhecimento e a idealização do que seria o curso definiram a escolha da maioria, além da crença de que a formação escolhida permitiria fazer a diferença para a sociedade, principalmente para as comunidades mais pobres.

A preocupação em ser um profissional qualificado por gostar e ter facilidade no que faz aparece claramente em várias respostas: “eu percebi que eu era bom em exatas [...] e nesse caso acabei optando pela Matemática” (CARLOS, op. cit.). Outro entrevistado fala inclusive da experiência pessoal no CCP para definir sua graduação de escolha: “Licenciatura em Física, eu tive uma forte influência do CCP porque eu dava aula dessa disciplina no Cursinho e gostava muito da disciplina e mais ainda porque eu descobri que eu gostava de dar aula” (ANTÔNIO, op. cit.).

Matheus se definiu quanto ao curso que faria ao observar a necessidade e a carência de profissionais do Direito atuando na periferia; assim, ele lembra que fez sua

escolha por tudo que “vi e vivi onde eu moro, porque as pessoas precisam da presença de um advogado acessível na comunidade e não tem e isso me chamou a atenção”. (Entrevista realizada em 05/08/2017).

Quase todos os alunos e ex-alunos com quem conversamos ao longo das idas e vindas ao CCP durante o trabalho de campo desta tese foram enfáticos em demonstrar motivação e razão pessoal e coletiva para a escolha do curso, inclusive os entrevistados apresentaram maior preocupação com os efeitos de suas formações para a sociedade em que vivem. João, por exemplo, esclarece que escolheu gestão de Políticas Públicas porque se interessava pela área de administração, mas não queria só gerar lucro simplesmente para uma empresa, gostaria que seu trabalho pudesse ajudar outras pessoas. Adriana, ao falar do curso em que se formou, entrelaça a perspectiva de justiça para a sociedade em que vive e para si mesma.

As escolhas pela licenciatura não são por acaso, como foi mencionado anteriormente. Para muitos jovens do bairro dos Pimentas, muitas vezes o professor ou a professora são os únicos exemplos de sucesso profissional e pessoal. Esse é o caso de Carlos, que escolheu Matemática, primeiro por ter tido sua vida impactada por um professor e depois por intencionar fazer diferença na vida de seus alunos.

A mesma lógica aparece na hora da escolha das universidades/faculdades: buscar uma formação de qualidade que contribua de modo efetivo para eles, alunos e ex-alunos, e conseqüentemente para o grupo social em que exercem ou exercerão suas profissões. Com isso, as universidades cursadas são em ampla maioria públicas e mesmo as privadas são bem-conceituadas. Cabe lembrar que a exigência da qualidade das universidades combinava com outros critérios, como o local e os auxílios permanência que elas proporcionam aos seus alunos, pois só assim se torna possível esses jovens se manterem na academia.

Gabriel que havia começado o cursinho com vistas em se preparar para uma bolsa do Prouni e ingressou na Engenharia da UFABC até mesmo ignorava as universidades públicas, “meus irmãos também fizeram faculdade, só que privada, e a minha ideia era fazer da mesma forma que eles, pois desconhecia a universidade pública, quando tive conhecimento foi já lá no CCP e descobri a UFABC”. (Entrevista realizada com Gabriel, 12/08/2017).

João conta que estudou na USP porque desde adolescente se encantava com a possibilidade de estudar em uma universidade de grande porte e, no cursinho, passou a identificar a universidade como um lugar onde os profissionais são diferenciados. Não foi

diferente com Antônio, que ingressou na USP por uma questão de referência e, em suas palavras, “de prestígio que é apresentado para a gente, porque na prática pode ou não isso ser confirmado, mas sempre foi apresentada como a melhor ou uma das melhores em determinadas áreas” (ANTÔNIO, op. cit.). Pedro, outro entrevistado, relata que fez ECA na USP por uma questão de *status*, e isso não é apenas uma questão de ego, mas também a percepção de que o *status* vinculado a essas instituições proporciona vantagens que outras não são capazes de oferecer; contudo, outra questão que o fez optar pela USP foi por não existir nenhuma outra universidade pública da região metropolitana de São Paulo com Curso de Comunicação.

A USP no início do CCP era a Universidade mais comentada entre os alunos que faziam seu pré-vestibular lá, pelos aspectos já mencionados, e também pelo desconhecimento das demais universidades públicas, somando-se a isso o receio de que os auxílios permanência fossem insuficientes para se manter em uma cidade muito distante.

Simoni que decidiu pelo curso de Fonoaudiologia pensava em cursá-lo na USP

porque quando entrei no cursinho era a universidade pública que eu conhecia, se falava muito da USP, acho que hoje é diferente, mas eu ouvia muito falar da USP, então para mim era a única opção e também pelo nome, eu achava que teria que ser lá; vim conhecer as outras universidades públicas depois de entrar no cursinho. (SIMONI, op. cit.).

Com o passar do tempo e muitos alunos tendo sucesso em Universidades no interior e conseguindo com um pouco mais “facilidade” o auxílio permanência do que na USP pela sua aparente proximidade, estas Universidades distantes passaram a ser opção viável; é o que lembra Bruna: “eu estou cursando na Universidade de São Paulo – USP – porque eu não consegui passar na Unesp, meu sonho era passar na Unesp e ir para o interior”. (Entrevista realizada com BRUNA, 29/07/2017).

Outras questões relevantes passaram a ser observadas, como o perfil do curso e o que os vestibulandos desejam, e já a alguns anos o CCP promove um dia em que os estudantes veteranos comentam sobre seus cursos e campus; no entanto alguns alunos só descobrem estas particularidades ao ingressarem no curso, ou por serem os primeiros nesta universidade específica e no curso, ou por falta de informações precisas daqueles que já passaram pelo processo. Matheus, que também sonhava com a USP, passou na Unesp de Franca.

Quando comecei a estudar pensei em ir para USP, mas quando cheguei aqui entendi que a Unesp foi melhor para mim, por que aqui eu tenho muito diálogo com outros cursos como História, Serviço Social e Relações Internacionais e mantendo este diálogo eu aprendi bastante coisa. Hoje eu entendo que se tivesse ficado na USP seria um outro perfil de jurista, mais elitizado talvez. (Entrevista realizada com Matheus, 05/08/2017).

Vale ressaltar que quanto mais próximo de São Paulo as universidades e campus universitários e seus respectivos cursos são mais concorridos, o que eleva a nota de corte e faz com que muitas vezes a opção seja por sair para o interior; mas é necessário observar que ainda existem muitas variáveis quando se pensa na questão sobre qual universidade cursar para estes jovens que já têm tantas responsabilidades e tão poucos recursos.

Ter que sair da cidade em que mora e ir para o interior cursar uma graduação, tanto em busca de um curso de maior qualidade, quanto pela falta de opção por não ter como custear o curso em instituição privada na região onde mora, ou mesmo por serem as universidades públicas do interior um pouco menos concorridas, é um desafio maior do que se possa supor quando se trata dos jovens que moram na periferia. Por não terem suporte nem financeiro, nem emocional, nem social, isso os coloca em condição de desvantagem frente aos jovens de classes abastadas que moram em lugares privilegiados, que estão em contato diário com a cultura entendida como legítima e têm a exclusiva preocupação com os estudos e não com a manutenção de sua própria vida e da família.

Assim, fica ainda mais evidente a preocupação de Antônio em se manter na região metropolitana de São Paulo. A sua escolha foi a USP: “eu tinha a prioridade de fazer uma universidade pública na grande São Paulo, mais perto de casa, eu não queria ir buscar a formação no interior como foi o seu caso e de centenas de outros alunos do CCP” (op. cit.). Ele ainda deixa claro que sua escolha passava pela dependência financeira da família em relação à contribuição dele:

Desde a adolescência eu tive um papel importante na economia familiar, meus pais se separaram quando eu tinha doze ou treze anos e aí eu comecei a trabalhar e praticamente a sustentar a casa, ajudar a minha mãe sustentar a casa; eu comecei a assumir uma responsabilidade de chefe de família em conjunto com minha mãe e na época que eu fiz o cursinho essa era minha realidade. Então eu não tinha nenhuma pretensão de abandonar a família, ou melhor dizendo, de deixar a família e viver a minha vida em um lugar distante (ANTÔNIO, op. cit.).

Na periferia, o trabalho passa a ser uma questão central na vida dos jovens desde

muito cedo; por isso o caso de Antônio é só mais um dentre muitos que têm uma história de grande sacrifício para poder seguir estudando tanto no ensino médio quanto na graduação.

O caso de Carlos apresenta um quadro de peculiaridades, mas também de muitas similaridades com os jovens moradores da periferia dos Pimentas. Órfão desde criança, encontrou dificuldades próprias dessa condição, as quais tomaram uma dimensão ainda maior na adolescência e início da vida adulta, quando as exigências para se inserir no mundo do trabalho se tornaram efetivas. No mesmo sentido, pesou a falta de compreensão de seus familiares em relação à necessidade de formação escolar/profissional para alcançar melhores condições no mundo do trabalho, uma vez que não há uma crença de que os jovens da periferia possam encontrar na educação um caminho para a ascensão social.

Assim Carlos teve um desgaste muito forte nas relações familiares e preferiu ir para uma universidade distante. Na entrevista, ele disse: “eu fiz Unicamp, era minha primeira escolha, na época eu passei na USP e na UNESP também, só que foi minha escolha porque eu não queria continuar morando em casa” (CARLOS, op. cit.). Em muitos casos, os familiares acreditam que estudar é um sinal de fraqueza ou mesmo sinal de que o jovem está se escondendo para não trabalhar. Com o Carlos, por não ser um adolescente “voltado ao trabalho”, até mesmo sua orientação sexual era questionada e seu tutor o chamava de homossexual como forma de ofensa, mesmo sem que ele fosse. Ele nos relata: “quando eu conheci o cursinho [...] eu ficava o dia inteiro no cursinho estudando e lá eu conheci minha namorada, o que fez melhorar um pouco porque eu passei a ser apenas o vagabundo” (Ibid.). Cabe salientar que ele (Carlos) não tem uma posição de aversão aos homossexuais, mas por ser esta imputação de forma falsa e pejorativa ele se chateava.

Embora existam outros empecilhos na vida desses jovens, um dos maiores obstáculos é passar no exame vestibular das universidades públicas. Adriana, ao falar sobre a universidade em sua entrevista, deixa claro que a “universidade não foi a de escolha, foi a que eu consegui a bolsa, então naquele momento em questão pouco importava qual seria a universidade, desde que fosse de qualidade” (ADRIANA, op. cit.). Falas como essa ratificam a preocupação com a formação, mas também a dificuldade enfrentada pelos jovens que frequentam o cursinho, vez que nem sempre a universidade cursada é a de escolha, como diz Adriana, “obviamente que existiam algumas de maior cobiça, mas que estavam naquela ocasião fora de possibilidades. Então, eu não escolhi a faculdade, eu costumo dizer que foi a faculdade quem me escolheu já que eu consegui bolsa cem por cento” (Ibid.).

É preciso considerar que estes jovens também estão submetidos a escolha do

possível e isso ocorre porque eles têm que ponderar quais as possibilidades de fato possuem para não perder as poucas chances que criaram.

Depois de alcançar as vagas em variadas universidades, os desafios dos jovens que fizeram seu pré-vestibular no CCP era manter um bom desempenho em seus respectivos cursos, algo que não é fácil, principalmente para aqueles que são oriundos da periferia e distantes da cultura compreendida como legítima.

Muitos dos entrevistados salientam que o primeiro ano foi o mais complicado, não apenas pela inserção em um ambiente novo, mas pela falta de repertório, tanto o que se exige no mundo acadêmico, no que se refere aos conteúdos programáticos, quanto no modo de se portar frente à elite que é maioria nos assentos das universidades.

Quanto às dificuldades encontradas no aprendizado, Carlos nos diz que o conteúdo do primeiro ano certamente foi o mais difícil, porque não tinha uma base tão forte. Foi o ano em que lutou para não ser reprovado, pois o que sabia atribuía ao período de um ano em que ficou no CCP, e tão pouco tempo não foi suficiente para colocá-lo em condições plenas de desempenhar o exigido no início da graduação.

João, ex-aluno do CCP, que fez por correspondência os três anos do Ensino Médio pelo Instituto Universal Brasileiro, em concomitância com o pré-vestibular, conta que, por acreditar que só teria a chance de se dedicar às provas de vestibular durante um ano, tempo que estaria afastado do trabalho por motivo de tratamento de saúde, focou apenas naquilo que geralmente a FUVEST (Fundação Universitária para o Vestibular) exige em seus certames. Por conta disso, sentiu muitas dificuldades em coisas que ele entende como básicas na Língua Portuguesa e Matemática, “eu peguei dependência em estatística, por exemplo, e tinha problemas com a construção de textos porque eu me preparei durante um ano para fazer uma redação com um modelo específico, mas na faculdade se exige muito mais do que isso” (JOÃO, op. cit.).

Ao sentir na pele as desvantagens oriundas por não dominar a linguagem culta, alguns alunos apontam essa como sendo a maior dificuldade em seu desenvolvimento na graduação, assim como a falta do domínio de línguas estrangeiras, que vem a se somar nesta desigualdade frente aos colegas de turma.

Seguindo a teoria Bourdiuesiana estas trocas linguísticas são relações de comunicação que não podem ser compreendidas de modo isolado; a linguagem está intrinsecamente ligada às condições sociais de produção e, por consequência, às relações de

poder; portanto a linguagem tem uma dimensão simbólica que não se limita a si mesma, mas é gerada e geradora, ou seja, estruturada e estruturante do mundo social do qual faz parte.

A língua não se constrói e se mantém em si mesma, pelo contrário, depende das expectativas coletivas que atribuem os sentidos socialmente.

Em sua entrevista, Matheus chama atenção para a dificuldade imposta a ele por não ser um conhecedor de outros idiomas, colocando que a “maior dificuldade se deu por não dominar outras línguas estrangeiras” (Entrevista realizada com Matheus, 05/08/2017) e ainda salientou que no que se refere ao nosso próprio idioma, ele tem dificuldade e que ao compreender “as regras do jogo” social ao qual somos submetidos, passou a buscar ter o domínio do que consideramos a linguagem adequada.

Olha, eu estudo a Língua Portuguesa até hoje porque sei que o Português é um instrumento de diferenciação, identificação e de controle. E como não tive uma boa escola ao chegar aqui tive mais dificuldade de fazer fichamento e lidar com a estrutura, mas por outro lado eu gosto muito de literatura e isso é um facilitador até porque nós acreditamos que toda a elite é culta, mas não é, o que eles têm é o macete do que precisam dominar para ter vantagens e manter privilégios como a norma culta da língua. (Entrevista realizada com Matheus, 05/08/2017).

O próprio Bourdieu ao tratar da linguagem, que é central no processo educativo esclarece que:

A língua legítima não tem o poder de garantir sua própria perpetuação no tempo nem o de definir sua extensão no espaço. Somente esta espécie de criação continuada que se opera em meio às lutas incessantes entre as diferentes autoridades envolvidas no seio do campo de produção especializada, na concorrência pelo monopólio da imposição do modo de expressão legítima, pode assegurar a permanência da língua legítima e de seu valor, ou seja, do reconhecimento que lhe é conferido (Bourdieu, 1996, p. 45).

Com isso, podemos dizer que a própria linguagem também tem a função de oferecer suporte ao *status quo* que o contém.

Seguindo a mesma linha dos demais entrevistados, Bruna também indica o primeiro ano como o mais difícil por ter muitos problemas com os textos indicados, com a bibliografia, já que a compreensão da linguagem era difícil. Ela atribui tal dificuldade a uma formação inicial deficitária, com baixa qualidade, oriunda de escola pública de uma região pouco assistida pelo Estado e até mesmo pouco prestigiada pelos professores que a preteriam, preferindo escolas de regiões mais centrais. Nas próprias palavras de Bruna: “apesar de ter

ficado aqui no cursinho por dois anos, tinha uma defasagem muito grande, aí quando cheguei à universidade o primeiro ano achei que não daria conta, e entrei em várias crises” (Entrevista realizada com BRUNA, 29/07/2017), Esses sentimentos de incapacidade e de não atender os requisitos necessários à universidade são comuns e fundamentados nas diferenças observáveis entre o esforço empregado para o aprendizado comparando com o esforço dos colegas de turma.

Essas disparidades em relação aos colegas ocorreram por diversos motivos. Alguns deles não estão correlacionados a uma formação cultural/escolar que precede a universidade, mas a condições socioeconômicas impostas no momento em que estão cursando a graduação.

Para Antônio, suas maiores dificuldades se davam em relação à parte pedagógica do curso, porque havia uma carga de leitura a que ele não tinha o tempo necessário para se dedicar, uma vez que boa parte de seu dia era destinado ao trabalho e ao trajeto entre casa, emprego e faculdade.

A mesma dificuldade imposta pelo tempo perdido no trajeto também foi compartilhada por Gabriel “a maioria dos colegas de sala podiam morar próximo a ela, mudavam para lá; já eu tinha que encarar quase duas horas e meia para ir e voltar da faculdade todos os dias, o que me deixava com menos tempo para estudar e mais desgastado também” (Entrevista realizada em 12/08/2017).

No caso de Pedro, ele explica que o curso de Comunicação Social é muito mais técnico do que científico, e ele buscava dar mais atenção à teoria, porque no contraturno das aulas tinha que trabalhar, enquanto o restante da classe era mais voltado a “colocar a mão na massa” até por uma questão econômica, pois tinha acesso e proximidade com as atividades profissionais de seus familiares, que já eram envolvidos na área. Ou seja, tanto Antônio quanto Pedro chamam a atenção para a necessidade de trabalhar durante a graduação e para o prejuízo na formação por ter de dividir o tempo entre a faculdade e o emprego, que tem a finalidade de garantir a subsistência dos graduandos pesquisados e de seus familiares.

Pedro relata que “todas as oportunidades de desenvolver as técnicas vinculadas à universidade seguiam o mesmo padrão, com o aluno ficando aproximadamente um ano sem receber e eu tinha que trabalhar para me sustentar no curso” (PEDRO, op. cit.). Ele ainda evidencia a tese de que a falta de capital social é um complicador, e às vezes até um impedimento para se inserir no mercado de trabalho: “no mundo da publicidade tem muito

*network*²⁵, e eu precisava ganhar dinheiro e me manter e não poderia estar participando desse mundo de criar relações, me dedicando a esse tipo de atividade” (Ibid).

Outra questão importante é que, mesmo com a dificuldade de apreender a cultura que não é comum às classes subalternas, esses estudantes, depois de passadas as maiores dificuldades do primeiro ano e de se apropriar dos conteúdos exigidos em suas graduações, conseguiram ter um rendimento acadêmico alto, até maior que seus colegas devido à perseverança e à obstinação em se dedicar muitas horas por dia, em detrimento dos períodos de descanso e lazer.

Uma sensação comum aos ex-alunos do CCP sobre suas graduações passa pela descrição da experiência de Bruna, que observou que havia significativa diferença entre seu esforço e o de seus colegas de turma para o aprendizado, compreendido como satisfatório, pois muitos dos colegas de turma vindos de escolas de alta qualidade sabiam lidar de uma forma muito mais fácil com os conteúdos que eram passados em aula. “Imagino que a origem de nossa educação foi determinante, tanto para que eu fosse pior do que eles no início, quanto para eles irem melhor por se adaptarem mais facilmente” (Entrevista realizada com BRUNA, 29/07/2017). Da mesma forma, João identifica que muitos de seus colegas “vinham de uma vida inteira de escolas privadas renomadas e eles conseguiam absorver mais facilmente; mesmo que fossem assuntos sobre os quais eles não tivessem ouvido falar, conseguiam compreender mais rapidamente” (JOÃO, op. cit.).

Os ex-alunos do CCP passavam por dificuldades em seus anos iniciais da graduação, mas logo conseguiam superá-las por meio de muita aplicação, ou mesmo, em alguns casos, o pré-vestibular os colocava em condições de igualdade frente aos demais graduandos nas universidades; “penso que o grande esforço que eu empreendi para o vestibular sanou muito da deficiência trazida da escola pública, periférica e esquecida e esse esforço proporcionou um nivelamento com os demais, que talvez não se empenharam tanto para o vestibular por terem feito uma escola melhor” (ANTÔNIO, op. cit.), disse Antônio, que também salientou que outras questões, sobretudo do mundo do trabalho e/ou de ordem da permanência na universidade, são um complicador para o desempenho do graduando.

Adriana, que cursou Direito, não encontrou dificuldades de aprendizado durante a graduação. Sua dificuldade estava em se sentir aceita pela turma, por causa da diferença de

²⁵ *Network* é uma corrente de conexões que se cruzam em intervalos regulares, envolvendo contatos e relacionamentos que podem ajudá-lo a alcançar seus objetivos profissionais.

classe, pela falta de capital econômico que se evidenciava na diferença do material acadêmico (livros, cadernos etc.), pela forma de se vestir e toda sua aparência, até mesmo sua cor de pele, minoria, quase única em sala de aula, mas maioria na periferia em que morava. Com isso, mesmo estando na graduação de sua preferência, ela não aumentava seu capital social que era pequeno e não lhe proporcionava muitas vantagens. Segundo ela, repetia muitas roupas e “eram roupas muitas vezes inadequadas, não por serem curtas ou algo do gênero, muito pelo contrário, mas porque já era de um tecido desvalorizado, [...] outras pessoas não iriam estudar da forma que eu estava indo, então isso fazia com que eu tentasse muitas vezes passar despercebida” (ADRIANA, op. cit.). Geralmente, quando se trata de ausência de capital econômico também se trata de falta de capital social. Na maioria das vezes, a falta do primeiro implica no segundo, que estabelece menores oportunidades no mercado de trabalho.

Uma das maiores preocupações desde o início desta tese é compreender se os ex-alunos do CCP tiveram dificuldades de encontrar emprego depois de formados, se esses empregos foram via o capital social ou se dependeram de concursos para se colocarem no mercado de trabalho.

Os resultados da pesquisa apontam para o fato de que a maioria dos que buscou emprego na iniciativa privada teve menos sucesso do que no setor público, como se verá a seguir.

Por ter feito a graduação na área da licenciatura e a demanda de oportunidades de trabalho ser relativamente grande, Carlos logo conseguiu emprego, contudo dependeu do setor público para se colocar no mundo do trabalho. Embora nos últimos anos a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo tenha dificultado a inserção de professores temporários, foi este o caminho trilhado pelo ex-aluno do CCP, que, no quarto ano de sua graduação, começou a lecionar como professor substituto em escolas públicas. No mesmo ano, quando estava para se formar, houve um concurso para professor PEB-II do Estado e ele passou em uma boa colocação, sendo convocado logo na primeira chamada, coincidentemente, assim que se formou. Depois de já estar trabalhando no setor público, Carlos prestou um processo seletivo relativamente rigoroso em um cursinho privado e passou a trabalhar como professor plantonista.

João, que se estabeleceu no setor público, antes do CCP era trabalhador de baixa exigência de formação de um mercado localizado na periferia em que morava e a sua trajetória acadêmica e profissional se entrelaça com sua vida de jovem trabalhador. Ainda muito cedo foi obrigado a buscar trabalho.

Com apenas quatorze anos, iniciou a sua vida no mercado de trabalho abandonando a escola na oitava série do ensino fundamental para tentar levar comida para casa como ele mesmo fala, ficando nesse emprego em um supermercado até seus vinte anos. Sempre em cargos que não exigiu uma formação especializada, mas com certa ascensão, iniciou como empacotador, foi repositor, depois conferente. Quando estava sendo cogitado à gerência de setor sofreu um acidente que o levou a diversas cirurgias e a uma jornada em busca de qualificação profissional, pois ele trabalhava das oito da manhã até as vinte horas e temia que sua nova realidade o prejudicasse no trabalho, uma vez que dependia muito do vigor físico para executá-lo.

Foi dentro dessa conjuntura de medo de perder o emprego depois do período de licença médica e/ou de ficar com alguma debilidade física que João se apegou à esperança de retomar os estudos encontrando o CCP e o desejo de se formar e trabalhar em função de uma assistência à saúde de melhor qualidade para quem mais precisa.

Até chegar a ser servidor concursado da prefeitura de Guarulhos, João já estava no fim de sua graduação e ainda sofria com as sequelas de diversas cirurgias malsucedidas pela rejeição de seu corpo às placas de platina inseridas em sua perna e, por consequência, encontrava-se afastado das atividades de seu emprego no supermercado, fato que, embora trágico, foi o que lhe deu tempo e proporcionou o mínimo de recurso financeiro para a qualificação profissional.

Ele relata que no período de graduação manteve todos os vínculos com o cursinho e

junto com outros universitários que também passaram pelo projeto começamos a fazer planos de atuar na comunidade. Essa ideia que eu tinha de se formar em algo que de alguma maneira pudesse dar um retorno para a sociedade não era exclusiva minha, era compartilhada com algumas pessoas que nesse momento conviviam comigo e tinham a mesma origem (JOÃO, op. cit.).

Com isso, no ano de 2008, esse grupo começou a prestar concursos e, naquele mesmo ano, o coletivo do cursinho lançou Rômulo, o seu coordenador mais antigo, como candidato a vereador. Eleito, ele viria a potencializar a atuação dessas pessoas que queriam fazer a diferença, inclusive cobrando concursos para o que antes era cargo comissionado.

Ainda segundo o depoimento de João, no início do ano de 2009, ele não havia sido convocado pelo concurso do ano anterior embora estivesse muito bem classificado. A

maioria dos ex-alunos do CCP que combinaram prestar os concursos daquele período também ficaram em boas classificações e quase todos já haviam sido chamados para assumir suas vagas.

Rômulo, que assumiu como vereador, chamou João para trabalhar junto com ele em cargo de confiança em seu primeiro ano de mandato, e mesmo estando afastado do trabalho por licença saúde, porque ainda não andava muito bem e a função que exercia no mercado era imprópria para sua condição física, foi até a previdência social e pediu baixa do afastamento, ainda com medo pela perna não estar boa, mas decidiu arriscar. Assim, ele pediu para o Perito do INSS lhe dar alta para que pudesse voltar a trabalhar e em seguida pediu demissão do emprego do mercado, desafio que conciliou com seu último ano de graduação e com a espera de ser convocado pelo concurso.

No caso de João, ele já tinha um emprego e nos diz que o que mais determinou a mudança foi a vontade de trabalhar em algo que pudesse ajudar outras pessoas. Nesse caso, colocar-se no mercado de trabalho não foi uma tarefa difícil porque em 2008 e 2009 houve diversos concursos públicos, municipal, estadual e federal; inclusive ele poderia ter prestado muitos outros concursos, só que preferiu trabalhar em Guarulhos. Outra coisa é que, mesmo antes de o concurso convocá-lo, ele trabalhou por pouco mais de um ano em cargo de comissão como coordenador e, quando assumiu o concurso, como já contava com certa experiência, foi chamado para outra secretaria. Desse modo, embora reconhecendo que muitos dos ex-alunos do CCP alcançaram o mercado de trabalho via concurso por dependerem menos do capital social, observamos também que, mesmo nos ambientes de empregos públicos, o capital social exerce função relevante.

As circunstâncias e as motivações que levaram Simoni ao emprego que tem hoje não é muito diferente dos demais entrevistados. Atualmente trabalhando na área do curso de formação, sua inserção não foi muito fácil.

Ela nos contou que já havia “prestado vários concursos e nem todos eram na [...] área, justamente porque não tinham tantos assim, e acabou dando certo depois de um tempo [...] tanto é que eu cheguei a trabalhar em outra área. (Entrevista realizada com SIMONI, 30/11/2019).

Depois de formada ela passou dois anos sem trabalho, quando foi chamada para o concurso de atendente de SUS – Sistema Único de Saúde -, trabalho que na prática é o

atendimento ao público nas unidades básicas de saúde, função em que ela ficou por nove meses até ser chamada no concurso de sua área de formação.

Ao ser questionada sobre a dificuldade em acessar o mercado de trabalho, Simoni responde que acredita

que a falta de experiência, porque na minha área especificamente tem uma demanda grande; são poucos profissionais com esta formação e tem uma demanda né, mesmo assim eu senti mais facilidade em iniciar no serviço público que não exige essa experiência do que no setor privado que exige esta experiência. (Entrevista realizada em 30/11/2019).

Antônio também encontrou no emprego público uma porta para se firmar no mercado de trabalho, buscando melhores condições. Com uma história de vida de trabalho desde a adolescência, trabalhou dos quatorze anos até os dezessete na informalidade. Foi camelô e uma espécie de faz-tudo em um comérciuzinho de doces. No ano de 2002, quando fez o CCP por causa da preparação para o vestibular, quase não trabalhou, mas, antes mesmo de sair do cursinho, enquanto vestibulando, foi convocado em um concurso do Banco do Brasil que tinha feito em junho desse mesmo ano. Desse modo, a partir daí voltou ao mercado de trabalho e não saiu mais. De alguma forma sempre no setor público, embora o Banco do Brasil tenha uma cultura de trabalho que não difere de um banco privado, diferenciando-se apenas pela forma de ingresso e talvez por uma maior dificuldade em demitir, mesmo não havendo estabilidade.

Durante todo o período de estudo na graduação, Antônio foi funcionário concursado pelo Banco do Brasil. Em sua trajetória, ele interrompeu uma graduação em Processamento de Dados na Fatec e depois ingressou no curso de Física da USP. Demorou mais do que a média para se formar, até por priorizar o trabalho. Na metade de 2010, graduou-se e no início de 2009, um ano e meio antes, deixou o banco, não se desligando totalmente porque ficou licenciado sem remuneração, para poder trabalhar no mandato do vereador Rômulo como servidor comissionado. Em 2011, prestou concurso, passou e foi trabalhar para a Câmara Municipal de Guarulhos como servidor de carreira.

Já Adriana foi funcionária pública; bacharela em Direito, ainda na graduação teve que buscar emprego para se manter no curso. Primeiro trabalhou em regime de CLT em um albergue administrado pela prefeitura de São Paulo com uma parceria com a Igreja Católica que atendia moradores em situação de rua da cidade de São Paulo, local no qual aprendeu a se solidarizar ainda mais com a população mais carente; depois também foi estagiária

remunerada de dois escritórios de advocacia. Os estágios não se converteram em emprego, mas a prepararam bem para a realidade de uma advogada, “eu não tinha nenhum contato que pudesse facilitar a minha inserção em um estágio, então aceitei um que exigia mais de mim do que geralmente se cobra de um estagiário, além disso era remunerado e precisava muito do dinheiro” (ADRIANA, op. cit.).

Formada, encontrava-se desempregada, mas rapidamente passou na prova da ordem dos advogados do Brasil – OAB. Pela urgência em se colocar no mercado de trabalho, entregou um grande número de currículos em diversos escritórios da região central de São Paulo e logo começou a trabalhar em um pequeno escritório onde ficou combinado que dividiria os lucros e as atividades. Nesse escritório ela trabalha até os dias de hoje, mas com algumas diferenças da promessa inicial, “eu capto mais clientes e trabalho bem mais que o outro advogado do escritório e recebo bem menos, embora o nosso acordo inicial fosse dividirmos as atividades de modo equivalente, mas o escritório é dele” (ADRIANA, op. cit.).

Os ex-alunos do CCP buscam a todo instante, consciente ou inconscientemente, superar a defasagem de capital social com um empenho significativo para adquirir mais capital cultural, pelo menos aquele que possa ser desenvolvido por meio de uma educação institucionalizada ou formalizada em manuais, o que de algum modo os prepara para situações-problema e de concorrência em que o capital social não tenha um maior peso.

Pedro teve uma trajetória no mundo do trabalho que corrobora a tese de que a graduação por uma grande universidade e em um curso de alto padrão de concorrência não garante ao formando a inserção em grandes empresas, às vezes nem mesmo nas empresas menores, forçando-os a buscar uma colocação no setor público. “Eu sempre trabalhei no setor público e cheguei a trabalhar com propaganda, [...] trabalhei com mídia, com atendimento, com assessoria de imprensa e por fim trabalhando com mídias sociais que é algo mais atraente para mim; eu não continuei nessa área porque a prefeitura paga muito mal” (PEDRO, op. cit.). Desse modo, mesmo tendo mais apreço em trabalhar na área em que se formou, optou por mudar de área para ter uma remuneração um pouco melhor. Esse é o motivo de sua fala: “como eu tinha a necessidade de ganhar mais, eu prestei outro concurso para trabalhar na área da defesa do consumidor e deixei de trabalhar com propaganda” (Ibid.).

Nesse momento do depoimento, perguntamos se a escolha pelo setor público foi deliberada desde o início ou houve alguma dificuldade de encontrar emprego depois de formado. A resposta foi bem direta, indicando que não foi por opção: “eu fui mais empurrado mesmo para o setor público, porque durante a graduação eu já prestava concurso público; eu

cheguei a prestar por uma questão de sobrevivência” (PEDRO, op. cit.). Ele esclarece que chegou a trabalhar por um curto período no Banco Caixa Econômica por meio de concurso, mas que sempre sonhou em trabalhar na iniciativa privada pelas vantagens e trabalhos desenvolvidos nas agências. Em suas palavras: “meu foco era trabalhar no setor privado que acaba empregando mais nessa área de comunicação; mesmo no setor público, a gestão pública faz contrato com empresas privadas” (Ibid.).

Davi foi outro entrevistado que se formou em um curso de elite, que tem um vestibular muito disputado não apenas na USP, onde ele se formou. Neste caso ele nos revela que:

Depois que acabei Engenharia estou em meu terceiro emprego, meu primeiro emprego foi em uma indústria e inicialmente eu não entrei na área para que me formei, mas depois mudei de setor e comecei trabalhar na área, mas fiquei pouco tempo; meu segundo e terceiro emprego foi fora da área. (Entrevista realizada com DAVI, 18/06/2017).

Sendo que o primeiro emprego depois de formado foi no privado e o segundo e terceiro no setor público, perguntei a ele se houve dificuldade de encontrar emprego depois de formado e sua resposta foi que sim, que participou de vários processos seletivos e até avançou em algumas fases, mas sem êxito, o que o deixou um ano e meio desempregado depois que saiu da faculdade.

Outro ex-aluno da engenharia que ainda não teve sucesso na área (o ainda é porque sua trajetória no mercado de trabalho é muito curta) foi Gabriel que nos concedeu duas entrevistas, uma quando estava no último ano de curso na UFABC e outra já depois de um tempo formado, ele fala: “gostaria de ter tido mais oportunidades na engenharia, mas acabei mudando de área, para licenciatura em física e dessa vez consegui emprego”. (Entrevista realizada com Gabriel, 02/05/2020). Hoje ele trabalha no setor público, mas ainda pensa em mudar de emprego.

A ex-aluna Bruna, do último ano do curso de turismo, esclareceu que sua formação é muito voltada para o terceiro setor e para o público, o que justifica seu trabalho com gestão de projetos sociais, sobretudo, na parte cultural, de lazer e de esporte. Para ela, não houve dificuldades em se colocar no mercado de trabalho porque foi por meio de indicação. Primeiro ela foi assessora do vereador Rômulo na Câmara Municipal de Guarulhos, depois foi indicada para ficar à frente da Associação Babi, que promovia atividades sociais no bairro.

Em sua segunda entrevista depois de formada, ela relata que mudou de emprego, que está trabalhando para uma empresa de consultoria e que também chegou a ela por meio de contatos estabelecidos previamente.

Dentro do contexto da tese, é importante compreender se as expectativas que os jovens tinham ao entrarem no cursinho foram cumpridas depois que eles concluíram suas graduações. Para tanto, a pergunta que foi direta, da mesma forma, foi respondida prontamente por todos. Carlos respondeu: “acredito que foram mais do que cumpridas” (CARLOS, op. cit.). Na semana em que ele foi entrevistado, estava assumindo um concurso como professor no Instituto Federal de Santa Catarina, posição antes inimaginável para qualquer jovem ao chegar ao CCP.

Ele (Carlos) queria ser professor para mudar a vida de seus alunos e, com essa nova situação, entende que poderá fazer mais, pois será também formador de profissionais que trabalharão na educação e isso causará um impacto maior na sociedade: “meu sonho era ser professor para poder ajudar os meus alunos da mesma forma que minha professora me ajudou [...] E agora eu vou poder ajudar mais gente porque irei formar os formadores, tendo um raio maior de alcance” (CARLOS, op. cit.).

Para Carlos, a educação é um elemento de transformação e é o meio mais simples de conseguir ter um futuro melhor. Segundo ele, o “projeto do cursinho é sensacional nessa questão porque ele não ensina só os conteúdos que precisamos para passar no vestibular [...] foram com essas aulas que eu acredito que aprendi a respeitar o próximo, a superar as minhas dificuldades” (CARLOS, op. cit.).

João também considera que as expectativas presentes nos tempos em que frequentava o CCP foram cumpridas e até superadas. Para ele, “se conseguisse um carro e uma casa haveria alcançado tudo dentro do que era possível” (JOÃO, op. cit.), porém, além de conquistar os bens que tanto desejava, hoje entendeu que existe uma questão maior que não é só sobre ele, que a ação de cada um reflete socialmente e que por isso pode contribuir mais com a sociedade. Até o ano anterior a esta entrevista, ele estava como secretário adjunto de uma secretaria municipal de Guarulhos, coordenou e fez muitos programas e projetos ligados ao bairro dos Pimentas e às periferias do entorno.

Tendo feito o curso de Gestão de Políticas Públicas, João se tornou apto a escrever projetos e programas e com isso participou de vários editais e deu início a muitos projetos no bairro dos Pimentas e região a partir de editais públicos.

No período em que fizemos a entrevista, João estava prestando o doutorado e, para ele, isso era algo que nunca havia imaginado, nem mesmo sabia da existência quando chegou ao cursinho (mais recentemente descobrimos que ele foi aprovado no processo seletivo). Hoje, meses depois da entrevista, ele é aluno do curso de doutorado da UFABC, e mesmo antes dessa conquista disse em seu depoimento: “tudo que eu fiz foi na faculdade que escolhi, os cursos que escolhi e acho que minhas expectativas estão superadas” (JOÃO, op. cit.).

Não se tratando exclusivamente do sucesso na vida acadêmica, ele lembra que

hoje ter uma casa é algo básico, eu tenho minha casa e um carro, mas eu tenho um carro só porque eu preciso dele como ferramenta para o meu trabalho e para os meus estudos, meu mestrado, por exemplo, era em Santo André e para conciliar com o trabalho eu precisava, e para ir aos projetos sociais que fazemos parte. O que antes era o auge, hoje vejo apenas como ferramenta para eu tocar o dia a dia, e é isso que me deixa pleno (JOÃO, op. cit.).

Ao questionar Antônio sobre suas expectativas de quando entrou no cursinho e mesmo se aquelas de antes do fim da graduação foram cumpridas, ele salienta que seus objetivos não estiveram tão bem definidos na época como ainda não estão hoje, porém acredita que teve êxito em sua trajetória.

É difícil responder porque em termos profissionais eu não tinha esse objetivo traçado, e acho que não tenho até hoje (risos), mas se você me perguntar em que eu quero estar trabalhando daqui a dez, quinze anos, eu não tenho a menor ideia. Mas podemos dizer que de modo geral foram cumpridas, sim (ANTÔNIO, op. cit.).

Para Adriana, suas expectativas de quando entrou no CCP não apenas foram cumpridas como superadas, pois, quando chegou ao cursinho, acreditava que, se o curso que escolhesse “não fosse algo extremamente fácil, não iria conseguir” (ADRIANA, op. cit.). Não somente entrou em um curso concorrido como obteve um rendimento acima da média na universidade e tem conseguido construir uma carreira sólida na área do Direito que lhe vem permitindo ter uma vida de escolhas, o que antes lhe era negado, assim como ter acesso a alguns bens que antes eram inalcançáveis.

Contudo, sua maior conquista foi aprender que pode estabelecer metas e manter expectativas positivas. Antes ela acreditava que a sua vida seria uma sucessão de acontecimentos ao acaso e que os trabalhos de baixa rentabilidade e que não exigem formação, quando houvesse, seriam o que de melhor lhe poderia acontecer. Desse modo, “pensando em

novas expectativas, eu estou sempre a pensar em que posso melhorar, e hoje entendo que sempre posso mais” (ADRIANA, op. cit.).

Em todo momento do depoimento Simoni demonstra que suas expectativas de antes da graduação e da época em que foi aluna no CCP foram alcançadas e até mesmo superadas

muito superadas, é como te falei no início, até hoje ter passado pelo CCP me abre portas, portas muito importantes, eu trabalho hoje em uma área que não faço atendimento direto aos pacientes, eu trabalho na gestão, então conhecer os Pimentas, conhecer a política, a micropolítica da região que foi através do CCP e ter feito os contatos que fiz a partir do CCP me ajudou muito até hoje em meu trabalho. Não era uma coisa que eu esperava, eu acreditava que iria aprender um monte de coisa que não aprendi na escola para passar no vestibular, isso aconteceu, era o objetivo inicial, mas não ficou só nisso; para entender, já faz dezessete anos e até hoje eu ainda tenho efeito daqueles dois anos e do tempo que fiquei como voluntária. (Entrevista realizada com SIMONI, 30/11/2019).

O impacto que o CCP causou na vida de Simoni é notório e pode ser mensurado quando esta lembra as mudanças em sua trajetória de vida e que seus sonhos viraram metas e que pode reinventar sonhos a partir de novos conhecimentos.

O CCP foi um grande divisor de águas mesmo, e não só porque me possibilitou entrar em uma universidade, e que esta formação me levasse ao mercado de trabalho, mas acho que ampliou muito a visão de mundo, meu senso crítico. Foram muitas experiências que foi muito além do ensino aprendizagem, esta é uma proposta que o cursinho traz mesmo, outras experiências de conhecer outras pessoas, outros lugares, outras causas, de inclusive conhecer partidos políticos. O cursinho me engajou e me encorajou em muitas coisas ali, e isso faz muita diferença, eu sair outra pessoa de lá, não só cumprir com o objetivo que eu entrei lá tendo, me abriu muitas portas e abre até hoje, tantos anos depois. (SIMONI, op. cit.)

No geral o CCP proporcionou grandes transformações referentes às questões materiais como demonstra a fala da Bruna: “ter conseguido terminar uma graduação na USP, sendo a única da família a fazer faculdade pública ou privada, já é uma baita realização” (Entrevista realizada com Bruna, 02/05/2020). No entanto, as mudanças mais significativas para todos foram a forma de ver e se relacionar com o seu entorno e até por isso ouvimos nos depoimentos falas como a de Matheus “eu considero que lá desenvolvi uma humanização maior, que para o direito é fundamental; também desenvolvi uma capacidade de perceber melhor o desenvolvimento das políticas públicas. No todo entendi que nada é sobre só eu” (Entrevista realizada com Matheus, 05/08/2017). Ou falas como a de Gabriel ao comentar o impacto do CCP em sua vida: “é algo difícil de calcular porque foi muito importante, mudou

muita coisa para mim. [...] Mas o que mais mudou é a consciência social. (Entrevista realizada com Gabriel, 12/08/2017).

A questão racial é um problema na sociedade em que vivemos, sendo de conhecimento comum que a população de pretos, homens e mulheres carrega um histórico de desvantagens que vai da infância até a velhice. Nossos jovens que habitam a periferia sofrem ainda mais com essa intersecção de pertencerem a um espaço da cidade em que há pouco ou nenhum investimento, e muita pobreza, além das marcas da negritude que carregam em suas peles. Contudo, no caso dos jovens pertencentes a nossa amostragem, o que mais proporcionou experiências sensoriais desafiadoras foi o fato de morarem em um bairro esquecido da periferia.

Os ex-alunos do CCP que forneceram depoimentos foram unânimes em reconhecer que questões como a racial e a de gênero são determinantes no que se refere às oportunidades de vida, mas todos também foram unânimes em trazer a tona o peso de residir em uma região pobre e esta questão aparece de modo mais significativa até mesmo com os entrevistados que se declararam pretos.

Como pesquisador social é importante desvelar até mesmo aquilo que parece óbvio, e neste caso, embora os entrevistados não tenham percebido e tenham a sensação de que a questão racial não foi um problema vivenciado diretamente por eles, cabe a mim demonstrar que há uma relação intrínseca entre as oportunidades e condições socioeconômica e a raça na sociedade brasileira e que todas as dificuldades imputadas a vivência deles se relacionam a uma estrutura marcadamente racializada e racista. Assim sendo, busquei em seção anterior elucidar como ocorre a formação do conceito raça e como este atua em nosso cotidiano.

João acredita que a condição socioeconômica de sua família foi determinante para seus problemas quanto ao aprendizado e, conseqüentemente, para sua inserção precoce, no mundo do trabalho em atividades de baixa remuneração e pouca oportunidade de crescimento,

as condições materiais afetaram muito, por exemplo, quando mudamos de São Paulo para Guarulhos eu perdi um ano porque aqui não havia colégios municipais e os estaduais não tinham vagas suficientes e eu não pude terminar a primeira série do ensino fundamental naquele ano; no ano seguinte eu não tinha dinheiro para comprar um caderno e um lápis, então eu tive uma defasagem de dois ou três anos logo no início, quando eu deveria estar na terceira série eu estava fazendo a primeira de novo por conta dessa defasagem nas questões materiais (JOÃO, op. cit., p.).

Como mencionado acima, outro ponto importante é a intersecção entre raça, gênero e pobreza. Nessa questão, os entrevistados também corroboram a percepção de que esses elementos, mesmo que vivenciados separadamente, são fatores que proporcionam maiores dificuldade e falta de oportunidade. Mulher e negra, Adriana entende que sua condição lhe causa desvantagens, mas consegue sentir mais fortemente as dificuldades impostas pelo fato de ter crescido em uma região periférica.

Em nossa sociedade machista certamente isso interfere, mas não é algo que eu particularmente venha sentindo. Acredito até que temos tido mais avanços quanto a isso, não que não seja um problema, mas a questão racial e socioeconômica sempre me foi mais problemático e imagino que talvez seja um padrão (ADRIANA, op. cit.).

Ao ser questionado diretamente sobre a questão racial e as dificuldades ou facilidades impostas a ele em sua trajetória de vida pelo fato de ter a pele escura, Pedro logo indica que a distância geográfica e a dinâmica cultural dicotômica existente entre o centro e a periferia foi, segundo sua visão, mais significativo para um prejuízo nas oportunidades, pois a cultura exigida como a conveniente não é reproduzida na periferia. Mesmo estudando na USP, ele teve bolsa moradia durante toda a graduação, pois, embora Guarulhos faça parte da Grande São Paulo, “ficaria muito caro e muito difícil de se locomover em torno de quase duas horas para ir e duas para voltar todos os dias” (PEDRO, op. cit.).

Mesmo reconhecendo a questão racial como um fator importante e muitas vezes causa de prejuízos é notório que a falta de Capital Econômico e Capital Cultural também são determinantes e mais impactantes na visão dos entrevistados, embora devamos considerar que estas questões estão correlacionadas. Fazer parte de uma determinada raça proporciona uma relação de maior ou menor vantagem, ou até mesmo desvantagem, em adquirir Capital Econômico, Cultural e Social. Contudo, Pedro comenta as dificuldades advindas destas condições.

Não vou dizer que não teve por conta de etnia, por conta da raça, mas eu percebia menos isso, talvez seja até uma percepção minha, mas eu via mais uma questão social, tanto pela falta de poder econômico, tanto pela falta de tato para estar em um ambiente que não estamos acostumados, porque você se locomover daqui dos Pimentas para o Butantã parece uma viagem internacional porque é um outro país, por conta disso eu senti muito essa diferença (PEDRO, op. cit.).

Não se sentir parte de um novo espaço (lugar) por não dominar os aspectos culturais proporciona maior dificuldade de integração por parte daquele que não compreende

os mecanismos dessa cultura local e por parte daqueles que não o reconhecem como integrante do grupo.

Elias e Scotson no livro “Os estabelecidos e os *outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade”, um ícone da sociologia, relata como aqueles que são de fora, os ditos *outsiders* sofrem por não serem membros original do grupo ao qual estão inseridos, por não se encaixarem. Em contraposição à categoria de “*outsider*”, os autores denominam os antigos moradores da cidade de “estabelecidos”, termo que também aplica para designar os grupos que detêm mais poder. (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Bruna, que estudou na USP Leste também faz parte de um coletivo feminista e é engajada em diversas lutas sociais; ao ser igualmente questionada sobre sua cor e quais os impactos dela em seu cotidiano, seguiu o mesmo padrão de resposta dos demais.

Tendo afirmado primeiro que “a cada dia que se passa me declaro mais negra, pois compreendo o que significa isso, não se refere apenas à tonalidade da pele, não sou muito escura, mas tenho muitas características de negra e carrego o bônus e o ônus disso” (Entrevista realizada com Bruna, 29/07/2017), para, na sequência, afirmar que não se sente tão prejudicada em relação à falta de oportunidades por conta de sua cor quanto se sente por ser mulher e por habitar a periferia e compor uma classe econômica e social desfavorecida.

[...] eu tenho certeza de que como moradora da periferia e de renda baixa isso influenciou mais, e a questão de gênero é algo que eu venho me conscientizando nos últimos anos; isso porque em minha vida inteira eu sempre tive pessoas que por falta de informação mesmo estando ao meu lado me limitava pelo fato de eu ser mulher (Entrevista realizada com Bruna, 29/07/2017).

É reconhecido que pertencer a determinado gênero proporciona vantagens ou desvantagens, sendo as mulheres invariavelmente prejudicadas por terem oportunidades cerceadas ou com critérios que as inferiorizam, e essas desvantagens das mulheres são um fator decisivo no que consiste à inserção no mercado de trabalho. Contudo, no trabalho de campo pudemos observar junto aos entrevistados e àqueles com quem conversamos no ambiente do cursinho que a condição de pobreza e o local de moradia eram vistos como os maiores entraves para ascensão social ou mesmo para a simples interação com outros grupos socioeconômicos.

Simoni, que percebe a questão de gênero como muito importante, pois ela é fator de desigualdade, também entende que em sua profissão de fonoaudióloga predominantemente

feminina, o fato de ser mulher não a prejudicou, mas fez um relato muito interessante sobre a questão racial e o impacto de ser moradora da periferia.

É como eu te falei, as pessoas me olham e não me identificam; na área da saúde é bem raro pessoas negras e aí a gente vê uma questão que é forte e bem chata. Comigo não acontece de ser tão incisivo porque não me veem como negra por eu ter o cabelo liso e a pele dita “morena”, agora em relação ao lugar, eu vejo e sinto muito preconceito: até hoje eu moro e trabalho aqui nos Pimentas com colegas de fora que me veem como um bicho estranho, não entendem por que eu não me mudo daqui. Por exemplo, alguns chegam a questionar do porquê eu moro neste lugar, quando isso para mim é óbvio, principalmente porque é perto de meu trabalho e não tem por que não morar aqui; além do mais, me sinto devolvendo para sociedade o que eu recebi de conhecimento, mas é uma coisa que causa estranheza, as pessoas não entendem, e as vezes não sei lidar com isso, não. (Entrevista realizada com SIMONI, 30/11/2019).

Tanto a questão de gênero, quanto a questão racial quando interseccionadas com a questão de classe passam a configurar uma conjuntura ainda mais severa para os jovens que pouca ou nenhuma oportunidade têm justamente por fazerem parte de uma população distanciada dos capitais que proporcionam vantagens, sendo relegados a um futuro de privações e subempregos.

A falta de recursos financeiros dos membros da comunidade leva os jovens cada vez mais cedo a buscarem uma colocação no mercado de trabalho para complementar a renda da família, e não é incomum que coloquem a formação escolar em segundo plano em prol de empregos de baixa remuneração, sendo que isto não é uma escolha, e sim única opção.

João, um jovem que começou a trabalhar muitíssimo cedo e só conseguiu voltar a estudar por ficar afastado do trabalho por motivos de doenças, ao comentar como foi ter de largar a escola para entrar no mercado de trabalho, fala de forma bem emotiva como foi essa vivência: “foi difícil, é... (aqui há um momento de tomada de fôlego, introspecção e uma mudança no tom de voz) ...é até um pouco complicado falar porque assim [...] acordar um dia após o outro sem ter nada para comer em casa é desesperador” (JOÃO, op. cit.), demonstrando que, na maioria das vezes, não há escolha, o jovem é obrigado pelas circunstâncias a se submeter a subempregos para contribuir com a manutenção de sua família.

Estudar não é prioridade para as famílias que vivem na periferia, mesmo reconhecendo a importância da educação, pois, como não poderia ser diferente, essa é a subsistência: “eu sempre estudei bastante, todas as vezes em que eu tinha oportunidade eu estudava muito e tinha boas notas, só que na situação desesperadora de não ter alimento um

dia após o outro, minha primeira intenção e objetivo era achar um trabalho” (JOÃO, op. cit.). Essa é a face da crueldade a que os jovens que vivem na periferia são submetidos. A eles o capital cultural é restringido, frequentar a escola, ter acesso aos bens culturais estabelecidos pela sociedade, como livros, frequentar galeria de arte, museu, participar de encontros culturais, passar por uma educação formal institucionalizada que lhes permita vislumbrar outros ganhos sociais a partir desses; tudo isso é algo até mesmo inimaginável, ainda que certamente serão cobrados por aqueles que desconsideram essas restrições.

Foi difícil optar pelo trabalho e largar a escola, eu sempre gostei muito de estudar, minha mãe não me colocou na pré-escola porque na época havia alguns custos e não havia programas de distribuição de materiais que hoje é mais comum; naquele tempo tinha que comprar uniforme, o material, tudo, e o pior é que eu morava em frente a uma escola de educação infantil e ficava olhando as crianças dentro e desejando estar lá. [...] as dificuldades estruturais e econômicas me afastaram (JOÃO, op. cit.).

Sendo a primeira pessoa de sua família a chegar a fazer um curso superior, rompeu um ciclo de miséria, de desinformação e de limitação que é imposto a essa população. Distanciadas do capital econômico e com um capital cultural fragilizado, as famílias nem mesmo ousam incentivar seus filhos a trilharem caminhos que tenham a educação como parte significativa do percurso. Mesmo quando incentivam, não sabem direcionar as crianças e jovens a construir estratégias, já que não têm exemplos a serem seguidos e não têm orientações a partir de um plano viável, apenas são cobrados de modo vago e sem sentido por falta de referencial.

Antes mesmo de acabar o segundo ciclo do ensino fundamental, João teve que se deparar com uma gerente de um supermercado da região que, ao entrevistá-lo, mesmo sabendo que se tratava de um garoto em idade escolar, colocou-lhe a seguinte questão: “eu preciso de alguém que fique das 8h às 20h e se você não puder ficar nesse horário eu vou contratar outra pessoa’. Foi muito triste, mas era uma questão de sobrevivência” (JOÃO, op. cit.). Sem opção, a entrada precoce no mercado de trabalho impõe aos jovens da periferia uma única possibilidade, a de servir como mão de obra barata, reproduzindo a pobreza.

O CCP incentivava os alunos a não trabalharem para se dedicarem ao pré-vestibular, e o ritmo das aulas e de estudo, de fato, tornava o trabalho basicamente impraticável.

Adriana, ao falar sobre o período do pré-vestibular e do fato de se manter fora do mercado de trabalho durante esse tempo de preparação, expõe o antagonismo em relação aos

sentimentos e possibilidades existentes. Mesmo sua família apoiando parcialmente sua jornada em busca de uma formação universitária, havia muita desconfiança e falta de recursos, financeiro e intelectual, para que esse apoio fosse efetivo. Entretanto, para o cenário em que esses jovens vivem, o fato de a família não se posicionar de modo contrário ao pré-vestibular já é considerado de alguma forma um apoio. Ela se preocupava em trabalhar para ajudar em casa, mas sabia que esse seria basicamente o fim de seu sonho. Seus pais entendiam “que apenas pelo estudo poderia ocorrer alguma transformação socioeconômica” (ADRIANA, op. cit.), por isso não cobravam participação financeira dela, mas, também entendiam ser utópico, um sonho impossível naquele momento para sua filha e para os jovens da periferia em que viviam.

Já na época da graduação, superado o período pré-vestibular, ficar sem trabalhar não era uma opção, pois a permanência na universidade dependia disso, mesmo que essa atividade prejudicasse o desempenho acadêmico. Sobre o trabalho, ela foi enfática em dizer:

não tive muita escolha, pois sem trabalhar não poderia ter custeado nem mesmo o meu deslocamento até a faculdade; o emprego pagava pouco, mas ajudava muito e embora muito desgastante física e emocionalmente por trabalhar com pessoas em situação de rua, eu cresci muito enquanto cidadã (ADRIANA, op. cit.).

Outros entrevistados passaram por situações semelhantes. Pedro, ao comentar o fato de ficar sem trabalhar na época em que fazia o cursinho, afirmou que não foi um problema para os estudos, já que havia mais tempo para se dedicar a ele, mas sabia que, ao iniciar a graduação, teria que se “virar de algum jeito” (PEDRO, op. cit.). Mesmo não havendo pressão por parte da família, ele “percebia que precisava estar trabalhando para ajudar em casa, porque você percebe isso na hora em que chega as contas” (Ibid.).

Ele também teve que trabalhar durante a graduação, o que, em sua avaliação, prejudicou seu desempenho como aluno, assim como o manteve isolado quanto a possíveis contatos futuros de trabalho na área de sua graduação, ou seja, ele não conseguiu agregar valor ao seu capital social, aumentando o número de pessoas em seu círculo de convivência que pudesse lhe proporcionar vantagem profissional ou de outra natureza.

A maior parte das famílias envolvidas no projeto do CCP, mesmo querendo ajudar mais os seus jovens que estão vivenciando o momento de sair do ensino médio, na maioria das vezes não consegue oferecer um suporte financeiro que permita que eles (os jovens) não

se preocupem com a renda familiar, o que promove o dilema: buscar um emprego para auxiliar na renda da família ou se dedicar aos estudos para ter mais chances no vestibular.

Mesmo não fazendo parte das famílias em situação de maior necessidade entre alunos do CCP, Bruna também teve que fazer inúmeros sacrifícios de ordem financeira no período do pré-vestibular, “eu não conseguiria fazer nada além de estudar, se eu quisesse passear, comprar alguma coisa eu não conseguiria porque eu não estava trabalhando” (Entrevista realizada com BRUNA, 29/07/2017), isso porque seus “pais não tinham condições financeiras de dar um sustento a coisas que eram consideradas supérfluas, era [só] o básico” (Ibid.).

Já Carlos sofreu bastante por seus familiares não acreditarem na educação como forma de transformação socioeconômica e criarem resistência para ele estudar e frequentar o CCP, acarretando ainda mais dificuldade em sua trajetória. Quase sempre para os grupos periféricos dois problemas são muito recorrentes, enxergar a rápida inserção no mercado de trabalho (mesmo que no subemprego) como a única alternativa para alcançar a dignidade e entender que o sucesso via educação é algo sempre para o outro, sobretudo os das famílias que detêm capital econômico. Seguindo esse contexto, Carlos relata que suas atividades, quando ligadas ao CCP, eram sempre de alguma forma dificultada pela sua família, “lá em casa o meu cunhado queria que eu trabalhasse, e na época ele não entendia o projeto do cursinho [...] Fora a pressão de que eu falei sobre eu ser um vagabundo que ficava o dia inteiro fora e não trabalhar, ele não entendia que isso era um meio para um fim” (CARLOS, op. cit.).

Durante a graduação, porém, a manutenção na universidade até certo momento não foi um problema para Carlos. Por ser órfão, foi pensionista até os vinte e um anos de idade, quando estava no início do último ano de seu curso. Quando a pensão cessou, ele ficou “uma semana indo à reitoria para convencer que não tinha dinheiro para continuar na faculdade e finalmente eles acreditaram e eu fui morar na moradia. Então eu tive que ser insistente; se tivesse desistido no primeiro não, eu não teria concluído a graduação” (CARLOS, op. cit.).

Ao contar sua história, Matheus lembra que chegou a “ouvir muitas críticas, e isso causa uma dificuldade a mais; depois, já no final, eu tinha uma maturidade emocional maior. Até mesmo depois que a gente entra na Universidade, se cobra, mas agora estou muito tranquilo quanto a isso”. (Entrevista realizada com Matheus, 05/08/2017).

Muitos dos ex-alunos do CCP que foram aprovados nos vestibulares são os primeiros de suas famílias a cursar o ensino superior, mas alguns conseguiram influenciar seus parentes que tiveram o mesmo sucesso nos exames vestibulares.

Embora seus familiares trabalhassem com o transporte escolar, Carlos sofreu bastante resistência quanto a sua dedicação aos estudos. Com o seu empenho no pré-vestibular, as relações familiares foram prejudicadas; por isso, na época em que esteve no cursinho, entendia que este fez o papel de sua família, dizendo na entrevista o seguinte: “o cursinho virou minha família, na verdade, porque eu ficava lá e voltava para casa só para dormir e quando chegava em casa eu ainda tomava bronca porque estava fazendo barulho para comer” (CARLOS, op. cit.). Isso demonstra a incompreensão de muitas famílias quanto às estratégias que envolvem a educação como forma de superação da pobreza.

Por tudo isso eu falo que a minha família era o cursinho, eu nem falo que eles eram meus amigos na época do cursinho, nós comíamos juntos, passávamos muito tempo juntos, nós nos apoiávamos porque todos estávamos sofrendo pressão para parar o cursinho e começar a trabalhar, todos entendiam os problemas uns dos outros; nesse sentido foi uma época muito legal, em que eu tive uma outra família. Sem palavras (CARLOS, op. cit.).

Como muitos outros, a história de Antônio também começa com a resistência de seus familiares que o achavam um sonhador, alguém fora da realidade, além de seu padrasto dizer que ele se escondia atrás dos livros para não trabalhar no período do pré-vestibular. Ele saiu de uma situação adversa e com seus resultados incentivou suas irmãs a trilharem o mesmo caminho.

No período de seu pré-vestibular, sua mãe trabalhava como empregada doméstica, sua irmã mais velha trabalhava no comércio em posição de baixa remuneração, pois não havia acabado nem mesmo o ensino médio, e sua irmã mais nova estava frequentando a escola. Não foi fácil, mas o ciclo de restrições em relação ao capital cultural foi quebrado. Antônio conta que hoje suas irmãs são

formadas e pós-graduadas; elas foram para o CCP, primeiro a mais nova e depois a mais velha. Elas fizeram universidades públicas e uma é Mestre e a outra está no doutorado; então o cursinho também mudou individualmente a vida delas (ANTÔNIO, op. cit.).

Ao lembrar sua trajetória e como seus estudos afetaram sua relação com os amigos, Antônio ratifica a percepção de que mesmo as crianças e jovens que frequentam a

escola na periferia, por mais que reconheçam a importância da instituição, na maioria das vezes não sabem como fazer uso do conhecimento trabalhado lá, o que transforma o estudo formal em algo pouco interessante e aqueles que se dedicam a ele em agentes que não mobilizam prestígio. Por isso existe maior identificação e cumplicidade entre aqueles que fizeram o cursinho e, diferente disso, certo afastamento dos colegas de escola que não partilhavam do mesmo contexto, “nós criamos um certo vínculo com os colegas de escola e o cursinho, como sendo aquele período que veio logo depois da escola, rompe um pouco com isso, porque desse primeiro grupo quase ninguém estuda, a gente que fez o cursinho, somos exceção” (ANTÔNIO, op. cit.).

Adriana também não tinha muitos amigos, “apenas os colegas de escola e, como nenhum deles deram prosseguimento aos estudos, acabamos ficando distantes [...] O cursinho me trouxe muitos e bons amigos e causas comuns a que lutar em busca de uma sociedade melhor” (ADRIANA, op. cit.).

Quando estar no CCP não é tido como fugir do trabalho e se esconder por trás dos livros e o aluno alcança o objetivo de entrar em uma universidade, nem sempre isso continua sendo visto como algo positivo, pois aquele que tanto se esforçou e teve seu sonho e o dos demais conquistado enfrenta nesse momento a crítica de não pertencer mais à comunidade, de não ter mais os mesmos interesses culturais e sociais.

Contudo, para seus familiares e pessoas mais próximas, o momento do pré-vestibular de Antônio foi visto como uma fuga do trabalho. Ainda que tivesse histórico de jovem trabalhador desde o início da adolescência, não havia incentivo nem esperança de que seu desejo de ir à universidade se concretizasse, “a família desacreditava por razões que a gente nem os pode culpar, mas depois eu tive problemas muito mais sérios com o meu padrasto que chegou a dizer que eu estava me escondendo atrás dos livros para não trabalhar” (ANTÔNIO, op. cit.) O caso é que

quando eu comecei a estudar eu trabalhava no comércio e eu pegava uma apostila para estudar no horário do almoço, amarrava no guidão da bicicleta e saía, e no primeiro dia minha mãe chegou a perguntar o porquê disso aí, depois ela me confidenciou que ao ouvir a resposta pensou: “esse aí tá maluco, tá sonhando” (ANTÔNIO, op. cit.).

Além da incompreensão os familiares mais próximos demonstram medo da frustração de entes queridos, pois conhecem a profundidade da desigualdade social.

Aqueles que vivem próximo aos jovens não entendem o esforço empregado em um pré-vestibular porque não faz parte do repertório cultural, econômico e social dessas famílias. Elas não enxergam como na prática a dedicação aos estudos pode melhorar a condição de vida dos que vivem na periferia da educação, na periferia do dinheiro (recursos monetários), na periferia do círculo social e geográfico da cidade.

Chega a ser conflituoso a forma de lidar com essa incompreensão, colocando os jovens em uma posição de muita dificuldade, pois sair da condição de “inércia” social a que são submetidos para protagonistas de suas próprias histórias tem um custo por vezes inimaginável para aqueles que não pertencem a essa classe. Questões que são cruciais para o sucesso ou insucesso no mundo competitivo que é a educação formal via vestibular e a entrada no mundo do trabalho são negligenciadas pelas famílias que pouco têm a oferecer como suporte de qualquer ordem, seja financeiro, social ou cultural, e com isso os mais pobres possuem maiores dificuldades.

Pela própria incompreensão do que estava vivendo seu filho, a mãe do Antônio não o apoiava, e seu padrasto foi além, chegando a sair de casa por não aceitar a condição de estudante do enteado, pois para ele “vestibular era papo furado e apenas vagabundagem” (ANTÔNIO, *op. cit.*).

Mesmo aqueles que receberam relativo apoio familiar, esse era discreto e pouco estruturado, por se tratar de um núcleo sem recursos. Adriana vinha de um lar de sete filhos e de pais pouco instruídos, nenhum deles chegou ao ensino médio, dos seus irmãos, apenas o mais velho foi para a universidade por meio do FIES - Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior -, dois deles abandonaram a escola ainda no ensino fundamental para trabalhar e compor a renda familiar, os demais apenas concluíram o ensino médio. Com isso, no que diz respeito à questão da educação, Adriana “entendia que se estudava até o terceiro ano do ensino médio e era o auge de uma pessoa nas mesmas condições” (ADRIANA, *op. cit.*).

Embora houvesse em sua família uma certa ideia de valorização da educação, de uma formação institucionalizada, não havia muitas expectativas de que esse caminho pudesse ser traçado com sucesso por outro membro da família, pois seu irmão mais velho, que tinha formação em curso superior, só conseguiu na segunda tentativa, tendo que abandonar o curso da primeira vez por falta de recursos financeiros.

Foi nessa conjuntura que, depois de superado o pré-vestibular, logo no início da graduação, a sua “mãe falava que isso era um sonho, algo inimaginável, impossível e que provavelmente não iria dar certo, como se eu fosse me frustrar mais para frente, então era melhor que eu me frustrasse antes” (ADRIANA, op. cit.). Isso demonstra que, mesmo havendo o reconhecimento da importância da cultura institucionalizada, também havia um sentimento de que tal capital não pertencia e/ou não foi produzido para pertencer aos mais pobres. Esse paradigma foi parcialmente superado pela sua família “porque eles perceberam que é possível se mudar a própria história, hoje tenho sobrinhos que já passaram pelo cursinho e estão na universidade, outros ainda não despertaram, mas já reconhecem a importância do estudo” (Ibid.).

Mesmo ao se tratar daquelas famílias que têm certo vínculo com a educação formal e tiveram algum membro como aluno do CCP, é comum o descrédito em um planejamento em que se tenha como estratégia a educação como ponto central em detrimento do trabalho imediato.

Sobre a minha família a maioria deles hoje é da área da educação, mas nem sempre foi assim; isso é recente, quando eu entrei no CCP muitos não entenderam, porque ninguém tinha feito cursinho. Eu tinha só dois tios com nível superior, um se formou em Letras e o outro em Matemática e para eles era assim: você trabalhava de dia e pagava a faculdade à noite; não havia necessidade de cursinho, universidade pública era uma coisa inviável, era uma coisa utópica e com isso eles demonstravam muita preocupação. Era como se estivesse perdendo tempo, me iludindo, sendo iludida por alguém por ser muito jovem. As outras pessoas de minha família, meu pai era ajudante geral em linha de produção, minha mãe era servidora pública em uma escolinha, em uma creche da prefeitura de Arujá, município vizinho de Guarulhos, mas sem nível superior. Na verdade, eu fui a primeira a entrar em um cursinho, a fazer uma universidade pública, depois de mim vieram outros que entraram para universidades públicas e privadas. (Entrevista realizada com SIMONI, 30/11/2019).

Simoni não apenas não recebeu o apoio adequado, como passou a sentir muita pressão pelos resultados, além de sofrer por um distanciamento dos amigos e família. No “segundo ano de CCP, como era uma dedicação muito grande, não tinha mais tempo para a família, para estar com os amigos que não estavam com este mesmo propósito, foi difícil, foi um tempo mais solitário [...] Com a família foi bem difícil no início por não aceitarem, por não entenderem” (Entrevista realizada com SIMONI, 30/11/2019).

Criado pela mãe e avó, o contexto de dificuldades de Matheus não difere daquele da grande maioria dos jovens da periferia de Guarulhos: sua mãe trabalhava na informalidade,

sendo revendedora de produtos diversos de revistas e depois ela foi trabalhar como faxineira em um banco na época em que ele já se encontrava no CCP; sua avó aposentada, mas na época em que ele era aluno do CCP já havia falecido.

Mesmo com as dificuldades financeiras, em 2010 Matheus parou de trabalhar para se dedicar integralmente ao pré-vestibular - o que ele chama de um ato de contracultura local - para conseguir competir por uma vaga em uma universidade. Mas como as escolhas de Matheus não seguem a lógica da periferia, ele também teve suas relações de amizade afetadas.

Olha, mudou bastante porque eu não tinha a cultura do estudo antes, e quando comecei eu me afastei bastante porque eu saía muito com os amigos e na nova realidade não era possível conciliar a vida habitual que eu levava com a que eu decidi a partir daquele momento; então acabei perdendo o contato com muitos amigos. (Entrevista realizada com Matheus, 05/08/2017).

Por ter uma história de sucesso na família, um primo que foi ex-aluno do CCP, Gabriel teve relativo apoio, mas tanto o rol de amizades quanto a relação com o núcleo familiar sofreram algumas mudanças pelo tempo dedicado ao projeto e pelo engajamento em causas minoritárias que faz parte do “DNA” do CCP.

Não sofri pressão durante o ano, mas no final do ano todos questionavam em relação a resultados e só fiquei um ano; então não sei como seria se ficasse mais tempo no CCP. A maior dificuldade foi pela questão ideológica: o CCP traz uma consciência muito grande e minha família é muito religiosa e nas discussões sobre desigualdade de gênero, a questão da homossexualidade e todos esses tabus religiosos iam sendo desconstruídos e eles não entendiam meu novo posicionamento que estava baseado na razão científica e na empatia. [...] Já quanto os amigos, houve um afastamento; a maioria deles seguiram outro caminho, alguns foram até para a vida do crime, outros foram trabalhar em empregos relativamente simples, já são pais, enfim, têm outras expectativas de vida e isso nos afastou de algum modo. (Entrevista realizada com Gabriel, 12/08/2017).

Com pouca escolaridade, o pai de João desde que saiu da zona rural para a cidade sempre trabalhou em funções que exigiam pouca qualificação, ajudante ou auxiliar de alguma coisa que não necessita de formação, e sua mãe cuidava do lar, era dona de casa.

Antes de morar na periferia da cidade de Guarulhos, sua família morava na cidade de São Paulo, “uma região onde tudo era caro, uma região privilegiada, perto de tudo, só que os preços de aluguéis aumentando e o salário não aumentava proporcionalmente, em um mês você pagava aluguel ou fazia compra, não dava para conciliar os dois” (JOÃO, op. cit.). Foi essa a motivação que os fez se alocarem em um bairro da periferia da cidade de Guarulhos,

pois o “bairro dos Pimentas era ainda mais periférico, onde nós viemos morar, e um mês de salário aqui dava para pagar o aluguel e fazer a compra, isso no início, porque com o decorrer dos anos noventa isso também foi mudando” (Ibid.).

Foi no bairro dos Pimentas que João e suas duas irmãs cresceram, uma mais velha e outra mais nova. A mais velha também parou de estudar para compor a renda da família, mesmo que com um trabalho de baixa remuneração, que exige baixo nível de instrução, então buscaram garantir que a mais nova não saísse da escola: “ela terminou o ensino médio mesmo em uma situação de dificuldade e somente depois foi trabalhar” (JOÃO, op. cit.). Isso corrobora a visão que temos de que há uma valorização do ensino formal nas periferias, o que não há é o entendimento de como dinamizar esses estudos para que ele promova resultados satisfatórios, fazendo com que logo se passe a acreditar que o sucesso via educação é de exclusividade das classes mais abastadas.

O CCP teve um papel importantíssimo na vida dos jovens e familiares da região do Bairro dos Pimentas, motivando e guiando os alunos via pré-vestibular a terem maiores oportunidades por meio de investimento em capital cultural, modificando aquelas que seriam histórias de fracasso escolar, de mão de obra barata e desqualificada, sem formação e de uma vivência frustrada no que se refere ao mundo do trabalho.

A mais velha agora depois que eu terminei a graduação e incentivá-las, ela voltou a estudar, concluiu o ensino médio, fez um curso no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) e está trabalhando na área desse curso; a mais nova está terminando a graduação em Ciência da Natureza, ela deu um tempinho no trabalho para se qualificar (JOÃO, op. cit.).

Porém, antes de os membros de sua família compreenderem como funcionam os meandros para alcançar o sucesso no mundo do trabalho por meio da educação, João teve que romper com um modelo que destina aos filhos da classe trabalhadora um sistema de aprendizado fragilizado, tanto por serem segregados de uma educação institucionalizada de qualidade, quanto por socialmente não manterem contatos com a cultura compreendida como a boa, a adequada. Com isso, a prática de estudo é algo estranho e, como a defasagem era muito grande, foi preciso aprender a estudar e dedicar ao estudo um tempo muito acima da média.

Sabendo que só teria para estudar o tempo de recuperação de seu trauma na perna e acreditando que este seria de apenas um ano, João se empenhou o máximo que pôde, conciliando cirurgias, fisioterapias, ensino médio (à distância) com o pré-vestibular. Para isso,

ele passou a “não ter tempo para participar de outras atividades que não fossem correlacionadas; então os meus amigos passaram a ser cem por cento do cursinho” (JOÃO, op. cit.). Além de toda dificuldade pela falta de capital cultural, outro capital evidencia-se como um problema pela sua falta, o capital social, pois esses jovens têm poucos conhecidos que possam lhes abrir caminhos para os espaços aos quais não tem acesso.

Nenhum jovem deveria ter que se submeter a uma jornada tão exaustiva para suplantar defasagens de algo que ele nunca teve a chance de desenvolver, e isso fica notório na fala de João: “minha família, na época achava que era exagero, porque eu me fechei e me dediquei cem por cento; eu estudava muitas vezes das seis da manhã à meia noite, estudava todos os dias bem mais de dozes horas” (JOÃO, op. cit.). O caso é que, sem esse comportamento drástico, provavelmente a história do jovem da periferia que tem como única opção (dentro da legalidade) o emprego desqualificado, sem uma exigência de especialização técnica, científica, sem a necessidade de uma formação institucionalizada e pouco remunerado se repetiria, para ele e para suas irmãs.

Pedro, órfão de pai desde os sete anos, perdeu aquele que era a maior referência educacional na família, o único que havia concluído o ensino médio. Sua mãe, que parou no ensino fundamental, trabalhou como costureira até seu nascimento; seu tio, que ajudou em sua criação, trabalhava em indústria química e também só havia feito o fundamental.

No ano em que eu entrei no cursinho, meu tio ficou desempregado; hoje ele é aposentado, mas na época eu virei arrimo de família. Então, quando eu cheguei à graduação, tive essa responsabilidade a mais; dessa forma, não tinha como me dedicar de modo integral, pegar um ano e estabelecer como um ano sabático, trabalhar com agência na modalidade de estágio não remunerado criando um portfólio que pudesse me projetar para um emprego melhor (PEDRO, op. cit.).

Mais uma vez a falta de capital econômico, atrelado à falta até mesmo de um referencial de capital cultural implicando na falta de capital social, coloca o jovem da periferia em situação de desigualdade. No cursinho, ele até conseguiu superar a falta de capital cultural, mas a sua condição socioeconômica refletiu negativamente até a data desta entrevista, mesmo ele tendo tido ganhos e conquistado melhores condições no mercado de trabalho em comparação com os jovens da periferia do bairro dos Pimentas que não passaram pelo cursinho.

No entanto, com o passar do tempo, foi se estabelecendo uma rede de solidariedade que acaba se configurando em um capital social relevante a partir dos alunos e

ex-alunos do CCP. “Com relação ao círculo de amizade, acredito que fiz até mais amigos do que antes; estar no CCP era um fator agregador, você faz novos amigos pelo círculo de solidariedade” (PEDRO, op. cit.).

Não se diferenciando dos demais, os pais de Bruna também têm baixo grau de instrução, estudaram apenas até a quarta série do ensino fundamental, primeiro ciclo: “meu pai é um operário em uma fábrica e minha mãe é do lar; na verdade eu sou a primeira e a única de minha família, entre primos e tios, a estar no ensino superior”. (Entrevista realizada com BRUNA, 29/07/2017). A família de Bruna segue a lógica de poder oferecer pouco na construção de um capital cultural; do mesmo modo, ela também tem um capital social pequeno, o que começa a mudar quando entra no CCP e passa a conhecer mais pessoas e criar uma rede de solidariedade. Ainda que o CCP tenha algumas limitações, agrega valores importantes, contudo houve um afastamento da família e dos colegas de escola por dedicar muito tempo ao projeto de pré-vestibular: “quando eu entrei aqui no CCP, eu me encontrei e meus melhores amigos são daqui e eu acabei me afastando do grupo da família, das reuniões de família, festas, e dos outros amigos que eu tinha que eram mais ligados à escola” (Ibid.).

Nesse universo do cursinho, é comum os alunos se desdobrarem nos estudos para tentar diminuir o abismo existente entre eles e os jovens das classes mais abastadas. João, por exemplo, revela que não parou de estudar “nem no réveillon, apenas na hora dos fogos por causa do barulho, pois já havia saído o resultado da primeira fase da USP e ainda faria a segunda fase” (JOÃO, op. cit.). O que parece um excesso é apenas uma forma de atenuar as discrepâncias estabelecidas ao longo de suas vidas; porém o grande ganho é aprender a estudar e lidar com a pressão de concursos.

Considerando que esse foi o caminho traçado e trilhado por centenas de alunos que fizeram parte do CCP, perguntamos aos entrevistados como se enxergavam enquanto aqueles que buscaram na educação elementos de superação. Deixou-se em aberto para que falassem de superação a partir de suas perspectivas, mas sempre tendo em vista que o pré-vestibular é um meio para chegar à formação superior e está para alcançar melhores condições no mundo do trabalho proporcionando uma qualidade de vida melhor.

Todos eles foram unânimes em lembrar de como foram grandiosas a transformação cultural e a noção de cidadania e comprometimento social adquiridas a partir da relação deles com os colegas de pré-vestibular e diretamente com as atividades promovidas pelo cursinho.

Carlos entende que a educação é transformadora, que mesmo sendo difícil para aqueles que tiveram pouca base, tanto familiar quanto escolar, é por ela o caminho mais simples para um futuro melhor.

Nos depoimentos ouvimos que o CCP, além de investir nas aulas e orientações para que os alunos tenham êxito no vestibular, também se preocupa em formar jovens com uma atitude cidadã, que respeite o próximo e cultive a solidariedade.

Outro aspecto importante, que foi mencionado por João, é como o cursinho se preocupa em demonstrar aos seus alunos caminhos e possibilidades que eles desconheciam ou não reconheciam, rompendo com a baixa autoestima dos alunos e de suas famílias:

a partir do cursinho eu comecei a ver as coisas diferentes. A primeira mudança foi em minha família: a minha mãe e o meu pai hoje já não são indiferentes como eles eram em relação aos estudos; eles vivem incentivando as outras pessoas a estudarem. As minhas irmãs passaram a estudar pela influência desse contexto em que eu estive inserido, outros parentes como primos e tios começaram a estudar e acreditar que o caminho do sucesso passa pela educação (JOÃO, op. cit.).

O maior objetivo do cursinho é a busca por justiça social, proporcionar aos mais pobres elementos que possam combater a sua condição de fragilidade, até porque “o pobre, aquele que está em situação de vulnerabilidade, acredita via de regra que a sua condição representa o seu esforço, ou a sua falta de esforço” (JOÃO, op. cit.). Ou seja, João relembra que, além de trabalhar os conteúdos culturais que são exigidos nos vestibulares, o CCP busca superar os paradigmas que sustentam os jovens da periferia em uma condição de vida de privação agravada por atribuir a eles a responsabilidade pela situação em que se encontram.

Modificar a perspectiva sobre si mesmo e sobre a comunidade que o cerca é fundamental, pois é um empoderamento tão significativo e transformador quanto o empoderamento econômico. Pedro, ao falar se houve melhora em sua vida depois do cursinho e da graduação, respondeu:

se for avaliar pelo aspecto financeiro eu acho que nem tanto, embora que uma graduação acrescenta na renda, possibilita pleitear uma vaga em concurso público que pague um pouco melhor, mas acredito que a transformação foi muito mais interna, de cabeça e cultural; houve uma mudança na concepção política e cidadã, a financeira aconteceu, mas foi menos do que eu esperava (PEDRO, op. cit.).

Com dificuldades para se inserir na iniciativa privada, espaço que em sua área remunera melhor, ele buscou se colocar no mercado de trabalho por meio do setor público por

não depender do capital social tão necessário no privado. Ainda se sentindo relativamente frustrado com a condição de trabalho atual, afirma: “o que eu fiz eu devo ao CCP porque o estímulo para buscar os nossos direitos e abrir os nossos caminhos era grande, além de trabalhar muito a questão da solidariedade” (PEDRO, op. cit.).

O CCP tem um papel fundamental quanto às questões sociais, posicionando-se de modo reflexivo em relação às desigualdades, desenvolvendo em seus alunos um olhar solidário e de compromisso social. Essa linha de trabalho tem como interesse mudar a história do indivíduo e de seu entorno e quase sempre seus ex-alunos se engajam em projetos pessoais ou coletivos que visam à diminuição da desigualdade e ao estabelecimento da justiça social.

Adriana, que em seu trabalho como advogada também reserva parte do tempo para atender os mais necessitados com a mesma empatia com que defende os clientes mais vantajosos economicamente, chegou a pensar que sua vida no mercado de trabalho seria, com sorte, ocupar uma vaga de subemprego: “o cursinho foi a primeira porta que me fez refletir diferente, descobrir que ninguém nasce predestinado a não ser nada, a não ter uma expectativa de vida, a não ter sonhos e que a gente pode criar a nossa própria história” (ADRIANA, op. cit.). Quando perguntada se houve melhora de vida depois do cursinho e da graduação, respondeu de imediato:

se comparado com antes, sim; eu tenho um irmão que costuma dizer que éramos miseráveis e agora somos pobres e partindo disso não significa que eu esteja em um padrão socioeconômico que eu entenda ideal. Entretanto comparado com antes posso dizer que a minha vida financeira e intelectual deu um salto significativo (ADRIANA, op. cit.).

Simoni em seu depoimento segue o mesmo padrão de Adriana, nos revelando o quanto sua vida tem aspectos positivos, que nem mesmo ela enxergava enquanto possível antes.

Houve muita melhora em minha vida e tanta, que as vezes a gente nem se dá conta né. Eu morei a vida toda aqui nos Pimentas, sai quatro anos para estudar e voltei e fiz minha vida aqui e tenho contato com as mesmas pessoas desde sempre; é muito nítida a diferença. Por exemplo, quando eu encontro colegas do passado da escola que hoje é caixa em supermercado, eu penso: Que diferença! Ainda bem que eu tive uma oportunidade que me lançou para outros lugares; a gente está no mesmo lugar, mas temos vidas totalmente diferentes, tanto em relação a salário, tanto em relação a conhecimento, tanto em relação à realização e à cidadania mesmo: onde cobrar, de quem cobrar, o que fazer diante de um problema. (Entrevista realizada com SIMONI, 30/11/2019).

Já a expectativa de Carlos de quando entrou no cursinho era ser professor e, considerando que ele foi professor efetivo do estado de São Paulo PEB II – Professor da Educação Básica nos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio – e de um colégio privado importante, deixando os dois recentemente para assumir uma vaga de docente em uma das instituições mais concorridas do Brasil, que é o Instituto Federal, suas expectativas “foram mais do que cumpridas” (CARLOS, op. cit.), como já mencionado anteriormente.

Seu sonho corrobora o modelo de formação que os alunos do CCP têm, uma formação cidadã que privilegia a solidariedade e o comprometimento social; com isso, a preocupação de Carlos não é apenas ter um bom salário, embora tenha alcançado isso também.

Para Antônio “a educação mudou tudo, ela foi determinante” (ANTÔNIO, op. cit), essa foi a fala dele ao comentar sobre sua trajetória de vida e lembrar que seus empregos foram via concursos.

Pode ser observado, a partir das entrevistas com os ex-alunos, que o CCP não apenas cumpre o papel de preparar os jovens para o vestibular e ingressar em uma universidade pública, mas também proporciona horizontes antes impensados, como trabalhar e prosperar em algo que seja significativo individualmente e para a comunidade, com uma postura de solidariedade.

Bruna em seu primeiro depoimento comprova essa análise quando direciona sua formação para se preparar para ajudar no bem-estar de sua comunidade,

hoje eu procuro encaminhar a minha formação para uma área que me permita que com os conhecimentos que eu adquiri na universidade, eu consiga no meu bairro, em minha comunidade, auxiliar na resolução dos problemas que temos aqui e contribuir para que outros alcancem seu sonho como eu alcancei de entrar em uma universidade pública (Entrevista realizada com BRUNA, 29/07/2017).

Com isso fica evidenciado uma preocupação com o coletivo, principalmente com as comunidades mais pobres, com uma formação que sirva tanto para o crescimento do sujeito enquanto indivíduo como para que possa contribuir efetivamente para a sociedade em que vive.

Eu falo que, além de ter me tornado uma universitária, o CCP me tornou uma pessoa muito melhor, o CCP nos ensina a não se preocupar só com os nossos sonhos, só com o nosso bem-estar, mas com todas as pessoas que estão ao redor, com o coletivo da sociedade como um todo (Entrevista realizada com BRUNA, 29/07/2017).

Bruna, que também se mantém no voluntariado, em um segundo depoimento, agora formada já no ano de 2020, conta como tem sido a sua vivência profissional, ela mudou de emprego, mas continua a atender questões que envolvem as minorias. Ao ser questionada se trabalha na área para a qual foi formada respondeu:

De maneira indireta. Trabalho com projetos relacionados a consultoria que envolve gênero e raça e, embora lazer e turismo não seja nosso foco, há atividades da área em que me formei. Isso porque o curso tem disciplinas bem interdisciplinares e a empresa em que estou, trabalha com empresas de áreas diversas e até mesmo com empresas de turismo; não é sempre, mas acontece. (Entrevista realizada com Bruna, 02/05/2020).

É nesse contexto que o CCP tem se sustentado com ações voluntárias de ex-alunos que em outro momento se beneficiaram do projeto.

III.2 Uma educação não reprodutora é possível? Sob quais condições?

É muito difícil responder à questão proposta se uma educação não reprodutora é possível, pois ao tratarmos da reprodução da pobreza e da miséria e da reprodução do *status quo* verificamos que o processo educativo é o que mantém a estrutura social enquanto também é estruturado e mantido pela estrutura, ou seja, o processo educativo é estruturado e estruturante. No entanto, iremos demonstrar que uma educação transformadora além de ser possível, faz parte da experiência vivida pelos estudantes do cursinho pré-vestibular do Pimentas.

Cabe observar que as trajetórias improváveis podem ser compreendidas como a exceção que fazem parte da regra e alimenta o sonho de que o modelo é democrático e serve para todos e que é de responsabilidade do indivíduo se adequar. Dito isto, podemos entender também que a educação pode ser transformadora e até transgressora sendo as trajetórias improváveis resultados do enfrentamento do *status quo*.

No caso dos ex-alunos do CCP suas trajetórias mesmo podendo servir ao discurso geral, sendo cooptado por aqueles que desejam a manutenção da estrutura, são definitivamente trajetórias fruto de estratégias de enfrentamento a partir das ações do coletivo do cursinho; estas trajetórias que fogem ao previsível não foram fruto de ações isoladas ao acaso vinculadas a esforços inconscientes de seus papéis.

Seguindo a proposição apresentada, existe um olhar dicotômico sob o processo educativo: uma perspectiva objetivista que está de acordo com a visão determinista que compreende o sujeito como passivo nas relações de reprodução, pois estes estão subordinados às expectativas sociais e portanto os desfechos são sempre os únicos possíveis para a manutenção da ordem como ela é conhecida; é uma perspectiva subjetivista que entende o indivíduo como protagonista e sujeito consciente e intencional da própria história, a qual está subordinada às ações individuais, já que o conhecimento subjetivista não atenta para a compreensão por meio das estruturas.

Contudo, para Bourdieu as duas perspectivas são incompletas e por si só não explicam a complexidade do mundo social. Sendo assim, ele propõe uma relação dialética entre agente e sociedade como alternativa, caminho por meio do qual Bourdieu desenvolve sua teoria fundindo o conhecimento objetivista ao subjetivista estabelecendo as contribuições possíveis.

Como já nos referimos, para compreender a teoria bourdieusiana é necessário entender os conceitos que o autor denomina como *habitus* e *campo*, pois estes permitem entender como é estabelecida a fundamentação do conhecimento praxiológico que une a objetividade à subjetividade.

Bourdieu apresenta o conceito de *habitus* como sendo as exterioridades interiorizadas pelo indivíduo de acordo com sua trajetória social. O *habitus* é formado durante a socialização do indivíduo, desde o seu relacionamento familiar, sua primeira educação, passando pela escola, religião, trabalho – todos os meios que, enfim, irão contribuir para a formação do indivíduo em determinado contexto social. O *habitus* tende à sua própria conservação, mas pode ser alterado na medida em que se alteram os contatos sociais do indivíduo. [...] A formação e manutenção do *habitus* torna-se assim fundamental no processo de reprodução social. (ALMEIDA, Lenildes. 2005, p. 142).

Desta forma, o *habitus* enquanto produto da história orienta as práticas individuais e coletivas, enquanto o conceito de *campo* para Bourdieu

refere-se à situação social em que os agentes sociais realizarão sua prática de acordo com o *habitus* apreendido. Um campo é marcado por agentes dotados de um mesmo *habitus* em que se movimentam como jogadores, cujas posições no jogo dependerão do acúmulo de capital correspondente ao campo que cada indivíduo, ou agente, adquirir [...] Dessa forma, os indivíduos estão em constante luta para mudarem suas posições no jogo, utilizando estratégias que permitam aumentar o acúmulo de capital. (ALMEIDA, Lenildes. 2005, p. 142).

O que caracteriza o conhecimento praxiológico é a busca por desvelar como funcionam as relações de poder e dominação social; formas de dominação essas que passam, por sua vez, necessariamente por uma relação dialética que se manifesta a partir das estruturas incorporadas pelos agentes sociais, o *habitus*, que é construído/reproduzido dentro do *campo*.

O CCP subverte a lógica daquilo que se espera ser ensinado como o adequado, mesmo jogando de acordo com as regras do jogo, se mantendo no *campo* de luta ao qual se propôs, que é a educação formal e institucionalizada ao tratar da inserção às universidades.

E se por um lado os conteúdos de conhecimento exigidos nos vestibulares são reproduzidos e incorporados pelos alunos se mantendo dentro do jogo, assim como a compreensão do mecanismo e das estruturas de dominação ao qual estão submetidos, por outro lado, não se perde de vista que não se trata apenas de inserção em um espaço social que era inacessível, mas também se trata de tomar parte de posições estratégicas em um determinado *campo*, que como dito anteriormente é sempre de luta.

No Cursinho Comunitário Pimentas o discurso e a prática estão em conformidade com a transformação social em detrimento do mero reposicionamento dos indivíduos no espaço social, de forma que podemos observar nos depoimentos dos ex-alunos a intencionalidade de contribuir com a sociedade do seu entorno, não se furtando da responsabilidade da transformação social.

Contudo, para que esta educação seja transformadora e não reprodutora, seguindo a teoria Bourdieusiana, o conhecimento sobre os mecanismos de reprodução é condição *sine qua non*. E isso porque é nela que se ancora a construção de uma prática da liberdade: os atores conscientes dos fundamentos da produção da realidade vivenciada podem transgredir e transformar mesmo fazendo uso das regras do jogo e jogando o mesmo jogo, o que permite inclusive uma validação do *campo* social em que estão inseridos.

Conhecer e compreender os mecanismos que fazem possível a transformação via dialética existente entre o *habitus* do agente social que é produto das relações objetivas e o *campo* em que o agente age modificando-o é exatamente o que permite responder positivamente a questão: “uma educação não reprodutora é possível?”.

Embora o vestibular esteja a cobrar a cultura considerada legítima, aquela que o arbitrário cultural da classe dominante entende como a adequada, o CCP não se limita a trabalhar apenas os conteúdos pré-estabelecidos pelos exames admissionais das universidades,

buscando relacionar os mais diversos conteúdos às questões que envolvem as minorias sociais²⁶.

A definição do que é ou não útil é um princípio simbólico arbitrário, considerando que o critério não é vinculado a uma relação natural, da natureza, e sim em uma relação cultural que precisa ser marcada pela aceitação que é conferida pela classe dominante e, por isso, recebe o nome de arbitrário e invariavelmente está acompanhado do adjetivo “dominante”. Então o mero fato de questionar o que é relevante e merece atenção, colocando no mesmo contexto os conteúdos definidos pela elite e as preocupações de grupos dominados, é uma ação que colabora para uma transformação social a partir de uma educação não reprodutora.

Porém, antes mesmo de iniciar as aulas e poder partilhar com os alunos conteúdos, macetes e tramas de um vestibular que exige a cultura da elite, até então distanciada dos mais pobres, que é o caso dos jovens da periferia dos Pimentas, o Cursinho Comunitário Pimentas busca aproximar as famílias ao projeto e demonstrar a importância de continuar os estudos para além do ensino médio, assim como, demonstrar as necessidades que um estudante tem se quiser ter êxito, sobretudo um estudante pobre. O cursinho também procura vincular os sonhos a estratégias de sucesso, algo que é pouco usual para as famílias mais pobres.

A noção de estratégia é o instrumento de uma ruptura com o ponto de vista objetivista e com a ação sem agente que o estruturalismo supõe (recorrendo, por exemplo, à noção de inconsciente). Mas pode-se recusar a ver a estratégia como o produto de um programa inconsciente, sem fazer dela o produto de um cálculo consciente e racional. Ela é produto do senso prático como sentido do jogo, de um jogo social particular, historicamente definido, que se adquire desde a infância, participando das atividades sociais. (BOURDIEU, 1990, p. 81).

O CCP reconhece a grande defasagem que seus alunos carregam desde a infância em relação às estratégias dos filhos da elite; se elas se constroem em grande medida inconscientemente em um sentido quase que por inércia, também podem, e muitas vezes são

²⁶ O conceito de *minorias sociais* diz respeito, nas ciências sociais, a uma parcela da população que se encontra, de algum modo, marginalizada, ou seja, excluída do processo de socialização. Estes grupos sociais não se referem necessariamente a uma posição numérica, pelo contrário, muitas das vezes se referem a um número grande de pessoas (muitas vezes, são a maioria absoluta em números), mas que são excluídos por questões relativas à classe social, ao gênero, à orientação sexual, à origem étnica ou racial, ao porte de necessidades especiais, entre outras razões. PORFÍRIO, Francisco. "*Minorias sociais*"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/minorias-sociais.htm>. Acesso em 25 de abril de 2021. Ver também: COSTA, C. M. e AIUB M.. *Minorias da sociedade de consumo à sociedade do convívio*. Editora: FiloCzar. 2016.

construídas de forma deliberada e consciente, aumentando a lacuna em relação às classes subalternas. Com isso, o CCP busca um estreitamento entre as famílias e as demandas do cursinho, e entre os alunos e as culturas eruditas e populares.

A teoria de Bourdieu demonstra que o conjunto de bens materiais e/ou culturais de uma família pode ser herdado pelos filhos, quase sempre, por meio do convívio familiar. É nesse sentido que a herança cultural se diferencia de acordo com o espaço social e das relações que o indivíduo mantém no interior do grupo do qual faz parte.

Os filhos de famílias mais pobres e de baixo capital cultural demonstram uma relação com as obras culturais apresentadas pela escola como laboriosa, tensa, desgastante e que exige maior esforço para compreensão, enquanto para os indivíduos que tem por origem meios culturalmente privilegiados essa relação é marcada pelo diletantismo, desenvoltura, elegância e facilidade. (BOURDIEU, 1990, p. 09).

O CCP compreende que muitas vezes a escola não iguala as condições e diferenças dos indivíduos que a frequentam por disponibilizar o conteúdo igualmente, mas reforça e reproduz as diferenças justamente porque aprendemos de modo diferente e pelo fato de a escola exigir aquilo que já é familiarizado para os mais abastados em detrimento do saber da periferia. Por isso, o cursinho busca aproximar os dois “mundos” com ações diversas como sarau de arte erudita e popular-periférica.

Para Bourdieu,

numa formação social determinada, a cultura legítima, isto é, a cultura dotada da legitimidade dominante, não é outra coisa que o arbitrário cultural dominante, na medida em que ele é desconhecido em sua verdade objetiva de arbitrário cultural e de arbitrário cultural dominante. (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 36)

É neste contexto que o CCP promove sessões de filmes e documentários semanalmente com análise de especialistas da área abordada e com momentos de interação aproximando o olhar dos alunos que vivem nos Pimentas ao conteúdo e entendimento da elite.

O mesmo procedimento dos filmes e documentários ocorre com a leitura e discussão de livros considerados clássicos.

Além das ações já mencionadas acima o CCP promove periodicamente saraus, sendo alguns temáticos e outros não, inclusive fazendo uma parceria com a UNIFESP-Pimentas onde ocorre em seu auditório um sarau anual.

Estas atividades anteriores, que são abertas a todos, têm a intencionalidade de aproximar os alunos uns dos outros e aproximar a comunidade, além de permitir que os alunos tenham contato com elementos culturais que muitas vezes não são acessíveis.

O CCP também promove algumas festas e viagens que são exclusivas para seus alunos e, neste caso, a ideia é estreitar os laços entre eles e criar momentos em que as tensões pré-vestibulares possam dar lugar a sonhos.

Já as aulas que receberam a nomenclatura de “aulas de cidadania” têm várias funções, mas as mais significativas são de denúncia e engajamento. Os alunos passam a observar o que existe de desigual e até injusto em nossa sociedade e o que pode ser feito para a existência de uma sociedade mais igualitária e justa, sobretudo o que cada um pode fazer em nível individual e coletivo. Essas aulas e eventos aproximam os jovens de uma realidade diferente da que eles conhecem, colocando-lhes a possibilidade de compreender os mecanismos de dominação e reprodução da desigualdade, a primeira condição para uma educação transformadora.

Com isso, atribuir à teoria de Bourdieu apenas o viés da reprodução social é ignorar a ação do agente dentro do *campo* e a existência da dialética presente no conhecimento praxiológico que Bourdieu propõe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais busco trazer uma reflexão ainda que sucinta sobre as questões abordadas na tese, como os conceitos bourdieusiano e como eles auxiliam na compreensão da trajetória dos jovens que vivem na periferia, e em especial daqueles “da periferia da periferia” de Guarulhos que passaram pelo CCP, assim como olhar de modo breve para os “frutos” do CCP à comunidade.

Os jovens que fazem parte desta pesquisa invariavelmente detêm pouco ou nenhum capital, seja econômico, cultural ou social. Aqui cabe alguns esclarecimentos antes de seguir:

A falta de capital econômico é evidente quando observamos que os recursos financeiros das famílias eram tão escassos que o que geralmente estava em jogo era a sobrevivência, a subsistência, em outras palavras, a luta diária em colocar comida na mesa.

Com isso, para as famílias da periferia o emprego/subemprego é componente central na vida delas, são suas únicas fontes de renda e carregam elementos de suporte, inclusive emocional e de validação social, pois a ideia de que o trabalho dignifica também está atrelada ao imaginário de que o emprego atesta que aqueles que o possuem são “pessoas de bem”. No entanto, mesmo com tamanha relevância não existe planejamento para qualificar e inserir os jovens em postos de trabalhos que os remunerem bem e que estejam ligados a suas aptidões e seus sonhos, inclusive muitos dos jovens não se atrevem a sonhar, apenas se resignam à realidade de aceitar as poucas oportunidades de (sub)emprego que surgem.

Quanto ao capital cultural que os jovens que participam e moram no entorno do CCP detêm são fruto de sua herança familiar e da interação com os grupos sociais de que fazem parte, com isso este capital é de pouco valor, pois não está de acordo com a cultura tida como a adequada, que é aquela estabelecida e reproduzida pelas classes política e economicamente dominantes.

Há ainda que se considerar que existem lutas constantes nos diversos *campos* sociais que legitimam uma determinada cultura como adequada ou não, mas invariavelmente a cultura tida como desejada não é a cultura dos grupos periféricos, não são estas que proporcionam vantagens, sobretudo nas disputas formais em que as regras do jogo são bem definidas e consolidadas como um vestibular, um concurso para cargos públicos, ou mesmo, um processo seletivo às vagas em empresas privadas.

Esta relação dos jovens do CCP com a cultura local e a aproximação com a cultura tida como adequada por meio do cursinho os coloca em uma posição de diferenciação em comparação com os demais jovens do seu entorno, pois ao passo que começam, ainda que com muito custo, a compreender os meandros da cultura que é exigida nos componentes curriculares do ensino formal, estes começam a disputar espaços no *campo* de luta aos quais antes não tinham acesso, seja esta luta vinculada diretamente aos arranjos empregatícios, aos vestibulares, ou mesmo a outros campos aos quais estes jovens passaram a ter acesso e aos quais começaram a disputar.

Contudo, cabe ressaltar que este domínio sobre os componentes curriculares e até mesmo sobre as formas de se portar nos diversos ambientes sociais que o aluno/ex-aluno do CCP passa a frequentar é de um *outsider*, daquele que nunca dominará por completo a cultura da qual não faz parte, pois ela não foi inculcada por um processo de socialização em que os envolvidos vão assimilando os conhecimentos como algo “natural” ao seu cotidiano, em uma progressão de vivência que se inicia já na socialização primária, na infância, pelo contrário, os jovens do CCP sabem que a cultura que eles estão buscando absolver lhes foi negada por toda a vida, mas lhes será cobrada.

O capital cultural incorporado que foi o que tratei acima também é fruto do capital cultural objetivado que são as obras de arte, os instrumentos científicos, livros entre outros bens que não estão ao alcance da população pobre, e quanto mais pobre menos acesso e maior é a dificuldade em inculcar o capital incorporado pela falta de proximidade com o capital objetivado e todas as relações que são manifestas por aqueles que os detêm. Aqui chamo atenção para a interlocução entre os capitais, pois o capital econômico facilita o acesso a um capital cultural mais valorizado, assim como em uma disposição de interação e ligação entre maior capital econômico, maior capital cultural (pois foi facilitado o acesso), e maior capital social, mas vale lembrar que não existem garantias de que ao possuir um dos capitais os demais estarão presentes, embora seja um facilitador.

O capital social é tão importante quanto os anteriores, e assim como o capital cultural incorporado ele vai se formando ao longo da vida e quanto mais vantagens ele pode oferecer, mais qualificado é o capital. A posse de capital cultural ajuda a manter ou a adquirir capital social e a recíproca é igualmente consistente, mas esta interação ocorre de maneira mais efetiva quando se estabelece ao longo do tempo de modo progressivo.

A falta de um capital social expõe de maneira patente a desvantagem dos jovens do CCP, eles não contam com o apoio de familiares e amigos para a inserção no mercado de

trabalho em posições de destaque, pois seus familiares e amigos também não possuem posição de destaque. Fazendo uma comparação apenas explanatória e com finalidade de trazer luz à discussão, escrevo uma situação como exemplo: quando os jovens da classe média ou alta entram em um curso de Odontologia, ao final do curso ou abrem seu próprio consultório (fazendo uso de seu capital econômico) ou recebem um convite/indicação para trabalhar em um consultório ou clínica de um familiar, amigo ou mesmo amigo da família ou do amigo, já os jovens do CCP ao fazer um curso como o de odontologia não teriam este capital social para recorrer, e suas trajetórias em busca de um emprego certamente seriam mais árdua e muitas vezes ficando apenas a possibilidade de prestar concursos públicos, pois também não possuem o capital econômico para iniciar suas carreiras abrindo seus consultórios como demanda sua profissão

Por isso, muitos dos ex-alunos do CCP conquistam seus empregos por meio de concursos públicos. O diferencial do concurso público é que o capital social não influencia o certame quando este só tem fases objetivas, e mesmo quando tem fases subjetivas como entrevistas, na teoria e legalmente também não deveria interferir, com isso, as chances de sucesso dos jovens que buscaram no CCP uma forma de adquirir capital cultural aumentam, até porque o cursinho passa a ser um ambiente de treinamento intensivo de como aprender a estudar tendo determinado fim.

A trajetória de sucesso dos jovens que passaram pelo CCP nos concursos públicos ocorre pela preparação diferenciada que receberam e pela falta de alternativas que os impelem a apostar e focar neste caminho como recurso, conforme ficou evidenciado nas entrevistas fornecidas para esta pesquisa.

No entanto, se faz relevante salientar que os próprios membros do CCP criaram um coletivo em que o capital social se fortaleceu ao longo dos anos, seja como uma rede de apoio na busca pelo capital cultural, seja na inserção no mercado de trabalho, ou mesmo no amparo de um ao outro no que concerne à estrutura emocional, pois romper com a única trajetória possível que é de pobreza e submissão para traçar trajetórias improváveis é um processo doloroso, árduo, com pouca credibilidade e na maioria das vezes sem a aprovação da família que não pode abrir mão do auxílio do jovem em contribuir economicamente com o orçamento familiar, trabalhando em subempregos ou mesmo pelo fato de tentar proteger estes jovens de uma eventual decepção em buscar carreiras inalcançáveis até o momento aos membros das famílias.

Embora com o passar do tempo a reputação do cursinho trouxe um pouco mais de confiança para as famílias de que os projetos individuais dos jovens podem se realizar, efetivamente ainda há muita desconfiança. Contudo, o trabalho de convencimento de que é possível seguir trajetórias de sucesso via educação precisa ser constante, e muitas vezes considerar a especificidade de cada família, mesmo sendo os problemas de base comum.

Além de travar uma luta pelo ingresso e permanência na universidade por parte dos jovens, o CCP tem uma batalha que chega antes mesmo destas que é a recuperação da autoestima dos alunos. Mesmo aqueles jovens que se dispõem a seguir uma jornada de estudo no cursinho em busca da vaga na universidade passa por diversas fases no pré-vestibular e pela dificuldade começam a desconfiar de suas capacidades e da possibilidade de inserção em um curso superior e seguir carreira na profissão desejada.

O CCP tem como uma de suas preocupações elevar a autoestima dos alunos e zelar para que estes se mantenham firmes em seus propósitos, para isso, faz um trabalho constante com uma psicóloga voluntária que atende coletivamente e eventualmente individualmente os alunos. Outro mecanismo utilizado é incentivar e promover grupos de estudos, pois este formato faz com que os alunos se fortaleçam entre si tanto pedagogicamente com o sistema de grupos produtivos,²⁷ quanto com o apoio emocional que acabam oferecendo uns aos outros em tempos de maior dificuldade.

Dar elementos que possam fortalecer a autoestima dos alunos do CCP tem sido um diferencial, oferecendo aos jovens motivos e caminhos para acreditarem em seus sonhos.

Um dos maiores incentivos que ajudam a restaurar a autoestima dos alunos do CCP é conviver com os ex-alunos que tiveram sucesso e voltaram para se voluntariar no projeto.

A consciência social e o sentimento de pertencimento à comunidade que é cultivado pelo cursinho marca a trajetória de muitos dos ex-alunos que voltam à comunidade e buscam contribuir para melhorar o cotidiano dos moradores. Sendo o CCP uma referência, hoje seus voluntários são quase todos ex-alunos e isto causa um impacto positivo na autoestima dos pré-vestibulandos por verem como exemplo daquilo que é possível fazer, e por trocarem experiências que auxiliam em seus projetos, ainda que embrionários, mais

²⁷ O agrupamento produtivo é uma técnica que arranja os alunos com habilidades distintas para que estes ajudem uns aos outros, de modo que exista uma complementação.

precisamente em seus esboços de sonhos que começam a se delinear e passam pela experiência do sucesso no vestibular.

Ter os ex-alunos do cursinho atuando na comunidade é uma forma de fortalecer o projeto do pré-vestibular, mas vai além disso, é uma forma de fortalecer a comunidade e trazer para ela profissionais de alta performance e com o espírito de pertencimento que lhe permitem desenvolver ações que melhorem a vida da coletividade, proporcionando um ganho na qualidade de vida dos periféricos.

O CCP desde seu nascimento tem um compromisso em zelar por uma perspectiva cidadã, por trazer aulas e eventos que formem para além dos exames pré-vestibulares, esta iniciativa reverbera em várias questões, dentre elas: o jovem pós formado busca retribuir a comunidade tentando melhorar a vida das pessoas; ele não se posiciona mais como um indivíduo e só, agora se vê como parte de um coletivo; este jovem não busca apenas conquistas profissionais ligadas a ganhos financeiros, agora busca na profissão o desenrolar de sua felicidade, uma satisfação; e tudo isso vinculado a uma responsabilidade social.

Contudo, devemos abordar um item problemático ao cursinho, pois embora o CCP tenha nascido e se mantém com a preocupação em trabalhar com as questões que envolvem a raça e o racismo sofridos pelo povo preto e em especial o periférico, não conseguiu avançar ao ponto primordial deste problema, mesmo existindo um enorme respeito à comunidade preta, assim como, o reconhecimento de que ela sofre injustiças que devem ser reparadas, dois princípios não estão sendo abordados adequadamente ou com a profundidade necessária.

Primeiro, raça só pode ser considerada em uma perspectiva nativa, pois não há bases científicas para determiná-la, pelo contrário. Com isso, chegamos ao segundo ponto a considerar: da perspectiva nativa, a raça é sempre uma questão política e de autoreconhecimento por fazer parte de um determinado coletivo que sofre ou tem privilégios comuns. Neste caso compreendemos que existe a necessidade de o CCP dispender um pouco mais de esforço e tempo ou mesmo de outras estratégias e conceitos às questões relativas à raça e racismo e com isso ajudar ainda mais aos jovens a compreenderem seu papel e lugar.

Por fim, entendemos que o CCP demonstra que o projeto deu certo em suas expectativas e propósito de seus membros fundadores, trazendo para os jovens da periferia alternativas para que esses possam, ainda que em desvantagem e de modo desfavorável, competir de forma certa pelas vagas nos cursos de graduação das melhores universidades.

Mais do que isso, os alunos do CCP tiveram um alto índice de aprovação nos vestibulares e traçaram trajetórias improváveis de sucesso ao entrarem no mercado de trabalho em cargos que antes não eram acessíveis e por meio do conhecimento adquirido tanto no pré-vestibular quanto nos cursos de graduação, passaram a ser uma realidade possível.

Pelo que se pode constatar os ganhos para os jovens e para a comunidade foram significativos atestando que o projeto do CCP deu certo, e que as saídas para a transformação social via educação passam justamente por compreender as regras do jogo que se joga, ou seja, cada *campo* social exige de uma forma diferente como devemos nos portar e o que devemos saber ou não para obter sucesso.

Os jovens conseguiram melhorar economicamente, além de obterem ganhos tanto emocionais (autoestima) que lhes permitiram construir sonhos quanto entenderem que o maior ganho é ser feliz, e que a busca pela felicidade passa muito mais em ter acesso aos bens básicos e exercer relações de cumplicidade e amizade do que na busca incessante por riqueza, sendo que antes não havia condições da existência da possibilidade de adquirir o básico. Neste ponto o CCP resolve dois problemas, consegue estabelecer caminhos para que os jovens da periferia tenham oportunidades de ascender socioeconomicamente, assim como ensinar-lhes que a vida pode ser muito mais do que a busca pela riqueza ou a subserviência àqueles que estão em posição de privilégio socioeconômico.

Referências

- ADRIANA. **Entrevista I**. [15/07/2017]. Entrevistador: Josuel Stenio da Paixão Ribeiro. Guarulhos, 2017. 1 arquivo .mp3 (35 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.
- ALMEIDA A. M. F.; ERNICA M. *Inclusão e segmentação social no ensino superior público no estado de São Paulo (1990-2012)*. Educ. Soc., Campinas, v. 36, n.º. 130, p. 63-83, jan.-mar., 2015.
- ALMEIDA A. M. F.; PEROSA. G. S.; ERNICA M. *Contribuições para uma história de Os herdeiros – Entrevista com Monique de Saint-Martin*. Educ. Soc., Campinas, v. 36, n.º. 130, p. 181-194, jan.-mar., 2015.
- ALMEIDA, A. M. F.; PRESTA, S. Fronteiras imaginadas: Experiências educativas e construção das disposições quanto ao futuro por jovens dos grupos populares e médios. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 401-424, maio/ago. 2008.
- ALMEIDA, L. R. da S. – *Pierre Bourdieu: a transformação social*. Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG, 30 (1): 139-155, jan./jun. 2005.
- ALMEIDA, S. L. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- ALVES, Rozalvo. **Entrevista I**. [05/03/. 2017]. Entrevistador: Josuel Stenio da Paixão Ribeiro. Guarulhos, 2017. 1 arquivo .mp3 (27 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.
- ANDRADE, P. Agência e estrutura: o conhecimento praxiológico em Pierre Bourdieu. Estudos de Sociologia, Rev do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 12. n. 2, 2012, p. 97-118.
- ÂNGELO MONTAGNER; INEZ MONTAGNER, *A teoria geral dos campos de Pierre Bourdieu: uma leitura*, Revista Tempus - Actas de Saúde Coletiva - Antropologia e Sociologia da Saúde: novas tendências, 2011.
- ARAÚJO, F. M. de B., ALVES, E. M.; CRUZ, M. P. *Algumas reflexões sobre o conceito de campo e de “habitus”*. Revista Perspectivas da Ciência e Tecnologia v.1, n.1, jan-jun 2009.
- ANTÔNIO. **Entrevista I**. [02/08/2017]. Entrevistador: Josuel Stenio da Paixão Ribeiro. Guarulhos, 2017. 1 arquivo .mp3 (49 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.
- BALTAR, P. E. A. *Estagnação da economia, abertura e crise do emprego urbano no Brasil*, Economia e Sociedade, Campinas, 75-111, jun. 1996.
- BARBOSA, Francisco de A.; PEREIRA, Manuel da C.; (org) Lya Luft. *Minidicionário Luft*. 20ª Edição. São Paulo-SP: Ed. Ática, 2000.
- BOTT, E. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*, Lisboa: Editorial Vega, 1978.

BOURDIEU, Pierre. *The Forms of Capital*. 1986. pp. 241-258 in *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*, edited by J. G. Richardson. New York: Greenwood Press.

_____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *Coisas Ditas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

_____. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Editora da USP, 1996.

_____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *Escritos de Educação*. Afrânio Catani e Maria Alice Nogueira (Orgs.) Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *Contrafogos 2. Por um movimento social europeu*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001 b.

_____. *Para uma sociologia da ciência*. Lisboa: Ed. 70, 2004.

_____. & WACQUANT, L. *U convite à sociologia reflexiva*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2005.

_____. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. 9ªed. Campinas: Papyrus, 2008.

_____. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Zouk, 2008b.

_____. *O senso prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz – 16ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, Organização e Seleção Sergio Miceli, São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____.; PASSERON, Jean-Claude. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*, Florianópolis, SC: ufsc, 2014.

BRASIL, Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. *Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 31 ago. 1971.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. *Lei número 10.639, Trata do “O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil”*, 09 de janeiro de 2003.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. *Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 ago. 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno I: ensino médio e formação humana integral* / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores: Carmen Sylvia Vidigal Moraes... et al.]. – Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

BRASIL. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 137p. - (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, ISSN 1516-3296; n. 35).

BRASIL. Desafios da nação: artigos de apoio, volume 2 / organizadores: João Alberto De Negri, Bruno César Araújo, Ricardo Bacelette. – Brasília: Ipea, 2018. v. 2 (678 p.). ISBN: 978-85-7811-322-3.

BRUNA. **Entrevista I**. [29/07/2017]. Entrevistador: Josuel Stenio da Paixão Ribeiro. Guarulhos, 2017. 1 arquivo .mp3 (26 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

BRUNA. **Entrevista II**. [02/05/2020]. Entrevistador: Josuel Stenio da Paixão Ribeiro. Guarulhos, 2020. 1 arquivo .mp3 (11 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário Escolar Silveira Bueno*. 25ª Ed., Rio de Janeiro – RJ: Ediouro, 1996.

CARLOS. **Entrevista I**. [12/07/2017]. Entrevistador: Josuel Stenio da Paixão Ribeiro. Guarulhos, 2017. 1 arquivo .mp3 (43 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

CASTRO, Bárbara, *Afogados em contratos: o impacto da flexibilização do trabalho nas trajetórias dos profissionais de TI*. Campinas, SP: [s. n.], 2012.

CATANI, A. M. As possibilidades analíticas da noção de campo social. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 114, p. 189-202, jan.-mar. 2011.

CHARTIER, Roger. Pierre Bourdieu e a história – debate com José Sérgio Leite Lopes. Palestra proferida na UFRJ, Rio de Janeiro, 30 abr. 2002.

COSTA, C. M. e AIUB M.. *Minorias da sociedade de consumo à sociedade do convívio*. Editora: FiloCzar. 2016.

COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. *A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero*. Estudos de Psicologia 2006, 11(1), 65-69.

CUNHA, L. A. C. R. *A universidade temporã: o ensino superior da Colônia à era de Vargas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

DAVI. **Entrevista I**. [18/06/2017]. Entrevistador: Josuel Stenio da Paixão Ribeiro. Guarulhos, 2017. 1 arquivo .mp3 (25 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

DUARTE, R. *Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo*. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo, nº 115, p.139-154, 2002.

DUARTE, R. *Entrevistas em Pesquisas qualitativas*, Revista Educar, n. 24 p. 213-225, Curitiba, 2004.

EDUCAFRO, Apresentação geral, S/D, <<http://www.educafro.org.br/>> Acesso em: 09 de nov. de 2020.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Equipe Ciranda Cultural (Org.). *Minidicionário Escolar – Wkids* – ISBN 857520524-2, s/d.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. 34ª. Ed., São Paulo – SP: Globo, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa – Aurélio*. 1ª Ed., 11ª impressão, Rio de Janeiro – RJ: Nova Fronteira, 1975.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da Fala do Outro ao Texto Negociado: Discussões sobre a Entrevista na Pesquisa Qualitativa. Revista Paidéia, v. 14, n. 28, p. 139 -152, 2004.

GABRIEL. **Entrevista I**. [12/08/2017]. Entrevistador: Josuel Stenio da Paixão Ribeiro. Guarulhos, 2017. 1 arquivo .mp3 (45 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

GABRIEL. **Entrevista II**. [02/05/2020]. Entrevistador: Josuel Stenio da Paixão Ribeiro. Guarulhos, 2020. 1 arquivo .mp3 (20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

GUIMARÃES, ASA. Cor e raça: raça, cor e outros conceitos analíticos. In: PINHO, AO., and SANSONE, L., orgs. *Raça: novas perspectivas antropológicas* [online]. 2nd ed. rev. Salvador: EDUFBA, pp. 63-82, 2008.

HELOANI, Roberto; CAPITÃO, Claudio. Formações gerais sobre o objeto de pesquisa em psicologia: estudo de caso. In: Maria Cristina; ABIB, José Antônio. *Sociedade em transformação: estudo das relações entre trabalho, saúde e subjetividade*. Londrina, Editora da UEL, 2007. Cap. I, p. 18-35.

JOÃO. **Entrevista I**. [22/07/2017]. Entrevistador: Josuel Stenio da Paixão Ribeiro. Guarulhos, 2017. 1 arquivo .mp3 (1h05 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

LIMA, M; ABDAL, A. *Educação e trabalho: a inserção dos ocupados de nível superior no mercado formal Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, nº 17, jan./jun. 2007, p. 216-238.

LIMA, D. M. O. *Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu. Cógito, Salvador, n.11, p. 14 - 19, Outubro, 2010.*

MARCONI, M.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, Heloisa H. T. de S.. *Metodologia qualitativa de pesquisa*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004

MATHEUS. **Entrevista I**. [05/08/2017]. Entrevistador: Josuel Stenio da Paixão Ribeiro. Guarulhos, 2017. 1 arquivo .mp3 (49 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

MENDES, J. M.; SEIXAS, A. M. *Escola, Desigualdades Sociais e Democracia: As classes sociais e a questão educativa em Pierre Bourdieu. Educação, Sociedade e Culturas*, nº 19, p. 103-129, 2003.

MICELI, S. Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura. *Tempo Social - Revista de Sociologia da Usp*, São Paulo, v. 15, n.1, p. 63-79, 2003.

MILANI, Patrícia. **Entrevista I**. [jul. 2017]. Entrevistador: Josuel Stenio da Paixão Ribeiro. Guarulhos, 2017. 1 arquivo .mp3 (31 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementariedade?, *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

NOGUEIRA, C. M. M; NOGUEIRA, M. A. *A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições*. Educação & Sociedade, ano XXIII, no 78, Abril/2002.

ORNELAS, Rômulo. **Entrevista I**. [05/03/2017]. Entrevistador: Josuel Stenio da Paixão Ribeiro. Guarulhos, 2017. 1 arquivo .mp3 (23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

PAIVA, V.; CALHEIROS, V.; POTENGY, G. *Trabalho e estratégias formativas: um exemplo empírico*, Cadernos de Pesquisa, n. 120, n.º. 1ve1m1-b1r2o8/,2 n0o0v3embro/2003.

PEDRO. **Entrevista I**. [jul. 2017]. Entrevistador: Josuel Stenio da Paixão Ribeiro. Guarulhos, 2017. 1 arquivo .mp3 (45 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

PORFÍRIO, Francisco. "Minorias sociais"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/minorias-sociais.htm>. Acesso em 25 de abril de 2021.

Please cite this publication as: OECD (2017), Education at a Glance 2017: OECD indicators, OECD Publishing, Paris.

QUEIROZ, M. I. P. (1988) - Relatos Oraís: Do Indizível ao Dizível. In: von Simon, O.M. (org.) - *Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice.

QUEIROZ, Renato da Silva, In: *A Pluralidade cultural e a percepção da alteridade*. Curso de especialização em ensino de sociologia, Redefor, USP, 2012.

RÉGNIER, K. D, O que conta como mérito no processo de pré-seleção de gerentes e executivos no Brasil, *CADERNO CRH*, Salvador, v. 20, n. 49, p. 57-76, Jan./Abr. 2007.

RIBEIRO, C. A. C. *Quatro Décadas de Mobilidade Social no Brasil*, – *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 55, no 3, pp. 641 a 679, .2012.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro, A Formação e o Sentido do Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência:** olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

ROCHA, Ruth. *Minidicionário / Ruth Rocha*, São Paulo: Editora Scipione, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (1997) *Uma concepção multicultural de Direitos Humanos*. Lua Nova Revista de Cultura e Política. Governo e Direitos – CEDEC, n° 39.

SATO, S. R. S. *O papel da herança familiar na seleção escolar: o caso do concurso vestibular da universidade federal de Santa Catarina do ano de 2010*, IX ANPED SUL, seminário de pesquisa em educação da região sul, 2012.

SCHOLZ, R. H. *Habitus* de classe expressado pelo capital simbólico: uma revisão da obra de Pierre Bourdieu *A Distinção*, Volume 45, número 1, jan/abr 2009.

SCHWARTZMAN, Simon. PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL, (333-356), In *Desafios da nação: artigos de apoio*, volume 2 / organizadores: João Alberto De Negri, Bruno César Araújo, Ricardo Bacelette. – Brasília: Ipea, 2018. http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180327_desafios_da_nacao_apoio_vol2.pdf

SETTON, Maria da Graça Jacintho. *A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea*. Revista Brasileira de Educação, n° 20, pp. 60-70, Maio/Jun/Jul/Ago, 2002.

SILVA, G. B. *Introdução à crítica do ensino secundário*. Rio de Janeiro: MEC/CADES, 1961.

SILVÉRIO, Valter Roberto. (org) *Relações Étnico-Raciais*. In MISKOLCI, Richard. Marcas da diferença no ensino escolar. São Paulo: Edufscar, 2010.

SIMONI. **Entrevista I**. [30/11/2019]. Entrevistador: Josuel Stenio da Paixão Ribeiro. Guarulhos, 2019. 1 arquivo .mp3 (43 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

TV CÂMARA GUARULHOS. Entrevista do programa Ponto de Vista Vereadores Eleitos – Prof. Rômulo Ornelas (PT) – 23/01/2017.

TUGENDHAT, E. *Lições sobre ética*. Petrópolis: Vozes, 1999.

VALLE, I. R. *Pierre Bourdieu: A pesquisa e o pesquisador*. In: BIANCHETTI, L. e MEKSENAS, P. (Orgs). *A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa*. São Paulo: Papirus, 2008, p. 95-117.

WACQUANT, Loiq J. D. *Olegado Sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoa*. Revista de Sociologia e Política, nº 19, pp. 95-110, nov. 2002.

Apêndice 1

Entrevistas com as lideranças

Preliminares da entrevista:

Os contatos com o CCP foram retomados logo após o começo deste doutorado e com isso passei a frequentar o espaço em alguns finais de semana. Quando definimos que faríamos as entrevistas preparamos o roteiro inicial e logo após entramos em contato com o Rômulo que prontamente nos atendeu agendando o horário para nosso encontro.

No começo do mês de março nos encontramos nas dependências do CCP na parte da manhã e realizamos a entrevista.

Entrevista: Rômulo Ornelas (05/03/2017).

No começo dos anos noventa eu mesmo tive aula de artesanato neste que é o local do cursinho hoje, na época oferecia aula de pintura, crochê, tricô entre outras possibilidades, mas pouco tempo depois não havia mais essas atividades. Desse modo, como foi conseguido o espaço físico em que se localiza o cursinho - CCP?

No início a gente precisava trazer um cursinho aqui para Guarulhos-Pimentas, mas não tinha espaço, aí eu estava lá em São Paulo em uma reunião da Educafro e uma senhora que estava lá que eu nem conhecia disse que conseguiria um espaço para mim, e trocamos telefone e depois ela conseguiu mesmo, me indicou quem eu deveria procurar e as coisas começaram a acontecer aqui.

Esse espaço era um centro comunitário do CDHU, era um espaço semi ocupado, meio abandonado. Em princípio nos utilizávamos do local apenas aos finais de semana, depois fizemos uma ocupação total para ampliarmos as nossas atividades e cuidarmos inclusive do local.

E como se deu essa ocupação total do espaço?

Ela foi acontecendo aos poucos, porque a prefeitura tinha um trabalho aqui durante a semana, era pouco efetivo e ninguém conhecia, o trabalho que aparecia era o trabalho do cursinho. E mesmo com o reconhecimento que já existia, o cursinho era muito segregado aqui, usávamos apenas a cozinha, a sala e só, até mesmo para usar o banheiro era a

maior dificuldade, chegávamos aqui aos finais de semana e eles estavam fechados e haviam levado as chaves. Então tentamos o diálogo para usarmos toda a instalação, mas não conseguimos, cheguei a conversar com o pessoal da secretaria da assistência social que na verdade não fazia quase nada, não tinha nenhuma função aqui, só ficava atendendo algumas coisas muito raramente. Então fizemos um movimento junto com os alunos e pegamos as coisas referente a prefeitura e colocamos na rua, na calçada, e falamos para eles virem buscar porque não iriam ficar mais por aqui. Isso foi um movimento de resistência, pois nós cuidávamos daqui, tínhamos e temos um apreço e não era justo não poder usar de modo adequado.

Você lembra que ano ocorreu essa ocupação total do espaço?

Se eu não me engano foi em 2010.

Vamos voltar um pouquinho no tempo para comentar o vínculo do cursinho com a Educafro. Como se deu esse vínculo e como ocorreu a ruptura também?

O vínculo começa porque alguns alunos da escola em que eu lecionava me pediu para que eu desse uma força lá na Educafro, entre eles o Luisinho, e começamos a trabalhar a ideia de trazer para cá, assim me juntei ao Frei Davi, nos organizamos e articulamos muitas coisas lá, discordei e discordo de muitas coisas por causa que a Educafro tem uma linha franciscana, muito preza à bondade, à benevolência, e como lidamos com jovens, pessoas dessa faixa etária temos que sermos duros, diretos e permitir que eles percebam as dificuldades e façam parte das soluções e não aceitem nossas “fraquezas”, porque lidamos com pessoas fragilizadas, sem recursos e que acreditam que não podem, que não são para eles... desse modo, temos que sermos duros e diretos, aí eles andam.

Assim, nos juntamos a Educafro e montamos o cursinho com o apoio deles, e ajudamos muito a Educafro quando era para a Educafro ajudar a gente, éramos um núcleo da Educafro e nós é que teoricamente deveríamos ser ajudados, só que no final era nós que éramos a referência deles, nós quem entrávamos com mandados de segurança exigindo isenção para os exames pré-vestibulares, entre outras coisas. Outra coisa é que chegou uma época que a Educafro tinha pouco mais de duzentos núcleos e esse daqui aprovava nas universidades públicas mais que todos os outros juntos, aí não havia mais sentido porque era muito desgastante e sabíamos que nossas forças deviam ser concentradas em nosso núcleo, mas a Educafro faz parte de nossa história e respeitamos muito isso.

Quando foi a ruptura com a Educafro?

Foi em 2005 ou 2006, mas eles fazem parte de nossa história e isso teve diversos aspectos positivos, entendemos o que poderíamos fazer igual e o que deveríamos fazer diferentes também.

Outra questão importante é compreender que hoje quase que na totalidade os professores são ex-alunos. Como essa prática se estabeleceu?

Existe uma explicação bem simples para isso, conquistar voluntário é uma situação difícil, ninguém está disposto a ser voluntário, o voluntário só é voluntário se você trabalhar a consciência deles, ele não é por beleza, por isso ou por aquilo, e nesse caso houve um trabalho da consciência. No primeiro ano de cursinho, quem veio dar aula foram meus amigos professores e eu, então esse pessoal foi me ajudando no início, mas já sabíamos que o voluntariado tem que ser construído e a própria Educafro dizia muito isso e bebíamos nessa fonte, que o ex-aluno tem que ser o voluntário, senão o projeto não sobrevive.

Já nos primeiros meses começamos a construir a ideia de voluntariado com os alunos, motivando-os e devolvendo a autoestima deles como sujeitos capazes de conduzir suas próprias histórias, e isso junto com a psicóloga. Lembrando que no final do terceiro mês de aula já surge o Renato que era aluno e assume as aulas de geometria e logo depois vieram outros e depois de um tempo muitos dos que foram passando nas universidades voltavam como professores das mais diversas disciplinas e até para realizar ou conduzir as outras necessidades existentes aqui.

Outra coisa é que como nós estamos em uma comunidade muito carente, não temos mães de alunos para dar aulas, mas elas vinham e vem ajudar a fazer o café e o almoço, com esse tipo de voluntário nós não chegamos a ter problemas de fato, mas o voluntário professor a gente tinha, aí fomos criando aos poucos, hoje quase todo o nosso pessoal que são voluntários como professores são ex-alunos exceto por um de nossos professores que está aqui a bastante tempo e que também é apaixonado pelo projeto.

A partir de minha experiência e daquilo que tenho visto hoje eu gostaria que você falasse um pouco sobre a aceitação das famílias que me parece ser maior nesse momento, estou certo?

Olha, nós estamos inseridos em uma região que tem o IDH – índice de desenvolvimento humano – mais baixo da cidade, em uma cidade que está abaixo da média estadual, ou seja, aqui é uma região pobre e que não tem uma cultura de estudo, nunca teve, aqui até o “moleque” tinha o despertar dele para estudar, mas ele encontrava uma barreira, a

família. A família queria que ele trabalhasse, arrumasse um emprego, ganhasse dinheiro e quem sabe pagasse uma faculdade, e isso logo no primeiro ano de projeto eu já percebia e por isso eu comecei a fazer um trabalho junto com a psicóloga para ganhar os alunos e eles tomarem consciência que as universidades públicas também são deles, então para isso tínhamos que melhorar a autoestima deles. E além das reuniões com os alunos introduzimos reuniões com os pais, com a família, com aqueles que são os responsáveis direto pelos jovens para que esses entendam o que é um pré-vestibular e o que significa entrar em uma universidade pública, o que ela oferece, qual a importância dela para a sociedade e compreender que elas são mantidas com dinheiro público e elas são nossas, daí temos que convencer a família que elas pertencem a eles, mas era muito difícil porque a resistência era muito grande e essa foi uma das maiores dificuldades que encontramos depois da questão financeira.

Quando o cursinho começa suas atividades em 2002 funcionava apenas aos sábados e domingos, como se deu essa mudança para o modelo de hoje (2017) com atividade de terça a domingo?

É simples, o cursinho, as aulas, eram aos finais de semana, mas orientávamos os alunos para estudarem durante a semana e isso acontecia em suas casas, ou nos espaços deles, nas escolas ou nas bibliotecas do entorno, mas na prática não havia bibliotecas, as escolas não eram muito amistosas em terem os alunos em contra turnos ou ex-alunos e as casas dos alunos em geral não tinham o ambiente necessário para que os alunos se concentrassem nos estudos e com isso os alunos não tinham aquele rendimento que deveriam ou poderiam ter, então ganhamos um espaço aqui próximo do cursinho para estarmos usando dias de semana no período da tarde e noite, então os alunos estudavam aqui aos finais de semana e no outro espaço durante a semana estudavam, praticavam aula de cidadania e assistiam documentários. Desse modo, ao longo desse tempo fomos ocupando esse espaço aqui que de fato é nosso, e como já falei fizemos um movimento e hoje os alunos utilizam todo o espaço, os alunos usam esse espaço vinte e quatro horas, até de madrugada tem aluno estudando aqui; então, o aluno que quer estudar de madrugada ele pode vir para cá que ele estuda, é direto, o estudo é permanente, pois buscamos dar condições para eles... hoje temos aqui uma biblioteca, muitos materiais sobre vestibular, como apostilas, livros, videoaulas, provas anteriores de diversas universidades e processos seletivos. Temos computadores e a rede de *wi-fi* livre que ajuda muito no desenvolvimento do aluno.

Rômulo, por ter acompanhado de perto o processo de teu envolvimento com a

política profissional eu sei que foi muito mais por um apelo daqueles que te conhecem do que por um desejo teu, mas eu gostaria que você comentasse um pouco sobre isso e se há alguma interferência no trabalho que é feito aqui no cursinho.

Eu sempre pensei a política como um movimento de todos, de ação por melhorias, por cobrança etc., mas nunca pensei em ser candidato a nada, na verdade, não queria. O próprio cursinho foi um apelo dos alunos, mesmo já havendo um incomodo muito grande em mim quanto à situação deles, porque na escola você não conseguia fazer um estudo de qualidade, ai nós montamos esse cursinho, só que isso aqui pegou demais, aí o pessoal começou me cobrar, sobretudo os ex-alunos, porque também aqui tem um viés de movimento social, um movimento que protesta, que questiona; a gente participa principalmente de ações de defesa de direitos das minorias, participamos do grito dos excluídos, temos um compromisso com o movimento negro, a maioria de nossos alunos são negros. Os alunos criaram um grupo de estudo de gênero, abraçamos a causa do meio ambiente com diversas atividades entre outras coisas, então, já estávamos fazendo política. Eu não queria ser o candidato, mas o pessoal me empurrou e fui, não para promover ou cooptar o cursinho, mas para defender outras demandas da comunidade que o cursinho não tinha e não tem alcance, você estudou aqui e é parceiro nosso há muito tempo e sabe que nunca partidarizamos o cursinho, porque eu sou professor antes de qualquer coisa, todos podem perguntar para qualquer envolvido com o projeto, aluno ou não, que saberá que não há partidarização do cursinho. Pelo contrário, existe uma liberdade de pensamento, opiniões e tendências aqui, e prezamos muito a não vinculação do cursinho com nenhum partido político.

Contudo, eu participei de eleição depois de nove anos de cursinho, e se eu não tivesse participado a tendência do cursinho era acabar porque eu não aguentaria, e quando me tornei vereador então eu criei um tempo para proteger, o mandato protege o cursinho porque eu não conheço instituição voluntária no Brasil que funciona cem por cento com voluntariado, a maior instituição que eu conheço voluntária no Brasil é a igreja católica, mas lá você tem a administração, o clero todo remunerado para proteger, no meu caso aqui eu estou vereador remunerado e protejo, a estrutura protege, o aluno não precisa se preocupar com coisas como a reciclagem que vendemos para custear alguns gastos, pois o mandato vem aqui pega e vende, dentre outras coisas... agora tem uma estruturazinha protegendo, lógico, o grosso é voluntário, eu particularmente trabalho aqui voluntariamente, mas também sou vereador, então posso dizer que sou remunerado também, agora se eu deixar de ser vereador fica difícil, como é que vou aguentar, trabalhamos aqui sábado, domingo e feriado, antes eu fazia tudo

isso e ainda lecionava para o estado, mas o corpo começa a cobrar um preço e eu já não aguento tanto mais.

Com o mandato algumas outras atividades que são demandas da comunidade em torno começaram a ser contempladas, necessidades que de algum modo foram constatadas a partir do trabalho aqui no cursinho, dentre elas existe hoje em um outro espaço o cursinho para concursos, fala um pouco sobre ele.

Estamos fazendo muitas coisas nessa região, voltadas ao lazer, ao esporte, por exemplo com escolinha de futebol e de balé, outras voltadas a renda, como cursos de costura, cabelereira(o) entre outros, e temos o cursinho preparatório para o Enem – exame nacional do ensino médio – nesse caso o cursinho é voltado para aqueles que já estão fora da escola há algum tempo, que trabalham e não têm disponibilidade de estudar como o pessoal que visa as universidades públicas, eles estão mais preocupados e têm mais possibilidades de conquistar vagas pelo sistema do Prouni – Programa Universidade Para Todos – que também é uma alternativa interessante para essa população.

Por fim, temos o cursinho preparatório para concursos em um espaço no Parque Alvorada no bairro aqui do lado. As repartições públicas nos bairros periféricos eram ocupadas quase em sua totalidade por pessoas vindas do centro, então começamos a preparar e participar de todos os concursos da região e hoje a realidade é outra, todas as repartições públicas que você entrar aqui você vai ver alguém que é morador do local e que passou pelo cursinho preparatório para concurso, geralmente em cargos de nível médio e fundamental, e os cargos que exige maior formação estão sendo ocupados por ex-alunos aqui do CCP que depois de formados se organizam e estudam para os concursos.

Preliminares da entrevista:

Como Rozalvo tem uma presença constante no CCP e é alguém muito acessível marquei para tomar o depoimento dele no domingo um dia depois do que seria inicialmente a entrevista com o Rômulo, mais ao adiar com Rômulo fizemos as duas no mesmo dia.

No começo do mês de março nos encontramos nas dependências do CCP na parte da manhã e realizamos a entrevista.

Então no dia combinado e nas dependências do CCP ao acabar a entrevista com o professor Rômulo chamei o professor Rozalvo para um bate-papo como ele preferiu, que na

prática foi uma entrevista semiestruturada.

Entrevista com Rozalvo: (05/03/2017)

Você me disse ainda a pouco que eu estava aqui desde o começo e sei bastante coisa, mas além de ser perspectivas diferentes, o Rômulo e você são figuras que estavam aqui desde o “antes do começo”, então eu gostaria que você comentasse como foi o teu envolvimento com o projeto.

Bem, o mentor intelectual do cursinho e o fundador foi o próprio Rômulo e ele apenas me convidou como convidou outras pessoas para dar esse suporte e muitas pessoas aceitaram, entre elas eu.

Mas você sabe que é uma figura central no processo de formação e manutenção do cursinho.

Em partes, porque venho dando suporte no processo ideológico de formação do cursinho e desenvolvimento desde o início que é o ano de dois mil e dois e se mantenho até o presente momento.

Como podemos definir o objetivo do cursinho?

O objetivo maior do cursinho é viabilizar e possibilitar o acesso dos jovens que vivem na periferia às universidades públicas que até então era impossível em uma visão imediata desse acesso dos jovens. Já havia outros cursinhos aqui na cidade de Guarulhos, mas nenhum com as características inclusivas deste, e o surgimento do cursinho estrategicamente aqui na região dos Pimentas, foi para criar circunstâncias para que os jovens pudessem acessar essas universidades públicas.

E quanto as dificuldades encontradas para criar e manter o projeto.

Em época eu e muitos pensávamos que em se tratando de um projeto novo aqui na periferia seria algo astronômico se vingasse, mesmo em um grau de dificuldade muito grande, porque quando se fala em trabalho voluntário geralmente esse agrega certos valores, entre eles a persistência e entrega, mas havia muito a ser feito e transformado o que trouxe certa desconfiança. Contudo, com o cursinho a ideia era plantar uma semente e que essa semente brotasse e gerasse frutos a longo prazo e nesse período todo o cursinho viabilizou esse processo, é lógico que para organizar, para fazê-lo funcionar o Rômulo e nós trilhamos caminhos com muito debate, ouvindo muito, corrigindo alguns detalhes e aprimorando outros.

Assim, a base legal desse projeto é estar sempre em debate, procurando melhoras e nunca baixar a guarda achando que está bom desse jeito e que não podemos melhorar mais.

Nesse processo todo existem negociações, a própria chegada do cursinho ao bairro, a ocupação do espaço, inclusive com acertos verbais e documentais de se responsabilizar pelo espaço junto aos órgãos que detinham o poder sobre ele. Hoje toda a estrutura física do local a prefeitura passou para a responsabilidade do cursinho, antes dividíamos espaço com órgãos de uma secretaria da prefeitura, de uns anos para cá funciona aqui exclusivamente o cursinho com uma dinâmica social com retorno direto para periferia, proporcionando possibilidades.

A ideia principal do cursinho conquistamos, que é fazer com que os jovens acessem as universidades públicas. Podemos dizer que hoje no bairro dos Pimentas, assim como em Guarulhos, o cursinho é um patrimônio público, um patrimônio cultural, que deve ser respeitado sempre em uma ótica de melhorar e de agregar mais pessoas.

E como você ver o cursinho hoje depois de tanto tempo.

O cursinho é sério, funciona e tem um retorno imensurável, é claro que podemos calcular o número de pessoas que acessaram e acessam as universidades públicas via o projeto, mas é imensurável no sentido de valor, o potencial do cursinho em si, por se tratar de um projeto voluntário em uma periferia onde as pessoas por serem vítimas de um processo social perverso elas não acreditam no potencial delas e de um trabalho sério que proponha mudanças. E isso nós estamos transformando ao elevar a autoestima dessas pessoas.

Eu gostaria que você comentasse um pouco sobre como você vê o voluntariado hoje e no início do projeto, quais as dificuldades que houve e se houve?

Quanto aos voluntários, de início esses eram os próprios fundadores do cursinho entre eles o Rômulo e eu, com o passar do tempo conseguimos implementar a ideologia do cursinho na questão de ter nos próprios alunos ou ex-alunos os voluntários, isso ocorreu e ocorre até hoje, quanto aos professores quase que cem por cento são ex-alunos e nas outras frentes de voluntários que temos aqui no cursinho alguns são familiares de alunos e ex-alunos. Algo a ser salientado é que as pessoas observando a credibilidade do cursinho e percebendo a importância desse trabalho, acabaram aderindo a esse processo ideológico e assumiram uma postura de voluntariado; mas isso foi uma ação continuada que também precisou ser construída, porque até então as pessoas ficavam pensando “eu vou ser voluntário, mas como é o projeto, como é que funciona” e quando perceberam que era algo sério naturalmente essa

solidariedade acabou aflorando.

Nós sabemos que no começo havia muita resistência das famílias dos alunos quanto a eles estudarem em um pré-vestibular e ao próprio projeto, como você enxergava essa resistência e se ela hoje é a mesma ou se transformou?

A resistência quanto ao jovem que vinha estudar aqui é aquela de praxe da periferia, que é o pensamento logicamente “vitimizado”, não que eles tivessem esse ponto de vista por vontade própria, mas foram induzidos assim, e a longo prazo os pais deles a mesma coisa e os pais dos pais. Qual era o processo? A periferia, por uma demanda econômica, social e por não ter acesso a certos padrões financeiros, a necessidade essencial é o trabalho, o emprego. Então eles valorizam o trabalho, até por questão moral [...]. Então, os pais trabalharam jovens e pensam que os filhos devem trabalhar jovens porque o trabalho constrói; dessa forma, as famílias por não terem informação e formação não entendiam o sistema social e enxergavam no trabalho uma fonte de libertação, quando na verdade o trabalho na caracterização de subemprego é a alienação, o contrário da libertação, mas eles pensam o subemprego como empregos, pois é algo que lhes permitem ter algumas renda e acesso social e, para se quebrar esse estigma e demonstrar que o verdadeiro acesso social vem por meio da educação, por meio de formação é difícil.

Para quebrar esse tabu fazemos reuniões com os familiares para eles perceberem que os filhos deles, que o filho do trabalhador que é da periferia também tem direito de acesso à universidade e trilhar o caminho da educação, porque a educação pode ser libertária e em um véis social é o caminho para ter acesso a melhores condições sociais. Assim, no início houve muita resistência, por questão de alienação, até os pais começarem perceber que o cursinho tinha o objetivo de promover aos filhos deles uma ascensão social, aí sim, os pais passaram a valorizar mais a vinda dos seus filhos para o cursinho. E é claro que hoje ainda se tem resistência, mas bem menos do que havia no início; hoje o cursinho é muito conhecido, é uma referência e buscamos trabalhar para que todos entendam que essa luta é uma luta de combate à injustiça social.

Entrevista 3: com a psicóloga Patrícia Milani colaboradora do CCP desde o ano de sua fundação.

Preliminares da entrevista:

Sendo a psicóloga Patrícia Milani alguém com tantos afazeres não seria estranho

em dizer que ela não é muito acessível, contudo, não é essa a realidade com que nos deparamos ao tentar contatá-la. Mesmo contando com a coincidência, boa parte das vezes em que fui ao cursinho depois que iniciei meu doutorado até a data da entrevista venho encontrando frequentemente com a Patrícia.

Sempre se colocando à disposição para ajudar não foi diferente quando propus a entrevista para depois de uma atividade que ela realizaria com os alunos, minutos antes dela entrar em sala e sem nenhum outro aviso prévio.

Entrevista: Patrícia Milani (18/03/2017)

Pensando no seu campo de atuação existe alguma especificidade ao trabalhar com os alunos do CCP?

Há alguns trabalhos diferenciados, por exemplo, agora estamos trabalhando a questão do luto, isso porque não existem apenas ganhos, há perdas também, se deixa muita coisa para trás no caso desses jovens que optam por fazer o cursinho, se perde o tempo que antes era dedicado à família e amigos, muitos perdem inclusive os amigos, porque ficam focados demais nos estudos para compensar os anos de defasagem escolar. Se perde o lazer entre outras coisas, mas o que é mais significativo é que pode haver uma espécie de perda da identidade cultural que agora não é mais a que era antes e nesse caso muitos deixam de reconhecê-los, e eles deixam de se reconhecer em muitos aspectos no que se refere à cultura local. Essa transformação ocorre quando os jovens passam pelo cursinho e pelas universidades.

A partir do trabalho que você desenvolve aqui seria possível identificar qual a maior dificuldade dos alunos?

Uma das maiores dificuldades que os alunos têm é romper com a cultura em que estão inseridos, da estrutura do local e da perspectiva da própria família inclusive, pois, o estudo não é visto como estratégia ou meio para ascensão social e transformação de vida.

Com isso, os alunos de modo geral possuem uma autoestima muito baixa e modificar isso é um desafio que ao longo do ano vai sendo superado mesmo envolvendo muito esforço e trabalho.

Hoje você tem um consultório, mas faz um trabalho diferenciado aqui, como foi sua aproximação com o trabalho coletivo e a realidade da sala de aula?

Eu era professora de Filosofia e Psicologia da rede estadual de São Paulo até o ano 1998 quando houve uma reestruturação velada, muitas mudanças que tornaram o trabalho docente ainda mais precário, eu fiquei por um bom tempo, mas se tornou insustentável e dei prioridade à outras atividades, depois reencontrei parte do trabalho docente aqui no cursinho ensinando como esses jovens podem superar os desafios do dia a dia do vestibulando e universitário da periferia por meio da Psicologia.

O seu envolvimento com os alunos é sempre com atividades coletivas em sala de aula?

Os alunos estão sempre me procurando mesmo fora de nossos encontros coletivos, para dividir um pouco de suas angústias e demandas pessoais, a fim de, compreenderem o que estão vivendo. São muitos conflitos, suas histórias são muito distintas e não são lineares, eles não foram criados tendo o estudo e suas capacidades intelectuais como algo relevante e ainda tem o momento de decidir a profissão.

Escolher o curso que irão fazer é muito tenso, antes eles não pensavam que poderiam ter a possibilidade de escolha, eles eram os escolhidos, e sempre ou quase sempre para os subempregos como seus familiares e amigos mais velhos.

Como se dá esse trabalho referente à tomada de decisões?

Já na escola como docente do ensino médio eu fazia um trabalho buscando instigar os jovens a fazerem tudo de modo mais elaborado, a partir do conhecimento sistematizado, testado ou mesmo seguindo métodos que pudessem lhes proporcionar maiores resultados, mas sempre ligado da busca da felicidade. E é claro buscava mostrar caminhos que eles pudessem ter possibilidade de escolha e não apenas de serem escolhidos, de modo que se quisessem trabalhar no boteco do pai que fizesse isso conscientemente e tentasse transformar o boteco em algo cada vez melhor.

Como você conheceu o CCP?

Quando o Rômulo me convidou para contribuir aqui no CCP é porque ele já identificava desde o outro cursinho em que ele foi voluntário que os jovens desses projetos tinham muitas dificuldades com a autoestima, com a pressão de vivenciar algo que antes não fazia parte do seu contexto social, com uma realidade que não era deles.

Então você não conhecia o CCP antes de ser tornar voluntária?

Quando o Rômulo me convida, a princípio não fiquei muito entusiasmada, e

cheguei a falar para ele que já havia sido voluntária em alguns outros projetos sociais e que não queria me sentir usada novamente, porque de repente esses projetos viravam plataforma política com o único ou principal objetivo de promoção eleitoral, e ele me respondeu que talvez eu nunca tivesse feito trabalho voluntário em um projeto de esquerda e com uma proposta crítica. Bom, até hoje eu posso dizer que o foco desse projeto tem sido poder melhorar ou oportunizar melhoras para a vida desses jovens, por isso eu permaneço.

Depois de tantos anos como se sente ao realizar esse trabalho voluntário?

Fazer esse trabalho não é desgastante, demanda tempo, fisicamente é cansativo, mas é muito gratificante. Desde que eu me formei em Psicologia me mantenho trabalhando onde eu possa proporcionar alguma transformação e fazer a diferença, eu tenho meu consultório aqui na região da periferia de Guarulhos e tenho um projeto de vida de mudar-se para uma cidade menor nos próximos anos, mas certamente se isso ocorrer, também abrirei um consultório na região periférica dessa outra cidade, pois me faz bem poder ajudar esse público.

Quais os desafios existentes em seu trabalho aqui no cursinho?

É difícil, temos que trabalhar para que os alunos não desejem apenas tomar a posição do opressor, mas que possam sair daqui e ir para as universidades públicas não porque são as melhores simplesmente, não porque lhes trarão maiores chances na vida, mas porque a universidade é de todos e a periferia não pode ficar tão distante dela, essa é uma questão de ocupação de espaço, a periferia precisa ocupar os espaços para lutar pela própria periferia, e nesse caso já tivemos alunos que passaram e se achavam melhores do que aqueles que faziam universidades privadas, isso acendeu um alerta e trabalhamos cada vez mais forte essa questão para que não volte a acontecer.

E como trabalhar com perfis diferentes?

Nós trabalhamos o coletivo e o individualmente sempre, inclusive por meio das aulas de cidadania. Mas temos dois grupos de alunos, aqueles que estão no primeiro ano e por isso o trabalho com eles é um pouco diferente e aqueles que estão há mais tempo; para esse segundo grupo é um pouco mais difícil, pois eles se cobram mais e são mais cobrados pelos amigos e principalmente pela família que muitas vezes querem que eles trabalhem e paguem a faculdade por não acreditarem que eles irão conseguir sua vaga. E, internamente, entre eles, que estão aqui há mais de um ano e se preparando em um grupo menor com o sistema de grupo de estudos, também há maior tensão e *stress*, então temos que trabalhar isso também,

recentemente pedi que me fizessem um cronograma não apenas dos estudos, mas para que cada um fizesse um cronograma de sua vida social e que eles agregassem coisas como fazer um esporte, ir ao cinema ver algum filme. Coisas que pudessem melhorar o relacionamento, embora no geral esse seja muito bom.

Uma preocupação comum é trabalhar com os alunos a sua identificação com o curso escolhido, pois é fundamental que haja identificação e aptidão.

Existe diferenças entre os alunos que frequentaram o cursinho nos seus anos de formação, no início dos anos 2000 em relação aos alunos de hoje?

Não, eu não vejo diferenças, são alunos em condições de desvantagem socioeconômica o que influencia diretamente em suas chances acadêmicas. Porém, o que vejo é que o aluno hoje tem mais informação, que antes não tinha, e isso possibilita maior repertório, inclusive ao lidar com as desconfianças da própria família, hoje ele não conta apenas com o conhecimento que o cursinho lhe proporciona.

Apêndice 2

Depoimentos dos ex-alunos do CCP

Entrevista com Carlos

Preliminares:

Algumas semanas antes eu havia entrevistado o Davi e ao final como fiz com todos entrevistados perguntei se havia alguém que ele pudesse me colocar em contato para realizar uma entrevista semelhante, independente da história da pessoa, tendo apenas como critério ser ex-aluno do CCP e já formado. De imediato Davi me passou o telefone de Carlos com quem passei a conversar, a fim de combinar um horário e dia. Cabe lembrar que nesse momento eu já tinha os contatos de muitos outros ex-alunos e que a escolha por Carlos foi aleatória.

Como nenhum dos dias propostos foi possível devido ao desencontro de cidades em que estávamos resolvemos realizar a entrevista por chamada de vídeo.

No dia 12 de julho de 2017 fizemos a chamada de vídeo e realizamos a entrevista.

Começamos deixando claro que todas as perguntas são apenas para nortear a conversação, mas que ele como entrevistado pode e deve posicionar as informações do modo que acredita ser mais pertinente.

A entrevista (12/07/2017):

Qual a sua idade?

Eu tenho vinte e seis anos.

Qual a sua cor, como você se define?

Eu me declaro pardo.

Qual foi seu curso de escolha e por quê?

Eu escolhi fazer Matemática, e porque eu sempre quis ser professor, só que na época que eu fiz o cursinho era para ser de Educação Física, mas eu percebi que era bom em exatas e não tão bom em biológicas que é necessário para passar e desenvolver na Educação Física e nesse caso acabei optando pela Matemática.

Qual a Universidade de sua escolha e a que você cursou (se foi a mesma ou não) e por quê?

Eu fiz Unicamp, era minha primeira escolha, na época eu passei na USP e na UNESP também, só que foi minha escolha porque eu não queria continuar morando em casa, mas aí o motivo é bem longo.

Se você se sentir à vontade de colocar o porquê será interessante e eu gostaria muito de ouvir.

É assim, minha mãe faleceu em 2004 quando eu tinha 12 anos e, daí eu fui morar com a minha irmã e o meu cunhado, eles já tinham uma família estruturada com três filhos e eu fui morar com eles. A minha irmã sempre me tratou bem, mas na época meu cunhado me tratava muitíssimo mal.

Por exemplo, na adolescência eu gostava de jogar basquete e não tinha namorada, então ele me chamava de veadinho vagabundo, e era todo dia assim, eu era acordado sendo chamado de vagabundo e veadinho.

E quando eu conheci o cursinho e você sabe tão bem quanto eu que o cursinho exige bastante de nós, então eu ficava o dia inteiro no cursinho estudando e lá eu conheci minha namorada, o que fez melhorar um pouco porque eu passei a ser apenas o vagabundo.

Daí eu não queria ficar passando por isso, e quando eu conheci o cursinho nem sabia o que era uma universidade pública, foi meu irmão quem me apresentou o cursinho porque ele conhecia o Rozalvo e ele chamou para ver como era, então me escrevi e gostei.

E o seu irmão fez o cursinho também ou não?

Não, eu sou o caçula da família, eu tenho uma irmã mais velha que pegou minha guarda quando minha mãe faleceu e mais dois irmãos que moravam na casa de minha mãe comigo, um deles era viciado em drogas e o outro que era um pouco mais novo que ele, e eu era bem mais novo do que todos eles, esse meu irmão é segurança até hoje e ele me apresentou o cursinho porque queria que eu tivesse uma profissão, diferente dele, para não ter que trabalhar doze horas por dia, todos os dias, igual ele trabalha.

E quando minha mãe faleceu ele continuou morando na casa dela e pegou o fardo de ter que cuidar de meu outro irmão que já está com a cabeça “zuada²⁸” pelo tempo que usou drogas, hoje em dia ele tem que tomar remédio diariamente para não ficar maluco, se ele não

²⁸ Com isso ele quis dizer que o seu irmão desenvolveu doença mental devido ao uso de drogas.

tomar remédio ele fica meio “doidão”.

Dessa forma, eu fiz um ano de cursinho, minha namorada queria fazer Unesp, só que ela não passou lá, se ela tivesse passado teríamos ido os dois para Unesp, mas ela passou na Unifesp de Guarulhos e eu não passei, embora que mesmo que houvesse passado teria ido para Unicamp, pois eu queria me afastar desse ambiente. Mas o engraçado é que depois que eu passei eu virei o queridinho lá de casa, e hoje meu cunhado me trata muito bem, me trata como um filho mesmo sabe.

Depois eu irei voltar em alguns pontos dessa tua fala, mas dando seguimento nas questões elencadas em que ano você entrou no Cursinho Comunitário Pimentas (CCP)?

Entrei em 2008.

Ano em que entrou na faculdade?

Fui para a faculdade em 2009.

E qual foi o mês e ano de conclusão?

Eu terminei em dezembro de 2013 e minha colação foi no início de 2014.

Pensando no momento da graduação quais as maiores dificuldades referente ao aprendizado enquanto esteve na graduação?

Com relação ao conteúdo o primeiro ano com certeza foi o mais difícil, porque eu não tinha uma base tão forte, então tive que aprender muita matemática do ensino médio durante a graduação até porque eu fiz um ano só de cursinho e na escola a minha base matemática era próxima de zero, posso até dizer que tudo que aprendi de matemática até passar no vestibular foi no cursinho. Então, o primeiro ano foi o mais difícil, foi o ano em que eu lutei muito para não ser reprovado, também no curso de Matemática o primeiro ano tende a ser mais difícil por ser uma realidade diferente em que é apresentado a prova de teoremas ao contrário da resolução de exercícios que estamos mais acostumados, daí o índice de evasão é muito grande já no primeiro ano.

E você consegue ver diferenças no esforço empregado para seu aprendizado comparando com o esforço dos colegas de turma?

O que eu percebo é que havia muita gente no meu curso com a realidade parecida com a minha, vindo de escolas públicas tendo feito cursinhos comunitários. Então, eu acredito que todo mundo que conseguiu teve que se esforçar bastante, da minha turma formaram-se

nove no tempo preestabelecido, eu vejo que eu me esforcei muito, mas não consigo comparar o meu esforço com o dos meus colegas porque eles também se esforçavam muito.

Hoje você trabalha na área para a qual se formou? Se sim, no público ou privado?

Sim, eu sou professor de Matemática e acabei de passar no concurso de docente do IFSC, mas atualmente eu sou professor concursado do Estado de São Paulo e dou aula em uma escola de Campinas-SP e sou plantonista no Etapa da cidade de Valinhos, além de ser professor voluntário no CCP.

Nessa sua trajetória houve dificuldade de encontrar emprego após formado?

Não houve por que há pouco profissional para a demanda, comparando com as demais áreas da licenciatura, e eu também dei muita sorte porque quando estava para me forma saiu o concurso que prestei e passei.

Então seu primeiro emprego foi via concurso?

Não, já no último ano da graduação (enquanto esperava ser chamado pelo concurso que demorou um ano e pouco) eu trabalhava como professor substituto nas escolas públicas, sem direitos trabalhistas comuns aos concursados é verdade.

E em relação ao trabalho no colégio Etapa?

Em 2014 eu assumi o concurso e passei no mestrado, e assim que acabei o mestrado prestei um processo seletivo e comecei a trabalhar lá.

Voltando um pouco no tempo, quais eram as suas perspectivas de vida antes de ingressar no cursinho?

Ah, eu não tinha, o cursinho mudou minha vida nesse sentido porque eu não fazia ideia do que eu faria, eu queria ser professor, mas era um sonho que eu não tinha a menor ideia de como alcançar. Na quinta série eu tive uma professora de Educação Física que também acredito que mudou minha vida, eu era do time de basquete e com ela eu percebi como um professor é importante na vida do aluno, como ele pode mudar a vida de uma pessoa e desde aquela época eu queria ser professor.

Voltando à questão racial, você enxerga se houve alguma facilidade ou dificuldade devido a sua cor em sua trajetória de vida?

Não, eu acredito que não houve nem facilidade nem dificuldade. É que eu me considero pardo, mas eu tenho traços de uma pessoa negra e de uma pessoa branca, então não sei, acho que não fui discriminado em nenhum momento por isso.

Na busca pelo emprego depois da graduação seu gênero teve peso?

Comigo não, mas eu vi colegas de curso que tiveram mais dificuldade por serem mulheres mesmo, até mesmo o professor tratar de modo diferente na graduação.

E quanto a questão socioeconômica foi um problema?

Eu não tive tanto problema assim porque quando minha mãe faleceu eu era menor de idade e ela já era aposentada, então eu passei a receber uma pensão que eu recebi até os vinte e um anos de idade. Eu também tive muita ajuda de um aluno que foi do cursinho e era veterano na Unicamp, ele conseguiu uma república com preço acessível para mim e você deve saber que o custo de vida em Barão Geraldo (onde se localiza a Unicamp) é muito alto, então quando meus colegas saíam eu ficava em casa, meu dinheiro era limitado, eu tive colegas que ganharam um carro por terem passado no vestibular e eu ia de bicicleta e tinha que economizar.

Eu não tive tanto problema por conta da pensão, mas quando ela acabou eu fiquei uma semana indo à reitoria para convencer que não tinha dinheiro para continuar na faculdade e finalmente eles acreditaram e eu fui morar na moradia. Então eu tive que ser insistente; se tivesse desistido no primeiro não, eu não teria concluído a graduação.

Voltando um pouquinho na questão familiar qual a relação dos demais membros com a educação e com o trabalho, qual a formação deles? Em que eles trabalhavam em sua época do cursinho?

Minha irmã e meu cunhado têm ensino médio, eles trabalhavam com transporte escolar.

Como a tua relação com os estudos afetou a relação com a família e o ciclo de amigos? Se afetou?

Na época do cursinho, o cursinho virou minha família, na verdade, porque eu ficava lá e voltava para casa só para dormir e quando chegava em casa eu ainda tomava bronca porque estava fazendo barulho para comer. Por tudo isso eu falo que a minha família era o cursinho, eu nem falo que eles eram meus amigos na época do cursinho, nós comíamos juntos, passávamos muito tempo juntos, nós nos apoiávamos porque todos estávamos

sofrendo pressão para parar o cursinho e começar a trabalhar, todos entendiam os problemas uns dos outros; nesse sentido foi uma época muito legal, em que eu tive uma outra família. Sem palavras.

E quanto aos seus amigos de fora do cursinho?

Eu nunca tive amigos, tinha alguns colegas da escola e como fiz o cursinho junto com o terceiro ano do ensino médio estava sempre estudo e acabei virando o “nerd”, hoje de vez em quando tenho contato com dois desses colegas do tempo de escola.

Embora você já tenha falado um pouco, gostaria que você comentasse um pouco mais a questão: Ficar sem trabalhar na época do cursinho foi um problema?

Foi, lá em casa o meu cunhado queria que eu trabalhasse, e na época ele não entendia o projeto do cursinho, por exemplo, uma das coisas que fazíamos enquanto alunos para o cursinho era levar o reciclável, e por mais que eu juntasse os recicláveis em casa, ele pegava e jogava fora dizendo que eu estava juntando lixo, desse modo eu tive que juntar os recicláveis na casa de meu irmão, daí sempre que havia reciclável eu guardava em meu quarto e depois levava para casa de meu irmão até chegar ao cursinho. Fora a pressão de que eu falei sobre eu ser um vagabundo que ficava o dia inteiro fora e não trabalhar, ele não entendia que isso era um meio para um fim.

As suas expectativas de quando entrou no cursinho foram cumpridas?

Acredito que foram mais do que cumpridas, conforme eu te disse, agora eu vou ser professor no Instituto Federal de Santa Catarina, passei no concurso lá e estou mudando para outro Estado e darei aulas inclusive para graduação. Eu queria ser professor para mudar a vida de um aluno por ano, e hoje, não sendo nenhum pouco modesto acredito que já consegui mudar a vida de bastante gente que foram meus alunos, criando perspectivas neles.

Assim, meu sonho era ser professor para poder ajudar os meus alunos da mesma forma que minha professora me ajudou e eu acredito que verei esse sonho realizado quando ver o que meus alunos se tornaram, embora talvez pela minha mudança eu não veja, mais já houve certa transformação em muitos deles, sendo alunos mais dedicados, com objetivos e preocupados com os colegas, fazendo planos para o futuro em uma profissão em que irão fazer o que gostam. E agora eu vou poder ajudar mais gente porque irei formar os formadores, tendo um raio maior de alcance.

Como você se enxerga enquanto aquele que buscou na educação elementos de superação?

Eu acredito que a educação transforma, é difícil para quem não tem base como eu, como a maioria dos alunos do cursinho não tiveram, senão todos, daí a educação é o meio mais simples de conseguir ter um futuro melhor. O projeto do cursinho é sensacional nessa questão porque ele não ensina só os conteúdos que precisamos para passar no vestibular e essa construção está acima de passar no vestibular porque foram com essas aulas que eu acredito que aprendi a respeitar o próximo, a superar as minhas dificuldades.

Entrevista com João

Preliminares:

A entrevista com o João surgiu como possibilidade a partir de uma das visitas que estava fazendo ao cursinho, conversando com um dos coordenadores do projeto ele me comentou sobre esse ex-aluno e de como ele seria acessível e de como teria disposição em contar sua história. Anotei o telefone de João e segui o mesmo procedimento que fazia com os demais, passadas poucas semanas entrei em contato com ele e de pronto agendamos uma data que ficasse melhor para ambos, eu já o conhecia (de modo distante) de se encontrar em um e outro evento (as vezes até em visitas ao cursinho em anos anteriores) e por termos amigos em comum foi relativamente fácil preparar esse encontro.

Sugerido pelo próprio entrevistado no dia 22 de julho de 2017 nos reunimos em um banco próximo a horta do cursinho, atrás da sala de aula, se refugiando do frio, aproveitando o sol e criando um espaço de mais privacidade.

Como fiz em todas as entrevistas anteriores com os ex-alunos falei de como seria preservado a identidade de cada um no corpo do texto e de imediato ele se posicionou dizendo que isso não seria um problema, e que eu poderia identificá-lo sem que isso fosse um incômodo, pois entendia sua história como uma forma de pensar a realidade na periferia como um ato de reflexão necessária (mas ainda mantive o anonimato com a troca do nome). Então expliquei que ele poderia e deveria ficar à vontade em sair do roteiro e colocar a sua história do modo em que achasse mais pertinente, contudo, as questões que eu o fazia seria mais para nortear nossa conversa.

Entrevista (22/07/2017):

Qual a sua idade?

Eu estou com 33 anos.

Como você se declara em relação a sua cor?

Pardo.

Qual foi o curso de sua escolha e por quê?

Graduação e gestão de Políticas Públicas porque eu me interessava pela área de administração só que eu não queria só gerar lucro simplesmente para a empresa, eu queria que meu trabalho como o resultado dele pudesse ajudar outras pessoas, então escolhi Gestão de Políticas Públicas porque tinha interesse de ver como resultado de alguma maneira a contribuição ao próximo.

Especialização em gestão de saúde porque eu trabalho com a implementação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e o SUAS se espelha no Sistema Único de Saúde (SUS), porque funciona a partir de sistemas de políticas públicas semelhantes.

E eu fiz o mestrado sobre a implementação do SUAS a partir da burocracia pública.

A universidade de escolha foi a universidade cursada? E por quê?

Eu estudei na USP na graduação porque desde adolescente eu me encantava em estudar em uma universidade de grande porte e no cursinho passamos a identificar como um lugar onde os profissionais são diferenciados. A Especialização eu fiz pela universidade de Brasília (UNB) por ser renomada e porque era a única que apresentava gestão de saúde na época. E Mestrado eu fiz na UFABC que conheci em um evento e gostei muito da estrutura física e humana, tendo professores referência em relação a políticas públicas, então coloquei na cabeça que iria estudar lá e direcionei os estudos para isso.

Qual ano você entrou no cursinho?

Em 2005.

E em qual ano você entrou na graduação?

Eu entrei no ano de 2006.

E qual ano se formou?

Em dezembro de 2009.

Agora vamos voltar um pouquinho no tempo, me fala como se deu a aproximação com o cursinho?

Em 1998 quando eu tinha 14 anos eu comecei a trabalhar em um supermercado aqui do bairro, estava vivendo aquela crise econômica, boa parte da população desempregada, aí eu sair da escola em busca de trabalho, abandonei a escola na oitava série para tentar levar comida para casa e lá eu fiquei até 2004. Não que eu não tivesse me dado bem nesse trabalho, para as possibilidades, pois eu entrei como empacotador, fui repositor, depois conferente e depois eu iria ser um dos gerentes da terceira loja da rede que atualmente conta com dez lojas.

Mas em 2004 quando eu estava com 20 anos de idade eu quebrei a perna, sofri um acidente, e assim, o acidente em si não foi grave e sim as complicações pós-cirúrgicas, eu tive que colocar platina e comecei a ter rejeição, por esses problemas de rejeição eu tive que passar por várias outras cirurgias.

Aí eu pensei que não poderia ficar na cama só me lamentando, pensei: eu tenho um sonho que é voltar a estudar. Só tinha até a oitava série naquela época, algo que inclusive me fazia ter vergonha porque eu ia ser gerente de um estabelecimento comercial em que havia várias pessoas que tinham o nível superior ou estavam cursando, então eu me sentia mal porque tinha qualificação inferior as pessoas que eu teria que coordenar, então aproveitei e fui seguir meu sonho e tentar entrar em uma universidade pública.

Então você coloca que este sonho já existia antes?

O sonho já existia, só que naquele trabalho ao qual estava, eu trabalhava das oito da manhã até às vinte horas e tinha uma folga a cada quinze dias, então quando eu sofri o acidente eu estava negociando um horário para poder sair mais cedo, só que para entrar em uma universidade pública há a necessidade de se dedicar muito para passar no vestibular e com o horário que eu tinha, o máximo que eu conseguiria fazer era uma faculdade privada e a que fosse mais próximo possível de casa.

E esse acidente que você menciona foi no trabalho?

Não, foi fora de horário de trabalho, foi jogando futebol, por coincidência nessa quadra aqui ao lado do cursinho (nesse momento ele aponta a quadra da escola ao lado).

Então todos os fatores contribuíram para que eu estudasse aqui, não sabia da qualidade, na época foi o que era possível para mim, cheguei ao cursinho para perguntar sobre

a inscrição e por coincidência foi um dia antes da prova, naquela época havia o critério socioeconômico e a prova para entrar, era uma provinha semelhante ao ENEM. Fui fiz a prova, fiquei entre os selecionados e estudei muito seguindo as orientações de todos aqui e no final fui aprovado no vestibular.

Quais as maiores dificuldades referente ao aprendizado enquanto esteve na graduação?

Meu problema na graduação, hum... é preciso fazer um parêntese porque quando eu entrei aqui ainda não havia acabado o ensino médio, então paralelo ao cursinho eu fiz a distância o supletivo do Instituto Universal Brasileiro, de modo que fiz o pré-vestibular e por correspondência fiz os três anos do ensino médio. Por conta disso na graduação eu tinha um déficit, coisas simples eu não tinha a base porque em um ano com pré-vestibular e ensino médio eu foquei apenas naquilo que a Fuvest (Fundação Universitária para o Vestibular) pede, aquilo que ela não costuma cobrar não estudei, mesmo sendo importante no processo de ensino e aprendizado eu não dei importância, e um ano não seria suficiente, então minha maior dificuldade era com coisas básicas de Português, Matemática, eu peguei dependência em estatística, por exemplo, e tinha problemas com a construção de textos porque eu me preparei durante um ano para fazer uma redação com um modelo específico, mas na faculdade se exige muito mais do que isso.

Você consegue ver diferenças no esforço empregado para seu aprendizado comparando com o esforço dos colegas de turma?

Havia dias que isso ficava evidente, no primeiro ou segundo semestre, não lembro bem, em uma aula o colega ao meu lado estava literalmente cochilando e a professora explicando chama a atenção dele e questiona sobre o que estava falando e ele disse exatamente o que ela estava falando e ainda explicando os seus significados, enquanto eu estava com os olhos arregalados tentando entender e com muita dificuldade, quer dizer, havia muita diferença. Parece que o processo de ensino vai abrindo algumas portas que o aprender se torna mais fácil, e esse aprendizado mais fácil eu não tinha. Muitos de meus colegas vinham de uma vida inteira de escolas privadas renomadas e eles conseguiam absorver mais facilmente; mesmo que fossem assuntos sobre os quais eles não tivessem ouvido falar, conseguiam compreender mais rapidamente.

Hoje você trabalha na área para a qual se formou? Se sim, no público ou privado?

Trabalho no setor público, sou servidor concursado da prefeitura de Guarulhos.

Você trabalhava antes de entrar no cursinho, depois provavelmente esteve de licença saúde, até quando isso se estendeu? Como foi essa trajetória de trabalho?

Hoje eu estou bem fisicamente, mas eu fiquei afastado do trabalho durante um bom tempo, inclusive na época da graduação, eu voltei a andar um pouco melhor com a ajuda de bengala em 2008.

No período de graduação eu mantive todos os vínculos com o cursinho e junto com outros universitários que também passaram pelo projeto começamos a fazer planos de atuar na comunidade. Essa ideia que eu tinha de se formar em algo que de alguma maneira pudesse dar um retorno para a sociedade não era exclusiva minha, era compartilhada com algumas pessoas que nesse momento conviviam comigo e tinham a mesma origem.

Então, em 2008 começamos a prestar concursos, naquele mesmo ano o coletivo do cursinho lançou um candidato a vereador que viria a potencializar a atuação dessas pessoas que queriam fazer a diferença, inclusive cobrando concursos para o que antes era cargos comissionados.

O nosso candidato assumiu como vereador por ter ficado como segundo suplente. No início de 2009 eu ainda não havia sido chamado pelo concurso, embora estivesse muito bem classificado, a maioria de nosso grupo ficou bem classificadas em seus devidos concursos e foram chamadas ainda no início de 2009.

O Rômulo que assumiu como vereador me chamou para trabalhar junto com ele nesse primeiro ano, quer dizer eu ainda estava afastado com a licença saúde porque ainda não andava muito bem e para a função que exercia era um impeditivo, mas eu recebi esse convite e fui a previdência e pedi baixa de meu afastamento, ainda estava com medo pela minha perna não estar boa, mas decidi arriscar. Com isso, pedi baixa da previdência e em seguida demissão de meu trabalho no supermercado, eu já estava no último ano de graduação e conciliei com esse desafio, nos três primeiros anos eu fui matriculado no período da manhã e nesse último por conta do trabalho eu fiz à noite.

E quando você assumiu o concurso que havia prestado?

Eu assumi em 2010, pouco menos de um ano e meio depois.

Você disse que fez pós-graduação e eu gostaria que você comentasse como que se deu esse momento de trabalhar e estudar, houve complicações, houve licença, alguma facilidade ou outra questão que não mencionei?

A especialização na UNB ocorreu via polos regionais, eu frequentei os encontros regionais e conciliei muito bem com o trabalho, sendo tranquilo, e na UFAB também foi relativamente tranquilo.

Eu sempre coloco para os entrevistados quais as facilidades ou dificuldades em entrar no mercado de trabalho, sobretudo, posterior a graduação, você já deu bastante indicativos sobre isso, mas eu gostaria que você comentasse essa pergunta.

No meu caso eu já tinha trabalho, mas o que se sobrepôs foi a vontade de trabalhar em algo que pudesse ajudar outras pessoas, e nesse caso houve uma facilidade, mas por conta de toda uma construção anterior, isso porque teve as questões dos concursos públicos, um grande número de concursos em 2008 e 2009 tanto estaduais quanto federais, inclusive eu poderia ter prestado muitos outros só que eu queria muito trabalhar aqui em Guarulhos. E outra coisa é que a facilidade que teve mesmo antes do concurso chamar se deve a uma rede estabelecida a partir do cursinho e do mandato eleitoral, inclusive eu trabalhei pouco mais de um ano em cargo de comissão como coordenador e quando assumir o concurso, já com uma certa experiência eu fui chamado para uma outra secretaria e com isso eu comecei a ser conhecido e convidado para integrar diversos outros trabalhos na prefeitura, já como concursado.

Voltando um pouco no tempo, quais eram as tuas expectativas de vida antes do cursinho? Tanto no sentido de sonhos quanto de possibilidades reais.

Eu vim de uma família muito pobre, eu saí da escola e fui trabalhar para a gente ter alimento, o que comer literalmente. Minha expectativa era conseguir comprar uma casa e ter um carro, isso era o auge, o máximo para minha vida seria isso.

E em relação a questão educacional?

Havia sonho, mas não expectativa de realidade em relação a isso, eu tinha um sonho de estudar na USP, mas era um sonho, não havia condições materiais que me possibilitasse isso; o máximo que eu conseguiria naquela época era fazer a graduação em uma instituição privada e mesmo assim colocando a minha subsistência em risco, porque naquela época a mensalidade de administração era o valor de todo meu salário, até faltaria um pouco de meu salário para complementar.

E em relação a questão racial você enxerga se houve alguma facilidade ou dificuldade em sua trajetória de vida devido a sua cor?

Não, devido a cor não, a dificuldade de minha vida tem a ver com o histórico e ao acúmulo com relação a condição social, apesar de que meu pai é negro, e até meus treze, quatorze anos ele era dependente de álcool o que era uma condição ainda mais relevante a meu ver do que ser negro, porque ele conseguia arrumar emprego, mas não conseguia permanecer por conta da condição de dependência dele na época.

Eu sou pardo, alguns em nossa sociedade até diria que sou branco, minha mãe é branca, essa situação de condição racial não sinto que tenha me afetado diretamente, mas a questão econômica, as condições materiais afetaram muito, por exemplo, quando mudamos de São Paulo para Guarulhos eu perdi um ano porque aqui não havia colégios municipais e os estaduais não tinham vagas suficientes e eu não pude terminar a primeira série do ensino fundamental naquele ano; no ano seguinte eu não tinha dinheiro para comprar um caderno e um lápis, então eu tive uma defasagem de dois ou três anos logo no início, quando eu deveria estar na terceira série eu estava fazendo a primeira de novo por conta dessa defasagem nas questões materiais.

Como era o acompanhamento em relação aos estudos lá na tua infância, tanto familiar quanto na escola?

Apesar dessa dificuldade de ir à escola eu sempre gostei, as vezes não tinha o material, mas eu ia nem que fosse para ouvir, tentar pegar um lápis emprestado, marcar uma coisa ou outra. Infelizmente a questão do acompanhamento familiar, não por falta de vontade, mas pelos meus pais não terem estudos era pouco presente, eles reproduziam a lógica de não valorização efetiva do estudo.

Qual a relação dos demais membros familiares com a educação e com o trabalho, qual a formação deles? Em que eles trabalhavam?

Meu pai e minha mãe vieram da zona rural, da agricultura, eles vieram para São Paulo na década de setenta e era uma época que mesmo que você não tivesse estudo você conseguia emprego, ainda que braçal. Minha mãe por fazer parte de uma cultura em que as mulheres cuidavam do lar, a chamada dona de casa, era isso que ela fazia, e meu pai trabalhava fora, as ofertas de emprego foram se reduzindo e as exigências quanto a escolarização foram aumentando, daí com família constituída e pouca escolaridade os

empregos de meu pai a partir da década de oitenta foram de ajudante para baixo ou auxiliar de alguma coisa, nunca passou disso.

Nós morávamos na cidade de São Paulo, uma região onde tudo era caro, uma região privilegiada, perto de tudo, só que os preços de aluguéis aumentando e o salário não aumentava proporcionalmente, em um mês você pagava aluguel ou fazia compra, não dava para conciliar os dois. Com isso, nós viemos para Guarulhos que é para lá da periferia de São Paulo e o bairro dos Pimentas era ainda mais periférico, onde nós viemos morar, e um mês de salário aqui dava para pagar o aluguel e fazer a compra, isso no início, porque com o decorrer dos anos noventa isso também foi mudando, mesmo com a implementação do real (da moeda econômica).

E seus irmãos, qual a relação deles com os estudos e trabalho?

Eu tenho duas irmãs, uma mais velha e outra mais nova, a mais velha parou de estudar para ajudar em casa também, a mais nova eu trabalhava e falava muito para ela que enquanto eu estivesse trabalhando poderia concluir os estudos, então ela terminou o ensino médio mesmo em uma situação de dificuldade e somente depois foi trabalhar. A mais velha agora depois que eu terminei a graduação e incentivá-las, ela voltou a estudar, concluiu o ensino médio, fez um curso no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) e está trabalhando na área desse curso; a mais nova está terminando a graduação em Ciências da Natureza, ela deu um tempinho no trabalho para se qualificar.

Eu gostaria que você comentasse para mim como foi ter largado a escola para ter que entrar no mercado de trabalho, como foi para você essa vivência?

Foi difícil, é... (aqui há um momento de tomada de fôlego, introspecção e uma mudança no tom de voz)... é até um pouco complicado falar porque assim, hoje eu trabalho na gestão pública e é o que eu queria fazer, e acho que é até por isso que eu quis trabalhar nessa área, para que outras pessoas não precisem passar pelo que eu passei e fazer o que eu fiz. Porque acordar um dia após o outro sem ter nada para comer em casa é desesperador.

Na escola apesar de não ter essa questão de meus pais ficarem cobrando para que eu fosse, eu queria, eu fui a primeira pessoa de minha família que foi para a faculdade, isso porque eu desejava, eu tinha um sonho, não havia uma cobrança nesse sentido.

Todas as reuniões de escola que minha mãe ia ou minha irmã mais velha que também sempre foi as professoras elogiavam muito, porque eu sempre estudei bastante, todas as vezes em que eu tinha oportunidade eu estudava muito e tinha boas notas, só que na

situação desesperadora de não ter alimento um dia após o outro, minha primeira intenção e objetivo era achar um trabalho que conciliasse, só que a pessoa, a gerente, que me deu trabalho disse “eu preciso de alguém que fique das 8h às 20h e se você não puder ficar nesse horário eu vou contratar outra pessoa”. Foi muito triste, mas era uma questão de sobrevivência.

É por isso que eu gosto do que faço e luto para que outros não passe pelas mesmas situações que passei, porque as pessoas que pensam como essa gerente são muito ignorantes porque quanto mais uma pessoa estuda, quanto mais se qualifica menos esforço ela tem que fazer para gerar o mesmo resultado em termos de produção, e uma pessoa chegar e falar para uma criança, que ela trabalhe no período das 8h às 20h senão contrataria outra pessoa, essa gerente no mínimo não pensa.

Foi difícil optar pelo trabalho e largar a escola, eu sempre gostei muito de estudar, minha mãe não me colocou na pré-escola porque na época havia alguns custos e não havia programas de distribuição de materiais que hoje é mais comum; naquele tempo tinha que comprar uniforme, o material, tudo, e o pior é que eu morava em frente a uma escola de educação infantil e ficava olhando as crianças dentro e desejando estar lá. Quando fui para escola a vontade era tanta que fui alfabetizado em três meses, com esse tempo já sabia ler e escrever, eu sempre queria estudar, mas as dificuldades estruturais e econômicas me afastaram.

Pensando na época do cursinho ou até mesmo da graduação como os estudos afetou a relação com a família e o ciclo de amigos, se é que afetou?

Afetou, eu havia sofrido o acidente em 2004 e em princípio o médico disse que no máximo em seis meses eu voltaria a andar, quando passou seis, sete, oito meses e com várias complicações em minha cirurgia eu comecei a ver e entender que minha recuperação não seria tão rápida e, foi quando eu pensei que se naquela época que eu tinha plena saúde me disseram ou você trabalha das 8h às 20h ou eu não quero você imagina eu sem saúde e sem estudo, porque com vinte anos eu tinha a mesma escolaridade que eu tinha com quatorze e debilitado.

Antes eu trabalhava muito e não tinha nenhum problema de saúde, diferente de agora com muitas complicações, já na época eu tinha ciência que não teria o mesmo vigor de antes, então passou a ser ou tudo ou nada, pensei em me qualificar, em estudar para ser um bom profissional em minha área para nunca mais precisar ouvir o que a gerente me disse naquela entrevista.

Como eu não tinha o ensino médio fiz paralelo ao cursinho, mas para dar conta do tratamento, da fisioterapia, e das cirurgias precisei de bastante disciplina. No ano do cursinho fiz mais duas cirurgias, pois tinha feito duas em 2004, inclusive quando fiz o ENEM em 2005 foi um dia depois da alta (internação) de uma das cirurgias, então para conseguir conciliar a minha recuperação, o ensino médio e o cursinho eu passei a não ter tempo para participar de outras atividades que não fossem correlacionadas; então os meus amigos passaram a ser cem por cento do cursinho, eu mantinha contato com pessoas de fora, mas era muito superficial, primeiro eu não estava podendo andar e só ia ao cursinho ou ao hospital.

Já minha família, na época achava que era exagero, porque eu me fechei e me dediquei cem por cento; eu estudava muitas vezes das seis da manhã à meia noite, estudava todos os dias bem mais de dozes horas, eu sabia que minha perna não seria mais a mesma, só que eu pensava que se a minha perna ficasse boa até o final de 2005 eu receberia alta e só teria aquele ano, então tratei 2005 como único ano que eu teria livre, mal sabia que eu permaneceria até 2009 afastado, embora que em 2005 os médicos davam ótimas perspectivas, contudo fiz mais sete cirurgias totalizando onze ao longo do tempo do tratamento.

Com isso, eu não parei de estudar nem no réveillon, apenas na hora dos fogos por causa do barulho, pois já havia saído o resultado da primeira fase da USP e ainda faria a segunda fase, a Unesp eu desisti por conta do tratamento e meu convenio só cobria a região metropolitana de São Paulo.

Voltando um pouco no tempo as expectativas de quando você entrou no cursinho e de época da graduação foram cumpridas?

Mais do que cumpridas, elas foram superadas, antes eu pensava que se conseguisse um carro e uma casa haveria alcançado tudo dentro do que era possível, e hoje eu entendo que não é só sobre mim e tenho condições e sei que posso mais. Até o ano passado eu estava como secretário adjunto de uma secretaria municipal, em um dos municípios mais “importantes” de São Paulo, eu também coordenei e já fiz muitos programas e existem vários projetos aqui no bairro e nas periferias a partir do mandato do vereador que tem ligação com o cursinho, eu iniciei a partir de editais.

O meu curso me deu condições de escrever projetos e programas e com isso eu comecei a participar de vários editais e nós demos início a muitos projetos aqui na região a partir de editais públicos e hoje uma parte fixa do mandato são os projetos sociais, e eu falo de

uma maneira que me dar muito prazer de achar que eu ajudei a deixar um legado que outras pessoas participam hoje, e isso eu falo não apenas como secretário, falo como munícipe.

Fora isso, hoje eu tenho meu trabalho que considerando a conjuntura em que quem trabalha no setor privado tem medo do desemprego, essa é uma situação ao qual eu não passo, estou prestando o doutorado, coisa que eu nunca imaginei, antes nem sabia da existência, e tudo que eu fiz foi na faculdade que escolhi, os cursos que escolhi e acho que minhas expectativas estão superadas.

Hoje ter uma casa é algo básico, eu tenho minha casa e um carro, mas eu tenho um carro só porque eu preciso dele como ferramenta para o meu trabalho e para os meus estudos, meu mestrado, por exemplo, era em Santo André e para conciliar com o trabalho eu precisava, e para ir aos projetos sociais que fazemos parte. O que antes era o auge hoje vejo apenas como ferramenta para eu tocar o dia a dia, e é isso que me deixa pleno.

Tem uma questão que acredito que você já falou muito sobre, mas penso que possa haver algo que ainda não foi explorado e que você queira acrescentar. Sendo assim, como você se enxerga enquanto aquele que buscou na educação elementos de superação?

O cursinho primeiro fez com que eu visualizasse outras possibilidades além daquelas das quais eu tinha a minha disposição, antes de conhecer o cursinho o topo da minha vida profissional era aquele cargo que me prometeram no supermercado, partir do cursinho eu comecei a ver as coisas diferentes. A primeira mudança foi em minha família: a minha mãe e o meu pai hoje já não são indiferentes como eles eram em relação aos estudos; eles vivem incentivando as outras pessoas a estudarem. As minhas irmãs passaram a estudar pela influência desse contexto em que eu estive inserido, outros parentes como primos e tios começaram a estudar e acreditar que o caminho do sucesso passa pela educação.

O cursinho é um instrumento catalisador de justiça social e, o pobre, aquele que está em situação de vulnerabilidade, acredita via de regra que a sua condição representa o seu esforço, ou a sua falta de esforço e, se perguntar para um terceiro esse também vai dizer que aquele não trabalhou o suficiente, quando na verdade ele não enxerga que o histórico em que estar inserido faz parte de algo maior, e o cursinho busca mostrar isso, pois se você não conhece o problema você não consegue ir atrás da solução e o problema não estar no indivíduo.

Uma última pergunta. Da experiência que é o cursinho você consegue ver algum aspecto que seja negativo ou mesmo vivenciado algum aspecto negativo?

Eu sou muito suspeito porque a minha vida do jeito que era e do jeito que é me faz acreditar que até aquilo que pode ser visto como aspecto negativo eu vejo como algo importante, porque tudo aqui me ajudou, me proporcionou coisas positivas, então não vejo. A minha vida mudou cento e oitenta graus.

Entrevista com Antônio

Preliminares:

O nome do Antônio como possível entrevistado surgiu muitas vezes nas entrevistas que fiz anteriormente e nas conversas que tinha sobre o projeto de pesquisa com aqueles que conheciam o CCP. No entanto, o maior motivador para coletar o depoimento do Antônio se deu pelo fato de ele ser o ex-aluno que se tornou voluntário por mais tempo, ele está presente no cursinho desde o primeiro ano (2002) como aluno e depois como professor, coordenador, colaborador (não de modo concomitante).

Eu o reencontrei por umas três vezes no CCP desde que resolvi realizar essa pesquisa, em todos esses momentos ele estava apenas em trânsito realizando alguma atividade relacionada ao projeto, mas sempre nos sentamos por alguns minutos para conversar sobre um pouco de tudo, de nossas vidas, atividades pessoais e do CCP. Ele se demonstrou à disposição em contribuir com o que fosse possível, então quando o roteiro da entrevista estava pronto eu liguei e agendamos uma data para conversarmos, nos reunimos no escritório em que ele trabalha por sugestão dele no dia 02/08/2017.

Entrevista (02/08/2017):

Qual a sua idade?

Como você se define enquanto sua cor?

É sempre muito complicado porque se a gente for buscar no passado a nossa ascendência tem de todas as cores, de diversas etnias, mas eu acho que sou branco pela minha pele, não por uma questão cultural propriamente, mas pelo fenótipo que é o termo mais correto.

Qual o curso de escolha da sua graduação e por quê?

Licenciatura em Física, eu tive uma forte influência do CCP porque eu dava aula dessa disciplina no Cursinho e gostava muito da disciplina e mais ainda porque eu descobri que eu gostava de dar aula.

Qual a universidade de escolha e cursada e por quê?

A de escolha foi a USP, por uma questão de referência, de prestígio que é apresentado para a gente, porque na prática pode ou não isso ser confirmado, mas sempre foi apresentada como a melhor ou uma das melhores em determinadas áreas. E por ser em São Paulo, relativamente próxima, eu tinha a prioridade de fazer uma universidade pública na grande São Paulo, mais perto de casa, eu não queria ir buscar a formação no interior como foi o seu caso e de centenas de outros alunos do CCP.

Desde a adolescência eu tive um papel importante na economia familiar, meus pais se separaram quando eu tinha doze ou treze anos e aí eu comecei a trabalhar e praticamente a sustentar a casa, ajudar a minha mãe sustentar a casa; eu comecei a assumir uma responsabilidade de chefe de família em conjunto com minha mãe e na época que eu fiz o cursinho essa era minha realidade. Então eu não tinha nenhuma pretensão de abandonar a família, ou melhor dizendo, de deixar a família e viver a minha vida em um lugar distante.

Qual o ano em que você entrou no Cursinho Comunitário Pimentas (CCP)?

Em 2002, um pouco depois de você, eu entrei no mês de maio.

E qual foi o ano em que entrou na faculdade?

A cursar a faculdade em Física foi em 2004, eu entrei em 2003 na FATEC em Processamento de Dados, mas seis meses depois eu abandonei o curso.

Você lembra por que não deu prosseguimento a esse curso?

Eu não me identifiquei com a carreira.

E no curso de Licenciatura em Física qual o ano de conclusão?

Para ser bem sincero eu demorei bastante, tranquei algumas disciplinas e isso até por conta dessa dificuldade de trabalhar o dia inteiro em Guarulhos e atravessar a Grande São Paulo todos os dias, não era uma coisa fácil, então eu concluí na metade de 2010.

Vamos voltar um pouco, mas depois falamos mais sobre essa relação do trabalho em época da graduação. Comenta como se deu a sua aproximação com o cursinho?

Eu já estava estudando para o vestibular e trabalhava fazendo bico, vendendo jornal e jogos como o de raspadinhas e, não fazia isso em uma banquinha de jornal como é mais comum, eu fazia de bicicleta indo aos locais, principalmente aos comércios de modo geral, nos bares onde eu tinha uma clientela, ia do bairro onde eu morava até lá próximo ao cursinho, e um desses comerciantes de um depósito de material de construção fez uma certa amizade e sabia que eu estava me preparando para o vestibular e comentou que ficou sabendo que havia um cursinho no bairro, me disse mais ou menos onde era e eu fui lá me informar.

Ao chegar ao CCP conheci o Rômulo, ele me mandou ir para a Educafro porque não tinha vaga, na época o cursinho tinha vínculo com a Educafro, então fui a sede lá em São Paulo que me passou uma relação dos cursinhos existentes e o cursinho mais próximo seria em Itaim Paulista, um distrito de São Paulo que fica na periferia e faz divisa com a periferia de Guarulhos, e eu estudei por três finais de semana lá no Itaim e deixei meu nome na lista de espera do CCP, um mês depois surgiu a vaga.

Pensando na época da graduação. Quais as maiores dificuldades referente ao aprendizado enquanto você esteve nela?

Eu tive um pouco de dificuldades em relação a parte pedagógica, porque havia uma carga de leitura que eu não tinha tempo necessário para me dedicar, e algumas dificuldades que eu atribuo a mim e até mesmo as didáticas dos professores.

Você consegue ver diferenças no esforço empregado para seu aprendizado comparando com o esforço dos colegas de turma?

Eu tinha um desempenho abaixo da média nas disciplinas pedagógicas pelo que já falei, mas penso que o grande esforço que eu empreendi para o vestibular sanou muito da deficiência trazida da escola pública, periférica e esquecida e esse esforço proporcionou um nivelamento com os demais, que talvez não se empenharam tanto para o vestibular por terem feito uma escola melhor.

Embora eu conheça um pouco de sua história é necessário o registro e até alguns esclarecimentos, por isso farei algumas perguntas que talvez você imagine que eu saiba, mas eu gostaria que você comentasse um pouco.

Trabalha ou trabalhou na área para a qual se formou? Se sim, no público ou privado?

Trabalhei durante um período muito curto, que é insignificante, que não representa nada.

No público ou privado?

No público.

Você sempre trabalhou desde a época do CCP e não deixou de trabalhara até hoje é isso? Como foi essa experiência?

Na verdade, no ano que eu fiz o CCP eu basicamente não trabalhei, eu trabalhei antes dos quatorze aos dezessete anos direto, na informalidade como camelô e em um comérciuzinho de doces, no ano de 2002 foi um ano que eu praticamente não trabalhei, mas eu voltei a trabalhar antes mesmo de sair do CCP enquanto vestibulando, eu fui convocado em um concurso que tinha feito em junho daquele mesmo ano. Desse modo, a partir daí eu trabalhei direto, de alguma forma sempre no setor público, embora o banco do Brasil tenha uma cultura de trabalho que não se difere de um banco privado, se assemelhando ao público pela forma de ingresso e talvez por uma maior dificuldade em demitir, mesmo não havendo estabilidade.

Você trabalhou no banco durante todo o período de graduação?

Eu me graduei na metade de 2010 e no início de 2009 um ano e meio antes eu deixei o banco, não me desliguei totalmente, mas vim trabalhar no mandato do vereador como comissionado.

Você ainda tem vínculo com o banco?

Não, tem outro capítulo nessa história, no final de 2011 eu fui para a câmara, eu prestei um concurso e sou servidor de carreira da câmara municipal de Guarulhos, mas nunca exerci a função pela qual fui contratado, porque eu assumi o cargo e imediatamente fui cedido para o gabinete do vereador que é um processo comum a todo legislativo, de qualquer modo eu sou concursado da câmara.

Voltando um pouco no tempo, quais eram a sua expectativa de vida antes de ingressar no cursinho?

Eu não tinha muitos conhecimentos sobre os caminhos a trilhar, mas quando eu conheci o cursinho já estava estudando, e estava começando a descobrir esse mundo, porque até o segundo ano do ensino médio eu desconhecia a universidade pública, enfim eu não tinha claro o caminho que iria trilhar.

Eu tinha acabado o ensino médio em 2001 e estava estudando, eu acho que dizer que não tinha perspectiva é um pouco pesado porque eu acreditava que de alguma forma eu poderia fazer qualquer coisa, nem que seja desenvolver aquilo que eu trabalhava antes, pegando umas coisinhas e vendendo no comércio.

Eu não sabia era para onde eu ia, não tinha uma trajetória definida, talvez porque o meu pai era pedreiro, nunca estudou, minha mãe sabe escrever muito mal, tem a quarta série só, então que futuro que eles planejariam para a gente? Se terminássemos a escola e arrumássemos um emprego de caixa de supermercado estaria bom. Nossos pais não conseguiam vislumbrar um futuro para a gente muito além disso, então como a gente sem informação, sem conhecimento, sem referência iria formular, planejar um futuro, a gente só aceito o que têm. Assim, a gente começa a pensar nisso quando entra no cursinho.

E em que sua mãe trabalhava nessa época? E qual a relação dos demais membros familiares com a educação e com o trabalho, qual a formação deles? Em que eles trabalham?

Minha mãe era empregada doméstica e continua trabalhando como empregada na mesma casa em que trabalhava na época. Minha irmã mais velha trabalhava no comércio em posições de baixa qualificação, que não exige muita escolaridade, ela havia feito o ensino médio, a minha irmã mais nova apenas estudava.

Hoje minhas irmãs são formadas e pós-graduadas; elas foram para o CCP, primeiro a mais nova e depois a mais velha. Elas fizeram universidades públicas e uma é Mestre e a outra está no doutorado; então o cursinho também mudou individualmente a vida delas.

Qual a dimensão que o CCP teve em sua formação?

Como eu falei, eu vinha estudando já, passei no concurso do Banco do Brasil um mês depois de ingressar no CCP, da mesma forma que eu passei no concurso possivelmente eu passaria no vestibular, mas tenho certeza de que o cursinho teve um papel fundamental no sentido das questões sociais, de se posicionar de modo reflexivo quanto as desigualdades, eu tinha noção dessas coisas, mas uma noção muito frágil. Eu me inserir na carreira pública por conta dessa percepção de justiça social que o cursinho me proporcionou, para fazer a diferença na sociedade, mesmo que seja uma contribuição pequena, não é uma concepção romântica, eu entendo as minhas limitações, mas posso mudar nem que seja um pouquinho desse mundo, e o cursinho nos ensina isso, ter uma visão social solidária.

Voltando à questão racial, você enxerga se houve alguma facilidade ou dificuldade em sua trajetória de vida devido a sua cor?

Eu acho que fez diferença sim embora eu não tenha exemplos para dizer que em algum momento em minha vida eu tenha sido beneficiado, mas eu sei que isso acontece. No Banco mesmo, nós fazemos concurso para entrar, mas o seguimento de carreira não tem o mesmo critério e eu subi alguns degraus lá dentro, mesmo assim eu não sou capaz de identificar se em alguma entrevista eu fui beneficiado por ser branco, mas pela visão de mundo que eu tenho, pelo conhecimento social eu sei que fez diferença porque no banco os negros são minorias fruto do histórico de defasagem que eles tem e isso diminuem as chances de passarem nos concursos, é claro que mesmo com uma condição socioeconômica ruim por suas origens quase sempre das periferias eles poderiam, não sem muito sacrifício, fazer igual a mim e passar, pois eu também me enquadro nesse grupo de desfavorecidos socioeconômicos, mas a porcentagem dos negros nos quadros de gerencia ainda é menor proporcionalmente do que a porcentagem dos negros que passam no concurso tomando como referências os percentuais dos brancos e deles com eles mesmo, depois de entrarem via concurso eles não se mantem com as mesmas chances dos brancos que também entraram pelo mesmo critério, ou seja, os negros ocupando os cargos de gerências são raríssimos. Eu me lembro de ter visto apenas um gerente de contas negro, eu talvez fui beneficiado, a gente não sente, eu não sinto, mas provavelmente o negro sentiu quando ele não foi.

Como a relação aos estudos, sobretudo, em época do CCP e da graduação ele afetou a relação com a família e o ciclo de amigos?

Nós criamos um certo vínculo com os colegas de escola e o cursinho, como sendo aquele período que veio logo depois da escola, rompe um pouco com isso, porque desse primeiro grupo quase ninguém estuda, a gente que fez o cursinho, somos exceção.

Agora na questão familiar eu tive muitos problemas, primeiro porque havia o descrédito, ninguém da família tinha graduação, quanto mais de uma universidade pública. Quando eu comecei a estudar eu trabalhava no comércio e eu pegava uma apostila para estudar no horário do almoço, amarrava no guidão da bicicleta e saía, e no primeiro dia minha mãe chegou a perguntar o porquê disso aí, depois ela me confidenciou que ao ouvir a resposta pensou: “esse aí tá maluco, tá sonhando”.

A família desacreditava por razões que a gente nem os pode culpar, mas depois eu tive problemas muito mais sérios com o meu padrasto que chegou a dizer que eu estava me

escondendo atrás dos livros para não trabalhar, por que em 2002 foi um ano em que eu trabalhei muito pouco e me dediquei mais aos estudos e aí afetou gravemente a relação dentro de minha casa, ele, meu padrasto, chegava a fazer chacota comigo, um dia ao dizer que fiz o concurso do Banco do Brasil ele perguntou quanto havia sido a taxa de inscrição e depois disse que eu deveria ter dado o dinheiro para ele, pois faria melhor proveito por ter sido uma perda de tempo o meu esforço, que não conhecia ninguém que passou e que eu também não passaria.

Minha mãe não me dava apoio, mas o meu padrasto além de não me apoiar vivia a implicar, isso chegou ao extremo dele sair de casa por não aceitar essa situação.

Esse foi um momento difícil, teve um período entre a realização do concurso e ser chamado de muita dificuldade financeira, pois eu havia sido muito bem classificado, sabia que iria ser chamado, mas poderia demorar um mês ou dois anos, minha irmã desempregada e estávamos com muita necessidade, então tinha uma pressão enorme para eu trabalhar, aí eu sair para procurar emprego e arrumei em um supermercado e cheguei um dia no cursinho e disse para o Rômulo (coordenador) que estava ali para me despedir de todos por conta do trabalho no supermercado, para minha surpresa o Rômulo e o Rozalvo ficaram chocados, a partir daí eles que na época eram professores, o Rozalvo é até hoje, passaram a ajudar financeiramente lá em casa, além disso o Rômulo dispensou a diarista que tinha na casa dele e colocou minha mãe no lugar. Foi nesse contexto que meu padrasto saiu de casa porque ele era quem mais pressionava para que eu trabalhasse dizendo que o vestibular era papo furado e apenas vagabundagem. Eu sou muito grato a eles (Rômulo e Rozalvo), no caso da ajuda financeira durou três meses que foi o tempo do banco me chamar.

As expectativas de quando você entrou no cursinho e mesmo aquelas de antes do fim da graduação foram cumpridas?

É difícil responder porque em termos profissionais eu não tinha esse objetivo traçado, e acho que não tenho até hoje (risos), mas se você me perguntar em que eu quero estar trabalhando daqui a dez, quinze anos, eu não tenho a menor ideia. Mas podemos dizer que de modo geral foram cumpridas, sim.

Como você se enxerga enquanto aquele que buscou na educação elementos de superação para desigualdade socioeconômica? Houve melhora em sua vida depois do cursinho e da graduação?

Sem dúvida melhorou, meus empregos desde então foram por conta de concurso, a educação mudou tudo, ela foi determinante.

Da experiência que é o CCP você consegue ver se houve algum aspecto que você considere negativo?

Não, até mesmo quando há divergências é sempre buscando melhorar o coletivo.

Entrevista com Adriana

Preliminares:

A iniciativa de conversar com essa ex-aluna ocorreu pelo fato de ela ser uma das primeiras bolsistas vinculadas ao cursinho. Embora houvesse, como ainda há um maior apelo para que os alunos do CCP fossem até seu limite para cursar universidades públicas, se entendia que as bolsas referentes as mensalidades nas universidades privadas também poderia ser uma opção para a transformação da realidade desses alunos, não sendo uma primeira opção, mas sendo mais uma das alternativas.

Com isso, eu entrei em contato com essa ex-aluna que de imediato se colocou à disposição de me receber em sua residência, seguindo a agenda dela marcamos no dia 15 de julho de 2017, dia em que realizei a entrevista.

Passei as orientações quanto à total liberdade em suas respostas, para que ela não ficasse apenas preocupada em responder aos meus questionamentos, mas falasse de tudo que achasse pertinente e assim começamos a entrevista.

Entrevista (15/07/2017):

Qual a sua idade?

Trinta e seis anos (36).

Como que você se define em relação a sua cor?

Eu sou negra, meu pai é negro, minha mãe é branca e meus irmãos uns são mais outros menos, mas somos todos negros, eu sou mais, hoje até minha mãe é por maioria de votos (risos). O caso é que não apenas me identifico como tal, eu carrego as marcas na pele, eu sou escura.

Qual curso você escolheu em sua graduação e por quê?

O curso de Direito, por várias razões, mas para ser bem honesta embora houvesse o desejo de promover a justiça, de transformar um pouco a sociedade ao mesmo tempo era uma questão bem individual por senso de justiça.

Por que dessa busca individual por senso de justiça?

Desde muito criança vejo ao meu redor os mais pobres e mais fracos sendo tratados de modo discriminatório e isso é marcante.

Qual foi a sua Universidade de escolha e se foi a cursada e por quê?

A minha universidade não foi a de escolha, foi a que eu consegui a bolsa, então naquele momento em questão pouco importava qual seria a universidade, desde que fosse de qualidade, obviamente que existiam algumas de maior cobiça, mas que estavam naquela ocasião fora de possibilidades. Então, eu não escolhi a faculdade, eu costumo dizer que foi a faculdade quem me escolheu já que eu consegui bolsa cem por cento.

Se eu pudesse escolher na época com certeza eu teria feito em uma pública, em uma USP, em uma Unesp, mas infelizmente não foi isso que eu tive como oportunidade. De qualquer forma hoje eu tenho clareza que não é só a universidade que faz o aluno.

Em que ano você entrou no Cursinho Comunitário Pimentas (CCP):

No ano de 2002, quando o cursinho ainda estava em formação.

Em que ano você iniciou a graduação?

No segundo semestre de 2003.

Qual o ano de conclusão da graduação?

No final do primeiro semestre de 2007.

Voltando um pouco, como que se deu a sua aproximação com o CCP?

Eu fiquei sabendo por meio de um amigo de meu irmão, os dois começaram a fazer planos de frequentá-lo, mas o que me fez ter interesse na época foi um motivo não educacional, eu estava querendo melhorar, melhorar os meus conhecimentos para me tornar uma pessoa melhor e chegar ao nível de outra pessoa a quem eu estava apaixonada, por isso que eu digo que não foi um motivo nobre, foi um motivo até fútil e de desvalorização. Claro que depois os horizontes se abriram de outra forma e eu conseguir ter uma clareza melhor do que eu queria e porque eu queria e mudar as metas e objetivos.

Pensando no momento de graduação quais as maiores dificuldades referente ao aprendizado enquanto você esteve na graduação?

Interessante essa pergunta porque fazendo um retrospecto eu não tive tanta dificuldade de aprendizado na graduação, eu tive mais uma dificuldade de me sentir aceita dentro de um grupo, eu ia para a faculdade, estudava, mas a questão da sociabilidade com os demais alunos acho que ficava um pouco a desejar.

E a que você atribui essa dificuldade em relação a sociabilização?

Primeiramente a diferença de classe, a questão econômica, e segundo porque eu também acabava me excluindo, não era só uma exclusão que vinha da parte deles, eu não tinha os mesmos padrões financeiros e isso ficava visível no material que eu levava para aula, na forma de me vestir, na forma que eu calçava, na aparência como um todo e gerava um certo incomodo mesmo, principalmente porque naquela época diferente de hoje eu não dispunha de muitos recursos até mesmo para me vestir, eu repetia muitas roupas, e eram roupas muitas vezes inadequadas, não por serem curtas ou algo do gênero, muito pelo contrário, mas porque já era de um tecido desvalorizado, de um valor que outras pessoas não iriam estudar da forma que eu estava indo, então isso fazia com que eu tentasse muitas vezes passar despercebida.

Você consegue ver diferenças no esforço empregado para seu aprendizado comparando com o esforço dos colegas de turma?

Sem sombras de dúvidas, embora mesmo tendo colocado esta questão da auto exclusão, mesmo quando eu já não agia mais dessa forma de me auto excluir até porque do meio para o final do curso eu fiz algumas amizades, e eu também mudei a postura, mesmo assim, o meu foco era diferente dos demais, a exemplo, é que meu principal, se não único intuito era ir a faculdade para estudar, não havia aquilo de em um determinado dia da semana ir ao barzinho na hora do intervalo e não voltar, muito pelo contrário, este tipo de conduta eu nunca tive, então havia uma dedicação maior, e essa dedicação maior se fazia necessário até mesmo para que eu tivesse notas elevadas para continuar com a bolsa e ao mesmo tempo porque eu precisava me auto afirmar a todo momento que eu era capaz, que eu conseguia e eu ficava muito feliz em saber que tirava notas muitas das vezes superiores que algumas pessoas que estavam desde o primeiro ano fazendo cursinho preparatório para a OAB - Ordem dos Advogados do Brasil -, porque eles tinham condições para isso. Então eu estava, entre aspas,

profissionalmente falando já competindo desde aquele momento com pessoas que financeiramente tinham mais recursos.

Desse modo, em relação ao aprendizado eu até me surpreendia quando tinha trabalhos em grupos pelo número de pessoas que vinham pedir para fazer comigo, porque eram pessoas que aparentemente nem sabiam meu nome, nem sabia que eu existia, mas na hora de trabalho em grupo eu sempre era lembrada porquê de uma certa forma eu conseguia me superar.

Hoje você trabalha na área para a qual se formou? Se sim, no público ou privado?

Sim, no privado.

Nesse sentido houve dificuldade de encontrar emprego após formado?

Não, eu não sei se dei sorte, se é que eu possa atribuir assim, mas foi bem rápido, na verdade antes mesmo de chegar a carteira da OAB eu comecei a trabalhar, eu tinha uma boa base que veio da época do estágio e aí eu tive bastante sorte, no sentido de ter conseguido estágios que exigiram muito de mim internar e externamente, ou seja, dentro do escritório e nas idas ao fórum. Eu não tinha nenhum contato que pudesse facilitar a minha inserção em um estágio, então aceitei um que exigia mais de mim do que geralmente se cobra de um estagiário, além disso era remunerado e precisava muito do dinheiro.

O emprego que você conseguiu foi uma continuidade do estágio?

Não, só que acabando a graduação e assim que a carteirinha da OAB estava para chegar eu sair para entregar currículo, muitos currículos, porque eu não podia ficar sem trabalhar, e aí fui chamada para dividir o escritório que estou até hoje. É bem verdade que eu capto mais clientes e trabalho bem mais que o outro advogado do escritório e recebo bem menos, embora o nosso acordo inicial fosse dividirmos as atividades de modo equivalente, mas o escritório é dele.

Voltando um pouco no tempo, quais eram as suas expectativas de vida antes de ingressar no CCP?

A minha expectativa de vida era sobreviver e não viver, daí o termo sobreviver que estou empregando é no sentido de levar a vida de modo que o que aparecesse estaria bom, porque não havia projeto, não havia expectativas, não havia um foco, primeiro porque eu achava impossível ter algum horizonte diferente daquele que se apresentava no contexto

social ao qual eu estava inserida, eu achava que se eu achasse um trabalho para fazer qualquer coisa que me remunerasse para eu comer, se vestir e cumprir as necessidades básicas seria o suficiente para minha sobrevivência.

Qual a dimensão que o CCP teve em sua formação?

cursinho foi a primeira porta que me fez refletir diferente, descobrir que ninguém nasce predestinado a não ser nada, a não ter uma expectativa de vida, a não ter sonhos e que a gente pode criar a nossa própria história mesmo não vindo de uma base sólida, de uma base financeira, cultural, social sólida, nesse sentido o cursinho criou novas expectativas, ou melhor, ele trouxe perspectivas.

Depois de formada você voltou a fazer outro curso?

Eu fiz alguns cursos voltado para a própria área do Direito, por exemplo, eu fiz o cursinho preparatório para a OAB, depois de formada e depois de já ter a carteirinha da OAB, ou seja, já tinha a licença e já estava advogando a mais de um ano, mas fui em busca de agregar conhecimento ao acadêmico, fora esse eu fiz uma especialização referente ao Direito Civil e um ou outro curso de curta duração.

Voltando à questão racial, você enxerga se houve alguma facilidade ou dificuldade devido a sua cor em sua trajetória de vida?

Boa pergunta, porque as bolsas direcionadas à Educafro tinha como um dos critérios a questão racial, mas não era excludente, pelo contrário, a questão socioeconômica vinha em primeiro lugar, além da prova que chamávamos de prova de cidadania em que tínhamos de responder várias questões sobre situações problemas que envolvia uma visão cidadã. Eu tive nota máxima na prova de cidadania, fiquei bem classificada no vestibular e quanto a questão socioeconômica eu mais que estava na faixa de renda que me colocava como candidata a bolsa.

Outra coisa é que até mesmo hoje por mais bem vestida que eu vá trabalhar, e modéstia parte eu procuro me esmerar nisso, geralmente quando um cliente chega no escritório pela primeira vez eles as vezes acham que eu sou a secretária e isso acontece em função de minha cor.

Antes dessa minha trajetória com o cursinho e universidade também passei ou presenciei alguns acontecimentos relacionados a questão racial, uma certa vez ao ir procurar emprego em uma fábricas de biscoitos, emprego de ajudante geral na área de produção, uma

das moças que também estava lá para passar pela entrevista em função da demora desistiu, mas mandaram chamá-la de volta, ligaram para ela e nesse tramite a pessoa do RH - recursos humanos - que estava a nos entrevistar perguntou se havíamos visto, nas palavras dela, “a moça bonita e que tinha um bom currículo que foi embora”, acontece que por acidente eles trocaram as fotos do currículo, e quando a moça chegou não era a mulher branca da foto, era uma moça negra que mesmo sendo a dona do currículo foi dispensada imediatamente ainda sem passar pela entrevista, isso foi marcante e contundente, nós negros vivemos isso todos os dias, e as vezes nem percebemos.

Em relação ao seu histórico de vida e na busca pelo emprego depois da graduação a sua identidade de gênero teve peso?

Em nossa sociedade machista certamente isso interfere, mas não é algo que eu particularmente venha sentindo. Acredito até que temos tido mais avanços quanto a isso, não que não seja um problema, mas a questão racial e socioeconômica sempre me foi mais problemático e imagino que talvez seja um padrão.

Qual a relação dos demais membros familiares com a educação e com o trabalho, qual a formação deles? Em que eles trabalhavam quando você estava no cursinho?

Eu venho de uma família de sete filhos de pais pouco instruídos, nenhum deles chegou ao ensino médio, meu pai fazia “bicos”, ou seja, trabalhava na informalidade, ele era muito doente o que era um fator complicador, minha mãe era dona de casa e, eu tinha mais um irmão que morava com a gente durante meu período no cursinho, ele trabalhou por alguns meses como ajudante geral, emprego comum aos meus outros irmãos que já eram casados exceto pelo meu irmão mais velho que conseguiu fazer faculdade via FIES - Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior -.

Esse irmão mais velho foi o único que havia feito um curso de formação para o trabalho. Era essa a referência que eu tinha de trabalho e no que diz respeito a questão da educação eu entendia que se estudava até o terceiro ano do ensino médio e era o auge de uma pessoa nas mesmas condições que eu tinha na época.

Como a relação dos estudos afetou a relação com a família e o ciclo de amigos, se afetou?

Penso que o CCP também contribuiu para abrir os horizontes no âmbito familiar, porque eles perceberam que é possível se mudar a própria história, hoje tenho sobrinhos que já passaram pelo cursinho e estão na universidade, outros ainda não despertaram, mas já

reconhecem a importância do estudo. Contudo, logo no começo quando eu comecei a graduação a minha mãe falava que isso era um sonho, algo inimaginável, impossível e que provavelmente não iria dar certo, como se eu fosse me frustrar mais para frente, então era melhor que eu me frustrasse antes, ou seja, parando logo no início ou não começando do que me frustrar depois, mas esse tipo de pensamento bem antes mesmo de que eu terminasse a graduação já havia sido superado, mas eu tive que trabalhar por óbvio, porque de fato a minha família não tinha condições nem mesmo de garantir o transporte.

Com relação a amigos eu não tinha muitos, apenas os colegas de escola e, como nenhum deles deram prosseguimento aos estudos, acabamos ficando distantes, isso porque até mesmo antes do CCP eu apenas ia de casa para a escola e da escola para casa, então não nos relacionávamos fora daquele espaço. O cursinho me trouxe muitos e bons amigos e causas comuns a que lutar em busca de uma sociedade melhor.

Nesse caso ficar sem trabalhar na época em que fazia o CCP foi um problema?

Mais ou menos, foi porque como eu disse que uma vez acabado o ensino médio se pressupõe que devemos entrar no mercado de trabalho, então, eu gostaria de poder ajudar em casa, por outro lado não foi porque mesmo com todas as dificuldades financeiras e minha família achando que era uma coisa utópica, meus pais não cobravam uma participação financeira minha e de certa forma apoiava e entendia que apenas pelo estudo poderia ocorrer alguma transformação socioeconômica.

E trabalhar na época da graduação foi um problema para a sua formação? Para o seu desenvolvimento?

Sim foi, pois prejudicou no sentido de desempenho, mas não tive muita escolha, pois sem trabalhar não poderia ter custeado nem mesmo o meu deslocamento até a faculdade; o emprego pagava pouco, mas ajudava muito e embora muito desgastante física e emocionalmente por trabalhar com pessoas em situação de rua, eu cresci muito enquanto cidadã

As expectativas de quando você entrou no CCP foram cumpridas?

Sim, eu acredito que até foram superadas, porque quando eu entrei no cursinho e pensava em um curso, em uma graduação, sem querer desmerecer nenhum curso, eu sempre pesava que seria o mais fácil de todos, embora não tivesse bem ao certo qual seria o mais fácil, eu tinha uma ideia de que se não fosse algo extremamente fácil, não iria conseguir.

Agora, até mesmo aquelas expectativas que eram mais lúcidas e mesmo aquelas de época de graduação foram superadas também.

Pensando em novas expectativas, eu estou sempre a pensar em que posso melhorar, e hoje entendo que sempre posso mais.

Como você se enxerga enquanto aquele que buscou na educação elementos de superação? E houve melhora em sua vida depois do cursinho e da graduação?

comparado com antes, sim; eu tenho um irmão que costuma dizer que éramos miseráveis e agora somos pobres e partindo disso não significa que eu esteja em um padrão socioeconômico que eu entenda ideal. Entretanto comparado com antes posso dizer que a minha vida financeira e intelectual deu um salto significativo.

Pensando no projeto que é o CCP qual experiência você mais gostou?

Eu gostei da interação, do apoio, do fato de ter outras pessoas no grupo buscando o mesmo objetivo e em um contexto socioeconômico que não era diferente do meu, sendo pessoas com dificuldades tão grandes quanto as minhas, e em alguns casos com dificuldades ainda maiores, mas todos com um objetivo em comum e sabendo que poderia contar um com os outros, tendo consciência que o esforço empregado seria grande, mas com esperanças de ter a vida transformada por meio do estudo.

E ainda pensando no projeto do CCP quais aspectos negativos você consegue pontuar?

Não posso dizer que houve, eu que acredito que poderia estar mais perto do CCP hoje, durante um tempo até fui voluntária lá, porque a nossa formação é de fato uma formação cidadã, e eu procuro manter esse lado social, sempre atendendo até aqueles casos que não traria muita vantagem ao advogado, mas que é primordial para o cliente, então tento sempre fazer minha parte, posso dizer que sou uma cidadã atuante politicamente e socialmente, embora não tenha vínculos com a política profissional e nesse momento não seja voluntária direta em nenhum projeto social.

Entrevista com Pedro

Preliminares:

A entrevista com o Pedro foi uma das mais fáceis a ser marcada, por ter dividido uma parte do momento em que estive no CCP com ele e por ele ser um amigo da família de minha esposa desde sua adolescência, mesmo antes de entrar no cursinho, isso porque meu cunhado havia estudado com ele no colégio, minha sogra foi merendeira nesse mesmo colégio e assim que eu entrei em contato e expliquei a necessidade da entrevista ele propôs que eu fizesse na casa de minha sogra e assim poderia rever a todos, pois havia um ou dois anos que não se encontravam.

Na terça feira do dia 11 de julho de 2017 nos encontramos no local marcado e sugerido pelo entrevistado, e depois que todos saíram do ambiente para que tivéssemos maior privacidade expliquei como seria a entrevista e a importância de que o entrevistado estivesse livre para posicionar suas respostas e informar tudo que lhe fosse pertinente mesmo que não se referisse a pergunta.

A entrevista (11/07/2017):

Qual a sua idade?

Farei trinta e três em alguns dias.

Como você se define em relação a sua cor?

Parda.

Qual foi o curso de escolha e por quê?

Publicidade e Propaganda e porque eu queria fazer alguma coisa ligada a comunicação, e decidi por Propaganda por acreditar ser uma profissão bacana, interessante. Digamos que eu entrei até com uma certa ilusão do que era o universo da Propaganda, entendendo que seria uma carreira que valorizasse a criatividade, a inventividade e o sair da rotina, também entrei porque pensei que pagasse melhor que o Jornalismo, depois fui descobrir que não, na verdade antes mesmo de entrar na faculdade, mas já havia feito a minha escolha.

Eu pensei que mesmo a Comunicação Social sendo um mercado saturado pelo grande número de profissionais no mercado eu pudesse me destacar.

Qual foi a universidade de escolha? Foi a cursada?

Eu fiz ECA na USP e eu não vou negar, primeiro por uma questão de *status*, mas também porque as figuras que eu idolatrava na época eram “ex-ecanos”, segundo por uma questão de praticidade porque não existia e ainda não existe em nenhuma outra universidade pública da região metropolitana de São Paulo o curso de comunicação, São Carlos tem curso de Audiovisual, mas ainda fica muito longe daqui, havia Comunicação na Unesp de Bauru, e até um tempo atrás não tinha moradia e isso era fundamental para minha permanência, não era possível eu prestar em um lugar onde não tivesse esse tipo de bolsa, por isso eu até prestei, mas para uma outra cidade e um outro curso, assim como prestei outro curso na Unicamp, lá ainda não havia o curso de Multimídia, e passei em todos, mas minha primeira opção de curso e de faculdade era a USP.

E aqui na USP como foi sua locomoção ou estadia? Porque ela ainda é muito longe de Guarulhos e sobretudo da região dos Pimentas.

Mesmo sendo na USP eu tive bolsa moradia por toda minha graduação, ficaria muito caro e muito difícil de se locomover em torno de quase duas horas para ir e duas para voltar todos os dias.

Qual ano que você entrou no Cursinho Comunitário Pimentas (CCP)?

Foi no ano de 2002.

E qual o ano que você começou na faculdade e mês e ano de sua formação?

Entrei no início de 2003 e me formei em julho de 2008.

Como ocorreu sua aproximação com o CCP?

Primeiro que o Rômulo que é um dos idealizadores do projeto e um dos coordenadores até hoje foi meu professor na época do ensino médio e, também nesse ano o cursinho teve bastante adesão de alunos vindo da escola e entorno de onde estudei, então esse círculo de amizade e essa ligação boa com os professores de minha escola foi importante, eu concluir o Ensino Médio em 2001 e já fazia cursinho junto com o terceiro ano, prestei vestibular naquele ano e não passei, mas estava sempre estudando.

Esse cursinho que você fez em 2001 era gratuito ou pago? Onde ele se localizava?

Ele era privado mais tinha uma iniciativa social, era o cursinho da poli da USP, esse cursinho começou pela iniciativa do grêmio politécnico da USP, sendo um projeto social e depois foi se expandindo e se tornando privado, embora o preço da mensalidade fosse bem

menor que os demais cursinhos²⁹. Eu fui para lá pela questão do preço e da indicação do professor Rômulo, que era meu professor na escola.

Quais as maiores dificuldades referente ao aprendizado enquanto esteve na graduação?

O curso de Comunicação Social é muito mais técnico do que científico e, eu buscava dar mais atenção a teoria, enquanto o restante da classe era mais voltados a colocar a mão na massa até por uma questão econômica e de proximidade com as atividades profissionais de seus familiares que já eram envolvidos na área.

Você consegue ver diferenças no esforço empregado para seu aprendizado comparando com o esforço dos colegas de turma?

É bom lembrar que a necessidade de trabalhar era menor para eles do que para mim, na época já havia a empresa Junior de Propaganda que era uma agência como todas as outras, só que tinha diretoria rotativa e nós alunos que fazíamos parte dela, vez ou outra, éramos chamados para fazermos trabalhos para a empresa e tínhamos que se dedicar integralmente a essas atividades, mas eu tinha uma necessidade de me manter economicamente, então nunca fiz parte da empresa Junior e todas as oportunidades de desenvolver as técnicas vinculadas à universidade seguiam o mesmo padrão, com o aluno ficando aproximadamente um ano sem receber e eu tinha que trabalhar para me sustentar no curso.

Eu não vou dizer que foi só isso que me prejudicou na carreira, que foi só isso que fez com que eu não seguisse a carreira de propaganda porque tem a questão pessoal também, a questão de personalidade, mas no mundo da publicidade tem muito *network*³⁰, e eu precisava ganhar dinheiro e me manter e não poderia estar participando desse mundo de criar relações, me dedicando a esse tipo de atividade.

Você já afirmou que não trabalha na área em que se formou, nesse caso, hoje você trabalha em qual área? No setor público ou privado? Mas antes me fala um pouco de sua trajetória no mercado de trabalho até esse momento?

²⁹ O Cursinho da Poli é um projeto de educação sem fins lucrativos criado em 1987 por um grupo de estudantes de Engenharia da Escola Politécnica da USP, dez anos depois os coordenadores do cursinho, sem conhecimento e aprovação do Grêmio Politécnico, se organizaram e criaram o IGPDE (Instituto do Grêmio Politécnico para o Desenvolvimento da Educação), que passou a administrar juridicamente o cursinho, e a cobrar mensalidade.

³⁰ Network é uma corrente de conexões que se cruzam em intervalos regulares, envolvendo contatos e relacionamentos que podem ajudá-lo a alcançar seus objetivos profissionais.

Eu sempre trabalhei no setor público e cheguei a trabalhar com propaganda, mas isso foi na época em que eu estava na prefeitura de Guarulhos onde trabalhava na secretaria de comunicação, isso foi entre 2009 e 2014, eu trabalhei com mídia, com atendimento, com assessoria de imprensa e por fim trabalhando com mídias sociais que é algo mais atraente para mim; eu não continuei nessa área porque a prefeitura paga muito mal, chega a pagar menos que o Estado, o Estado já não paga muito bem, então como eu tinha a necessidade de ganhar mais, eu prestei outro concurso para trabalhar na área da defesa do consumidor e deixei de trabalhar com propaganda.

A tua escolha pelo setor público foi uma escolha deliberada desde o início ou houve alguma dificuldade de encontrar emprego depois de formado? O que aconteceu nesse momento de final de graduação e entrada no mercado de trabalho?

Eu fui mais empurrado mesmo para o setor público, porque durante a graduação eu já prestava concurso público; eu cheguei a prestar por uma questão de sobrevivência, cheguei a trabalhar um curto período no Banco Caixa Econômica, mas meu foco era trabalhar no setor privado que acaba empregando mais nessa área de comunicação; mesmo no setor público, a gestão pública faz contrato com empresas privadas, mesmo tendo uma secretaria de comunicação tem alguns serviços que são repassados para agências privadas e como eu não conseguia emprego no privado eu fui me direcionando cada vez mais para o setor público.

Voltando um pouco no tempo quais eram as tuas expectativas de vida antes de ingressar no cursinho?

Eu esperava hoje está em uma situação financeira melhor, não ganhando rios de dinheiro, porque eu já sabia que o mercado de comunicação era um pouco saturado, mas esperava estar trabalhando com a área em que me formei e no setor privado com uma carreira mais ou menos estável. Não que eu esteja reclamando, hoje eu até prefiro a estabilidade do setor público, mas se eu for pensar sob a questão da realização profissional, não era a aspiração que eu tinha.

Qual a dimensão que o CCP teve em sua formação?

O CCP me estimulou a ter mais autonomia, eu acho que até no período de graduação eu poderia ter sido mais proativo, mas o que eu fiz eu devo ao CCP porque o estímulo para buscar os nossos direitos e abrir os nossos caminhos era grande, além de trabalhar muito a questão da solidariedade.

Depois de formado você voltou a fazer outro curso?

A nível de graduação não, fiz um ou outro curso de aperfeiçoamento ligado ao trabalho, mas só.

Voltando à questão racial, você enxerga se houve alguma facilidade ou dificuldade devido a sua cor em sua trajetória de vida?

Não vou dizer que não teve por conta de etnia, por conta da raça, mas eu percebia menos isso, talvez seja até uma percepção minha, mas eu via mais uma questão social, tanto pela falta de poder econômico, tanto pela falta de tato para estar em um ambiente que não estamos acostumados, porque você se locomover daqui dos Pimentas para o Butantã parece uma viagem internacional porque é um outro país, por conta disso eu senti muito essa diferença.

Qual a relação dos demais membros familiares com a educação e com o trabalho, qual a formação deles? Em que eles trabalham?

Em minha casa quem tinha mais formação era meu pai que faleceu quando eu tinha sete anos de idade, ele quem tinha a maior formação, havia concluído o ensino médio e trabalhava em uma montadora, a minha mãe fez o fundamental, ela trabalhava como costureira, mas isso antes que eu nascesse, depois passou a cuidar do lar e depois que meu pai faleceu passou a ser pensionista, meu tio que ajudou a me criar trabalhava em indústria química e também só havia feito o fundamental e não concluiu o ensino médio. No ano em que eu entrei no cursinho, meu tio ficou desempregado; hoje ele é aposentado, mas na época eu virei arrimo de família. Então, quando eu cheguei à graduação, tive essa responsabilidade a mais; dessa forma, não tinha como me dedicar de modo integral, pegar um ano e estabelecer como um ano sabático, trabalhar com agência na modalidade de estágio não remunerado criando um portfólio que pudesse me projetar para um emprego melhor.

Desse modo ficar sem trabalhar na época do cursinho foi um problema?

Sim, foi. Mas, não um problema para o estudo, muito pelo contrário, o tempo era dedicado para isso, mas eu sabia que no ano seguinte eu teria que me virar de algum jeito, foi o ano em que entrei na graduação. Pressão da família não havia, mas eu percebia que precisava estar trabalhando para ajudar em casa, porque você percebe isso na hora em que chega as contas.

Como a relação dos estudos afetou a relação com a família e o ciclo de amigos, se afetou?

A família não chegou a afetar tanto porque a minha mãe tinha essa preocupação que eu estudasse, ela tinha isso na cabeça de que era importante eu estar estudando e se dedicando ao estudo, já relação ao círculo de amizade, acredito que fiz até mais amigos do que antes; estar no CCP era um fator agregador, você faz novos amigos pelo círculo de solidariedade.

Como você se enxerga enquanto aquele que buscou na educação elementos de superação? Houve melhora em sua vida depois do cursinho e da graduação?

Se for avaliar pelo aspecto financeiro eu acho que nem tanto, embora que uma graduação acrescenta na renda, possibilita pleitear uma vaga em concurso público que pague um pouco melhor, mas acredito que a transformação foi muito mais interna, de cabeça e cultural, houve uma mudança na concepção política e cidadã, a financeira aconteceu, mas foi menos do que eu esperava.

Entrevista com Davi

Preliminares:

A entrevista com Davi foi a primeira que realizamos entre os ex-alunos do CCP, ao ligar para ele encontramos uma ótima recepção, e ele se demonstrou bem à vontade em dar o depoimento e contar um pouco de sua história. Marcamos a entrevista para alguns dias depois de conversamos por telefone e assim foi.

A entrevista (18/06/2017):

Qual a sua idade?

33 anos.

Como você se define em relação a sua cor?

Branco.

Qual curso que você escolheu e por quê?

Eu escolhi Engenharia Mecânica porque eu já tinha trabalhado na área da mecânica, pois eu tinha curso técnico da área da mecânica e isso me motivou a fazer Engenharia mecânica. Tem uma área específica que é fabricação mecânica que eu já trabalhava e como eu gosto pensei em fazer Engenharia Mecânica para aprender mais.

Qual a Universidade de Escolha e qual a Universidade cursada e por quê?

A Universidade de escolha o ITA – Instituto Tecnológico de Aeronáutica – porque escolhendo uma carreira militar eu teria uma remuneração durante o curso, o que mais me motivou a querer fazer o ITA. Meu plano “B” era a Poli-USP e acabei passando e depois de um mês lá eu vi que a Poli-USP era melhor opção, então fiquei satisfeito e realizado.

A distância até a Poli chegou a ser um problema?

A Poli não era tão distante como seria o ITA, mas eu estava disposto a mudar. Se bem que para ir e voltar todos os dias da Poli era meio trabalhoso, tanto que depois acabei mudando para lá também.

Qual foi o ano que você entrou no CCP? E na faculdade?

No CCP eu entrei em 2002 e na primeira faculdade que eu entrei foi a FATEC em 2003 no curso de Processo de Produção, e fui até a greve de 2004 que foi o fator que me desmotivou dar continuidade. Aí em 2005 eu entrei em Física na USP e em 2007 em Engenharia na USP.

Você lembra o que fez você deixar o curso de Física?

Na verdade, eu entrei sem querer, nesta época eu já queria estudar no ITA e fazer Engenharia, e pensei em começar Física e continuar me preparando para o vestibular do ITA, mas depois que eu estava lá dentro em pouco mais de um mês eu vi que o que estava aprendendo não iria me ajudar no vestibular, aí eu desistiu da faculdade de Física e fiquei só no CCP estudando para o ITA.

No curso de Engenharia eu entrei em 2007 e concluí em 2012.

Voltando um pouquinho para as questões referentes ao CCP, como que aconteceu a tua aproximação com o CCP?

O CCP foi inaugurado em 2002 exatamente o ano em que estudei, eu cheguei lá pela indicação de uma tia minha que tinha uma conhecida que conhecia o Rômulo e ficou sabendo da oportunidade, mas eu já estava me preparando financeiramente para fazer outro, que era longe e caro para as minhas condições, neste momento eu trabalhava, mas fiquei sabendo deste cursinho no bairro e gratuito.

Quais as maiores dificuldades referentes ao aprendizado enquanto você esteve na graduação, se é que houve?

As minhas maiores dificuldades na graduação foram com a parte de demonstração, dos teoremas, as partes mais teóricas.

Você consegue ver diferença para o seu aprendizado comparando com o esforço empregado pelos colegas de turma?

Eu acho que meu esforço foi na média, havia uns que se esforçavam mais e outros menos, mas acho que esta quantidade de esforço foi o suficiente para eu ir muito bem, não foi nem muito nem pouco, o curso era integral e eu me dedicava.

Você trabalha na área para que se formou?

Depois que acabei Engenharia estou em meu terceiro emprego, meu primeiro emprego foi em uma indústria e inicialmente eu não entrei na área para que me formei, mas depois mudei de setor e comecei trabalhar na área, mas fiquei pouco tempo; meu segundo e terceiro emprego foi fora da área.

Sendo o primeiro no privado e o segundo e terceiro no setor público.

E neste aspecto podemos dizer que houve dificuldade de arrumar emprego depois de formado?

Houve sim, eu participei de vários processos seletivos e alguns até avancei algumas fases, mas nenhuma tive êxito, a concorrência era alta. Eu fiquei um ano e meio desempregado depois que sai da faculdade.

A que você atribui esta dificuldade?

Existe algumas questões, a concorrência devida o número de vagas oferecidas e a quantidade de pessoas formadas na área, outra questão foi a crise financeira que o país estava passando na época. Em geral os colegas de turma que conseguiram emprego foi porque deram sequência no estágio.

Já para aqueles que mudaram de emprego depois do estágio também tiveram dificuldade. Os que tiveram menos é porque tinham inglês fluente ou porque fizeram intercâmbio.

Quais eram as tuas expectativas de vida antes de ingressar no CCP?

Eu não tinha muitas expectativas. Antes de entrar no CCP eu já trabalhava na área da mecânica, eu queria fazer um curso de engenharia mecânica e evoluir na área que eu já

estava trabalhando passando de um técnico para um engenheiro. Que não é a mesma expectativa que tenho hoje, não é a mesma que eu tinha no passado.

Qual a dimensão que o CCP teve em sua formação?

Mais a questão de cidadania, de solidariedade, de voluntariado que veio agregar para mim.

Depois de você ter acabado a graduação de Engenharia você voltou a fazer algum outro curso?

Sim, eu voltei e comecei a fazer o curso de Licenciatura em Matemática.

Qual foi o motivo para você ter voltado a fazer esta outra graduação?

Primeiro porque eu gosto de Matemática, de dar aula, era uma outra graduação que sempre tive vontade de fazer, sou voluntário aqui no CCP fazem muitos anos dando aula de Matemática e porque eu tinha tempo livre à noite. Estes fatores me motivaram cursar a graduação em Licenciatura em Matemática.

E quais são as tuas expectativas para além desta nova graduação?

Quando eu pensei em fazer esta segunda graduação eu não tinha muitas expectativas, eu fiz mais porque eu gosto e para passar o tempo, como disse estava com tempo livre, foi por prazer e não obrigação.

Quais a relação dos demais membros do CCP com a Educação?

As gerações mais antigas da minha família não têm curso superior, mas eu tenho primos e primas que fizeram.

Quanto aos meus pais, tanto meu pai quanto minha mãe não terminaram nem o ensino fundamental I, estudaram até quarta ou quinta série no máximo.

Em que os membros de sua família nuclear trabalhavam na época em que você foi aluno do CCP?

O meu pai era autônomo e é até hoje tapeceiro e minha mãe era operadora de máquina em indústria, foi minha mãe que me influenciou.

Com relação aos estudos, sobretudo, na época do CCP como eles afetaram a sua relação com a família e com os amigos, se é que afetaram?

Com minha família eu não tive problemas, eu tive um apoio porque eles queriam que eu estudasse. Em relação aos amigos quando eu entrei no CCP fiz novos amigos com objetivos em comum, com isso, as amizades ficaram mais restritas.

Na época em que você foi aluno no CCP você trabalhava, isso chegou a ser um problema?

Não, porque mesmo trabalhando eu reservava um tempo diário para os estudos, por exemplo, eu lembro que eu ia e voltava em um ônibus fretado que é mais confortável que um coletivo normal aí eu estudava no trajeto do trabalho e também estudava no intervalo do almoço e, além de, estudar no final de semana, no final de semana era só cursinho e os estudos em casa. Apesar de trabalhar eu conseguia arrumar tempo para estudar.

As tuas expectativas do final de sua graduação foram cumpridas ou não?

Minha expectativa de antes da graduação era trabalhar na indústria, minhas expectativas mudaram, talvez trabalhar na mecânica tudo bem, mas na indústria não mais, pretendo continuar na área pública.

Pensando no CCP você consegue lembrar algum aspecto negativo desta experiência?

Não, mas vou falar de um aspecto que é negativo pensando especificamente no vestibular, mas que pode ser uma coisa boa, o cursinho se ocupa muito de questões ligadas a cidadania e não é o foco dos exames, mas essa é a identidade do CCP que talvez o faça mais forte.

Entrevista com Simoni

Preliminares:

O contato com Simoni foi bem interessante, pois eu conhecia parte de sua história, a da época da graduação, mas pouco sabia da história que precedia e de como havia sido o desdobramento depois de formada, e por sermos conhecidos e existir muito carinho pela história um do outro, embora um pouco distante pelo tempo e espaço, ficamos felizes em poder se reencontrar. No entanto, remarcamos este depoimento por algumas vezes, por uma questão de imprevistos que mudava a agenda de Simoni, o que nos permitiu relembrar um pouco sobre os tempos de pré-vestibular e graduação como uma espécie de preparação ao depoimento.

A entrevista (30/11/2019):

Qual a sua idade?

35

Qual o curso de sua escolha?

Logo depois de entrar no cursinho comecei a pensar em Fonoaudiologia.

Qual curso e qual universidade de tua escolha e por quê?

Já no comecinho eu escolhi Fonoaudiologia, e eu queria fazer na USP porque quando entrei no cursinho era a universidade pública que eu conhecia, se falava muito da USP, acho que hoje é diferente, mas eu ouvia muito falar da USP, então para mim era a única opção e também pelo nome, eu achava que teria que ser lá; vim conhecer as outras universidades públicas depois de entrar no cursinho.

Em que ano você entrou na Universidade?

Eu entrei na Unesp em 2005 e me formei em 2008.

E no CCP em qual ano você entrou?

Entre em 2003 e fiquei por dois anos.

E você lembra como foi sua aproximação com o CCP?

Eu trabalhava na cantina da escola onde o Professor Rômulo o idealizador do CCP lecionava, então a gente conversava muito nos intervalos das aulas e ele me falou do CCP e me interessei, já era final de ano e iria começar a próxima turma, aí fui lá conhecer, na época havia processo seletivo e participei.

Você estudava também na escola em que trabalhava?

Não, eu apenas trabalhava na cantina.

Quando você estava na universidade quais as maiores dificuldades referentes ao aprendizado?

O mais difícil foi ter feito um curso de período integral, mas eu acho que quando entrei no CCP sentir muita defasagem e isso fez com que nos dois anos que estive lá estudasse

muito, e aí fui dando conta de uma série de coisas que depois facilitaram minha vida na graduação.

Você consegue ver alguma diferença no teu esforço empregado para o teu aprendizado comparando com o esforço de seus colegas de turma?

Com certeza, principalmente porque algumas delas tinham o hábito e o ritmo de estudo. Eu sinto que eu não tinha isso, a gente termina o Ensino Médio e vai trabalhar, e eu acho que minhas colegas de turma tinham mais dentro do dia a dia delas uma questão voltada para o estudo.

Você trabalha na área em que você se formou?

Sim, eu atuo na área.

No setor público ou privado?

No público.

Sempre no setor público?

Quando acabei a faculdade eu passei no concurso para trabalhar como atendente SUS, que é atendimento ao público nas unidades básicas de saúde, aí fiquei nove meses nesta função e depois fui chamada em outro concurso que era de minha área mesmo.

Este do atendente SUS demorou quanto tempo para você ingressar nele?

Fiquei quase dois anos, acho que um ano e nove meses.

Olhando para trás, você diria que houve ou não dificuldade em encontrar emprego depois de formada?

Sim, e bastante, é que eu tinha já prestado vários concursos e nem todos eram na minha área, justamente porque não tinham tantos assim, e acabou dando certo depois de um tempo em minha área, tanto é que eu cheguei a trabalhar em outra área.

No setor privado você tentou?

De uma forma muito tímida, porque era muito difícil.

A que você atribui a dificuldade essa dificuldade em acessar o mercado de trabalho?

Acredito que a falta de experiência, porque na minha área especificamente tem uma demanda grande; são poucos profissionais com esta formação e tem uma demanda né,

mesmo assim eu senti mais facilidade em iniciar no serviço público que não exige essa experiência do que no setor privado que exige esta experiência.

Você consegue lembrar qual era as suas expectativas antes de ingressar no CCP?

Eu tinha vontade de fazer faculdade, mas eu não me via empregada no setor público com as garantias que tenho, nunca, eu achava que com muito esforço um dia talvez fosse professora de português, mas eu sempre imaginei empregos mais simples mesmo, atendendo em supermercado, trabalhando como caixa, trabalhando no comércio local era o que eu esperava.

Qual a dimensão que o CCP teve em sua formação?

O CCP foi um grande divisor de águas mesmo, e não só porque me possibilitou entrar em uma universidade, e que esta formação me levasse ao mercado de trabalho, mas acho que ampliou muito a visão de mundo, meu senso crítico. Foram muitas experiências que foi muito além do ensino aprendizagem, esta é uma proposta que o cursinho traz mesmo, outras experiências de conhecer outras pessoas, outros lugares, outras causas, de inclusive conhecer partidos políticos. O cursinho me engajou e me encorajou em muitas coisas ali, e isso faz muita diferença, eu sair outra pessoa de lá, não só cumprir com o objetivo que eu entrei lá tendo, me abriu muitas portas e abre até hoje, tantos anos depois.

Depois que você acabou a graduação fez algum outro curso? Alguma graduação?

Graduação não, eu fiz uma pós recente que é em educação na saúde.

Vou voltar um pouco em uma das primeiras perguntas, sobre a questão racial. Houve alguma vantagem ou desvantagem devido a sua cor em sua trajetória de vida?

Em relação a cor não consigo identificar, agora, classe social sim.

Comenta um pouco mais sobre esta perspectiva.

É como eu te falei, as pessoas me olham e não me identificam; na área da saúde é bem raro pessoas negras e aí a gente vê uma questão que é forte e bem chata. Comigo não acontece de ser tão incisivo porque não me veem como negra por eu ter o cabelo liso e a pele dita “morena”, agora em relação ao lugar, eu vejo e sinto muito preconceito: até hoje eu moro e trabalho aqui nos Pimentas com colegas de fora que me veem como um bicho estranho, não entendem por que eu não me mudo daqui. Por exemplo, alguns chegam a questionar do porquê eu moro neste lugar, quando isso para mim é óbvio, principalmente porque é perto de

meu trabalho e não tem por que não morar aqui; além do mais, me sinto devolvendo para sociedade o que eu recebi de conhecimento, mas é uma coisa que causa estranheza, as pessoas não entendem, e as vezes não sei lidar com isso, não.

Na busca pelo emprego depois da graduação seu gênero teve algum peso para ser um facilitador ou complicar? Sei que você disse buscar mais pelo emprego público via concurso, mesmo assim pergunto.

Não, porque minha profissão é predominantemente feminina, então não tive dificuldade neste sentido.

Falando um pouquinho de seus familiares, qual era a relação dos demais membros da tua família com a educação, qual a formação deles e quais atividades trabalhistas, sobretudo na época que você fazia o cursinho?

Sobre a minha família a maioria deles hoje é da área da educação, mas nem sempre foi assim; isso é recente, quando eu entrei no CCP muitos não entenderam, porque ninguém tinha feito cursinho. Eu tinha só dois tios com nível superior, um se formou em Letras e o outro em Matemática e para eles era assim: você trabalhava de dia e pagava a faculdade à noite; não havia necessidade de cursinho, universidade pública era uma coisa inviável, era uma coisa utópica e com isso eles demonstravam muita preocupação. Era como se estivesse perdendo tempo, me iludindo, sendo iludida por alguém por ser muito jovem. As outras pessoas de minha família, meu pai era ajudante geral em linha de produção, minha mãe era servidora pública em uma escolinha, em uma creche da prefeitura de Arujá, município vizinho de Guarulhos, mas sem nível superior. Na verdade, eu fui a primeira a entrar em um cursinho, a fazer uma universidade pública, depois de mim vieram outros que entraram para universidades públicas e privadas.

A tua relação com os estudos na época do CPP chegou a afetar a tua relação com a família e com os amigos?

Afetou muito principalmente em meu segundo ano de CCP, como era uma dedicação muito grande, não tinha mais tempo para a família, para estar com os amigos que não estavam com este mesmo propósito, foi difícil, foi um tempo mais solitário, porque não tinha tempo mesmo, era uma dedicação muito grande, então meus amigos passaram a ser os do CCP que estavam lá no mesmo objetivo. Com a família foi bem difícil no início por não aceitarem, por não entenderem, e no primeiro ano eu não fui aprovada nos vestibulares, então foi muito difícil continuar no segundo ano porque eles não viam o resultado e por isso foi bem

difícil, eu intensifiquei os estudos e pedi demissão do trabalho lá cantina da escola e aí ficou bem difícil e a questão de gênero, de ser mulher, pesou porque era assim, eu podia estudar, podia pedir demissão do trabalho, mas eu tinha que continuar dando conta de uma série de obrigações em casa, limpeza da casa, faxina, lavar e passar roupa, cuidar de meu irmão mais novo, tudo isso eu tinha que fazer, e eu via que os meninos do CCP não tinham esta obrigação, eu gastava muito tempo em tarefa doméstica e isso me prejudicou, mas eu tinha que fazer, não tinha este apoio, vai estudar deixa essa louça aí, “risos”, você pode estudar mas primeiro lava a louça.

As tuas expectativas de antes de entrar no CCP foram alcançadas?

Elas foram superadas, é como te falei no início, até hoje ter passado pelo CCP me abre portas, portas muito importantes, eu trabalho hoje em uma área que não faço atendimento direto aos pacientes, eu trabalho na gestão, então conhecer os Pimentas, conhecer a política, a micropolítica da região que foi através do CCP e ter feito os contatos que fiz a partir do CCP me ajudou muito até hoje em meu trabalho. Não era uma coisa que eu esperava, eu acreditava que iria aprender um monte de coisa que não aprendi na escola para passar no vestibular, isso aconteceu, era o objetivo inicial, mas não ficou só nisso; para entender, já faz dezessete anos e até hoje eu ainda tenho efeito daqueles dois anos e do tempo que fiquei como voluntária.

E as expectativas de antes do fim da graduação também foram cumpridas?

Quando a gente se forma é bem sonhador, então as expectativas que eu tinha era me formar, trabalhar no serviço público e devolver o que eu aprendi para a sociedade e essa opinião eu formei dentro do CCP, aprendi lá, e deu certo: eu me formei, fiz uma pós-graduação em saúde coletiva, trabalho na minha região e com isso cumpri os objetivos.

Como você se enxerga como aquela que buscou na educação elementos de superação?

Houve muita melhora em minha vida e tanta, que as vezes a gente nem se dá conta né. Eu morei a vida toda aqui nos Pimentas, sai quatro anos para estudar e voltei e fiz minha vida aqui e tenho contato com as mesmas pessoas desde sempre; é muito nítida a diferença. Por exemplo, quando eu encontro colegas do passado da escola que hoje é caixa em supermercado, eu penso: Que diferença! Ainda bem que eu tive uma oportunidade que me lançou para outros lugares; a gente está no mesmo lugar, mas temos vidas totalmente diferentes, tanto em relação a salário, tanto em relação a conhecimento, tanto em relação à

realização e à cidadania mesmo: onde cobrar, de quem cobrar, o que fazer diante de um problema.

Você consegue enxergar algum ponto negativo no CCP?

Eu observo um aspecto negativo, não que tenha me atingido. O CCP abre portas e é uma esperança no meio de um monte de jovens perdidos na periferia sem perspectiva de nada, e quando estes jovens chegam lá a gente é apresentado para um mundo de possibilidades e vamos descobrindo aos poucos que podemos chegar bem longe, que podemos ser o que quiser, que podemos ser médicos que dará certo, que podemos ser professor que dará certo, você vai conseguir, uma hora ou outra você vai conseguir, hoje o CCP tem muitos alunos inclusive estudando medicina, direitos e outros cursos que são bem concorridos e que a gente pensa que são inatingíveis para pessoas como nós, só que eu vejo que tem um ponto que o CCP não avançou porque para muitos alunos que passaram pelo CCP foram à universidade tiveram muita dificuldade de se inserir no mercado de trabalho e acho que é uma questão que tem que ser pensada, porque vejo muita gente boa que estudou em universidades excelentes e que ficam desempregadas mesmo sendo profissionais muito competentes então penso que faltou uma certa continuação, tipo depois que você se forma e agora? O que você faz? Onde você busca? Acredito que tem que ter esta continuidade porque não é todo mundo que vai se formar e vai prestar um concurso público e entrar, tem muitas carreiras e as pessoas deveriam poder se destacar, e isso me deixa muito triste, pois a pessoa pode ter feito tudo que o CCP propôs e ficar com a sensação de morrer na praia.

Apêndice - 3

Entrevistas dos alunos que se encontram no último ano de graduação

A ideia de entrevistar alunos que estejam em seu último ano de graduação se deve a busca de registrar as suas expectativas em relação ao fim desse ciclo e o início de sua vida no mercado de trabalho após formado, e posteriormente voltar a entrevistá-los um ano depois de sua formação.

Entrevista com Bruna

Preliminares:

A primeira pessoa a quem entrevistei nessa modalidade de aluno do último ano de graduação foi a Bruna que é uma pessoa muito engajada no CCP como voluntária, em minhas visitas sempre a encontrava por lá dando algum apoio a atividade do dia, que fosse um simulado, uma atividade cultural, um sarau ou um debate sobre temas afins como feminismo, entre outros, essa interação constante com CCP tornou pertinente ouvir essa ex-aluna.

Conversei com ela sobre o que se tratava a tese e a tomada dos depoimentos e a disponibilidade de realizarmos a entrevista e de retornarmos a fazer uma outra um ano após formada, ela se demonstrou muito acessível e agendamos a primeira para o dia 29 de julho de 2017 e assim fizemos.

A entrevista (29/07/2017):

Qual a sua idade?

Eu tenho 24 anos.

Como você se declara enquanto sua cor?

A cada dia que se passa me declaro mais negra, pois compreendo o que significa isso, não se refere apenas à tonalidade da pele, não sou muito escura, mas tenho muitas características de negra e carrego o bônus e o ônus disso.

Curso de escolha e por quê?

Eu estou cursando Lazer e Turismo, na época da escolha eu decidi por esse curso porque eu queria trabalhar com eventos, pensei também em Relações Públicas, mas um pouco por insegurança quanto ao vestibular optei por Laser e Turismo considerando que na Relações Públicas eu também pensava com intensão em trabalhar com eventos.

Qual a universidade de sua escolha e por quê? É a que você é aluna hoje?

Eu estou cursando na Universidade de São Paulo – USP – porque eu não conseguir passar na Unesp, meu sonho era passar na Unesp e ir para o interior.

Por que esse desejo de ir para o interior?

Em parte, porque eu queria ficar um pouco longe da família, eu pensava que seria melhor para se dedicar aos estudos e para sair da periferia.

Qual foi o ano em que você entrou no Cursinho Comunitário Pimentas (CCP)?

Eu entrei em 2010 e fiquei durante os anos de 2010 e 2011 como aluna.

E qual ano em que você ingressou na graduação?

No início de 2012.

Como se deu a sua aproximação com o CCP?

O meu pai tinha uma amiga de trabalho que era mãe de uma ex-aluna do CCP, então, quando eu ingressei no ensino médio, meu pai já falava que aqui na região existia esse cursinho e dizia que eu deveria procurar saber sobre para estudar aqui, ao mesmo tempo eu tinha duas amigas da igreja que, um ano antes de minha entrada no cursinho, elas estudavam aqui e eu já vinha com elas para os eventos que aconteciam, como as apresentações de documentários, aulas de reforço, de cidadania.

Pensando na graduação quais as maiores dificuldades referente ao aprendizado até esse momento, você consegue precisar isso?

Sim, eu acho que o primeiro ano foi muito difícil para mim, eu tive muitos problemas com os textos, com a bibliografia, como eu havia estudado a vida toda em escola pública e de baixa qualidade, apesar de ter ficado aqui no cursinho por dois anos, tinha uma defasagem muito grande, aí quando cheguei à universidade o primeiro ano achei que não daria conta, e entrei em várias crises, muitas vezes o professor passava o texto e eu imaginava que nunca conseguiria entender.

Nesse mesmo sentido você consegue ver diferenças no esforço empregado para seu aprendizado comparando com o esforço dos demais colegas de turma?

No começo sim, havia muitos colegas de turma vindos de escolas muito boas e imagino que por isso sabiam lidar de uma forma muito mais fácil do que eu com o conteúdo que era passado em aula. Imagino que a origem de nossa educação foi determinante, tanto para que eu fosse pior do que eles no início, quanto para eles irem melhor por se adaptarem mais facilmente.

Nesse período de graduação você tem trabalhado?

Sim.

Trabalhado no público ou no privado?

No público.

Esse trabalho estar ligado com a área que você estuda na graduação?

De certa forma sim, a minha área tem uma formação muito voltada para o terceiro setor e para o público, e eu trabalho com gestão de projetos sociais, sobretudo, na parte de cultura, de lazer e de esporte tem uma ligação muito forte com a minha área de estudo.

Houve dificuldade em se colocar no mercado de trabalho?

Não houve porque foi por indicação.

Você é concursada?

Não, eu não sou concursada. Fui assessora de um vereador locada na Câmara. Mas depois fui indicada para ficar à frente da Associação Babi.

Quais eram as suas expectativas de vida antes de ingressar no cursinho?

Na adolescência é um momento em que começamos a pensar um pouco mais no futuro e a minha expectativa era entrar na universidade, mas até então eu não tinha claro como iria fazer isso, até porque eu nem sabia da existência das universidades públicas, mas eu tinha essa expectativa mesmo sem saber como. Aí pensava que, depois de entrar no ensino superior, “arrumaria um bom emprego e ganharia muito dinheiro com o objetivo principal de sair dos Pimentas, porque na infância e na adolescência o fato de morar em um bairro como o Pimentas era uma coisa que pesava muito na minha vida, de modo que quando estava entre amigos que moravam fora eu evitava o máximo de falar que eu morava aqui, a minha expectativa era essa, se formar, trabalhar e construir uma vida legal fora daqui.

Qual a dimensão que o CCP teve em sua formação?

O CCP além de ter cumprido esse papel de me preparar para ingressar na faculdade pública via vestibular, também me trouxe novas perspectivas, pois se antes eu queria ganhar muito dinheiro e mudar aqui do bairro, hoje eu procuro encaminhar a minha formação para uma área que me permita que com os conhecimentos que eu adquiri na universidade, eu consiga no meu bairro, em minha comunidade, auxiliar na resolução dos problemas que temos aqui e contribuir para que outros alcancem seu sonho como eu alcancei de entrar em uma universidade pública.

Eu falo que, além de ter me tornado uma universitária, o CCP me tornou uma pessoa muito melhor, o CCP nos ensina a não se preocupar só com os nossos sonhos, só com o nosso bem-estar, mas com todas as pessoas que estão ao redor, com o coletivo da sociedade como um todo, porque eu acredito que quando você entra em uma universidade pública é um dever que você tem, você teve um investimento via governo por meio dos impostos do dinheiro que um trabalhador aqui dos Pimentas produziu ao comprar até mesmo um doce para o filho, só que daí você se forma e vai resolver seus problemas e as outras pessoas que cuidem dos seus.

Depois de formada você pretende fazer algum outro curso?

Eu pretendo porque quando eu entrei no curso de Lazer e Turismo descobrir que não era bem o que eu queria para minha atuação profissional, e com o meu trabalho na área pública e auxiliando como voluntária nos movimentos sociais eu descobrir que eu quero ir para área das Ciências Sociais, então eu vou terminar o curso esse ano e depois pretendo fazer uma segunda graduação em Ciências Sociais.

Como você se declara em relação a sua cor?

Eu sei que não sou branca, mas eu também não me declaro como negra, podemos deixar assim...?

Nesse caso você consegue enxergar se houve alguma facilidade ou dificuldade ao longo de sua vida em função de cor?

Em relação a cor nem tanto, acho mais que com as condições econômicas, assim, tive dificuldade, mas [...] eu tenho certeza de que como moradora da periferia e de renda baixa isso influenciou mais, e a questão de gênero é algo que eu venho me conscientizando nos últimos anos; isso porque em minha vida inteira eu sempre tive pessoas que por falta de

informação mesmo estando ao meu lado me limitava pelo fato de eu ser mulher, então quando eu sonhava em estudar e ter um bom emprego e me formar em uma universidade, as pessoas sempre tentavam me convencer de que aquilo não era coisa para mim, que eu tinha que me preocupar em andar bem arrumada e conseguir um marido e ele sim poderia ser a pessoa bem sucedida, bem estudada, então eu vejo que essa questão de gênero sempre atrapalhou muito e afetou a minha percepção sobre minha capacidade intelectual e acabou me tornando uma pessoa insegura por muitos anos, agora que eu me conscientizei e estou conseguindo desconstruir.

Qual a relação dos demais membros familiares com a educação e com o trabalho, qual a formação deles? Em que eles trabalham?

Minha mãe e meu pai fizeram até a quarta série do ensino fundamental um (1), meu pai é um operário em uma fábrica e minha mãe é do lar; na verdade eu sou a primeira e a única de minha família, entre primos e tios, a estar no ensino superior.

Como a sua relação dos estudos afetou a relação com a família e o ciclo de amigos, se afetou?

Afetou, eu sempre tive dificuldade em me relacionar, na escola ou na família, por exemplo, porque tinha outro ritmo de vida e acabava não me encaixando, e aí quando eu entrei aqui no CCP, eu me encontrei e meus melhores amigos são daqui e eu acabei me afastando do grupo da família, das reuniões de família, festas, e dos outros amigos que eu tinha que eram mais ligados à escola, e meus amigos que permaneceram foram justamente meus amigos que eram da igreja e que tinham o pensamento mais alinhado ao meu, e alguns deles tinham estudado no CCP.

Ficar sem trabalhar na época do cursinho foi um problema?

Foi porque eu não conseguiria fazer nada além de estudar, se eu quisesse passear, comprar alguma coisa eu não conseguiria porque eu não estava trabalhando e tinha decidido por estar estudando para o vestibular por dois anos e também o meus pais não tinham condições financeiras de dar um sustento a coisas que eram consideradas supérfluas, era o básico.

Como você se enxerga enquanto aquele que buscou na educação elementos de superação?

Apesar de não ter ainda uma estabilidade econômica eu penso que o maior tipo de miséria e de pobreza que podemos ter é a falta de informação e a falta de conhecimento, acho até que quando você não tem isso, você nem se quer tem condição de sair da pobreza e da miséria econômica, temos vários exemplos de pessoas aqui do bairro que eu já vi que passam fome e que não conhecem seus direitos quanto a programas governamentais de combate à fome. Eu acho que uma vez que você opta em estudar e ter acesso a informação, ao conhecimento que o CCP te proporciona e depois a universidade é o primeiro passo para você construir também uma estabilidade econômica e sair daquela realidade que você se encontra, estudando eu não vou me tornar uma pessoa rica, mas já me consigo ver como uma pessoa saindo da pobreza e entrando na classe média.

Embora você já esteja trabalhando, depois de formada você tem alguma expectativa de transformação, de mudança no próximo ano posterior a sua formatura?

Eu não tenho tanta expectativa de mudança porque como eu falei eu pretendo fazer uma segunda graduação, então acredito que vai demorar um pouquinho, eu ainda penso em fazer mestrado, doutorado, e já estou me preparando para viver no aperto um pouquinho.

Em relação ao CCP há algum aspecto negativo?

Como viemos de escolas públicas pouco estruturadas, quando começamos a estudar para o vestibular temos um choque, você percebe que aquilo que é ensinado na escola não tem nada a ver com aquilo que te cobram para você estar dentro das melhores universidades do país, então acho que o aspecto mais negativo de quando estive aqui no CCP foi me deparar com essa realidade, que não é proporcionada pelo CCP, mas eu tive muita dificuldade em questão de me organizar para os estudos, e eu que na escola era considerada uma das melhores alunas e chegar aqui e descobrir que nem sabia estudar, acho que isso é muito duro.

Entrevista com Matheus

Preliminares:

Primeiro entramos em contato com os ex-alunos do CCP via rede social onde explicamos um pouco sobre a tese e depois de coletar os contatos somamos aos que tínhamos como indicação e prosseguimos com a escolha aleatória.

No caso de Matheus eu mandei uma mensagem para ele e logo combinamos uma data e uma plataforma para conversarmos via vídeo dado o distanciamento, pois o pesquisado se encontrava na cidade de Franca/SP.

A entrevista (05/08/2017):

Me permita começar perguntando sua idade.

Matheus 27 anos

Como você se define em termos de cor?

Mulato.

Qual o curso estar fazendo? E se foi o curso de escolha? E por quê?

Direito, sim, foi o curso de minha escolha, por tudo que eu vi e vivi onde eu moro, porque as pessoas precisam da presença de um advogado acessível na comunidade e não tem e isso me chamou a atenção.

Qual ano você começou o curso?

2013

Qual é a universidade você está cursando? Esta foi a universidade de escolha e por quê?

Eu estudo na Unesp de Franca. Quando comecei a estudar pensei em ir para USP, mas quando cheguei aqui entendi que a Unesp foi melhor para mim, por que aqui eu tenho muito diálogo com outros cursos como História, Serviço Social e Relações Internacionais e mantendo este diálogo eu aprendi bastante coisa. Hoje eu entendo que se tivesse ficado na USP seria um outro perfil de jurista, mais elitizado talvez.

Quais as maiores dificuldades existentes na graduação enquanto aprendizado?

A maior dificuldade se deu por não dominar outras línguas estrangeiras.

Você consegue ver alguma diferença no esforço empregado no teu aprendizado comparando com os dos colegas de turmas ou não?

Olha, eu estudo a Língua Portuguesa até hoje porque sei que o Português é um instrumento de diferenciação, identificação e de controle. E como não tive uma boa escola ao chegar aqui tive mais dificuldade de fazer fichamento e lidar com a estrutura, mas por outro

lado eu gosto muito de literatura e isso é um facilitador até porque nós acreditamos que toda a elite é culta, mas não é, o que eles têm é o macete do que precisam dominar para ter vantagens e manter privilégios como a norma culta da língua.

Neste período da graduação você chegou a trabalhar?

Eu arrumei um estágio na defensoria pública, tive um probleminha lá porque embora tenha muita gente jovem que saiu a pouco da universidade eles são muito autoritários. Aqui é uma cidade do interior e é muito difícil tanto o emprego quanto o estágio, muito dos colegas da sala conseguiram estágios em escritórios da família ou de conhecidos da família.

Quais eram as tuas expectativas antes de entrar no cursinho?

Quando eu cheguei lá queria fazer faculdade por uma questão de dinheiro, depois mudei a minha visão, criei uma consciência política.

Qual a influência do CCP em sua formação?

Eu considero que lá desenvolvi uma humanização maior, que para o direito é fundamental; também desenvolvi uma capacidade de perceber melhor o desenvolvimento das políticas públicas. No todo entendi que nada é sobre só eu, por exemplo, o conhecimento que venho adquirindo é importante passar, não tem que parar comigo.

Depois de formado você tem a intenção de fazer outro curso?

Eu quero estudar mais na área do direito criminal, eu comecei me interessar por essa área e quando estava começando a procurar saber mais sobre eu levei um quadro da polícia que me fez querer se aprofundar ainda mais nesta área. Comecei a estudar tudo isso, no mesmo momento que começaram a fazer a pacificação dos morros no Rio de Janeiro o que ficou muito claro é que se usou instrumento jurídico para validar tudo e quem mais sofre é o negro porque estamos em tempo de eliminação dessa população, quando eu tomei o quadro da polícia isto ocorreu porque faço parte do grupo dos selecionados, daqueles são discriminados e eliminados.

A tua cor trouxe algum benefício ou alguma dificuldade?

Na minha família tem muitos negros e eu sou descendente de indígena e minha tonalidade de pele aqui no Brasil é considerado branco, e eu consigo ver uma diferença em relação aos meus primos, mas eu tenho vários traços da negritude então eu tenho a consciência de que sou mulato, e ao conhecer a estrutura da sociedade bem-sucedida principalmente a de São Paulo você percebe que não é o padrão que estou fora do padrão.

Qual a relação dos membros da família com a educação?

Minha mãe fez até a oitava série, minha avó era alfabetizada, mas nunca foi a escola e foram elas que me criaram, e mesmo sem muita formação elas me incentivam muito, porque eu era curioso e tínhamos muitos livros em casa e elas incentivavam a leitura. A minha avó queria que eu fosse delegado e dizia que eu tinha que me profissionalizar.

No ensino médio eu não era um bom aluno, eu faltava demais e repeti, e não tinha muita ideia de como seria, foi nesse momento em que entrei em uma crise existencial sobre o que eu faria e descobrir a universidade, fiz o cursinho da Educafro e de lá vim para o CCP.

Qual a ocupação delas na época que você fazia o CCP?

Eu fui criado pela minha mãe e avó, minha mãe ela vendia produtos de revistas, lingerie entre outras coisas, ou seja, ela trabalhava na informalidade, depois ela foi trabalhar como faxineira no banco bem na época em que eu estava no CCP. A minha avó era aposentada, mas na época em que eu estava no CCP ela já havia falecido.

Na época em que você fez o CCP você trabalhava?

Eu parei de trabalhar em 2010, antes de entrar no CCP eu já tinha esta ideia que para conseguir competir eu não poderia trabalhar, o que é um ato de contracultura.

Foi um problema ter que ficar sem trabalhar?

Eu cheguei a ouvir muitas críticas, e isso causa uma dificuldade a mais; depois, já no final, eu tinha uma maturidade emocional maior. Até mesmo depois que a gente entra na Universidade, se cobra, mas agora estou muito tranquilo quanto a isso.

Em que você trabalhava antes do CCP?

Eu trabalhava em uma transportadora, foi meu último emprego antes de começar a estudar.

Como o CCP afetou se é que afetou seu dia a dia e sua relação com teu ciclo de amigos?

Olha, mudou bastante porque eu não tinha a cultura do estudo antes, e quando comecei eu me afastei bastante porque eu saía muito com os amigos e na nova realidade não era possível conciliar a vida habitual que eu levava com a que eu decidi a partir daquele momento, então acabei perdendo o contato com muitos amigos.

Já da minha família não tenho do que falar não, minha mãe me apoiou, minha tia me apoiou bastante

Qual a tua expectativa hoje acabando a graduação? O que você tem projetado para o futuro?

A minha expectativa é atuar na área, sobretudo na área criminal, voltar para a comunidade onde moro e ajudar esta comunidade carente de conhecimento e de aproximação do direito.

A tua expectativa é trabalhar no setor público ou privado?

Quero ser autônomo, quero trabalhar para mim mesmo.

Entrevista com Gabriel

Preliminares:

Para chegarmos ao Gabriel não foi diferente do Matheus, nos nunca havíamos nos falado antes, e tivemos nosso primeiro contato via redes sociais e depois por mensagens pelo celular em que combinamos nosso encontro para o depoimento.

A entrevista (12/08/2017):

Qual sua idade?

21

Como você se define em relação a cor?

Eu me coloco como branco embora eu já tenha me perguntado sobre esta definição antes, pois ficava sempre na dúvida em me posicionar como pardo, mas entendendo que as pessoas se definem como pardo muito mais para fugir de se definirem como preto, e não é a minha condição, então passei a olhar mais o fenótipo, minha aparência é predominantemente de branco e o tom de minha pele

Qual curso você faz?

Para falar do curso eu tenho que falar da universidade, eu faço pela UFABC e ela é um pouco diferente das demais universidades porque a gente entra no bacharelado interdisciplinar Em Ciência e Tecnologia para depois escolher o curso específico, então no

início temos uma grade em comum para todos da mesma área. Eu concluir esta primeira parte e agora estou fazendo Engenharia Aero Espacial.

Tanto o curso quanto a Universidade de sua escolha?

Olha, meus irmãos também fizeram faculdade, só que privada, e a minha ideia era fazer da mesma forma que eles, pois desconhecia a universidade pública, quando tive conhecimento foi já lá no CCP e descobri a UFABC.

Qual ano você entrou no CCP?

Entrei em 2012 e na universidade em 2013.

Como que se deu a sua aproximação com o CCP?

Um de meus irmãos junto com meu primo queria entrar no CCP, meu irmão precisava trabalhar e não conseguiria se manter no pré-vestibular, então só meu primo entrou e conseguiu provar para a família que dá resultado, coisa que até então era só para rico, ele passou na UNIP, na Federal de Minas Gerais e preferiu ficar na Mackenzie com uma bolsa integral em Economia. Aí depois dele entrar meu irmão passou a me incentivar constantemente para que eu entrasse para conseguir uma bolsa via Prouni como meu primo, eles não queriam que eu repetisse o mesmo caminho que eles de fazer uma faculdade local tendo que se sacrificar trabalhando para pagar, e eles tinham uma concepção que eu era inteligente, mas isso se dava por eu ter tido a oportunidade que eles não tiveram de fazer curso de idiomas e um profissionalizante que me preparou melhor, com isso meu irmão praticamente me obrigou a entrar no CCP porque eu queria trabalhar e seguir a lógica do jovem da periferia. Assim cheguei no CCP, mas lá o pessoal é muito acolhedor e logo entendi que havia outras possibilidades, não tem como comparar minha vida antes e depois do CCP.

Quais as maiores dificuldades existentes em relação ao seu aprendizado se comparado com os demais?

No começo eu tive muita dificuldade, mas eu acho que teria mais se fosse em outra Universidade, a UFABC é muito inclusiva, tanto que o primeiro momento é de nivelamento. Depois eu comecei ir muito bem, acima da média, mas estudava muito, eu sempre senti que precisei estudar mais que meus amigos, chega a ser um pouco frustrante. Agora a uns quatro meses comecei a trabalhar aí o ritmo acadêmico foi para ralo.

A que você atribui esta necessidade de você ter que se esforçar mais para ter que chegar no mesmo ponto que seus colegas de turma com esforço menor?

Olha, mesmo lá tendo um número legal de alunos de escolas públicas, boa parte deles são de origem da ETEC e Instituto Federal, então não é a mesma realidade que as escolas públicas de fato, eles são bem-preparados e os filhos da elite nem se fala, então quando chega alguém na minha condição que fez aquelas escolas que começam com o cabeçalho “E.E.” fica difícil de acompanhar mesmo.

Outra coisa é que a maioria dos colegas de sala podiam morar próximo a ela, mudavam para lá; já eu tinha que encarar quase duas horas e meia para ir e voltar da faculdade todos os dias, o que me deixava com menos tempo para estudar e mais desgastado também.

Você me disse que a pouco tempo começou a trabalhar, este teu trabalho é na área da tua formação de agora ou não?

Não, não é. Eu estudo Engenharia Espacial e este estágio é na área da automação, está ligado a engenharia, mas não é propriamente a área de atuação, contudo a situação financeira apertou e eu tive que arrumar um estágio.

Quais eram as tuas expectativas de vida antes de entrar no CCP?

A minha ideia era seguir os passos de meus irmãos, então fiz um curso profissionalizante e pensava em trabalhar. Aqui na periferia eu era diferenciado, pelo simples fato de fazer um curso de inglês em minha sala já se tinha aquilo de nossa! Mas, quando cheguei na faculdade descobrir que meu inglês era muito ruim e que todo mundo tem domínio dele.

Você consegue dimensionar qual o papel do CCP em sua formação?

Eu não consigo, é algo difícil de calcular porque foi muito importante, mudou muita coisa para mim. Do ponto de vista comparativo como seria sem cursinho e com cursinho, pode dizer que sem cursinho seria próximo do que é a vida de meus irmãos. Mas o que mais mudou é a consciência social.

Depois de formado você pretende fazer outro curso de graduação ou pós-graduação?

Sinceramente ainda não sei, *a priori* eu quero ser pesquisador, quero pesquisar na área de meu curso, mas com este pequeno desvio entrando no mercado de trabalho eu quero conhecer um pouco mais, mas no final das contas quero ser acadêmico.

Falando na questão racial você consegue ver alguma vantagem ou desvantagem pela sua cor?

Por esta questão eu não tive dificuldades, mas pude observar um certo desconforto quanto as pessoas sabem que eu moro na quebrada e eu sinto maior orgulho do lugar de onde estou, então não escondo.

Como o estudo na época do CCP afetou a relação, se é que afetou o ciclo de amizade e familiar?

Em relação a família não houve muitas mudanças e eles eram bem compreensivos, mas vale lembrar que sofri pressão durante o ano, mas no final do ano todos questionavam em relação a resultados e só fiquei um ano; então não sei como seria se ficasse mais tempo no CCP. A maior dificuldade foi pela questão ideológica: o CCP traz uma consciência muito grande e minha família é muito religiosa e nas discussões sobre desigualdade de gênero, a questão da homossexualidade e todos esses tabus religiosos iam sendo desconstruídos e eles não entendiam meu novo posicionamento que estava baseado na razão científica e na empatia.

Já quanto os amigos, houve um afastamento; a maioria deles seguiram outro caminho, alguns foram até para a vida do crime, outros foram trabalhar em empregos relativamente simples, já são pais, enfim, têm outras expectativas de vida e isso nos afastou de algum modo.

Ficar sem trabalhar na época do CCP chegou a ser um problema?

Eu trabalhei antes fazendo “bicos” com meu primo, mas na época do CCP não trabalhei e não foi um problema porque já tinha ideia de ficar cem por cento focado no vestibular, mas não podia ter luxo.

Qual a relação dos demais membros da tua família com a educação? E em que eles trabalhavam?

Meus pais não tinham estudos, meu pai trabalhava como peão de fábrica e minha mãe sempre foi dona de casa, eu tenho um irmão mais velho que digo que é a chave da família, pois foi ele quem começou abrir as portas para a questão dos estudos, de como é importante estudar e mostrar que era possível.

Apêndice - 4

Entrevistas dos alunos que se encontravam no último ano em sua primeira entrevista, mas que agora estão formados.

Entrevista com Bruna

Preliminares:

O retorno da entrevista com Bruna para uma nova foi relativamente fácil, mesmo em tempo de isolamento social devido Covid-19 agendamos uma data e hora e nos reunimos virtualmente.

A entrevista (02/05/2020):

Você já acabou a graduação? Se não o que ocorreu?

Sim, acabei.

Se já terminou a graduação, quando terminou?

Atrasei a entrega do TCC e terminei em 2018.

Você está trabalhando? Na área?

De maneira indireta. Trabalho com projetos relacionados a consultoria que envolve gênero e raça e, embora lazer e turismo não seja nosso foco, há atividades da área em que me formei. Isso porque o curso tem disciplinas bem interdisciplinares e a empresa em que estou, trabalha com empresas de áreas diversas e até mesmo com empresas de turismo; não é sempre, mas acontece.

Foi difícil começar neste emprego? Quando você começou?

Não foi difícil, foi através de indicação. Comecei este semestre.

Foi por indicação de quem? Essa pessoa você conheceu a partir de que, qual a relação para chegar a este trabalho?

Tem uma conhecida que é especialista em gênero e na questão racial e ela trabalha em uma organização internacional do terceiro setor, e agora ela está abrindo uma consultoria própria em que faz intervenções seja em organizações ou empresas. Nós nos conhecemos em outros projetos que tivemos em comum em 2017.

Está satisfeita com a ocupação atual? Por quê?

Não estou, pois com a prática profissional me encontrei melhor em outras áreas, dessa forma, eu pretendo fazer uma segunda graduação, cheguei a comentar sobre isso em nossa outra conversa.

Isso quer dizer que você está trabalhando no privado?

Sim, privado.

Pensa em mudar de setor? Se sim por quê?

Sim, eu acho que por conta do meu histórico com políticas públicas consigo contribuir muito com o setor público e, dessa forma, trabalhar com maior impacto social.

Hoje você se sente “realizada”?

Em parte, sim. Ter conseguido terminar uma graduação na USP, sendo a única da família a fazer faculdade pública ou privada, já é uma baita realização.

Olhando para trás podemos dizer que o CCP cumpriu seu papel?

Cumpriu e continua cumprindo. Devo a ele não somente meu ingresso na universidade, como minha formação política e social, e consciência de que o conhecimento adquirido na academia só vale a pena se for para ajudar os nossos.

Ainda olhando para trás o CCP tem algum aspecto negativo?

Como toda organização composta por humanos existe aspectos negativos, mas que passam despercebidos diante da importante função que ele cumpre na comunidade local.

Entrevista com Gabriel

Preliminares:

Agendamos a entrevista para uma semana antes da data que realmente ocorreu, Gabriel teve a necessidade de reagendar e fizemos no dia 02 de maio de 2020 por vídeo devido ao isolamento social devido a pandemia do Covid-19.

A entrevista (02/05/2020):

Você já acabou a graduação? Se não o que ocorreu?

Terminei sim.

Se já terminou a graduação, quando terminou?

Eu acabei terminando em dezembro de 2019.

Você está trabalhando? Na área?

Não.

Em que você está trabalhando?

Trabalho como estagiário (pela licenciatura em física) em ensino e divulgação científica nos planetários de São Paulo.

Foi difícil começar neste emprego?

Não, comecei em janeiro, mas não é relacionado ao meu curso inicial.

Como foram os trâmites para você ingressar neste emprego?

Foi até simples, é um estágio pelo curso que estou atualmente fazendo.

Você disse que está fazendo Licenciatura em Física como chegou a este curso?

Licenciatura em Física. Escolhi porque sempre gostei bastante de dar aulas, inclusive até hoje ainda dou aula no CCP. Além disso acredito muito que a educação científica pode transformar a sociedade.

Quando você começou o curso de Física?

Faço essa graduação na mesma universidade, a UFABC. Lá é possível realizar até três cursos através do ingresso pelo SISU. A Licenciatura iria terminar no final deste ano, mas a pandemia me atrasou. Desde o começo da minha graduação em engenharia eu já fazia as matérias livres todas relacionadas à licenciatura em física, por isso que a conclusão de ambas as graduações está próxima.

Está satisfeito com a ocupação atual? Por quê?

Não, gostaria de trabalhar na área de engenharia

A que você atribui não estar empregado na área?

Mudança no percurso da carreira, atualmente estou fazendo outra graduação, gostaria de ter tido mais oportunidades na engenharia, mas acabei mudando de área, para licenciatura em física e dessa vez consegui emprego.

Qual é esta nova graduação e por quê?

Você está trabalhando é no público ou privado?

Público

Pensam em mudar de setor? Se sim por quê?

Penso em mudar de emprego

Hoje você se sente realizado?

Não.

Olhando para trás podemos dizer que o CCP cumpriu seu papel?

Certamente, pois mesmo atualmente sem trabalhar como engenheiro, eu tive a opção de mudar de área e ter novas oportunidades.

Ainda olhando para trás o CCP tem algum aspecto negativo?

Acredito que o *status* da universidade pública é superestimado porque a universidade não garante sucesso direto como as vezes o cursinho parece idealizar.